

Cristiane Oliveira Pisani Martini

Regule-se, exercite-se, embeleze-se:

**Pedagogias para o corpo feminino pelo
discurso da revista ALTEROSA**

(1939-1964)

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

2017

Cristiane Oliveira Pisani Martini

Regule-se, exercite-se, embeleze-se:

**Pedagogias para o corpo feminino pelo
discurso da revista ALTEROSA**

(1939-1964)

Tese apresentada ao Curso de Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Educação:
conhecimento e inclusão social.

Orientadora: Professora Dra. Andrea
Moreno

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da UFMG

2017

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação

Regule-se, exercite-se, embeleze-se: pedagogias para o corpo feminino pelo discurso da revista ALTEROSA (1939-1964).

Cristiane Oliveira Pisani Martini.

Resultado: Aprovada em 17/02/2017.

Banca Examinadora

Prof^a. Dra. Andrea Moreno – UFMG (orientadora)

Prof.Dr. Tarcísio Mauro Vago – UFMG (titular)

Prof^a. Dra. Aline Choucair Vaz – UEMG (titular)

Pro^a Dra. Mônica YumiJinzenji– UFMG (titular)

Prof^a.Dra. Ludmila Mourão – UFJF (titular)

Prof^a Dra. Rita Cristina Lima Lages– UFOP (suplente)

Prof^a Dra. Eliana MartaSantos Teixeira Lopes– UFMG
(suplente)

Belo Horizonte

Faculdade de Educação da UFMG

2017

Dedico esse trabalho às mulheres que, felizmente, resistem ao modelo
“bela, recatada e do lar”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais, que me proporcionou 20 anos de formação pública, gratuita e de excelência e à CAPES, pelo financiamento de vários meses de pesquisa.

Por acreditar que “Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós” (Antoine de Saint-Exupéry), agradeço:

Aos grupos de pesquisa do CEMEF/EEFFTO e do GEPHE/FaE que, nos encontros possíveis, qualificaram minha formação.

Aos membros da banca, pela leitura cuidadosa e pela disposição para esse momento tão importante do percurso acadêmico.

Aos meus alunos do UNIFEMM, pela partilha de tantos desafios enfrentados na formação de professores e na docência na educação básica

Às amigas “de estrada” Luciana, Aline, Carla e Sheyla pelas infinitas trocas acadêmicas e de vida.

À Ju, pelas partilhas acadêmicas sem hora para acabar e pela escuta carinhosa das ideias mesmo desconectadas, das angústias mesmo exageradas. Esses momentos foram e ainda são muito importantes para mim.

À minha família de mulheres fortes, inteligentes e belas, formada pelas minhas irmãs, Juliane, Adriane e Luciane, que apesar da distância geográfica, se fazem tão próximas com palavras de incentivos e gestos de afeto. À minha mãe, a quem serei eterna e infinitamente grata pela forma afetuosa com que nos educou, nos empoderou e nos ensinou que o lugar da mulher é mesmo onde ela quiser.

Ao Lucca, meu querido e colorido filho, muito obrigada pela paciência com que me lembra, a todo tempo, de que a tranquilidade é a melhor forma de resolver todos os problemas. Poucas são as pessoas com a inteligência emocional para distribuir abraços e pedir calma em momentos de “caos”. Saiba que esses abraços (quase um a cada 30 minutos!) me acolhem e me fortalecem como nenhum outro. Suas ideias e seus sonhos me fazem crescer com você e me lembram de que a vida é bem mais simples e mais bonita do que pensamos.

À minha orientadora, Andrea, pela companhia de vários anos, pela paciência e pelo respeito com meus ritmos de produção que contrariam completamente os seus. Tenho enorme admiração e carinho por você. Você é uma mulher digna de capa e de miolo de revista! Tão bela quanto competente! Obrigada pelas partilhas pacientes, carinhosas e, igualmente, qualificadas.

RESUMO

Este estudo analisou as pedagogias para o corpo feminino propostas pelo discurso da revista ALTEROSA (1939-1964), a partir de três noções propostas por Sant'Anna (2002) e Ory (2009): a dietética, a cosmética e a atlética/plástica. As fontes mobilizadas para a pesquisa foram os exemplares da revista ALTEROSA e documentos do Fundo Policial do Arquivo Público Mineiro. A revista ALTEROSA foi um impresso de variedades produzido para o público feminino que encontrou uma forma própria de “negociar” o espaço social das mulheres, tensionando os ideais e os valores a elas atribuídos, dentro de limites possíveis do período em que circulou. Pelas escolhas do conteúdo e do aspecto gráfico, ALTEROSA investiu na divulgação de pedagogias que, organizadas em uma complexa rede de recomendações e apoiadas no discurso médico-científico, se refinaram em rituais, dietas, procedimentos e comportamentos de cuidados com o corpo e normatização da vida. Tais pedagogias atuavam de forma complementar sobre os corpos. A dietética configurou-se como uma pedagogia difusa, que visava a educação para a ingesta, a partir de duas vias principais: a do controle “*in natura*” das quantidades e da qualidade dos alimentos ingeridos e a do controle sintético, que propunha a ingestão de produtos com vistas à regulação das funções orgânicas, como reguladores digestivos, nervosos e das funções uterinas. A atlética foi definida como uma pedagogia centrada na manipulação das formas dos corpos femininos, organizada em dois tipos de intervenção: pela via passiva, da moda, investia no disfarce de formas indesejadas e na definição mecânica da silhueta feminina ideal, padronizada e universal, a partir dos modelos de corpos de misses e atrizes do cinema norte-americano); pela via ativa, a ginástica, que flexibilizava a forma do corpo quando relaciona à prática esportiva (atletas), mas que, por outro lado, estimulava a padronização das formas com a prescrição das ginásticas caseiras. Em ambas as vias, defendia-se o controle de práticas e do esforço exigido para que não houvesse prejuízo dos “elementos femininos”. Perpetuava-se ainda a ideia de que todo esforço deveria ser compensado por meio de práticas de lazer e de descanso ao ar livre, desde que submetidos a regras rígidas de organização. A pedagogia cosmética inclui todos os rituais, práticas e produtos destinados ao embelezamento e à higiene da mulher. Tal investimento foi responsável pela invenção, divulgação e renovação constantes dos cuidados com a aparência feminina e pelo estímulo ao consumo de produtos de beleza. Esse investimento reforçou, no período estudado, a diferenciação entre homens e mulheres pela ênfase insistente nos traços do rosto (com o uso da maquiagem) e nos cabelos (considerados “a moldura do rosto”) e nos cuidados com a higiene dita própria da mulher. A cosmética apareceu como “último recurso” de manipulação corporal, quando as ginásticas ou o controle dietético não geraram resultados desejados. Investiu assim, na correção de “defeitos” da aparência causados pela ausência de beleza ou pelo envelhecimento. A pedagogização do corpo da mulher pela revista ALTEROSA submeteu-o a diferentes provações, análises, verificações e julgamentos. A tríade “Regular-se, exercitar-se e embelezar-se” foi um discurso perene, uma orientação sub-reptícia que com e por tudo isso amalgamou um modo de ser e viver a feminilidade.

Palavras-chave: pedagogias corporais; dietética; cosmética; atlética; educação do corpo.

ABSTRACT

This study analyzed the pedagogies for the female body proposed by the discourse of ALTEROSA magazine (1939-1964), based on three notions proposed by Sant'Anna (2002) and Ory (2009): dietetic, cosmetics and athletic/plastic. The sources mobilized for the research were ALTEROSA magazines and documents of the Minas Gerais Public Archives (Politics Police files). The magazine ALTEROSA was a variety printed for the female audience that found a way to "negotiate" the women's social space, stressing the ideals and values attributed to them, within the limits of the period in which it circulated. By choosing the content and the graphic aspect, ALTEROSA invested in the dissemination of pedagogies that, organized in a complex network of recommendations and supported in the medical-scientific discourse, were refined in rituals, diets, procedures and behaviors of body care and standardization of life. Such pedagogies acted in a complementary way on the bodies. Dietetics was defined as a diffuse pedagogy, which aimed at education for intake, from two main routes: that of the "in natura" control of the quantities and quality of the food ingested and that of the synthetic control, which proposed the ingestion of products with a view to regulating organic functions, such as digestive, nervous regulators and uterine functions. Athleticism was defined as a pedagogy centered on the manipulation of the forms of the female bodies, organized in two types of intervention: passive, fashioned, invested in the disguise of unwanted forms and in the mechanical definition of the ideal, standardized and universal female silhouette, the From the models of corps of misses and actresses of the North American cinema); By the active way, gymnastics, which flexibilized the shape of the body when it related to sports (athletes), but which, on the other hand, stimulated the standardization of forms with the prescription of home gymnastics. In both ways, one defended the control of practices and the effort required so that there was no prejudice of the "feminine elements". The idea that every effort should be compensated by means of leisure and outdoor recreation practices, provided that they are subject to rigid rules of organization, was perpetuated. Cosmetic pedagogy includes all rituals, practices and products intended for the beautification and hygiene of women. Such investment was responsible for the constant invention, disclosure and renewal of the care with the feminine appearance and the stimulation to the consumption of beauty products. This investment reinforced, during the period studied, the differentiation between men and women by the insistent emphasis on facial features (with the use of makeup) and on the hair (considered "the face frame") and on women's own hygiene care . Cosmetics appeared as a "last resort" of bodily manipulation, when gymnastics or dietary control did not produce desired results. He invested thus in the correction of "defects" of appearance caused by the absence of beauty or by aging. The pedagogy of the body of women by the magazine ALTEROSA subjected it to different trials, analyzes, verifications and judgments. The triad "Regulating, exercising and beautifying" was a perennial speech, a surreptitious orientation that with and through all this has amalgamated a way of being and living the femininity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capítulo I

Figura 1: Capa do primeiro exemplar de ALTEROSA.....	21
Figura 2: O circuito das comunicações proposto por Darnton (1990, p.113).....	23
Figura 3: Recorte da ficha editorial da revista.....	29
Figura 4: Reportagem sobre a gráfica que produziu a revista nos primeiros anos.....	32
Figura 5: Oferta de serviços de impressão.....	33
Figura 6: Oferta de produtos e serviços e impressão da segunda fase da revista.....	33
Figura 7: Oferta de produtos de impressão.....	33
Figura 8: Destaque para o slogan da primeira fase da revista.....	35
Figura 9: Recorte do anúncio do concurso de contos.....	36
Figuras 10 e 11: Cabeçalho da página do sumário[.....]	37
Figura 12: Recorte da ficha editorial [.....] impressão de fundo colorido.....	38
Figura 13: Recorte da ficha editorial [.....] e para o visual mais "limpo".....	39
Tabela: 1: temas por seções em exemplares de ALTEROSA.....	43
Tabela 2: Estrutura geral da revista de acordo com o ano.....	44
Figura 14: Destaque para as chamadas da capa[.....]	45
Figura15: Anúncio de venda de assinaturas.....	46
Figura 16: As fotos ilustram a mudança nas dimensões [.....]segunda fase (1962).....	49
Figura 17: Sumário em preto e branco, sem ilustrações da primeira fase da revista.....	51
Figura 18: Sumário lateral da primeira fase da revista. [.....]	51
Figura 19: Sumário central da primeira fase da revista, [.....]	51
Figura 20: Aspecto do sumário acompanhado de pequena nota [.....]	52
Figura 21: O que ler (sumário).....	53
Figura 22: Destaque para a fotografia colorida de corpo inteiro[.....]	54
Figura 23: Destaque para o recorte da fotografia, o colorido manual [.....]	54
Figura 24: Destaque para a utilização de três cores fortes [.....]	54

Figura 25: Destaque para o título incorporado à fotografia com sobreposição [...]	55
Figura 26: Destaque para o retorno das fotografias de mulheres brasileiras.[...]	55
Figura 27: Destaque para o uso de obra artística[...]	55
Figura 28: Coluna de Mês a Mês de Guilherme Tell.....	58
Figura 29: Recorte de página com nome da diretora-gerente.....	67
Figura 30: “Flagrante tomado antes do banquete” de comemoração [...]	69
Figura 31: “Djalma Andrade quando pronunciava sua saudação” [...]	69
Figura 32: Ao centro, Dona Neide de Miranda e Castro; à sua esquerda[...]	70
Figura 33: Artigo “Colaboradoras de Alterosa”.....	74

Capítulo II

Figura 34: Silhueta da “mulher moderna que deseja causar[...]	78
Figura 35: Pensamentos de LOLITA.....	79
Figura 36: Anúncio de drágeas LEANOGIN para tratamento da obesidade.....	80
Figura 37: Anúncio de Vinho Reconstituente Silva Araújo.....	81
Figura 38: Anúncio de Suco de Amoras.....	82
Figura 39: Anúncio de Essencia Passos.....	83
Figura 40: Anúncio do Gynestol, Regulador para a mulher.....	84
Figura 41: Artigo intitulado “Mantenha o seu pêso normal”.....	97
Figura 42: Artigo Emagreça para ter saúde, beleza e Juventude.....	104
Figura 43: Tabela de pesos e medidas [...] A ciência condena a obesidade.....	106
Figura 44: Anúncio de tratamento para emagrecer.....	115
Figura 45: Anúncio de consultório médico para atendimento de condições [...]	115
Figura 46: Anúncio de Leanogin.....	137
Figura 47: Para as mulheres que querem estar na moda, a história[...]	139
Figura 48: Charge.....	139

Figura 49: Recorte de artigo.....	139
Figura 50: Anúncio de Ovomaltine.....	142
Figura 51: Anúncio de Emulsão de Scott.....	143
Figura 52: Anúncio de tônico.....	144
Figura 53 a 56: Anúncio de tônico.....	145
Figura 57: Pílulas Reuter para o fígado.....	147
Figura 58 e 59: Sal de Frutas ENO.....	149
Figuras 60, 61, 62: Pílulas De-Lussen.....	153
Figura 63: Anúncio de Di-Solvente Jesa.....	154
Figura 64: Anúncio do Regulador Xavier.....	156
Figura 65: Anúncio de Ovariuteran.....	158
Figura 66: Anúncio de Regulador Gesteira.....	159
Figura 67: Anúncio de Veragridol.....	160
Figura 68: Anúncio de Regulador Gesteira.....	160

Capítulo III

Figura 69: “Um belíssimo modelo de esporte [...] de uma simplicidade encantadora”.....	162
Figura 70: Anúncio publicitário da cidade de Caxambú-MG.....	163
Figura 71: A Beleza ao ar livre.....	164
Figura 72: Ginástica para a sua beleza.....	165
Figura 73: Miss Piauí em balneário de Belo Horizonte.....	166
Figura 74: Charge. Brotinhos & Balzaqueanas.....	167
Figura 75: O feminismo marcha.....	168
Figura 76: Anúncio de <i>lingeries</i> Alteza.....	177
Figura 77: Vênus Moderna da Valisère.....	177
Figura 78: “Loura ou Morena” da Valisère.....	177

Figura 79: “Temperamentos”	179
Figura 80: “Modelinhos graciosos” para as mais jovens.....	183
Figura 81: Modelos para mulheres “Perto dos quarenta”	182
Figura 82: Recorte da reportagem sobre o evento Miss Minas Gerais de 1956.....	184
Figura 83: Recorte da reportagem sobre o evento Miss Minas Gerais de 1956.....	185
Figura 84: O problema da altura”	186
Figura 85: Modelos para usar nas férias.....	188
Figura 86:Conjunto esporte em verde e vermelho.....	188
Figura 87: Silhuetas esportivas.....	191
Figura 88: Modelos esportivos.....	191
Figura 89: Supremo “it” para 1943.....	192
Figura 90: Mailllot.....	192
Figura 91: O calor convida às piscinas.....	194
Figura 92: Bons hábitos para boas férias.....	195
Figura 93:Modêlo do mês, exibindo o “maravilhoso shorts” para o verão.....	196
Figura 94: Para as suas férias – maiôs e shorts.....	197
Figura 95: Maiôs para 1954.....	198
Figura 96: A beleza das piscinas.....	199
Figura 97:Ginástica para a postura.....	204
Figura 98:Como dosar os seus esforços.....	205
Figura 99:Ginástica respiratória.....	208
Figura 100:Seção Bazar Feminino.....	211
Figura 101: A mulher mineira nos esportes.....	214
Figura 102: O IX Campeonato Mineiro de Natação.....	215
Figura 103: Capeonato de vôlei.....	216
Figura 104: Reportagem sobre o evento da ginástica em Belo Horizonte.....	218

Figura 105: Reportagem sobre o evento da ginástica em Belo Horizonte.....	219
---	-----

CAPÍTULO IV

Figura 106:Anúncio do <i>Leite de Colonia</i>	222
Figura 107:Anúncio de sabonetes Gessy.....	223
Figura 108:Anúncio do Creme dental Kolynos.....	224
Figura 109:Instituto de Beleza Ludovig.....	225
Figura 110:Antisséptico para higiene íntima.....	226
Figura 111:Se seu rosto é quadrado.....	227
Figura 112:Sra Helena Valadares Ribeiro.....	231
Figura 113: Sra.Teresinha de Araújo da sociedade de Iraí.....	231
Figura 114: SrtaAlci Assunção da sociedade da capital.....	231
Figura 115: Lana Turner.....	232
Figura 116: Susy Parker.....	232
Figura 117: Kim Novak.....	232
Figura 119: Gloria Talbot.....	233
Figura 120: Antonella Lualdi.....	233
Figura 121: May Britt.....	233
Figura 122: Anúncio do Leite Hinds.....	235
Figura 123: Anúncio Leite de Colônia.....	235
Figura 124: Minuto Mágico Pond's.....	236
Figura 125: Anúncio do Batom Colgate.....	238

SUMÁRIO

Apresentação	14
Cap. I – A menina de seus olhos ou ALTEROSA, a revista da família mineira	20
Cap..II – A pedagogia dietética em imagens e textos	74
– <i>Aviso da ciência: dieta racional, chave para uma vida saudável e feliz</i>	84
– <i>Emagreça para ter saúde, beleza e juventude</i>	87
– <i>Conselhos às mulheres gordas</i>	91
– <i>A pessoa que se perde em gordura excessiva [...] é uma criatura infeliz</i>	104
– <i>Dize-me o que comes [e como comes] e direi quem tu és</i>	113
– <i>A digestão modela a nossa vida</i>	120
– <i>Desde quando me sinto tão bem?</i>	126
– <i>Perca a gordura e dê a seu corpo a idade de gente moça</i>	129
– <i>Readquira também a boa disposição, a saúde!</i>	138
– <i>É bem simples o segredo de minha beleza!</i>	144
– <i>Para não viver numa prisão sem grades</i>	152
Cap.III - A pedagogia atlética em imagens e textos	159
– <i>Alterosa agora entra na moda</i>	168
– <i>Silhuetas tentadoras</i>	172
– <i>Silhuetas esportivas</i>	187
– <i>A Ginástica como fator de beleza</i>	198
– <i>O feminismo marcha: a mulher mineira nos esportes</i>	211
Cap. IV – A pedagogia cosmética em imagens e textos	219
– <i>As garotas das capas: Beleza é obrigação</i>	228
– <i>A limpeza</i>	235
– <i>O disfarce, a correção, o realce</i>	238
Considerações finais	243
Referências Bibliográficas – livros, artigos, teses e dissertações	250
Referências Bibliográficas – arquivos consultados	256
Referências Bibliográficas – fontes	256
APÊNDICE I – Tabelas das revistas utilizadas	257

Uma palavrinha às noivas - A SEMANA *nupcial*

Na semana que precede o casamento, a noiva deve procurar pensar em si mesma, no seu **aspecto exterior e na sua tranqüilidade interior**; e, para possuir essa tranqüilidade, não necessita esperar a última aurora.

A desagradável surpresa do aparecimento de uma espinha no queixo pode ser perfeitamente poupada se, pelo menos uma semana antes do grande dia, a noiva preocupar-se em observar **uma dieta ligeira, que não prejudique o estômago e que conserve a pele lisa e macia** [...] tomar suco de limão em um pouco de água quente, não açucarada, pela manhã, em jejum, pode ajudar muito na purificação da epiderme.

Cara leitora, palmilhemos juntas, **passo a passo, dia a dia**, a estrada que conduz à data nupcial. Suponhamos que a cerimônia esteja marcada para sábado, e que hoje seja segunda-feira precedente. Nesta manhã, suco de limão, uma maçã e nada de aperitivos; poucos cigarros (se fuma) e refeições ligeiras. À noite, antes de deitar-se, tome uma xícara de camomila ou se preferir, um copo de leite quente, para facilitar o sono e garantir um repouso restaurador.

Têrça-feira: não se esqueça da **ginástica**, mas tenha cuidado de evitar todo o exercício que possa ser fatigante; bastará fazer algumas flexões sobre os joelhos, torções sobre o busto e intensificar a circulação, executando o já famoso exercício de manter as pernas em posição bem baixa [...] Controle também o **ritmo respiratório**: uma boa respiração, bem ritmada, ajuda a proporcionar ordem e calma, a evitar a ansiedade e a eliminar os prejudiciais estados de tensão nervosa.

Quarta-feira: é tempo de pensar nos **cabelos**, que são de grande importância para uma noiva. [...] Os cabelos devem ter o seu **aspecto natural**, para enfeitar o rosto; e lembre-se de que **êssênão é o momento apropriado para tentar penteados novos**. Procure fazer um penteado simples, quase liso [...]

Quinta-feira: se tem tomado banhos rápidos de chuveiro ou feito abluções ligeiras o de hoje deverá ser um banho completo, sedativo, relaxante [...] Enxugue-se e friccione-se energicamente com água de colônia, e passe uma camada de talco. Se ainda não foi à manicure e à pedicure êste é o momento de pensar nisto, lembrando-se de não usar esmalte colorido, nem tão-pouco unhas grandes. O indicado é o esmalte natural.

Sexta-feira: hoje, as atenções deverão voltar-se para a nossa grande amiga – e inimiga – a pele; naturalmente, durante a semana, ela foi lavada com água e sabão neutro segundo seus hábitos. **Nenhuma experiência deve ser tentada nesse período** [...], não se perfume na manhã da cerimônia. Também não é do estilo de uma noiva simples e suave usar jóias: nenhum anel, nem mesmo o de noivado [...] nem o cordãozinho de ouro que nunca saiu do pescoço. **Nada deve atrapalhar a imaculada candura do vestido branco**.

Sábado: eis o grande dia! Hoje mais do que nunca, o rosto da noiva deve resplandecer. Com sábia prudência, a noiva usará uma **base absolutamente natural**, traçará a linha das sobrancelhas e acentuará a profundidade do olhar com o cosmético para os cílios, **cuidando em não exagerar na quantidade**; uma sombra imperceptível de azul sobre as pálpebras é indispensável; nos lábios, uma leve camada de batom coral é o suficiente.

E, antes de sair para percorrer a **maravilhosa estrada da felicidade**, use uma nuvenzinha discreta de pó-de-arroz bem claro.

(ALTEROSA, nº333, set/1960, seção Bazar Feminino, p.102-103, grifos meus)

APRESENTAÇÃO

A matéria apresentada na página anterior, extraída da revista ALTEROSA, atribui significativa importância aos preparativos da noiva para o casamento. Vão em duas direções: se referem ora à estética corporal - **aspecto exterior** - ora ao controle das emoções - **tranquilidade interior**. A mulher deveria apresentar a beleza natural. Um cuidado que não deveria revelar-se como esforço, por vezes desmedido, para alcançar a figura ideal ou modelar. A tranquilidade feminina precisava permanecer ao longo dos preparativos garantindo, também, o bom andamento dos rituais. O controle das emoções femininas é traço importante da educação, aqui marcado pelo exigido “esforço tranquilo”. A crença numa histeria feminina mobilizou diferentes profissionais que investiram no tratamento dessa condição¹, caracterizada pelo descontrole emocional, de acordo com padrões de comportamento vigentes no século XIX, em sua maioria, pensados e definidos a partir do olhar masculino sobre a mulher².

Quanto ao **aspecto exterior** do corpo, os rituais de cuidados se multiplicam. O controle da alimentação, as práticas de ginástica controlada em forma e intensidade e os momentos de embelezamento marcavam os preparativos para o casamento. Nada de exageros e muito controle era o que se recomendava. Manter os hábitos cotidianos ao utilizar os mesmos cremes, o mesmo penteado e manter a cor de pele, nos remete à ideia de perpetuação de certas tradições femininas, ou seja, o que avós, mães, tias, amigas aprenderam, viveram e ensinaram a nova noiva. A acentuação dos olhos, das sobrancelhas e dos lábios aparecem na proposta da matéria e sugere, como pontos que saltam à “imaculada candura do vestido branco”, um ar sensual de atrizes de cinema. A perfeita mulher virgem que se veste de branco, tem a pele limpa, maquiada no estilo “beleza natural” está, finalmente, após tanto esforço, pronta para ser entregue ao “bom partido” que a aguarda, sob olhares religiosos, para consumir a união.

Transcrevi essa fonte por entender que ela reúne elementos importantes para o que tomo como pedagogia ao longo do trabalho. *Regular-se, exercitar-se e embelezar-se* são expressões que representam as instruções das pedagogias para os corpos de mulheres, entre as décadas de

1 Aqui refiro-me a ações médicas, do século XIX, que investiram nesse tipo de tratamento e que permaneceu em diferentes discursos, entre eles o publicitário, até meados do século XX. Após a década de 1960, ações mais enfáticas de combate a esse pensamento que defendia a existência de uma histeria feminina foi, de certa forma, amenizado com as discussões colocadas em pauta pelo movimento feminista.

2 Mais adiante, veremos que essa ideia de que era necessário controlar os nervos femininos aparece em muitas páginas da revista sob a forma de anúncios de reguladores, esses mais explícitos, ou sob a forma de charges, sugestões em textos ou notas, o que exige do leitor mais cuidados com a interpretação das ideias apresentadas.

1930 e 1960, no Brasil. Tais pedagogias organizadas em três distintas e complementares formas de intervenção sobre os corpos foram aqui analisadas em suas proposições, a partir do discurso da revista mineira ALTEROSA. As pedagogias dietética, atlética e cosmética se organizaram em uma complexa rede de prescrições que, apoiadas no discurso médico-científico, se refinaram em rituais, dietas, procedimentos, comportamentos, regras.

ALTEROSA, produzida nos mesmos moldes de outras revistas ilustradas brasileiras e estrangeiras, trouxe narrativas textuais e imagética de uma educação do corpo na qual o conhecimento médico determinou os conceitos de saúde e doença, beleza e feiura, cuidado de si e do outro. Essa educação do corpo “visualizada, percebida e interrogada em distintas narrativas compreende um conjunto de técnicas, de políticas, de pedagogias que se expressam ora de modo preciso, ora de modo difuso”(ROVERI; SOARES, 2013). Sob a justificativa da intensificação dos cuidados com a saúde, a medicina se especializou em campos de intervenção focados em prescrever e recomendar hábitos saudáveis às populações, que incluíam regular as funções e ritmos orgânicos, praticar exercícios físicos, descansar e divertir-se junto à natureza.

Entendemos que as pedagogias “se elaboram para educar o corpo [e] incorporam, em seus lentos processos de constituição, as transformações da sensibilidade de cada época e, mais precisamente, uma racionalização da vigilância sobre o outro e sobre si mesmo, sobre o próprio corpo” (SOARES, 2006, p.75). As pedagogias se atualizam constantemente acompanhando modas e revelando um conjunto de conhecimentos, técnicas e discursos já legitimados num determinado período da história, divulgados e (re)afirmados pelos produtos da imprensa. A relação estabelecida com as revistas nos provocou olhar para a cultura material e compreender que a nossa relação com o mundo pode estar em pequenas coisas do cotidiano uma vez que “qualquer objeto mesmo o mais comum, contém engenhosidade, escolhas, uma cultura. Um saber e um acréscimo de sentido estão ligados a todos os objetos”(ROCHE, 2000, p.19).

O desejo de entender como se constituíram essas pedagogias em suas minúcias direcionaram nossa investigação. Assim o objetivo central desse trabalho foi analisar as pedagogias para o corpo feminino propostas pelo discurso da revista ALTEROSA, entre as décadas de 1930 e 1960, a partir de três noções: a dietética, a cosmética e a atlética/plástica³. Para responder a esses objetivos, dividimos o trabalho em quatro capítulos, que mostro a seguir.

O Capítulo I concentra-se na apresentação da revista ALTEROSA como um impresso de variedades, direcionado ao público feminino, produzido em Minas Gerais, tanto em sua

³ Essas três categorias foram propostas por Sant’Anna (2002) e Ory (2009).

materialidade quanto em sua proposta política e social. Também apresentamos a proposta de mercado da revista, suas características gráficas e os grupos envolvidos em cada fase. Nesse capítulo, portanto, que faço a discussão do impresso como fonte para a história da educação do corpo. Mostramos como a revista valorizava a participação das mulheres pela via do trabalho, da produção literária, do protagonismo social, sob diferentes formatos (notícias, reportagens, textos literários). Identificamos a centralidade da figura da mulher na produção da revista, marcada pela presença de Dona Neide de Miranda e Castro, esposa do proprietário e diretor, Olimpio de Miranda e Castro, que assumiu o cargo de diretora-gerente da revista nos últimos anos da década de 1950. Nesse capítulo mobilizamos autores que trabalharam com impressos destinados às mulheres como Buitoni (1986, 2009), Aras e Marinho (2012), Abrantes (2013), Bassanezzi (1996), Campos (2015), Carvalho (1995), Luca (2012), entre outros.

O Capítulo II introduz a discussão sobre as noções mobilizadas nos demais capítulos. Ele apresenta a dietética como uma pedagogia difusa, que visava a educação das mulheres para a ingestão, a partir de duas vias principais: a do controle *in natura* das quantidades e da qualidade dos alimentos ingeridos e a do controle sintético, com a ingestão de produtos reguladores das funções orgânicas. Também analisa como o discurso médico-científico sustentou a paulatina sistematização das dietas e regimes e condicionou a beleza e felicidade à busca constante de um estado de saúde. A intensificação da intervenção médica nas diferentes dimensões da vida promoveu uma visão da pessoa gorda como alguém de personalidade duvidosa. Seja pela palavra ou pela imagem, paulatinamente, o gordo vai sendo adjetivado como algo problemático, doente, feio. Os principais autores mobilizados nesse capítulo foram Vigarello (2009; 2012), Sant’Anna (1995a; 2002; 2014; 2016), Ory (2009), Moulin (2009) entre outros. As fontes privilegiadas nesse capítulo foram artigos e reportagens para a via *in natura* e anúncios publicitários para a via sintética.

O Capítulo III analisou a atlética como uma pedagogia centrada na manipulação das formas dos corpos femininos organizada em dois tipos de intervenção: pela via passiva, a moda, que investia no disfarce de formas indesejadas e na definição mecânica da forma feminina ideal, padronizada e universal (misses, modelos e atrizes). A moda também propunha, para além do uso de roupas que modelavam o corpo, um estilo de vida mais descontraído apresentado pela moda esportiva. Pela via ativa da ginástica e da prática esportiva, essa pedagogia “autorizava” formas menos rígidas para a prática esportiva, mas também estimulava a padronização de formas mais modeladas na prescrição das ginásticas caseiras. Em ambas as vias, defendia-se o controle de práticas e do esforço exigido para que não houvesse prejuízo dos “elementos

femininos”. Perpetuava-se ainda a ideia de que todo esforço deveria ser compensado por meio de práticas de lazer e de descanso ao ar livre. A saúde/higiene e a beleza fornecem os argumentos que relacionam a forma do corpo à identidade, à construção da personalidade e à moral. Os autores que ajudaram a fundamentar essas discussões foram principalmente Soares (2010; 2012; 2013), Soares; Roveri (2013), Goellner (2003; 2000). As fontes privilegiadas para a análise dessa pedagogia foram as colunas dedicadas à moda e as reportagens de concursos de beleza – para a via passiva; as reportagens de eventos esportivos e os artigos com prescrições de ginásticas para a mulher – para a via ativa.

O Capítulo IV se dedicou à cosmética, que abarca os rituais, práticas e produtos destinados ao embelezamento e higiene da mulher. Tal investimento, foi responsável pela invenção, divulgação e renovação constantes dos cuidados com a aparência feminina e pelo estímulo ao consumo de produtos de beleza e higiene. A cosmética reforçou, no período estudado, a diferenciação entre homens e mulheres pela ênfase insistente nos traços do rosto (com o uso da maquiagem) e nos cabelos (considerados “a moldura do rosto”), e contribuiu com a constituição da figura da mulher-objeto de desejo. O controle de odores e a assepsia íntima também foram investimentos dessa pedagogia. A cosmética aparece como “último recurso” de manipulação corporal, quando as ginásticas ou o controle dietético não geraram resultados desejados. Investiu assim, na correção de “defeitos” da aparência causados pela ausência de beleza ou pelo envelhecimento. Os autores que sustentaram essas análises foram Lipovetsky (1997), Vigarello (2005), Sant’Anna (1995b; 2010; 2014). Essa pedagogia privilegiou os anúncios publicitários com venda de produtos de beleza e as seções de sugestões para a beleza.

As fontes utilizadas na pesquisa foram consultadas em arquivos da cidade de Belo Horizonte que disponibilizam acervos físicos e digitais. Outras foram adquiridas em sebos e feiras de antiguidades de outros Estados (RJ, SP, RS), o que indica certa circulação desse impresso pelo país. O Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) e a Hemeroteca do Estado de Minas Gerais são os que detém a maior quantidade de revistas ALTEROSA disponíveis para pesquisa. O primeiro possui 68 exemplares da revista ALTEROSA digitalizados e outros mais de cem, doados ao arquivo no final 2014, estão em processo de higienização e digitalização. A Hemeroteca guarda uma coleção quase completa da revista que soma mais de 300 exemplares. A Coleção Linhares da UFMG possui poucos exemplares, mas, entre eles, estão os dois que trazem nas capas fotografias de mulheres mineiras que participaram da Segunda Guerra Mundial.

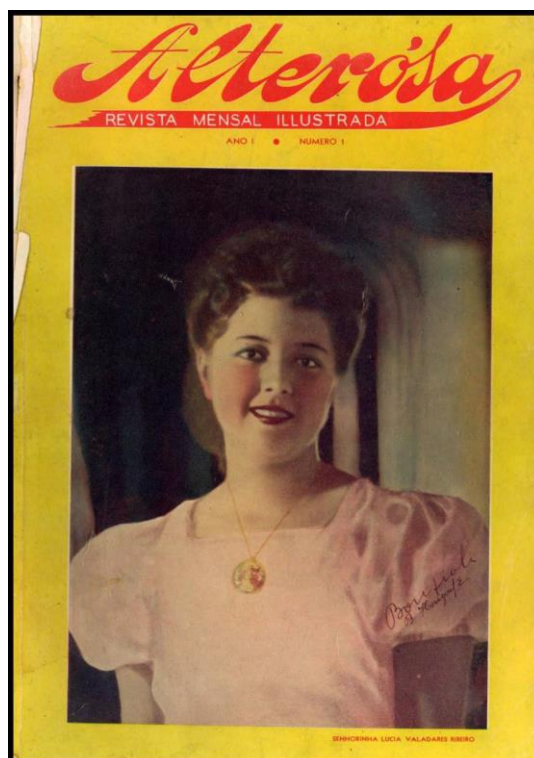
Além das revistas, consultamos o Arquivo Público Mineiro (APM) à procura de informações sobre personalidades da imprensa envolvidos na produção de ALTEROSA. Encontramos escassas informações no Arquivo do Departamento de Ordem Pública e Social (DOPS), como uma ordem de prisão para o primeiro diretor e proprietário do impresso, o jornalista Olímpio de Miranda e Castro, em 1937. Atas de eleições da Associação Mineira de Imprensa e fichas com dados pessoais de alguns membros da equipe de ALTEROSA compõem pastas de arquivos enviados à Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Educação e Cultura, na década de 1960. Cópias de documentos produzidos pelo DOPS (MG) a pedido do Conselho de Segurança Nacional, trazem a identificação de “comunistas infiltrados na imprensa”, indicados com grifos e “cruzinhas” vermelhas quando havia suspeita de serem integrantes do “extinto Partido Comunista do Brasil”. Para os pesquisadores interessados em traçar as redes políticas de resistência ao regime vigente, bem como as vias de controle da polícia sobre a divulgação da informação, esse arquivo é rico em nomes, organizações, ordens de prisão e trocas de comunicados entre órgãos públicos que certamente trazem grandes contribuições para o entendimento da história do país sob diversos aspectos.

A título de comparação e para enriquecimento de certos assuntos da pesquisa, consultamos revistas femininas produzidas no Rio de Janeiro e em São Paulo, em que encontramos diferenças às vezes sutis, outras vezes mais explícitas, nos discursos que abordavam temas relacionados às intervenções sobre o corpo e nas formas de representação da mulher. As revistas ALTEROSA que compuseram a pesquisa totalizaram 138 exemplares entre os aproximados 383 publicados⁴.

⁴ Ver anexo I com quadro das revistas que compuseram a pesquisa e arquivos onde foram localizadas.

CAPÍTULO I:
A MENINA DE SEUS OLHOS OU
ALTEROSA, A REVISTA DA FAMÍLIA BRASILEIRA.

Figura 1: Capa do primeiro exemplar de ALTEROSA.



Fonte: ALTEROSA, n.01, agosto de 1939.

Foi há muito tempo. Nos idos 39.

Belo Horizonte ainda era tranquila como êsses confiantes casais que se dão as mãos indefinidamente e, silenciosos e imóveis, deixam o tempo passar sem saber que êle está passando.

Foi nesta época que Miranda e Castro chegou e fundou “Alterosa”.

Muitos profetizam que ela não resistiria ao mal do terceiro número, como acontece com tantas publicações. Mas, aos poucos, essas cassandras viam sua previsão fenecer enquanto a revista florescia. Miranda e Castro tinha vitalidade e esperança como a própria cidade. [...]

E a revista ia tomando pé não só em Belo Horizonte como em todo o País. Circulação comprovada em tôdas as grandes metrópoles como nos pequenos recantos do Brasil, “Alterosa” deixou em pouco a puerícia e passou a usar salto alto, como boa mineira que se preza⁵.

ALTEROSA⁶ foi o adjetivo escolhido para nomear a “revista mensal ilustrada” de propriedade do jornalista Olympio de Miranda e Castro. Aos 20 dias do mês de agosto de 1939, foi lançada no mercado de impressos femininos de variedades, no qual permaneceu por 25 anos ininterruptos, uma vida “já um tanto longa, à vista do que estamos acostumados a presenciar” (LINHARES, 1995, p.374). Seu ciclo de produção de se encerrou no ano de 1964⁷. ALTEROSA foi lançada alguns dias antes do início da Segunda Grande Guerra, atravessou crises econômicas e políticas que impactaram fortemente a produção cultural do país, incluindo a imprensa. Ao delinear o caminho percorrido pela revista ALTEROSA, tentamos identificar os modos de registro da História, mais especificamente, de pedagogias elaboradas para educar os sujeitos que, direta ou indiretamente, conviveram com esse impresso não educacional, mas decerto educativo.

Como produto da imprensa feminina, a revista ALTEROSA representou formas de ver o mundo e as relações humanas que, ao mesmo tempo em que seguia certo padrão estético e de conteúdo para garantir sua permanência do mercado, trazia peculiaridades locais ou regionais que a diferenciava das demais. As escolhas gráficas e de conteúdo mostram que o grupo que produziu a revista se preocupou em deixar suas marcas na história e obteve apoio de grupos de jornalistas, escritores e intelectuais com forte posicionamento político, que sustenta o principal motivo para o fechamento da revista.

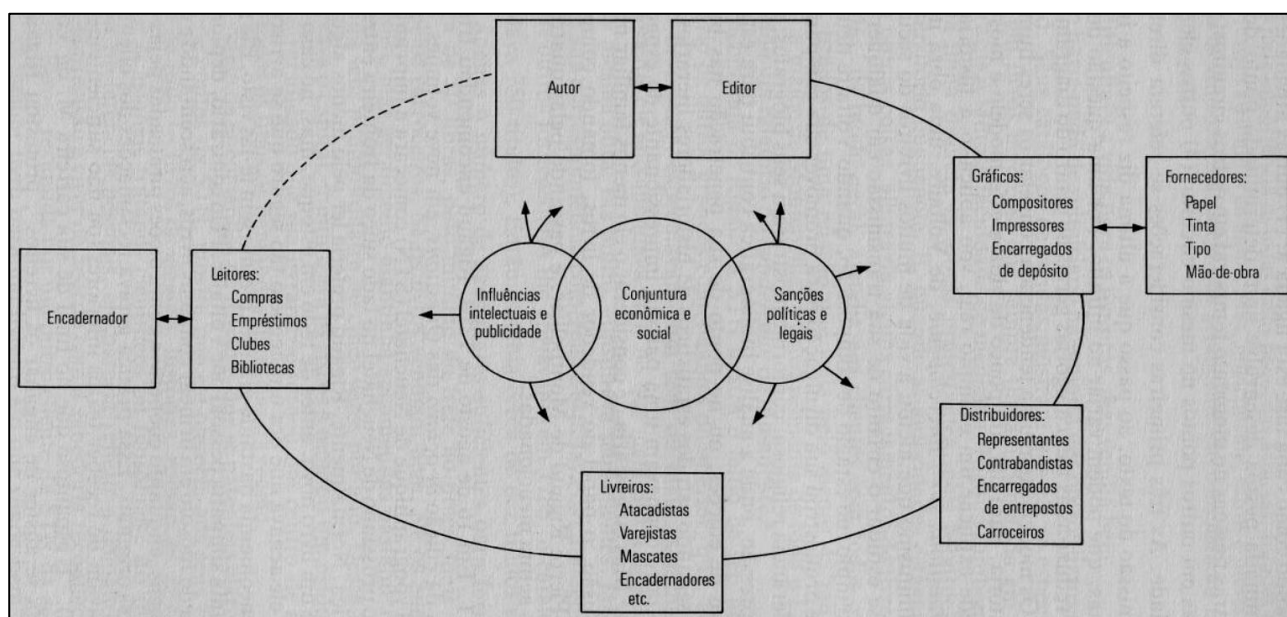
⁵ Seção “Livros e Letras”. ALTEROSA, n.º352, abril de 1962, p.67. Essa nota foi publicada no último exemplar sob a direção de Olympio de Miranda e Castro. O responsável pela seção era o escritor Euclides M. Andrade.

⁶ Optamos por adotar essa grafia em caixa alta porque foi a forma utilizada em grande número de exemplares da revista e em diversas referências internas de notas e reportagens.

⁷ Na busca nos arquivos que guardam exemplares da revista ALTEROSA, há a indicação de que, aproximadamente, 383 números foram publicados até o ano de 1964. Entretanto, em nenhum dos arquivos há a certeza de que o último exemplar foi, realmente, o de número 383, ou se outros foram lançados no mercado.

O período em que circulou ALTEROSA definiu suas condições de produção, o público leitor/consumidor, as estratégias de continuidade nas publicações, a escolha dos temas abordados e das grandes reportagens, bem como o tom mais político, mais literário ou mais sentimental da revista. ALTEROSA parece ter mesclado um pouco de tudo, alterando-se de acordo com o gosto de quem comprava, mas também atendendo às exigências da censura e negociando posições políticas. A partir do estudo de Robert Darnton (1990), sobre o circuito de comunicação dos livros, apoiamo-nos nos elementos identificados pelo autor para analisarmos a revista ALTEROSA, considerando que todos os sujeitos envolvidos, desde a disponibilidade de matéria prima aos processos de produção e distribuição do produto impresso, formam uma rede de relações e influenciam diretamente uns aos outros. Ao mesmo tempo, todos os pontos do circuito são impactados por três fatores: produção intelectual e publicidade, conjuntura econômica e social, sanções políticas e legais.

Figura 2: O circuito das comunicações proposto por Darnton (1990, p.113).



Fonte: Darnton (1990, p.113).

Influenciadas pelo movimento das revistas de variedades femininas e internacionais, as revistas brasileiras apresentavam determinado padrão de organização e propostas para a educação das nossas mulheres, a partir de preceitos modernos. A incorporação de regionalismos

era também uma característica que diferenciava esse tipo de impresso dos demais, até início da década de 1960. Aos poucos, os traços regionais foram se diluindo e passaram a ser mais homogêneos, seja pela aquisição das revistas por grandes editoras, seja pela suspensão de publicações por dificuldades de manutenção no mercado, ou ainda por necessidade de ampliação do público que as consumia. Tal fato exige, do pesquisador, um esforço maior no delineamento da forma específica do impresso que analisa.

Como os demais impressos periódicos, ALTEROSA foi um dos muitos veículos utilizados para a divulgação de modelos, de comportamentos e de ideais de um dado grupo social, em um período histórico muito marcado pelo controle da imprensa no Brasil. No folhear de suas páginas, identificamos um projeto de formação cultural, de educação política, bem como um ideal de sujeitos leitores e propagadores do discurso do impresso. Em especial, identificamos propostas para a educação de mulheres por meio de diferentes tipos textuais e estímulos visuais, que se aprimoravam com os avanços tecnológicos dos meios de comunicação.

É uma história que não se encerra nas páginas da revista, pois, a partir das palavras de Schneider (2010), como produto de processos formais e práticas da cultura que a criou, ALTEROSA nos aponta uma forma de olhar para História do Brasil, do mundo, das famílias, dos trabalhadores, das mulheres, dos homens e crianças que foram representados em suas páginas ou que delas se ausentaram. A revista traz elementos que contribuem com a reconstituição do passado. Ao nos apresentar um tempo “contado e recontado, sistematizado em narrativas” (SCHNEIDER, 2010) referenciadas em determinações sociais, ideológicas e econômicas, deixam aparente o sistema de regras reguladoras dos processos de produção, difusão e apropriação de saberes (CARVALHO, 2001), ou seja, as pedagogias mobilizadas pelo impresso.

Por entendermos que “os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são veículos” (CHARTIER, 1988), no capítulo que se segue, analisamos a materialidade da revista. Como forma e o conteúdo apresentam-se intimamente ligados, a construção do sentido e do discurso se dá tanto pela palavra, quanto pela imagem, além de serem influenciados pela forma com que são disponibilizados para o leitor. Assim, os textos produzidos e veiculados nos impressos possuem significados que se encontram sempre dependentes dos dispositivos discursivos e formais (CHARTIER, 1988).

Identificamos as marcas de editoração da revista ALTEROSA que, para além da forma gráfica são representações do mundo social, são formas de olhar para os acontecimentos de um tempo. São também marcas, registros do que desejava-se tornar público, são rastros de experiências permitidas a alguns grupos sociais. Como a forma e o conteúdo se encontram alinhados, há uma intencionalidade na escolha da disposição do que se quer fazer ver. Os meios de comunicação, desta maneira, “compõem uma esfera capaz de reproduzir a experiência social” (SIQUEIRA, 1997). Mais que descrição dos elementos materiais e aspectos gráficos, tentamos buscar os sentidos e a finalidade dos mesmos, o que exige entendermos a relação entre forma e conteúdo do impresso estudado.

Constantes alterações na forma de apresentação e a reorganização do conteúdo em seções e colunas propunham protocolos de leitura ao direcionar o olhar de quem lia ou folheava a revista. O uso de cores, de ilustrações associadas a textos, de fotografias de página inteira, além das fotorreportagens, era comum para realçar um personagem, um sentimento, um fato político ou uma ideia. A imprensa periódica, para além da veiculação de informações, dava forma ao acontecimento registrado por ela. A imprensa propunha as formas de olhar para o mundo, na medida em que interpretava para o leitor o que havia acontecido (DARNTON, 1990). Nesse sentido, a imprensa periódica é uma força que deve ser considerada na constituição de uma realidade.

Nas próximas linhas, apresentamos as características que compõem a materialidade da revista e os fatores políticos e sociais que permitiram ou limitaram seu lugar no concorrido mercado da imprensa feminina brasileira, em meados do século XX. Em seguida, focamos nas estratégias comerciais desenvolvidas pela direção da revista para superação das limitações de produção e venda impostas pelos cenários econômico, político e social. Finalmente, como o foco do trabalho é identificar e problematizar as pedagogias para o corpo feminino a partir do discurso desse impresso, enfatizamos a participação das mulheres na trajetória de ALTEROSA, tanto na produção – como escritoras, colaboradoras, etc. – quanto na composição da forma e do conteúdo da revista – em ilustrações, fotografias, e nas mais diversas formas como foram representadas. Tentamos, nesse movimento, entender como ALTEROSA tratou o universo feminino e propôs modelos ideais, porém flexíveis⁸, de ser mulher.

⁸ A autora Carla Bassanezi (2014) utiliza as expressões “modelos rígidos” e “modelos flexíveis” para se referir ao tipo de educação que as mulheres brasileiras recebiam entre os anos 1940 e 1950 – modelos rígidos e a partir da década de 1960 – modelos flexíveis. Com o estudo da revista ALTEROSA, identificamos, nesse impresso, um discurso que encontrou maneiras de flexibilizar o que a autora chamou de modelos rígidos.

ALTEROSA: A MENINA DOS OLHOS DE MIRANDA E CASTRO

*eu sonhava [...] dar a Minas Gerais uma publicação de finalidades construtivas, capaz de contribuir para a constante elevação intelectual e espiritual dos seus leitores*⁹.

Com as palavras acima, o jornalista Miranda e Castro anuncia o término de sua participação na redação da revista ALTEROSA. O impresso traz em seu nome uma homenagem à cidade de Belo Horizonte, cercada por montanhas imponentes e movida por um desejo constante de ser moderna como outras grandes cidades do país. ALTEROSA também parece carregar a expressão dos desejos do idealizador para seu impresso comercial. Assim como a cidade se impunha pela altivez de sua geografia, ALTEROSA pretendeu se impor como uma revista tão ou mais majestosa que as demais concorrentes do mercado de revistas ilustradas femininas no Brasil. Na alteração e atualização de seus discursos, ALTEROSA se renovava também no aspecto gráfico compondo um impresso que, entre posições mais tradicionais e outras mais modernas, se firmou como um impresso feminino no Brasil.

Como documento histórico e como objeto cultural, o impresso do tipo revista merece um exercício de análise cuidadoso, tanto no que diz respeito à forma gráfica, quanto à sua proposta ideológica. As revistas, bem como outros impressos e meios de comunicação, eram uma forma de demarcação de um território de autoridade (SCHNEIDER, 2010), que expressavam, em suas páginas, representações de mundo de quem a idealizou. Esse tipo de publicação, a revista, “evidenciou-se [no campo da Nova História] como suporte rico e diversificado de documentos, síntese privilegiada de instantâneos reveladores de processos históricos, representação material de práticas de consumo, usos e costumes” (MARTINS, 2003, p.62).

Desde o século XIX, a imprensa se constituiu como um canal de comunicação estreito entre os grupos de sujeitos que pensavam a educação, pois era o meio de maior alcance, que se utilizava de linguagem específica para cada grupo que queria alcançar (ABRANTES, 2013). Dessa forma, os impressos periódicos, procuravam atender às demandas de público, pautando suas publicações nos modos de agir e pensar dos leitores, incorporando elementos do cotidiano, trabalhando no sentido de incentivar o consumo pela identificação dos próprios leitores com o que era apresentado pela revista. Sob a forma de receitas de vida, traziam referências de

⁹ ALTEROSA, n.352, abril de 1962, p.2. Autoria: Olimpio de Miranda e Castro. Seção Leitor Amigo.

modelos de estar no mundo. Como um dos meios de comunicação de massa, os impressos prescreviam e disseminavam valores e códigos de comportamento e de conduta que contribuíam para o reforço e fortalecimento das relações de poder (MIGUEL, 2012). Por outro lado, não sem resistência, os leitores criavam as próprias demandas de informação, de consumo, de receitas de vida, seja por meio de cartas direcionadas às revistas com propostas de reportagens, seja pela crítica às publicações.

Especificamente, a imprensa feminina apresentava certo caráter missionário e educativo, para além do entretenimento e do interesse comercial que se inicia com os periódicos para mulheres de finais do século XIX (ABRANTES, 2013). A partir da segunda metade deste mesmo século, a revista passou a ser uma “expressão das exigências da vida moderna” (MARTINS, 2001, p.42) que marca todo o período que se segue. A mudança do *slogan* de ALTEROSA, antes Revista Mensal Ilustrada para a Revista da Família brasileira, não ocorreu à toa, mas com intenção de ampliação de público, tendo como figura central das famílias, as mulheres. Educando-se as mulheres, educava-se, também, toda a família.

Ao desenvolvermos uma pesquisa sobre impressos periódicos, vimos a necessidade de tratar as “ideias encarnadas nas suas condições materiais de produção e de circulação” (CARVALHO, 2010), no sentido de identificar as marcas de produção, que nos apresentam os sujeitos envolvidos na concepção, na seleção de saberes e conteúdos, as estratégias comerciais e publicitárias e as características do público a quem se destinava, entre outros aspectos.

Alterosa é, sob todos os aspectos, uma revista vitoriosa. Já recebeu a consagração pública, e muito merecidamente. Sua vida tem sido das mais luminosas de nossa imprensa. Nada vemos que fique devendo às melhores dos grandes centros. Tanto pelo texto como pela parte gráfica, deve ser incluída entre as que formam a primeira linha do País. Aí está ela para confirmar o nosso conceito. (LINHARES, 1995, p.374).

Nas palavras do jornalista Joaquim Nabuco Linhares, ALTEROSA foi uma revista de sucesso. Em seu catálogo “Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte (1895-1954)” ele destaca a qualidade gráfica, a tiragem crescente, as capas ilustradas e as letras utilizadas na revista, fato não muito frequente no anúncio de outros impressos periódicos mineiros. “Estampa desenvolvida, reportagem fotográfica e ilustrações em profusão, todas oportunas e de muito gosto artístico” (LINHARES, 1995, p.375) parecem ter permitido a entrada de ALTEROSA no grupo que compôs a imprensa feminina no Brasil, nos primeiros anos do século XX.

ALTEROSA foi anunciada como uma revista ilustrada, com a rubrica “de variedades”, muito comum para os impressos do período. Como o mercado editorial não era claramente segmentado, as revistas ilustradas destacavam suas nuances e preferências e explicitavam seus objetivos para marcarem seus lugares no campo ideológico (VELLOSO, 1982). Por outro lado, tratavam dos mais diversos assuntos, pois, assumir-se uma revista “de variedades” não comprometia o discurso, além de garantir a longevidade do impresso. Ao folhear as páginas de ALTEROSA, percebemos um direcionamento ao público feminino, jovem e urbano sem, entretanto, excluir os homens, as crianças e outros grupos desse universo. Principalmente na primeira fase da revista, entre 1939 e 1962, as colunas e assuntos escolhidos para as edições seguiam o modelo de outras revistas publicadas no país, sob a mesma rubrica – de variedades – direcionando seu discurso às mulheres. Imagens publicitárias, anúncios de cosméticos, segredos de beleza e outras seções como Arte Culinária e Caixa de Segredos eram acompanhadas de figuras de mulheres e se estruturavam como se estabelecessem uma conversa entre amigas. Assim também eram as seções Bom Tom sobre comportamentos desejados para as mulheres.

Figura 3: Recorte da ficha editorial da revista



Fonte: ALTEROSA, nº31, nov/1942, p.80.

Anunciando-se como publicação mensal dedicada aos assuntos de sociedade, arte, literatura e moda, ALTEROSA “apresentava texto, variadíssimo, [com] seções para todos os paladares: história, geografia, sociais, variedades, literatura, [...] curiosidades, rádio, cinema, humorismo, modas, esportes, trabalhos femininos, bibliografia, artes, páginas infantis, receitas úteis, enfim tudo o que um leitor exigente possa desejar” (LINHARES, 1995, p.374). As palavras de Linhares nos dão uma ideia do que poderíamos encontrar em uma revista comercial. Essa parece ter sido uma fórmula de sucesso para ALTEROSA, que agradou quem a consumia. A revista ALTEROSA era “A menina dos olhos” de Miranda e Castro, porque era o principal

impresso produzido pela Sociedade Editora Alterosa Ltda. que pertencia ao mesmo jornalista. Entre as diferentes produções, a editora trabalhava com projetos gráficos, publicação de livros de autores locais, catálogos, outros jornais e revistas, teses, papéis para correspondências entre outros, além de manter um departamento fotográfico para o registro de eventos, como casamentos, construções e festas, prezando pela “classe e qualidade” dos produtos impressos.

Em relação ao maquinário e instalações de produção da revista, sabemos que a Sociedade Editora ALTEROSA Ltda. funcionou sem gráfica própria até o ano de 1952. A impressão da revista era realizada na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., passando para a Gráfica Santa Maria. Em 1952, o grupo responsável por ALTEROSA inaugurou oficinas próprias, “com maquinário importado dos Estados Unidos, Alemanha e Suíça, o mais moderno e eficiente que se encontra no mercado mundial” (LINHARES, 1995, p.374). Por vários anos a Gráfica Queiroz Breyner Ltda. foi a responsável pela impressão das revistas ilustradas mineiras como a Revista Comercial de Minas Gerais, Odontólogo, Oftalmos, Era uma vez, Minas Médica, Revista Mineira de Engenharia, Revista da Produção entre outras (ALTEROSA, n.21, dezembro de 1941, p. 42, 43 e 135) (Fig. 4). No exemplar n.21, ALTEROSA publicou uma matéria sobre a gráfica e seus trabalhos de “cooperação eficiente ao progresso cultural dos mineiros”. A ideia de modernização e progresso do Estado associados ao funcionamento das máquinas e movimento incessante da gráfica é o tom da matéria, que diz o que “representa para a cultura mineira o notável estabelecimento grafico onde se editam as grandes revistas ilustradas do Estado”.

Antes da GRÁFICA QUEIROZ BREINER especializar-se no ramo das publicações ilustradas, a gente ficava penalizado com a carência de recursos técnicos necessários á confecção de trabalhos no gênero [revistas ilustradas], que andava por aí, naquela Belo Horizonte de tempos atrás. Mas a persistência, a técnica, o sonho de amplitude e, mais do que tudo, o tirocínio profissional de três homens de fibra – os irmãos José, Antonio e Cicero Neves de Queiroz – entrearam a desafiar o problema, estudando-lhe detalhadamente os fatores e, em seguida, num golpe de audácia, resolveram-n’o com esse ar de triunfo que caracteriza os que vencem pela competência e pela certeza plena de conhecerem os tropeços de um caminho que não lhes é estranho.[...] Não há descanso na “Breiner”. Quando não é uma das suas revistas que ocupa as máquinas impressoras, a composição ou encadernação, é alguma obra de um escritor mineiro que movimenta suas dependências, no preparo de um novo livro que virá enriquecer o nosso patrimônio cultural... (ALTEROSA, n.21, dezembro de 1941, p.135).

A Gráfica realizava os diversos trabalhos de impressão para a Sociedade Editora Alterosa Ltda. e era a única da cidade que possuía maquinário capaz de imprimir as revistas ilustradas no Estado. A modernização das instalações de produção da revista eram motivo de

satisfação por parte do diretor Miranda e Castro que, se dirigindo ao LEITOR AMIGO, informava sobre os avanços e dificuldades que impactavam a produção da revista. Os proprietários sempre publicavam notas sobre a compra de novas máquinas ou ampliação dos recursos técnicos. Eficiência, progresso, modernização eram noções que vinham associadas ao crescimento da Editora e, conseqüentemente, da revista ALTEROSA e outros produtos gráficos (Fig. 5, 6 e 7).

LEITOR AMIGO - É com a maior satisfação que trazemos ao seu conhecimento uma boa notícia: está quase terminada a montagem da nova impressora que recebemos recentemente da Alemanha. É a maior e mais moderna em Minas Gerais. [...] Sua área útil de impressão mede 88 cm x 122 cm, permitindo, assim, a tiragem de 16 páginas de cada vez, com folga. Nestas condições, esperamos que a nossa próxima edição de abril [...] já deverá ser feita, em sua maior parte, nessa nova e moderníssima impressora, que vai contribuir para melhorar o aspecto gráfico de ALTEROSA. Até o meio do ano, com o aperfeiçoamento da regulação dessa máquina, esperamos apresentar ao caro leitor uma revista bem melhor, na qualidade de sua impressão e no conjunto do seu aspecto gráfico. E, se a publicidade ajudar, teremos até lá outros importantes melhoramentos a apresentar, também na feição intelectual e artística da sua Revista, pois o nosso desejo é o de corresponder sempre à honrosa simpatia com que nos tem distinguido a família brasileira. A REDAÇÃO. (ALTEROSA, nº350, abr/1962, p. 9).

O novo maquinário importado disponibilizaria a revista de forma mais ágil para o leitor exigente e moderno, como a vida na cidade e como a própria revista se adjetivava. Os avanços técnicos constantes permitiam a atualização das fotografias que se tornavam mais nítidas, enquanto tornava-se possível a publicação de páginas com ilustrações mais trabalhadas e coloridas, sem que o tempo de produção fosse aumentado. O uso de imagens associados aos textos e das fotorreportagens com narrativas visuais foi se tornando cada vez mais presente nas páginas da revista.

Figura 4: Reportagem sobre a gráfica que produziu a revista nos primeiros anos.

COOPERAÇÃO EFICIENTE AO PROGRESSO CULTURAL dos MINEIROS

O QUE REPRESENTA PARA A CULTURA MINEIRA O NOTÁVEL ESTABELECIMENTO GRAFICO ONDE SE EDITAM AS GRANDES REVISTAS ILUSTRADAS DO ESTADO



É UM dos portões mais familiares aos olhos dos transeuntes horizontinos aquele ali da Avenida, próximo à Feira Permanente de Amostras.

E' por ele que se vai ter às oficinas da modesta GRÁFICA QUEIROZ BREYNER LTDA., uma das mais antigas e movimentadas colmeias de trabalho da capital das alterosas. Transposto, porém, o singelíssimo portão, e isso acontece sempre que se tenha de cristalizar um grande empreendimento grafico na cidade, o freguês de "primeira viagem" fica maravilhado ante a fuma ruidosa que se agita no bojo amplo de suas tendas. E' o barulho característico das oficinas, o ruído das máquinas impressoras, o som metálico das linotipos, o cheiro acre da mistura de tintas, a fumaça que se desprende ao chiado do

Cicero não dispõe de um gabinete luxuoso e amplo para os seus cálculos e argumentos, pois o "espaco vital" na Gráfica é um problema sério... Nem por isso, entretanto, ele deixa de ser perfeito no "meter" que lhe foi atribuído: — tratar bem os clientes e ainda melhor os interesses da editora...



José é o gerente, mas, como na Gráfica não há lugar para burocracia, ele faz também as vezes de linotipista, no que, diga-se de passagem, é realmente um técnico consumado.



ALTEROSA * DEZEMBRO DE 1941



O clichê ao lado fixa um flagrante da secção de impressão vendendo-se uma parte das máquinas destinadas a esse serviço, em pleno funcionamento. Prudente de Moura, o dedicado chefe das oficinas, inspeciona os trabalhos, por cuja perfeição respondem os seus reconhecidos conhecimentos técnicos.

chumbo derretido para fundir novas barras de composição, e o vai-vem contínuo de dezenas de funcionarios, que produzem esse ambiente que parece insuportável mas dentro em pouco se tornará a "cachaça" do novel intelectual...

E só então ele compreende, na variedade do maquinário moderno, na distribuição perfeita do serviço, no espirito de organização que preside a todas as secções de trabalho, os motivos que justificam esse milagre grafico

(Conclui no fim da revista)



Aqui é a secção de encadernação. A falta de espaço que é mesmo um caso sério, não permitia ao fotografo de ALTEROSA a distancia necessaria à focalização de toda a sua area: O armazenamento, a grampeação, a encadernação e o corte das revistas são feitos nesta dependencia da Gráfica.



Neste departamento, se faz a paginação das revistas e a composição de cartas para títulos e anúncios. A foto fixa uma parte dessa secção, onde trabalham os mais competentes tipografos do Estado.



ALTEROSA * DEZEMBRO DE 1941

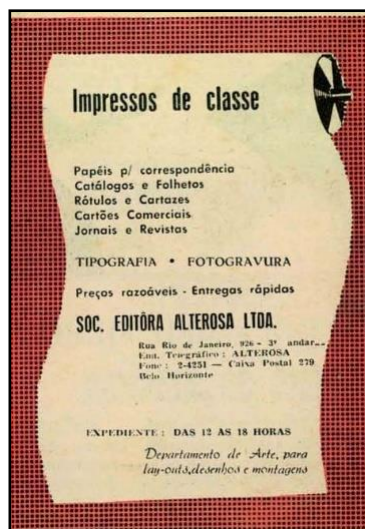
Fonte: ALTEROSA, nº21, dez/1941, p.12,13.

Figura 5: Oferta de serviços de impressão.



Fonte: ALTEROSA, n.31, nov/1942, p.74.

Figura 7: Oferta de produtos de impressão.



Fonte: ALTEROSA, n°339, mar/1961, p.7.

Figura 6: Oferta de produtos e serviços e impressão da segunda fase da revista.



Fonte: ALTEROSA, n°365, mai/jun/1963, p.5.

Entre os pesquisadores que estudaram ALTEROSA, há consenso sobre as duas fases da revista (RODRIGUES, 2012; REIS e TAVARES, 2013; MAIA 2013; SCHETINO, 2013; ALVES e TAVARES, 2015). A primeira fase, entre 1939 e 1962, o impresso pertenceu ao grupo liderado por Miranda e Castro e dona Neide de Miranda e Castro, sua esposa. A segunda, compreende os anos de 1962 a 1964, em que a revista teve como proprietário o banqueiro Magalhães Pinto, então governador de Minas Gerais, com grupo editorial coordenado por Roberto Drummond.

Na primeira fase, de 1939 a 1962, a revista apresentou grandes variações nas formas gráficas, passou por alterações nas dimensões e inúmeras outras mudanças marcaram a vida do impresso. A identidade da revista, ou seja, a forma como se apresenta ao público, expressa a orientação ou destino da produção. Ao identificarmos os *slogans*¹⁰, vemos que a revista incorpora a família em sua identidade e passa a utilizar “A revista da família brasileira” ou “A revista para a família do Brasil”, no lugar de “Revista Mensal Ilustrada”, mais genérico.

Nas primeiras edições, ALTEROSA era apresentada como “Revista Mensal Ilustrada” (Fig. 8) e trazia em suas capas mulheres jovens, senhorinhas da sociedade brasileira. Tal apresentação permanece até meados da década de 1940, com periodicidade mensal. Foi um período em que os exemplares eram robustos, contendo mais de 150 páginas em papel jornal, mais amarelado, mais fino, quase sem cores e com aspecto gráfico denso, com muito texto condensado em pouco espaço. Eram comuns as notas, as reportagens e os contos serem divididos em 2 ou 3 partes, sendo necessário avançar ou retornar através das páginas para concluir a leitura. Não fica claro se era uma estratégia para estimular o folhear de toda a revista à procura da continuidade do texto ou uma simples limitação de recursos gráficos do período em que a revista ALTEROSA foi produzida.

¹⁰ Janine REIS e Frederico MELO (2013) desenvolveram um estudo intitulado “Identidade Social e Editorial nas páginas da Revista Alterosa (1939-1964)”, no Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto. Com foco nas marcas de editoração do impresso, o estudo apresenta outros detalhes mais afetos à área do jornalismo.

Figura 8: Destaque para o *slogan* da primeira fase da revista.



Fonte: ALTEROSA, nº31, nov/1942, p.23.

O conteúdo era, predominantemente, sobre os progressos do Estado, do país e de Belo Horizonte, com algumas pequenas notas estrangeiras. Os contos ocupavam grande parte da revista e os anúncios ainda não eram muitos. Nessa fase, ALTEROSA tinha o formato de 25,5cm x 17,5cm, nas primeiras edições, mas foi reduzido para o de 24cm x 16cm. No primeiro ano, foram lançados somente 4 exemplares, alguns sem índices, com organização ainda se definindo e estética das páginas com aspecto de jornal, sem muita variação de cores em textos e imagens. As fotografias já aparecem em grande quantidade compondo as fotorreportagens ou publicizando eventos locais da cidade ou do Estado. As fotografias, nesse período, eram fruto da modernização dos aparatos tecnológicos utilizados pela imprensa e eram também consideradas um fator de distinção entre os periódicos. O uso da imagem era um recurso que contribuía na legitimação do discurso da revista e na democratização do acesso ao seu conteúdo, uma vez que, ainda na década de 1940 grande parte da população brasileira ainda era analfabeta. (RODRIGUES, 2012).

Nos primeiros números publicados na década de 1940, a revista apresentava organização bem definida em seções, tendo a literatura como tema central da revista. Entre as seções temos Contos, Literatura, Divulgação, Humorismo, Rádio, Moda e Beleza, Diversos. Ao se aproximar dos anos 1950, são incluídas as seções Novela, Cinema e Reportagens. Modifica-se a seção Divulgação para Artigos e mantem-se as demais. O incentivo à literatura permanece ao longo de toda a primeira fase da revista. Marcadamente em 1946, Miranda e Castro lançou o concurso permanente de contos (Fig. 9), que premiava em dinheiro, qualquer pessoa que enviasse seu conto à redação da revista e que merecesse ser publicado. A Seguradora Minas Brasil era a patrocinadora do concurso.

Naquele tempo em que havia muito amadorismo na imprensa, êle [referindo-se a Miranda e Castro] introduziu em Minas – pode-se dizer – o sistema de colaborações pagas. Fazia questão de remunerar seus colaboradores. O contista entregava seu conto, ou o poeta seu poema – poucas palavras às vezes – e lá vinha o cheque de Miranda. Como não se descobriu ainda uma maneira de os poetas ficarem imunes à pecúnia, todos ficavam satisfeitos. (ALTEROSA, n.352, abril de 1962, p.67).

O concurso de contos marcava presença na revista e divulgava os trabalhos de novos escritores. Em diversos exemplares, contos nacionais dividiam as páginas com outros contos traduzidos, principalmente, de autoria de escritores norte-americanos. (MAIA, 2010). Essa era uma forma de aproximar o leitor do grupo que produzia a revista, por meio da interação literária. Dessa maneira, leitores poderiam sentir-se corresponsáveis pela produção da revista.

Figura 9: Recorte do anúncio do concurso de contos.



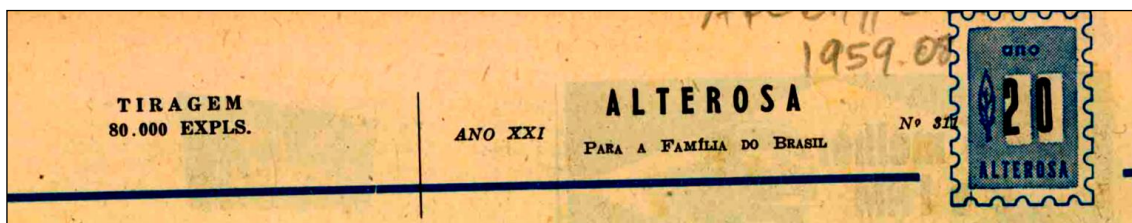
Fonte: ALTEROSA, nº66, out/1945, p.16.

O concurso foi, também, porta de entrada para as mulheres escritoras ainda desconhecidas que tinham a chance de ter seus contos publicados. (MAIA, 2010). A revista mantinha um significativo número de colaboradoras, residentes no país ou como correspondentes internacionais. Essa característica da revista nos mostra um posicionamento favorável em relação à participação feminina em sua organização. Como veremos no final desse capítulo, as mulheres foram, ao longo de todo o tempo de publicação da ALTEROSA, não só retratadas e representadas de maneira como desejavam que fossem, mas tiveram espaço para

suas ideias e suas próprias representações. A figura de dona Neide de Miranda e Castro¹¹ é, nesse sentido, central para compreendermos permanências e variações do “ser mulher” no período, uma vez que ela assumiu a direção da revista por alguns anos. As revistas femininas apresentavam às mulheres oportunidades de expressão e de exercício social (MARINHO, 2010), por vezes reafirmando os papéis que lhes eram propostos, por vezes contestando-os.

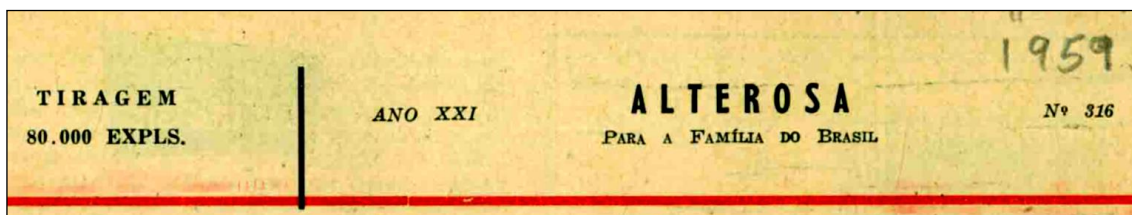
Entre os anos de 1945 e 1959, a apresentação passa a ser: “ALTEROSA. Para a família do Brasil” (Fig. 10 e 11). No mesmo período, as dimensões da revista permanecem iguais, o número de páginas varia um pouco ficando entre 85 e 140, apresentando algumas edições de natal ou aniversário com 200 páginas ou mais. A qualidade do papel vai se alterando, apresentando variações dentro de um mesmo exemplar. Na medida em que entram os anos 1950, as cores se tornam mais frequentes, as fotografias apresentam melhor qualidade, as ilustrações passam a ter traços mais bem definidos e homogêneos.

Figura 10: Cabeçalho da página do sumário, com destaque para o *slogan* e uso de impressão colorida.



Fonte: ALTEROSA, nº311, ago/1959, p.1.

Figura 11: Cabeçalho da página do sumário da revista ALTEROSA, edição de outubro de 1959. O cabeçalho apresenta o slogan 'ALTEROSA PARA A FAMÍLIA DO BRASIL' em destaque. À esquerda, indica-se 'TIRAGEM 80.000 EXPLS.'. À direita, há o ano '1959' e o número 'Nº 316'. O ano 'ANO XXI' também é visível.



Fonte: ALTEROSA, nº316, outubro de 1959, p.1.

O modelo que parecem adotar em ALTEROSA passa a ser muito semelhante à revista O Cruzeiro (RJ, 1928), de propriedade de Assis Chateaubriand, líder no mercado das revistas

¹¹ Mais à frente, analisamos a participação de Dona Neide na produção da revista e suas possíveis contribuições na proposição de um discurso que negociava o protagonismo social da mulher.

de variedades, no mesmo período. Nessa fase, as fotorreportagens foram incorporadas nas edições de ALTEROSA, novidade já presente no periódico carioca há alguns anos (RODRIGUES, 2012). A revista passou a ter uma identidade visual mais bem definida, as edições eram divididas em seções permanentes, artigos e reportagens e contos e novelas (Fig. 17 a 21 – variações gráficas nos sumários). Letras, ilustrações, figuras de anúncios se tornaram, também, mais coloridos apresentando, predominantemente, cores primárias (vermelho, azul, amarelo), que demonstrava certa inovação (A REVISTA DO BRASIL, 2000), principalmente nos anúncios publicitários (Fig. 14; 22 a 27 – variações gráficas nas capas). A partir de 1953 a revista passou a ser quinzenal e publicada nos dias 01 e 15 de cada mês.

Ao longo do ano de 1959, a revista passou por alterações gráficas significativas, indicando novas tendências das revistas comerciais com faixas coloridas na capa, como fundo para o título e “chamadas” ou anúncios de matérias que o leitor encontraria no interior da revista. Marcadamente, a partir da edição dezembro de 1959, o *slogan* passa a ser “ALTEROSA a revista da família brasileira” (Fig. 12, 13). As edições de 1959, pareciam anunciar um movimento de renovação da revista ALTEROSA. Percebemos maior padronização nos títulos das seções, utilização de fotografias em grande parte das reportagens, propagandas com mais movimento nas figuras humanas, paginação mais fiel e regular e diagramação mais elaborada. Parece-nos que ALTEROSA passou a adotar o modelo de outras revistas de mesmo tipo para colocar-se, finalmente, como concorrente de mesmo nível de qualidade e quantidade de vendas comparada às demais. Em 1960, devido a dificuldades econômicas, altera-se novamente a periodicidade de ALTEROSA que permanece mensal até 1964.

Figura 12: Recorte da ficha editorial com destaque para o *slogan* e impressão de fundo colorido.



Fonte: ALTEROSA, nº320, dez/1959, p.3.

Figura 13: Recorte da ficha editorial com destaque para o slogan e para o visual mais "limpo".



Fonte: ALTEROSA, n.º363, mar/1963, p.3.

As seções eram nomeadas em Contos e Novelas, Artigos e Reportagens, Para a mulher e o lar, Seções permanentes. Mas o novo formato editorial do ano de 1959 permanece, somente, até 1962, quando a revista entra na segunda fase e se modifica radicalmente, a começar pelas dimensões que aumentam significativamente, enquanto o número de páginas diminui, acompanhando a tendência inaugurada por outra concorrente, a revista MANCHETE, lançada em 1952, pela Editora Bloch e com periodicidade semanal (BUITONI, 1986; ROVERI, 2014).

A revista ALTEROSA passa de 24cm x 16cm para 35cm x 26cm, diminui o número de colunas de texto, altera a fonte da escrita, o espaçamento entre as linhas e diminui a quantidade de conteúdo de cada página. O crescimento em tamanho, gerou a diminuição do número de páginas sem, aparentemente, comprometer o conteúdo. As dimensões assumidas pela revista Alterosa se modificaram ao longo dos anos, o que pode ter significado maior ou menor aceitação por parte do público consumidor. Ao apresentar outra diagramação, a percepção de quem a lia era alterada, gerava incômodos e estranhamentos, por parte dos leitores. Por outro lado, parece ter havido grande aceitação ao novo modelo de revista que se propunha, talvez mais por apresentar um público ávido por novidades¹².

O movimento constante de atualização dos aspectos gráficos dos impressos, fruto de avanços técnicos que chegavam ao Brasil, provocavam alterações na sensibilidade de leitores e na maneira como se apropriavam do conteúdo. “Os dispositivos tipográficos têm [...] tanta importância, ou até mais que do que os ‘sinais’ textuais, pois são eles que dão suportes móveis às possíveis atualizações do texto” (CHARTIER, 2001, p.100). O uso de letras mais agradáveis aos olhos, com bordas mais arredondadas e palavras mais espaçadas, foi a aposta do grupo editorial que, mais do que simples alterações de letras, apostavam também no reposicionamento político e cultural de suas ideias a respeito de um projeto cultural de formação de leitores,

¹² Discutiremos a aceitação das alterações gráficas da revista e o estranhamento com o novo formato

“débita do desvelamento da fórmula editorial do impresso, na qual forma e conteúdo deixam entrever as representações sociais dos editores” (SCHNEIDER, 2010)

Em 1962, finalmente, Miranda e Castro, que por duas vezes se recusara a vender a revista ao grupo de Assis Chateaubriand (RODRIGUES, 2012), decide-se por vende-la ao banqueiro e figura política de grande influência, Magalhães Pinto. O novo proprietário da revista ALTEROSA renovou a equipe editorial que, sob a coordenação Roberto Drummond, escalou Jorge Amado, Fernando Gabeira, Otto Lara Resende, Ivan Ângelo e Henfil (WERNECK, 1992), entre outros, para compor o grupo. Houve grande investimento no novo projeto editorial e a revista, que há anos sofria com sérios problemas econômicos, fortaleceu-se no mercado.

Nesse período, a revista adotou um tom mais político, com a redução dos assuntos cotidianos e característicos das revistas femininas, como receitas, conselhos de beleza ou cuidados com os filhos. O noticiário com fotografias das festas, aniversários e casamentos locais desapareceram das páginas de ALTEROSA. As reportagens sobre a política nacional e internacional passaram a ocupar quase toda a revista. O cenário artístico, principalmente, o cinema brasileiro e as artes plásticas, se faziam presentes em número considerável de páginas, sob a forma de fotorreportagens, que representavam a forma moderna de fazer reportagem nos primeiros anos de 1960.

O tom político ficou mais evidente nesta fase da revista. Ficava claro pelas reportagens e notícias selecionadas que Magalhães Pinto, bem como o grupo intelectual liderado por Roberto Drummond, tinham a revista como um veículo de crítica política, mas também de promoção do político, então governador de Minas Gerais. Magalhães Pinto fazia de ALTEROSA, a revista mais expressiva de Minas Gerais, no início da década de 1960, um espaço para a divulgação de seus feitos políticos. Sua intenção, nesse período, era de candidatar-se à presidência do Brasil¹³, possibilidade que se esvai com o Golpe. Conforme afirma Werneck (1992), com os militares no governo, o banqueiro não tinha mais chances de seguir com os planos políticos e assim, não viu mais sentido em manter seu empreendimento editorial. Como outros impressos periódicos, ALTEROSA acabou quando secaram determinados projetos políticos de seus proprietários (WERNECK, 1992). A revista foi vendida à Editora Abril, maior responsável pelo segmento de revistas no país, que adquiriu as máquinas da Sociedade Editora

¹³ Entre os diversos cargos ocupados por ele, podemos citar sua participação no Manifesto dos Mineiros (1943), que defendia o fim da ditadura do Estado Novo e redemocratização do país (CPDOC/FGV), e seu mandato como governador eleito do Estado de Minas Gerais em 1961.

Alterosa Ltda. e optou por não mais publicar a revista mineira. Uma das hipóteses para o encerramento da produção é a de que Abril já possuía duas fortes concorrentes de ALTEROSA, as revistas Cláudia e Capricho, seus principais produtos para o público feminino. Assim, não haveria sentido, do ponto de vista comercial, manter o impresso mineiro, mas sim, eliminá-lo do mercado.

A hipótese de que ALTEROSA tenha sido fechada pelo Regime Militar apresentada por Maia (2010) não encontra correspondência entre outros estudos que investigaram o impresso. Nosso estudo defende a hipótese de que houve uma combinação de fatores que levaram à extinção da revista: dificuldades econômicas seguidas da venda para outro grupo em 1962; alterações no cenário político brasileiro que inviabilizou a campanha de Magalhães Pinto à presidência; estratégia comercial de eliminação das concorrentes por parte da Editora Abril.

Quanto à variação de assuntos e escolha dos temas, Buitoni (1996) afirma que em meados da década de 1940 estavam solidificadas 4 editorias na imprensa feminina: moda, beleza, casa e culinária que foram, gradativamente, ocupando os espaços de outros assuntos. A literatura, segundo a mesma autora, foi abrindo espaço para a moda e atividades domésticas. ALTEROSA não seguiu esse padrão de maneira rígida. A revista apresentava tais temas em vários lugares e não se furtava em análises das situações política, econômica e social do país.

Para fins didáticos, agrupamos os temas e as seções da revista ALTEROSA em diferentes anos de sua publicação (Tabela 1). A organização da revista era feita em seções nem sempre agrupadas em uma mesma página ou em páginas sucessivas. Diversas seções eram dispersas ao longo de um mesmo exemplar. Não há clareza se esse tipo de organização era uma estratégia comercial, para fazer com que leitores folheassem toda a revista, ou se as limitações gráficas exigiam dos editores uma forma de montagem com recortes de textos e imagens, com o único objetivo de preencher as páginas.

Na Tabela 1, organizamos os temas e assuntos mais encontrados na revista ALTEROSA e localizamos as seções onde apareciam. Notamos que as seções se mantiveram muito semelhantes na primeira fase, apesar de terem sido constantemente reorganizadas ao longo do período de circulação da revista. Algumas seções, nessa primeira fase, passaram a ocupar um lugar de seções permanentes, que foram suspensas na segunda fase. Os contos enviados por leitores foi perdendo espaço e, a partir de 1962, passaram a ser publicados em formato de suplementos destacáveis. As fotorreportagens se tornaram o principal formato de produção textual. A autoria dos textos e notas publicados passaram a se constituir colunas específicas de

um ou outro escritor, indicando um grupo menos receptivo em relação às contribuições de leitores, a não ser, na seção de cartas.

Os editoriais definidos pela imprensa feminina - moda, beleza, casa e culinária –que por um período ocuparam uma grande seção intitulada “Para a mulher e o lar”, distribuída em várias páginas da revista, se reduziram a uma única seção “Femininas” com poucas páginas e com foco maior na moda internacional. Tais mudanças corroboram com a hipótese de que, na segunda fase, o foco dos editores era a forte crítica política ao governo em exercício, pois as fotorreportagens sobre o cenário político nacional e internacional era o que predominava, acompanhado da divulgação do movimento artístico. Além disso, identificamos grande investimento na campanha de Magalhães Pinto, com vistas ao cargo de presidente do país, que aparece sob a forma de valorização de seus feitos políticos e de sua vida cotidiana, mostrando o governador como um sujeito comum, merecedor da confiança dos leitores.

Tabela: 1: temas por seções em exemplares de ALTEROSA.

Temas/seções	1943 (nº 39)	1949 (nº111)	1952 (nº 141)	1958 (nº296)	1961 (nº342)	1963 (nº363)	1963 (nº364)
Literatura	Contos Literatura; Divulgação; Esparsos	Contos; Novela; Vitrine literária; Dentro da vida O crime não compensa; Esparsos	Contos; Novela O crime não compensa	Contos e novelas; O crime não compensa; Esparsos; Páginas escolhidas; Livros e letras	Contos e novelas; Cronistas; Poesia Livros e letras	Conto; Crônica; Poesia	Para rir e distrair
Humor	Humorismo Sedas e plumas	Humorismo	-	Humor Quitandinha	Quitandinha Picadeiro	Humor	Para rir e distrair
(Foto) Reportagens	Reportagens	Reportagens	Reportagens Artigos	Artigos e reportagens	Artigos e reportagens	Todas as reportagens possuem com fotografias	Todas as reportagens possuem com fotografias
Cenários político e econômico	Diversos Notas e curiosidades de todo o mundo	Artigos	Reportagens; A voz do Brasil; Panorama do mundo; Acontece cada coisa!	Artigos e reportagens; Satélites e teleguiados; Panorama do mundo	Artigos e reportagens A voz do Brasil Panorama Aquarela	Interpretação política Economia	Internacional O grande assunto A reportagem exclusiva
Moda	Para a mulher	Moda	Modas	Para a mulher e o lar	Bazar feminino	Femininas	Femininas
Cinema e Rádio	-	Cinema O rádio em revista	Cinema Rádio	Cinema	Cinema	-	O outro lado da vida Cinema Nôvo
Culinária	-	Arte culinária	Arte culinária	Para a mulher e o lar	Bazar feminino	-	-
Conselhos sentimentais	-	Vamos trocar cartas	Caixa de segredos	Caixa de segredos	Cartas	-	-
Conselhos de beleza	Para a mulher	Bazar feminino	Bazar feminino	Para a mulher e o lar	Bazar feminino	Femininas	Femininas
Saúde	Para a mulher	Bazar feminino	Saúde	Saúde	Saúde	-	Femininas
Comportamento	Para a mulher	Página das mães	Página das mães	Para a mulher e o lar Bom tom	Cartas	Mulher notícia	Femininas
Passatempos	No mundo dos enigmas	No mundo dos enigmas	No mundo dos enigmas Passatempo	Teste	Palavras cruzadas Teatrinho	-	-

Fonte: Elaboração própria (2016). Informações retiradas dos exemplares da revista ALTEROSA.

Tabela 2: Estrutura geral da revista de acordo com o ano.

	1941 (n°21)	1946 (n°80)	1953 (n°171)	1959 (n°317)	1963 (n°363)	1964 (s/n)
Nº de páginas	140	214	112	112	92	71 disponíveis
Tiragem	Não encontrada	4000 ¹⁴	37.500	80.000	Não encontrada	Não encontrada
Quantidade de seções	Não aparecem definidas	17	5	24	15	Não encontrada
Quantidade de seções permanentes	Não aparecem definidas	9	28	21	Variavam a cada exemplar	Não encontrada
Periodicidade	Mensal	Mensal	Quinzenal	Quinzenal	Mensal	Mensal

Fonte: Elaboração própria (2016). Informações retiradas dos exemplares da revista ALTEROSA.

No que diz respeito à liberdade de publicação de matérias e opiniões, lembramos que ALTEROSA iniciou sua circulação no período do Estado Novo no Brasil, quando a imprensa teve a liberdade cerceada, principalmente, a partir da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) criado em 1939, mesmo ano de lançamento da revista. A imprensa desempenhou papel fundamental na divulgação dos ideais do governo Vargas, seja pela difusão de conhecimentos e noções elementares que sustentaria a ideia de Nação (BARBOSA, 2007), seja pelas críticas, mesmo veladas ou mascaradas, marcando posicionamentos contrários ao governo.

Miranda e Castro foi um dos jornalistas investigados por sua participação na imprensa. Nos arquivos da polícia política do Arquivo Público Mineiro (APM), há a comunicação nº 1193, de 25 de maio de 1937, ordem de serviço nº727, intitulada “Prender Olympio de Miranda e Castro”. Emitida pelo serviço de investigações da Delegacia de Ordem Pública, diz o documento: “Effectuaram a detenção de Olympio de Miranda e Castro, determinada pelo Dr. Delegado de Ordem Publica”¹⁵. Mesmo com data anterior à criação da revista, esse documento nos permite pensar que perseguições por figuras relacionadas à formação da opinião pública eram uma característica do governo vigente no período. Não há mais detalhes do porquê ou de quanto tempo o jornalista esteve detido.

Outro indício da ação da censura na revista ALTEROSA é a ausência da matéria anunciada como exclusiva na capa do último exemplar de que se tem notícia. A matéria

¹⁴ Informação dada por LINHARES (1995, p.374), mas não encontrada nos exemplares até o ano de 1946.

¹⁵ Arquivos da polícia política, pasta 4191, rolo 056, nov.1934 a maio 1943 (APM).

exclusiva intitulada “A conspiração do segredo. Em 20 págs: O que ninguém contou sobre a revolução”¹⁶ (Fig. 14) não é encontrada no interior da revista. Curiosamente, o exemplar disponibiliza 71 páginas que, geralmente, contabilizavam 90. Tal ausência de exatas 20 páginas indicam a supressão delas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP (Fig. 3, p. 29). Não há, nos estudos já citados sobre a revista ALTEROSA, menção a esse fato ou análise mais apurada sobre a censura às reportagens da revista. Certamente, como um veículo de divulgação de ideias e formador de opinião pública, tal dado merece outras investigações mais detalhadas dessa relação. Por outro lado, descartamos a indicação de Reis e Tavares (2013, p.12) de que o último exemplar de ALTEROSA tenha optado por apresentar mais conteúdo sobre “arte, música, literatura e muito pouco sobre política”, sem textos mais longos e sem grandes reportagens. Se essa fosse por opção, os editores não lançariam a exclusividade da matéria com forte tom político na capa da revista.

Figura 14: Destaque para as chamadas da capa, mas ausência da matéria de crítica ao golpe.



Fonte: Último exemplar de ALTEROSA localizado. Ano: 1964.

¹⁶ Chamadas da capa do último exemplar localizado da revista ALTEROSA, de 1964. Dois exemplares dessa edição de ALTEROSA foram consultados: um digitalizado pertencente ao acervo do APCBH e outro em papel, disponível na Hemeroteca do Estado de Minas Gerais.

TODO MUNDO LÊ AGORA A NOVA ALTEROSA – E VOCÊ?

Figura 15: Anúncio de venda de assinaturas.

APREN/C 16/1-66 1963 05/06

Alterosa agora está muito melhor, mais moderna, dinâmica e oferecendo muito mais leitura. Repare como a matéria está variada: observe como está mais fácil de ler, e como há assunto para todos os gostos, escritos com simplicidade. Não deixe para amanhã! Assine hoje mesmo a nova revista Alterosa. Você vai gostar!

A Sra. Editora Alterosa Ltda. — Cx. Postal 279 — BH — MG
Seguir junto a importância de Cr\$ 700,00 correspondente a assinatura de ALTEROSA por 1 ano.
NOME: _____
CIDADE: _____ ESTADO: _____
ENDEREÇO: _____

TODO MUNDO LÊ AGORA A NOVA
alterosa — E VOCÊ?

The illustration shows a group of stylized, rounded figures of various ages and genders, some wearing hats and glasses, all engaged in reading the magazine 'ALTEROSA'. The figures are drawn in a simple, graphic style with bold outlines and flat colors. The magazine covers they are holding feature the title 'ALTEROSA' and various headlines.

Fonte: ALTEROSA, nº365, mai/jun/1963.

As significativas mudanças em forma e conteúdo da revista visaram a renovação da identidade da revista. Não sem estranhamento, as impressões dos leitores eram publicadas de forma a favorecer o movimento de modernização do visual e também de ideias. Na defesa de uma nova organização, os editores mobilizavam argumentos e recursos gráficos para convencer o público da nova proposta editorial. Sob o discurso de que “está muito melhor, mais moderna, dinâmica e oferecendo mais leitura”, convidava-se à aquisição de assinaturas. Disse um leitor: “Foi um agradável prazer a transformação em grande formato da simpática ALTEROSA de que sou leitor desde seu aparecimento. Modernizada, com assuntos de interesse geral e magnífica apresentação, por certo verá aumentado grandemente seu número de leitores¹⁷”.

Os espaços em branco, nas laterais das páginas (Fig. 20 e 21) ou entre fotografias e texto, em contraposição ao formato anterior (Fig. 17, 18 e 19) se tornam marca da modernização de ALTEROSA, que passou a defender um visual mais limpo, claro e organizado. De fato,

¹⁷ ALTEROSA, nº 358, out/1962, p.2.

várias reclamações de leitores eram enviadas à redação com reclamações sobre o recorte de artigos que se dividiam em duas ou mais partes da revista. As últimas páginas quase não possuíam fotografias, figuras ou anúncios, mas somente diversas continuções de notícias e reportagens, que já não agradavam alguns leitores. Outros incômodos também eram expressos na seção “Opinião do Leitor” ou “Cartas à redação”. No exemplar de nº300, de fevereiro de 1959, toda a seção trouxe opiniões que anunciavam a necessidade de mudanças, provavelmente, vistas em outras revistas de mesmo gênero. Algumas delas foram incorporadas ao novo modelo, mas outras foram deixadas de lado porque não concordavam com o novo projeto mais moderno de revista pensado pelos editores. “Acho que ALTEROSA é uma revista excelente, das melhores que conheço, mas implico com o corte dos artigos que continuam no fim da revista, cortes que deveriam ser evitados¹⁸”.

Outras mudanças nas dimensões também eram desejos de leitores para mudança de ALTEROSA. “O formato atual de ALTEROSA é pouco atrativo. Não sendo revista de bôlso, porque não aumenta-la?” sugeriu Nelson Munhoz de Curitiba, mais um leitor do Estado do Paraná. Outro leitor sugere o contrário. Hernani R. Giani da cidade de Sacramento (MG) propõe que “Seria preferível que modificassem o formato da revista, que poderia sair no tamanho de Seleções”, uma revista de bolso com dimensões de 14,5 cm X 18,5cm¹⁹, quase metade do tamanho de ALTEROSA em 1959.

Nos exemplares de 1962, ano em que a reforma da revista foi feita, aparece um debate sobre essa questão. Com as chamadas “Leitores debatem Alterosa” e “Nova Alterosa agrada”, encontramos diferentes opiniões:

Revelando que ao ler o primeiro número (agosto) da nova Alterosa julgou um “desperdício dar tanto espaço em branco nas páginas de reportagens”, o Sr. Paulo Rodrigues de Freitas, de Belo Horizonte, escreve para dizer que mudou de opinião: - “Estava acostumado com as outras revistas que preferem evitar as partes claras, mas me habituei, depois de três números, com a nova Alterosa e passei a detestar aquela maneira maçuda e tumultuada de apresentar as reportagens. Continuem pois Alterosa conseguiu um grande feito: é a revista mais fácil e gostosa de ser lida” (ALTEROSA, nº 359, nov/1962, p.2)

Para a Senhorita Nair Lima [...] “Alterosa está de parabéns por sua variedade e maneira tôda própria de ser: os senhores estão fazendo uma revista atraente, que a gente lê com entusiasmo, sem se preocupar com aquêlê cansativo continua na página tal. Isso é ótimo. Prossigam. (ALTEROSA, nº 359, nov/1962, p.2).

¹⁸ ALTEROSA, nº300, fev/1959, s/p. Seção Leitor Amigo. Autoria: José Cretti – Jacarezinho-PR.

¹⁹ LEMOS, Sandra Monteiro. Seleções do Reader’s Digest: leitores, leituras, textos e tramas. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto Alegre: 2013. 256f.

Essa marca editorial - a incorporação de espaços em branco - acompanhada da qualidade mais brilhante e lisa do papel utilizado na confecção da revista traziam outro ar de modernidade, ou a modernidade de um outro tempo, outro grupo e outra finalidade para a revista. A ALTEROSA “elegante para pessoas de gosto” da primeira fase, se transformou em ALTEROSA moderna, limpa, prática e fácil de ler, na segunda fase. A revista mineira sugeria, com essa nova fórmula editorial, outra sensibilidade para quem a lê. O olhar era direcionado com mais movimento, com pausas marcadas pelos espaços em branco, e por imagens com boas definições e foco ampliado, que dava impressão de maior proximidade entre o sujeito fotografado e os leitores. Ler a nova ALTEROSA era pertencer ao grupo de classe, de bom gosto que acompanhou a revista desde outras edições, mas também, era ser moderno como ela e pertencer ao grupo que a consumia.

TODO MUNDO LÊ AGORA A NOVA ALTEROSA – E VOCÊ? Alterosa agora está muito melhor, mais moderna, dinâmica e oferecendo muito mais leitura. Repare como a matéria está variada: observe como está mais fácil de ler, e como há assunto para todos os gostos, escritos com simplicidade. Não deixe para amanhã! Assine hoje mesmo a nova revista Alterosa. Você vai gostar! (ALTEROSA, nº365, mai/jun/1963, s/p.).

O investimento em modernização do impresso também diversificou o público, atraindo as mulheres mais jovens, não descartando fiéis e antigas leitoras, garantido que ALTEROSA fosse vista por diferentes gerações.

[...] de Governador Valadares, conta a Sra. Vilma Coelho Resende: - “Somente eu lia Alterosa, que era chamada por minhas filhas, de revista para velhos. Qual não foi minha surpresa quando, em agosto, chegou a minha casa uma revista moderna, que passou a ser leitura preferida também de minhas filhas. Parabéns”. (ALTEROSA, nº 358, out/1962, p.2)

Como a revista mudou para melhor. Estou gostando muito. E antes só eu lia [...] agora, minhas netas disputam a vez de folhear a revista. Antes isso não ocorria. Só depois que elas olham Alterosa é que posso ler. Meus aplausos”. (ALTEROSA, nº 359, nov/1962, p.2).

A publicação de cartas de leitores com respostas imediatas foi uma característica que marcou essa fase de ALTEROSA e trouxe um tom de “conversa” que dava a impressão de maior proximidade entre editores e leitores, quando comparadas à fase anterior. Não havia mais a separação de cartas em seções distintas para homens e mulheres de acordo com assuntos, pois

todos passaram a ter suas palavras publicadas numa mesma seção, onde qualquer leitor recebia uma resposta descontraída dos editores. Fica claro que com o novo formato o objetivo de ALTEROSA era “agradar toda a família: adultos, jovens e crianças, dos dois sexos” e permanecer próximo ao consumidor a quem incentivava “escreva sempre”, fazendo acreditar que qualquer opinião era mesmo importante. (ALTEROSA, nº 362, fev/1963, p.5). Assim, vimos que as alterações materiais da revista foram acompanhadas pela disposição como o texto e o conteúdo eram disponibilizados para os leitores.

Figura 16: As fotos ilustram a mudança nas dimensões da revista na segunda fase (1962).



Fonte: ALTEROSA, nº 361, jan/1963, p.8.

Para Velloso (2010), as revistas desempenharam um papel estratégico e de grande impacto social no Brasil, movimento que, para a autora, se iniciou durante a Primeira República. Esse tipo de impresso periódico articulou-se à vida cotidiana e adquiriu uma capacidade de intervenção na vida dos indivíduos mais rápida e eficaz. Sem o compromisso dos jornais com o registro da atualidade imediata, as revistas desenvolveram um modelo de extrair ideias dos acontecimentos e criar pontos de reflexão, não somente fornecendo informações, mas fazendo

pensar sobre o ocorrido. Pela temporalidade distinta dos jornais, as revistas se esforçavam em “demorar” mais sobre os assuntos, utilizando-se do recurso das imagens como outra forma de discurso. Nesse sentido, as revistas inauguraram outra sensibilidade nos leitores uma vez que elas eram “a imagem de uma escrita provisória, marcada pelo caráter inacabado” o que as diferenciava dos demais suportes de informação e de comunicação existentes no período (VELLOSO, 2010, p.43).

Figura 17: Sumário em preto e branco, sem ilustrações da primeira fase da revista.

Alterosa
Publicação mensal da Sociedade Editora ALTEROSA Ltda.
Diretor e Gerente: MIRANDA E CASTRO

Administração:
Rua dos Cordeiros, 217 - Le andar -
Fone 2-6622 - Caixa Postal, 278 -
Dist. Tijuca - ALTEROSA - RIO DE JANEIRO
HORIZONTE - Ed. de Minas Gerais

VENDA AVULSA
Bole Horária... C\$2,00
No resto do país... C\$2,50
Número afreando... C\$3,00

As edições especiais de Aniversário e Natal circulam respectivamente em Agosto e Dezembro, ao preço único de C\$3,00. Os números especiais de moda aparecem em Maio e Novembro, também ao preço de C\$3,00 em todo o país.

ASSINATURAS NA CAPITAL (Sob registro)
Semestre (6 números)... C\$12,00
Ano (12 números)... C\$22,00
2 anos (24 números)... C\$40,00

ASSINATURAS NO INTERIOR DO ESTADO E NO PAÍS (Sob registro)
Semestre (6 números)... C\$15,00
1 ano (12 números)... C\$28,00
2 anos (24 números)... C\$45,00

SCURSAL NO RIO
Diretor:
ULÍSSES DE CASTRO FILHO
Rua da Matrix, 104 - Ap. 15
Fone 26-1881

Inspetores:
A serviço desta Revista permanecem os municípios brasileiros o Cel. Balmundo Pereira Brasil, a Sr. M. N. Esteves e a Srta. Maria da Conceição Paiva.

RECREATIVO - Tóddato Pereira.
REDACÇÃO - Djalmir Andrade e Clemente Luz.

FOTOGRAFIA - Antonio Freitas e Nivaldo Correia.

COLABORAÇÃO - Altair Neves, Alvaro de Oliveira, Assis Amaro, Evandro Rodrigues, Fernando Sabino, Geraldo Dutra de Moura, Genofre Bagnat, Jorge de Azevedo, Lúcio de Sousa, Marco Casassanta, Mário Netto, Nivaldo Most'Alvão, Oscar Mendes, Olga Gley, Pedro Ribeiro da França, Rafael Tarnopolsky, Salomão de Vasconcelos, Vanda Murgel de Castro, Vanderlei Videla, João Bormas Filho e Nilo Aparecido Pinto.

IMPRESSÃO - Gráfica Quatro Irmãos Ltda.
CIRCULANTE - Fotografa Minas Gerais Limitada e Gravidar Anual.
DISTRIBUIÇÃO - Antonio Bocha, Horácio e Osvaldo Navarro.
REDACÇÃO - Djalmir Andrade, Altair Neves, Clemente Luz e Pedro Ribeiro da França.

A redação não devolve, em hipótese alguma, fotografias ou originais, ainda que não tenham sido publicados.

ALTEROSA - JULHO DE 1943

CONTOS
OS OLHOS DE JACQUELINE - Tradução... 2
BOISIRVA HOTEL, QUARTO TRÊS - Tradução... 10
PRESENCIA DA NOITE - Fernando Sabino... 14
HOSPIEIRAGEM PARA DOIS - Tradução... 22

LITERATURA
A ÚLTIMA ESTRELA DO MOULIN-ROUGE - Olga Obry... 17
O BEIJO - Coelho Neto... 20
VITRINE LITERÁRIA - Clemente Luz... 28
MARTINS FONTES - Jorge Azevedo... 30

HUMORISMO
DE MÊS A MÊS - Guilherme Tell... 6
OUTRA COMÉDIA DA VIDA - Osvaldo Navarro... 20
MA' NOITE - Tradução... 28

REPORTAGENS
BEATRIZ COSTA FALA DO AMOR... 32
A VIDA ESTÁ FIGANDO MUITO CARA... 44
A NOTÁVEL FAZENDA DA ONÇA, EM SETE LAGOAS... 60
O MÊS EM REVISTA... 94

DIVULGAÇÃO
O ANJO DO ASSASSÍNIO - Oscar Mendes... 8
AUGUSTO CLEMENTINO - Mário Casassanta... 25

CRÔNICA E RADIO
NOTAS E COMENTÁRIOS SOBRE O RADIO... 39
OS BONS PROGRAMAS DO RADIO MINERO... 39
REPORTAGENS E NOTAS DE RADIO... 35
HOLLYWOOD TODA PARTE ATIVA NA GUERRA... 52
NOTAS E REPORTAGENS DE CINEMA... 54

PARA A MULHER
SOBRAS E NORAS... 4
CONSELHOS DE BELEZA... 27
MODA FEMININA... 40
PEQUITO DOS QUARENTA?... 56
BORDADO... 58

DIVERSOS
SUDAS E PLUMAS - Redação... 12
ESPARSOS - Poeta... 26
MELHORAMENTOS EM SETE LAGOAS - Reportagem... 40
BARBARCENA É UMA CIDADE DO PRESENTE - Redação... 42
HOMENAGEM AO DR. LUCAS LOPES - Reportagem... 38
O NOVO SERVIÇO D'ÁGUA DE CERVELO - Redação... 70
NO MUNDO DOS ENOMAS - Poetisa... 98

NOTAS E CURIOSIDADES DE TODO O MUNDO.

AVISOS aos LEITORES
Dificuldades ocorridas em nossa abastecimento de papel obrigam-nos a restringir um pouco o número de páginas da presente edição. Com os esforços que estamos empregando no sentido de melhor-tor a situação, esperamos que o nosso número de Fevereiro possa aparecer com o feliz habitual desta revista.

A direção

Fonte: ALTEROSA, nº39, jul/1943.

Figura 18: Sumário lateral da primeira fase da revista. Destaque para o aspecto ilustrado acompanhado de poema.

NÚMERO 81
ANO IX
JANEIRO - 1947

ALTEROSA
PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

N.º AVULSO C\$3,00
EM TODO O PAÍS

NESTE NÚMERO:
CAPA
A Instantânea estrela da Paramount, Betty Hutton, em uma tricotônica executada pelo gravador Gervasio Pinto de Azevedo.

CONTOS
Miss Pinkerton... 2
Leonora Tóres... 2
Rompendo... 6
Amor... 6
J. Luís Galliard... 10
Ternura... 14
Ovaldo Orlic... 14
A Trova... 18
Marta Deacy... 18
O hotel da Fomeira... 26
André Maurois... 26

NOVELA
Júpiter, de olhos de amêndoa... 96
Nobres de Biquera...

CRÔNICAS
Casamento por anedota... 32
Alberto Cláudio... 32
Fingir aqui, fingir lá... 38
Gley... 38
Outras palavras, outros deuses... 48
Oscar Mendes... 48
Recordar é viver... 64
Abílio Barreto... 64

DIVULGAÇÃO
O grande amor de Musset... 64
Redação...

HUMORISMO
De mês a mês... 34
Guilherme Tell... 34
Sedas e Plumas... 36
Indústria... 36
Pincos de História... 44
Joacim Laranjeira...

RADIO
A parte da página... 48

CINEMA
A partir da página... 61

MODA E BELEZA
A partir da página... 67

DIVERSOS
Esparsos... 40
Vitrine Literária... 42
Páginas das Mães... 54
Caixa de Segredos... 58
Arte Cultivada... 60
Tapeço Místico... 100
Burdalo... 102
Gratulação... 104
No mundo dos Enigmas... 106

AVISOS aos LEITORES
Dificuldades ocorridas em nosso abastecimento de papel obrigam-nos a restringir um pouco o número de páginas da presente edição. Com os esforços que estamos empregando no sentido de melhor-tor a situação, esperamos que o nosso número de Fevereiro possa aparecer com o feliz habitual desta revista.

A direção

Clément de Campos

*Quereis ser bons?
Quereis ser bons? Amai; mas com simplicidade, dizendo unicamente aquilo que sentis. Nada de exaltação mendaz! Sinceridade: ser sincero em amor é quase ser feliz.*

A mentira não vale a sombra da verdade; se um dia vos prender, porém, com os seus ardis, jamais heis de alcançar essa felicidade, que, com sofregãos mós, ansiosos perseguis.

Contudo não ameis ninguém pela riqueza, nem pela formosura ou pela posição, amai, mas com pureza, e apenas a pureza:

que assim haveis de amar, sem fazer distinção: com a mesma intensidade, a todos, com certeza: o amor é o próprio Deus em nosso coração.

Fonte: ALTEROSA, nº81, jan/1947.

Figura 19: Sumário central da primeira fase da revista, com modernização da forma de apresentação. Destaque para o aspecto mais cheio da página, texto em duas colunas, com letras mais juntas e menores.

TIRAGEM 80.000 EXPLS.

ANO XXI

ALTEROSA Nº 311
PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

20
ALTEROSA

FOGuetES DE ONTEM E DE HOJE
Gilberto de Alencar

FOGuetES DE ONTEM E DE HOJE
Gilberto de Alencar

QUE, afinal, realmente assembram não é o progresso do século e sim a rapidez com que ele se realizava depois de muito e muito tempo e agora se realizam dentro de semanas. Que estou eu a falar de semanas? Dentro de dias, é o que é.

Foi na primeira década do século que um brasileiro das Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?

Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito.

Que fez o agente?
Foi o zeloso, pois por aquela época havia dispendido em Minas Gerais conseguiu em Paris voltar pela primeira vez dentro de um aparelho mais pesado do que o ar. O vôo, que emocionou os alvoroçados mundo inteiro, cobriu a distância de quinze ou vinte metros e a altura não foi além de alguns palmos que não puderam ser medidos exatamente. E agora, menos de cinquenta anos passados, já se fala de viagens de quilômetros e até de máquinas aperfeiçoadas, dirigidas firme do sol. Se isto não é meter Júlio Verne num chapeleto, não sei então o que seja meter alguém nesse sapato doméstico, companheiro inseparável de nós mesmos demêntes pilagens.

Nos Estados Unidos, que muita gente chama de terra dos exagros impossíveis, embora muito exagro já se tenha realizado por lá, estão usando hoje

fogetes de velocidade maior do que a do som para a condução de malas postais. Quando a rádio da partida do fogetista dá a ordem, o fogetista, de distância, se para tanto tiver fôlego, já lá encontra as cartas, os jornais e a correspondência enfim. Isto se a correspondência já não estiver de regresso, caso em que ela poderá dizer ao som, irrompendo com o seu milho e já está eu aqui da volta com o meu fôlego...

Essa história de fogetes e malas postais traz-me à lembrança o serviço dos correios em certos lugares do interior onde morar faz muitos anos e onde certamente gostaria de morar ainda se ele não houvesse mudado, como por força mudos. Que é que não muda, nestes tempos de tantas e tantas mudanças?


Mas tratemos logo do serviço dos correios no lugarjo.

As malas chegavam dia sim, dia não, à tardinha, em lombo de burro, vindas da estação mais próxima, da estação de ferro, que não seria tão próxima assim, da estação, montado no muar e com os sacos de lã atravessados na garupa, levava, quase duas horas na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem pelas estradas daquele jeito. E claro, assim era preciso que eu dissesse, mas vos dizendo a hora na viagem

Figura 20: Aspecto do sumário acompanhado de pequena nota com fotografia central e espaços em branco, na segunda fase da revista.

JACKIE NÃO TEME A QUEDA

Com a mesma segurança com que passeia a cavalo carregando John Junior e tendo ao lado, num pônei vermelho, sua filha Caroline, Jackie Kennedy, que não teme nenhuma espécie de queda, nem mesmo a que faz qualquer mortal beijar a poeira, vive tranqüila ao lado do marido: não sente ciúmes, nem medo de guerra. Tudo poque Jackie é mulher que confia em si mesma como conta a reportagem à página 70. (Foto USIS).



SUMÁRIO

Futebol	12 Dez Páginas Sobre O Santos Futebol Clube: Nascimento E Glória Do Time De Pelé
Poesia	21 Bueno De Rivera Faz O Primeiro Grande Poema Sobre Pelé: — «Pelepomas»
Religião	30 Dom Serafim, Bispo Auxiliar de Belo Horizonte Conta O Que Viu No Concílio Ecumênico: Artigo Exclusivo
Política	64 Goulart Já E' Presidente De Verdade? — E Agora João? 68 O Que São As Reformas De Base, Que Podem Tirar O Sono De Jango?
O Grande Assunto De Minas	24 Coronel Pedro, O Homem Que Convive Com A Morte: As Aventuras, As Ameaças, As Lendas Sobre O Bigode Do «Terror Dos Jagunços»
Cinema	52 Luisa Maranhão, A Nossa Sofia, Vai Viver Agora Romance de Jorge Amado
Sociedade	56 Café Society De Belo Horizonte Descobre Fórmula Para Driblar A Inflação
Reportagem Fotográfica	74 TeleObjetiva Conta História Do Amor Dos Simples: Ainda Se Rouba Beijo em Minas
Internacional	70 A Face Oculta de Jackie Kennedy: Revoluções Novas Sobre A 1a. Dama
O Outro Lado Da Vida	60 Os Industriais Da Catástrofe: Qual O Segredo Dos Que Anunciam Tragédias Para 63 Com A Bola De Cristal
Humor	78 Henfil Faz Rir As Custas De Fidel, Kennedy, Mao Tsé Tung, Kruschov 79 E Outros Grandes.
Crônica	80 Ivan Angelo Fala Sobre «A Mulher Só»
Notícias Telegráficas	22 Em Poucas Palavras 35 Elas, Os Passos Da Fama
Para A Mulher	36 Linha-63 Para Seus Cabelos 44 Vicente Abreu Ensina Decoração 50 Modas: Século VI Veste Elegantes 40 Cleópatra, Drama Da Mulher Pequena 46 Paris Decreta A Volta Dos Chapéus

Fonte: ALTEROSA, nº 361, jan/1963.

Figura 21: O que ler (sumário). Observe que as seções já não são mais bem divididas e a ênfase está no autor do texto.

Mais que os outros, o último número de *Alterosa* empolga os seus leitores: é o que dizem as cartas, chegadas de todo País, mas particularmente de Minas. Para o Sr. Nilton de Castro, de Belo Horizonte, que nunca se imaginou escrevendo uma carta para uma revista, a nova *Alterosa* merece todos os elogios — «Aqui em casa, eu, minha mulher e cinco filhos — três meninas e dois rapazes — já nos acostumamos apenas com a leitura de *Alterosa*. Há muitas outras cartas, que, se não queiram publicar, agora, damos preferência a três sem o Sr. Carlos de Freitas — Rua Rio Grande do Norte, 1411, Belo Horizonte, que considera a reportagem «O Mundo De Sosho E Glórias De Geraldo» excelente, dos melhores que já les sobre futebol na imprensa brasileira. Os repórteres Dirceu Soares e Euler Cláudio, ambos enviados a Santos, cujos nomes foram omitidos na abertura da reportagem, agradecem.

A segunda carta vem de São Paulo, da leitora Margarida Queiroz — Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 893, ap. 159 — que diz ao repórter Dirceu Soares não ser a poetisa Henriqueta Lisboa a espírito mais imortal. Antes dela, segundo a leitora Margarida Queiroz, D. Beatriz Duarte de Almeida ocupou, na Academia Paulista de Letras, o cadeira número 8. — «Dona Beatriz e meu pai, o escritor Amadeu de Queiroz, são mineiros de Passo Alegre. A terceira carta, enviada ao diretor de *Alterosa*, Roberto Drummond, é do jornalista Evandro Carlos de Andrade e diz:

«Permita-me registrar a surpresa com que tomei conhecimento do texto publicado sob meu nome no último número de *Alterosa*, em honrosa co-autoria da qual, infelizmente, não fui devidamente informado. E também que recorde ao meu filho o convite para preparar tal trabalho sem advertir-me de que estava sujeito a alterações não apenas de forma — com as quais, de resto, eu não concordaria — como também de conteúdo. Se não me falta humildade para reconhecer as insuficiências do estilo, sobra-me responsabilidade para não delegar o uso do meu nome em opiniões que não sejam por mim expressamente manifestadas. Tratando-se, então, de opiniões sobre pessoas — e pessoas com a maioria das quais mantinha relações, às vezes, mesmo, de amizade — o jovem e talentoso diretor de «*Alterosa*» admitirá que as modificações introduzidas no texto por seus redigidos, mesmo as equívocas, não são participo da maior parte das apreciações feitas sobre os políticos citados, algumas das quais nem sequer me ocorrem mencionar. Lamento, que minhas relações com «*Alterosa*» se tenham iniciado marcadas por tal equívoco, mas não posso deixar de solicitar sua generosa compreensão para a necessidade em que me encontro de não permanecer responsável, perante o público leitor dessa estimada revista, por um trabalho de que não participei, sendo remotamente. Agradeço-lhe, assim, a publicação deste indispensável esclarecimento. Explicação a jornalista Evandro Carlos de Andrade refere-se à reportagem «Análise Psicológica Dos Políticos Brasileiros» publicada no último número, em parceria com o repórter Ivan Moreira. As observações de sua carta são justas. Apenas os dados sobre o Presidente João Goulart foram tirados do trabalho original do Sr. Evandro Carlos de Andrade, as opiniões e interpretações sobre os outros políticos correm por conta do repórter Ivan Moreira.

As Duas Faces De Uma Saudade



O QUE LER

Paulo VI
6 Seus Sonhos No Concílio

Madame Nhu
62 Bonitinha, Mas Ordinária

Zé Arigó
16 O Que Ninguém Explicou

Marilyn
22 La Monroe Continua Viva

Otto Lara
14 Como Abraçar Jornalismo

Bosc
34 Como Rir Com Vontade

Fernando Sabino
10 O Encontro Desmarcado

Ivan Angelo
88 As Amadas, Não

Futebol
66 O Brasil Está Em Crise?

Henfil
53 Saiba Rir Da Dor De Dente

Carlos Wagner
36 Conversa Noturna

Gov. Valadares
54 O Amor Sobre Rodas

Carlos Drummond
58 O Poema Que Será Filme

Confidencial
28 Notícias Curtas Em Segundo

Lúcia Machado
85 Xisto E Suas Proezas

Mulheres VIPs
74 Seus Passos, Suas Fotos

Os Soldados
30 Uberlândia, Meninos E Parda

O Drama
76 Uma Canção Por Um Boi

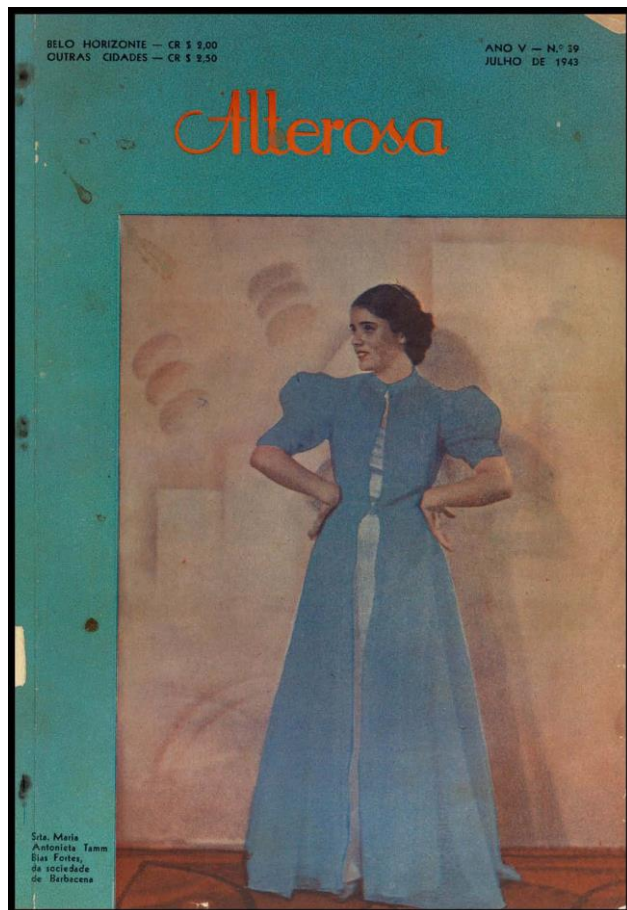
Genie
82 Ivan Angelo Interpreta

Femininas
37 Sílvia Milles Na 2a. Revista

Na sessão de Pelé, transformado, aos 23 anos, num herói fatigado que consegue dominar, vencendo o árbitro, até a 3 mil metros de altura e na unidade de Garibaldi, ex-alegre de um povo, entre duas das tristezas de um futebol feio, feito de gola, que já não honra mais a glória da conquista de duas «Jules Rimet», Enquanto o Santos e o Botafogo, os mais fatis representantes da arte feita de bola, sobrem derrotas quase impossíveis, uma pergunta, dos que desejam salvar o mais bonito futebol do mundo, se impõe e exige resposta: de quem é a culpa? Tentar responder esta e outras perguntas é o objetivo da análise feita com exclusividade para *Alterosa* pelo repórter Marcos de Castro (Prêmio Esso De Reportagem Esportiva de 62) que V. lerá à página 66. A publicação deste trabalho, que foge ao falso otimismo dos que ainda festejam o exótico carnarinho de Odevaldo Custodi e de Waldyr Amaral, tem o objetivo de chamar a atenção para um problema que precisa ser alçado pela frente por, pelo menos, uma razão: é com o futebol que um povo tem vivido seus melhores momentos.

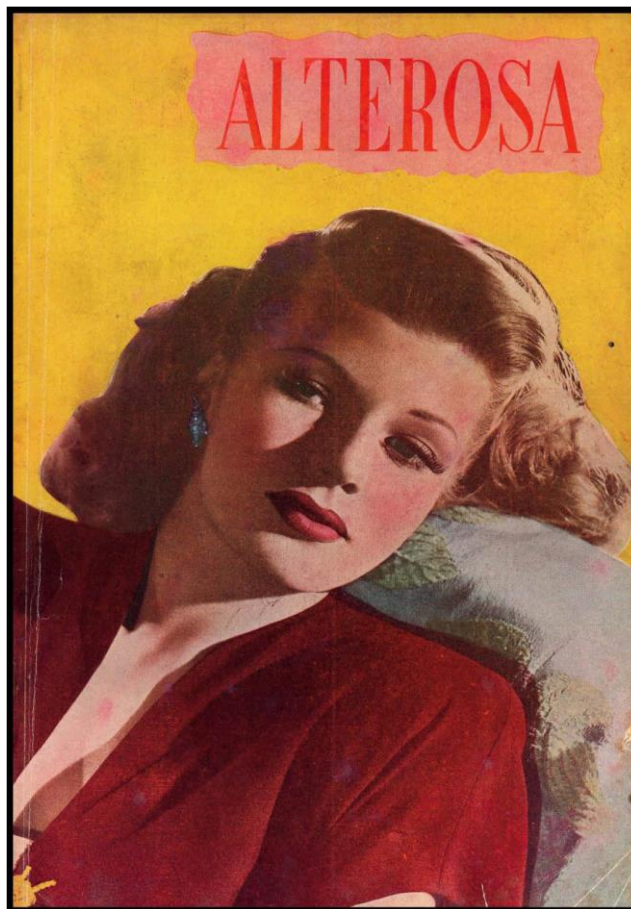
Fonte: ALTEROSA, nº371, [nov] 1963.

Figura 22: Destaque para a fotografia colorida de corpo inteiro de uma figura da sociedade local.



Fonte: ALTEROSA, n.º 39, jul/1943.

Figura 23: Destaque para o recorte da fotografia, o colorido manual e título em duas cores. As fotografias de capa passam a ser, exclusivamente, de atrizes do cinema norte-americano.



Fonte: ALTEROSA, n.º70, fev/1946.

Figura 24: Destaque para a utilização de três cores fortes como fundo para as chamadas das reportagens.



Fonte: ALTEROSA, n.º 316, out/1959.

Figura 25: Destaque para o título incorporado à fotografia com sobreposição de texto e imagem; fotografia de página inteira, sem margens.



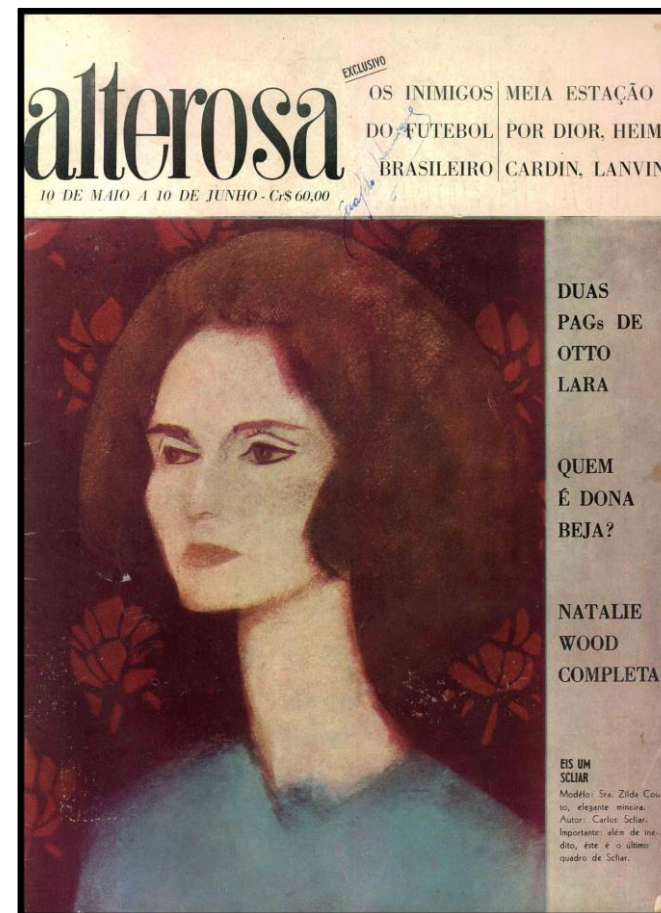
Fonte: ALTEROSA, nº 320, dez/1959.

Figura 26: Destaque para o retorno das fotografias de mulheres brasileiras. Aqui, Maria Tereza Goulart, esposa do então presidente do país. As dimensões da revista dobram em relação às anteriores.



Fonte: ALTEROSA, nº359, nov/1962.

Figura 27: Destaque para o uso de obra artística e com letras mais modernas.



Fonte: ALTEROSA, nº 365, mai/jun 1963.

Como vimos até aqui, ao longo de todo o período estudado, os impressos se constituíram produtos de articulação de interesses entre as elites empresariais e intelectuais e poder político dos grupos envolvidos nos processos de produção. O impresso do tipo revista, se tornou, ao longo do tempo, “veículo por excelência da imprensa feminina”, tanto na forma de apresentação gráfica – materialidade -, quanto na forma como organizava o conteúdo – discurso, intimamente relacionados (CHARTIER, 1988; BUITONI, 1986). Nesse sentido, podemos perceber, nas páginas de uma revista, certas configurações do campo intelectual, das proposições políticas e do projeto cultural pensado para o público ao qual se destina, mas também identificamos as necessárias adaptações para um impresso se manter circulando no mercado. As revistas são um “lugar de memória” (VELLOSO, 2010) de onde podemos extrair relações de sociabilidade, conflitos de interesses e de ideias, entre outros, desde que nosso olhar não assuma, como verdades únicas, o que o impresso traz em suas páginas, mas como representações de mundo.

AS MULHERES DE ALTEROSA: *a valiosa contribuição da inteligência feminina*²⁰.

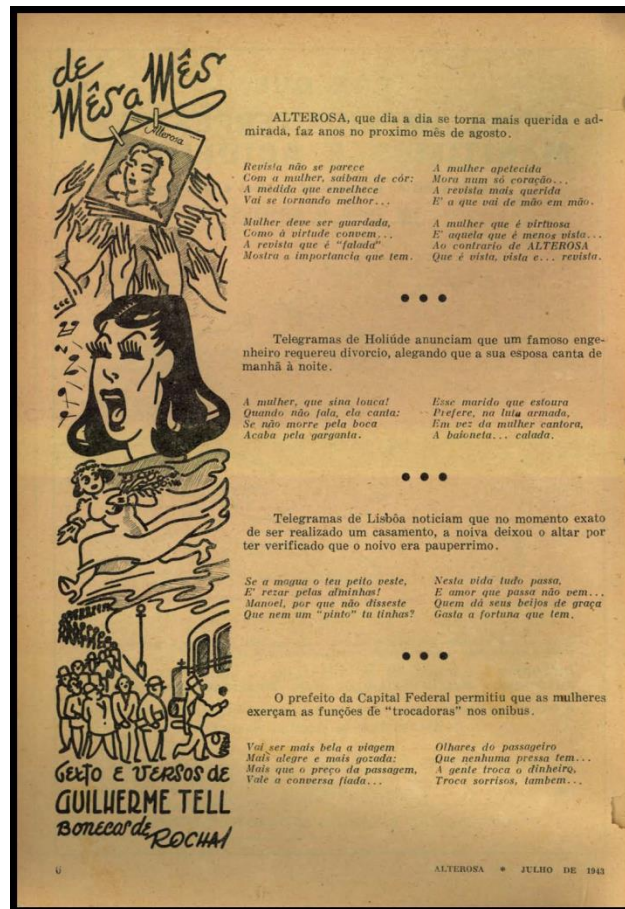
*Revista não se parece
Com a mulher, saibam de cór;
A medida que envelhece
Vai se tornando melhor...
Mulher deve ser guardada,
Como a virtude convem...
A revista que é “falada”
Mostra a importância que tem.
A mulher apeteçada
Mora num só coração...
A revista mais querida
É a que vai de mão em mão.
A mulher que é virtuosa
É aquela que é menos vista...
Ao contrário de ALTEROSA
Que é vista, vista e...revista²¹.*

Os versos da coluna humorística “de mês a mês”, escritas por Guilherme Tell, colaborador frequente de ALTEROSA, fazem uma analogia entre a mulher e a própria revista, que propõe uma identificação do(a) leitor(a)/consumidor(a) com o produto que consome. O texto produzido para homenagear o 4º aniversário da revista mineira, traz uma forma bem-humorada de representar as mulheres, de acordo com os ensinamentos e as normas pensadas para elas, a partir do olhar de quem o escreveu. Essa seção tinha a característica de associar imagens caricaturadas, com palavras em tom humorístico, que visavam divertir as leitoras e os leitores. Esse era um dos formatos utilizados pela revista que registrava a história, perpetuava valores, educava sujeitos. A “mulher apeteçada”, citada acima, era a que comungava juventude, virgindade, monogamia, vida mais restrita ao espaço privado. Essa mulher idealizada e proposta se distinguia da revista, que por sua vez, adquiria importância na medida em que, “de mão em mão”, ampliava sua circulação e tornava-se mais conhecida e popular.

²⁰Título da matéria publicada na edição do 7º aniversário de ALTEROSA, em agosto de 1946, nº77.

²¹ Guilherme Tell. De mês a mês. Revista ALTEROSA, n.39, julho de 1943, p.6.

Figura 28: Coluna de Mês a Mês de Guilherme Tell²².



Fonte: ALTEROSA, nº39, jul/1943, p.6.

Para Michelle Perrot (2012), as pessoas que registram a história representam as mulheres de forma estereotipada. São mulheres imaginadas, não descritas e contadas como são ou como foram. De acordo com a autora, a história se constitui tanto dos acontecimentos, dos fatos sequenciados, das mudanças, das guerras, das permanências, quanto do registro e dos relatos que se faz de tudo isso. Nesse trabalho, nos focamos nos registros e relatos feitos pela revista ALTEROSA, dedicada às famílias e, mais especificamente, à figura central do núcleo familiar, a mulher. Esse padrão de registro da história das mulheres caracteriza o que Perrot (2012) denomina de “dissimetria sexual das fontes²³”, variável e desigual de acordo com as épocas em que os registros foram feitos. São registros que trazem o olhar do homem sobre a mulher, recorrente nas revistas femininas brasileiras. Como a tarefa de produção de jornais e

²² Todos os textos dessa página estão transcritos ao longo do capítulo, por isso optamos por não ampliar a imagem.

²³ PERROT (2012, p.17).

revistas eram consideradas para homens, bem como determinados assuntos tratados pelos impressos periódicos, como política e economia, durante longo tempo os periódicos para mulheres contavam, quase exclusivamente com homens (PERROT, 2012; BUITONI, 1986;). Atentamo-nos para a dimensão sexuada das fontes que mostram distintos modos de ser para mulheres e homens, uma vez que as revistas, mesmo com a rubrica “femininas”, nem sempre eram produzidas pelas mulheres que a demandavam (LUCA, 2012).

Para Dulcília Buitoni (1996) a imprensa feminina, mais enfaticamente que a imprensa em geral, liga-se estreitamente ao momento histórico que demanda sua criação. Segundo Perrot (2012), mais sutilmente que as revistas feministas, os impressos destinados ao público feminino atuaram como promotores de um espaço de expressão das mulheres na imprensa periódica, como confirmam diversas investigações que tiveram periódicos brasileiros “para elas” como objeto de estudos. Os estudos de Marina Maluf e Maria Lúcia Mott (1998), o ritmo acelerado das mudanças ocorridas na sociedade brasileira, nas 3 primeiras décadas do século XX, representava grande preocupação de setores e instituições mais conservadoras, no que diz respeito às mudanças no comportamento feminino. As autoras nos mostram como a pedagogia do casamento e tantos procedimentos e exigências feitas às mulheres em todas as dimensões da vida foram, crescentemente, questionados de variadas formas pelas próprias mulheres. As autoras apontam as revistas femininas como um veículo de marcada importância desse movimento em defesa da participação feminina nas cidades.

De acordo com Elizabeth Abrantes (2013), a imprensa para mulheres se configurou como uma via importante para os debates sobre a educação feminina no século XIX, por se constituir como um meio de comunicação de maior alcance naquele período, que se prolongou até meados do século seguinte. Os jornais, as revistas e os folhetins produzidos para e por mulheres apresentaram, inicialmente, a bandeira da educação escolar. Com a segmentação do mercado, passaram a proliferar impressos com objetivos comerciais de apresentação de novos padrões de consumo de produtos e serviços específicos para mulheres e um estilo de vida urbano, direcionado às classes média e alta. A autora enfatiza, ainda, que a imprensa feminina brasileira desenvolveu um caráter educativo, missionário, que se propunha atuar para além do mero entretenimento e do interesse comercial.

As abordagens “educativas” não eram homogêneas em periódicos de diferentes Estados do país, pois, assim como ALTEROSA, outros impressos também incorporavam os regionalismos brasileiros. Por outro lado, um traço comum apresentado pelos periódicos, era o

tratamento da educação das mulheres como uma preparação para os cuidados com a casa e a família, sendo a instrução formal um acréscimo às habilidades de boa esposa e ao convívio social, ou seja, algo secundário. Principalmente nas famílias mais abastadas, a autora identificou a imagem da mulher ideal associada a uma educação moral ancorada na “delicadeza dos seus gestos, na pureza do seu corpo e alma, na bondade natural e na ignorância dos vícios e dos prazeres mundanos” (ABRANTES, 2013, p.5). Os maridos eram os detentores de conhecimentos relacionados à política, aos negócios, etc. e orientadores das esposas.

No Estado da Bahia, Simone Marinho (2010) tentou compreender os modelos femininos divulgados pelos periódicos destinados às mulheres e produzidos tanto por homens quanto por elas mesmas. A autora concluiu que a imprensa trouxe oportunidades de expressão e afirmação das mulheres como sujeitos autônomos, na medida em que elas trabalhavam para a formação da opinião pública, em um espaço de trabalho conquistado. Ao mesmo tempo em que, como responsáveis pela produção dos impressos, as mulheres possuíam certa liberdade em condenar, aprovar e contestar os modelos que corroboravam com uma dada “condição feminina” limitada socialmente, a autora observou que esse movimento contribuiu com o estabelecimento de estereótipos rígidos para as próprias mulheres. Essa rigidez era expressa na forma de recomendações detalhadas para os cuidados de si e da família, de prescrições de comportamento, de receitas de organização do cotidiano, ordenados a partir de ideias moralizadoras apoiadas na doutrina Católica.

No estudo de Kátia Carvalho (1995) sobre a imprensa carioca, se por um lado “a educação feminina sempre caminhou no rumo traçado pelo homem”, os periódicos produzidos a partir da década de 1920, reconheceram as mulheres como importante agente de mudanças devido à função central atribuída a elas na sociedade brasileira. Aliadas aos primeiros movimentos de reivindicação da melhoria das condições de vida das mulheres, as revistas femininas refletiam seus anseios, satisfaziam temporariamente suas necessidades de expressão, desde que sob o crivo dos homens. A autora destaca que as mulheres passaram a se organizar associativamente, nesse período, reivindicando maior participação na sociedade, de maneira geral. Uma vez que as revistas eram fruto da participação crescente da mulher na sociedade brasileira, dicas de cuidados com a casa e com os filhos, mas também desejos e sentimentos eram compartilhados nas páginas dos impressos.

Assim, o hábito de leitura e a instrução formal foram incentivados pela proliferação de impressos para mulheres, mais enfaticamente nos anos 1920, pois disseminavam pontos de vista

distintos e convidavam à reflexão menos imediata que os jornais diários, por apresentarem uma periodicidade mais longa. Esses impressos funcionavam como um motivo para o encontro, como um incentivo à socialização de ideias e de informações úteis para a vida. Para ter mais assuntos para compartilhar, era preciso ler. Tal movimento incentivou a reivindicação da ampliação do acesso à instrução por parte das mulheres. (CARVALHO, 1995).

Ao publicizar os anseios femininos, as revistas reconheceram que as mulheres eram a “função motriz” das mudanças sociais, porque elas constituíam o núcleo familiar e atuavam na divulgação de ideologias às gerações seguintes. Além disso, a imprensa periódica foi pensada como veículo de mobilização da opinião pública, com objetivo de mudar os modos de pensar dos homens por meio de propagação de ideias que incluía os temas da educação feminina. Assim, um sistema de formação cultural composto por ampla rede de troca de informações úteis se configurou no sentido de informar as mulheres – e às famílias - sobre a saúde, educação, conselhos práticos da vida doméstica, culinária, cuidados com a beleza, relações de trabalho, entre outros. (CARVALHO, 1995; MALUF, MOTT, 1998; PASSERINI, 1991).

Com o avançar das décadas do século XX, diversas revistas se “feminizaram” e ampliaram sua abrangência, bem como sua sutileza na abordagem de assuntos mais íntimos do cotidiano. Mulheres trabalhadoras no domínio privado que dispunham de revistas de novelas, correios sentimentais e outros impressos que falavam da vida sensível e do cotidiano do interior das casas e das famílias, passaram a acessar periódicos que abordavam temas como política e economia pertencentes à esfera pública e indicados para os homens. (A REVISTA NO BRASIL, 2000). As revistas de variedades tornaram possível esse movimento. Na medida em que permitiam ou abarcavam todo tipo de assuntos, mas também eram direcionados a um ou outro público específico.

Outros estudos dos periódicos femininos no Brasil corroboram com a ideia de que a imprensa feminina atuou na educação de mulheres, a partir da divulgação de prescrições, conselhos e formas de tratamento de assuntos considerados femininos. Com discursos pedagógicos, os impressos para mulheres educavam para um “dever ser feminino” (SILVA; ALMEIDA, 2013; VAZ, 2005; ARAS; MARINHO, 2012). Em geral, as revistas femininas procuravam normatizar condutas, orientar comportamentos e traçar limites entre o masculino e o feminino. A imprensa criou uma retórica própria para a educação feminina e criou narrativas normatizadoras, por vezes idealizadas, para regular os espaços sociais dos gêneros. Textos e imagens foram cuidadosamente selecionados e dispostos nas páginas das revistas com o sentido

de educar (SOARES, 2012).

Para Carla Pinsky (2014), as revistas publicadas nos Anos Dourados (1945 a 1964) naturalizaram as desigualdades entre o feminino e o masculino e promoviam valores sociais hegemônicos, sustentados pelas distinções de gênero e relações de poder. Para a autora, as revistas “dialogaram com seu tempo”, mas não tiveram a intenção de “subverter as relações sociais”, que estabelecia uma hierarquia entre os gêneros, mantendo a mulher em posição subordinada ao homem. As revistas, segundo a autora, somente incorporaram determinadas alterações sociais por pressões comerciais, mas não por ideologia. Essa postura radical da autora não foi encontrada em nenhum outro trabalho sobre a imprensa feminina no Brasil ou sobre a relação da imprensa com a educação da mulher. Ao contrário do que a autora defende, vemos traços de uma ideologia que defendia a emancipação feminina que convivia com discursos mais conservadores e patriarcais, mesmo nas revistas comerciais²⁴.

ALTEROSA também trazia um discurso pedagógico e normatizador, que diferenciava homens e mulheres. Entretanto, percebemos que, dentro dos limites possíveis para a época em que foi produzida, a revista mineira permitiu o questionamento dos “modelos rígidos²⁵” para as mulheres. Em ALTEROSA, conviviam discursos como o de Guilherme Tell, conservador e cômico, mas também, longas reportagens sobre o sucesso das mulheres no mercado de trabalho, com tom mais liberal, sem a ênfase nos atributos físicos, pelo contrário, destacando a capacidade intelectual das trabalhadoras²⁶. Apostamos que esse tencionamento constante percebido no discurso de ALTEROSA é fruto do protagonismo de Dona Neide de Miranda e Castro, esposa de Olímpio de mesmo sobrenome e proprietário da revista, como veremos adiante.

Em um discurso mais conservador, os versos de Guilherme Tell defendem que a revista, assim como o homem, deveria ser “falada”, popular, circular no ambiente público, manter boas relações com seus pares, exibir-se e, assim, mostrar sua importância. Para as mulheres, atitudes que se assemelhassem às dos homens, eram mal vistas, imorais, inadequadas e, nessa forma de

²⁴ Enfatizamos aqui as revistas comerciais porque elas “negociavam” de forma mais intencional para agradar o público que as consumia, uma vez que visavam o lucro. Não nos focamos, nesse estudo, nas revistas feministas que traziam uma outra forma de “negociar” os lugares definidos para as mulheres na sociedade. Esse tipo de periódico seguia a linha de defesa de direitos das mulheres, acima de qualquer relação comercial com o público.

²⁵ Expressão utilizada por Carla Bassanezi Pinsky (2014).

²⁶ As mulheres vencem na luta pela vida em ALTEROSA, nº49, mai/1944, p.78 a 81 e 83; O civismo da mulher brasileira em ALTEROSA, nº69, jan/1946, p.96-97; Colaboradoras de ALTEROSA, no exemplar de nº 76, ago/1946, p.178-179. Essas são algumas reportagens ou textos que trouxeram um discurso de valorização de outros atributos ou características da mulher e, não mais, a valorização da beleza e de outros dotes físicos.

discurso, motivo de piada e não um assunto a ser levado a sério. No espaço de única página, o autor constrói versos sobre 4 temas que dizem sobre papéis sociais esperados para homens e mulheres. São eles: o comportamento da mulher e a revista; um pedido de divórcio por um famoso engenheiro; a fuga de uma noiva do altar; permissão para mulheres trabalharem como trocadoras de ônibus. Em cada trecho da seção, identificamos elementos da distinção entre gêneros presente na revista. Vejamos outro trecho da coluna:

Telegramas de Holiúde anunciam que um famoso engenheiro requereu o divórcio, alegando que a sua esposa canta de manhã e à noite.

A mulher, que sina louca!
Quando não fala, ela canta:
Se não morre pela boca
Acaba pela garganta.

Esse marido que estoura
Prefere, na luta armada,
Em vez da mulher cantora,
A baioneta...calada. (ALTEROSA, nº39, jul/1943, p.6.)

O tom cômico utilizado pelo autor sugere que é melhor enfrentar os perigos da guerra ao comportamento indesejado da mulher que contraria a convenção social de falar baixo e pouco. Não é qualquer marido que requer o divórcio, mas um engenheiro, o que atribui certa importância ao homem que rejeita a mulher, por falar demais, se expressar em excesso, não ter os gestos delicados e comedidos como o idealizado para a educação da mulher casada. A contravenção feminina é justificativa para o cancelamento de um casamento por parte do homem, que se desinteressa.

Para as mulheres, o autor sugere que a rejeição de um casamento se dá por vias do interesse financeiro nos bens do marido. O capital disponibilizado pelo marido deveria ser suficiente para as despesas da casa e sustento dos filhos, mas o controle era de responsabilidade das esposas que não deveriam humilhá-los por não terem posses. Como o homem não tem posses, o amor, dado de graça pela mulher, logo acaba. A sugestão de que o casamento deve seguir os preceitos católicos “na riqueza e na pobreza” são assim contrariados.

Telegramas de Lisbôa noticiam que no momento exato de ser realizado um casamento, a noiva deixou o altar por ter verificado que o noivo era paupérrimo.

Se a magua o teu peito veste,
É rezar pelas alminhas!
Manoel, por que não disseste
Que nem um “pinto” tu tinhas?

Nesta vida tudo passa,
E amor que passa não vem...
Quem dá seus beijos de graça
Gasta a fortuna que tem. (ALTEROSA, nº39, jul/1943, p.6.)

No último texto da coluna de humor, a referência à mulher como objeto de desejo sugere que a exposição em demasia no espaço público, pode gerar certa desordem social. Além disso, a ocupação de um posto de trabalho em lugar onde tanta gente circula, como os ônibus, expõe a mulher a olhares e “conversa fiada”, submete-a ao assédio masculino.

O prefeito da Capital Federal permitiu que as mulheres exerçam as funções de “trocadoras” nos ônibus.

Vai ser mais bela a viagem
Mais alegre e mais gozada:
Mais que o preço da passagem,
Vale a conversa fiada...

Olhares do passageiro
Que nenhuma pressa tem...
A gente troca o dinheiro
Troca sorrisos, também... (ALTEROSA, nº39, jul/1943, p.6.)

Em todos os temas apresentados pelo autor, as mulheres têm seus comportamentos denunciados como imorais. Ser velha, além de muito vista em público indicava a exposição exagerada do corpo sem as devidas reservas, não sendo merecedora de respeito. A mulher que irrita o marido por excesso de expressão. Aquelas interessadas somente no dinheiro do marido eram fracas de caráter, pois o ideal era saberem controlar as economias. Finalmente, o fato das mulheres ocuparem funções e postos de trabalho em espaço público reduzia a mulher a objeto.

Carla Pinsky (2014), ao estudar o *Jornal das Moças* (RJ), identificou que o tom cômico de determinadas colunas atuava, de maneira recorrente, como uma forma de controlar atitudes e comportamentos, desaprovando ou autorizando modelos e maneiras de estar em sociedade. O tipo de trabalho e de comportamentos em público, considerados não adequados às mulheres, eram motivo de exposição ao ridículo, de chacota, um convite às risadas. A revista carioca, assim como a mineira ALTEROSA, muitas vezes selecionava o que eram os “assuntos femininos”, tratando-os a partir da perspectiva dos próprios homens, maioria nas equipes de produção. Vemos que ao mobilizar o humor, o discurso que aparece nessa coluna específica de ALTEROSA, pretende educar as mulheres que a leem, normatizando certas condutas e

censurando outros comportamentos que sugeriam emancipação feminina ou “aproximação” entre os modos de ser homem e mulher, porém, parecendo uma mera brincadeira, se propondo a divertir o leitor.

Mas a imprensa feminina não trouxe somente enquadramentos, limitações ou censuras às mulheres. Parece consenso entre pesquisadores das revistas femininas, como vimos anteriormente, que as revistas femininas se legitimaram como espaços de expressão e de emancipação feminina ao longo do século XX. As mulheres se apropriaram dessa parcela da imprensa via assuntos reservados para elas convivendo com outros intelectuais, artistas, trabalhadores da imprensa, entre outros e, paulatinamente, adquiriram mais espaço.

Para Evelyne Sullerot (1963, *Apud* Buitoni, 2009), a história da imprensa feminina se desenvolveu em dois planos: dos deveres e dos direitos. O primeiro inclui os impressos que se focavam na divulgação de modas, estilos e convenções. Eram as revistas que ajudavam as mulheres a viverem da forma como se desejava para elas ou da “maneira como os homens queriam que elas vivessem”. Assim eram os principais jornais de moda e outras publicações mais prescritivas para o “ser mulher”. No plano dos direitos, segundo a autora, estava uma imprensa preocupada com a condição feminina e suas conquistas de direitos. Para ela, a imprensa moderna feminina nasceu da mistura e da herança dessa história. A revista ALTEROSA materializa esse modelo e apresenta, inclusive, posições contraditórias sobre o papel social da mulher, que convivem em exemplares.

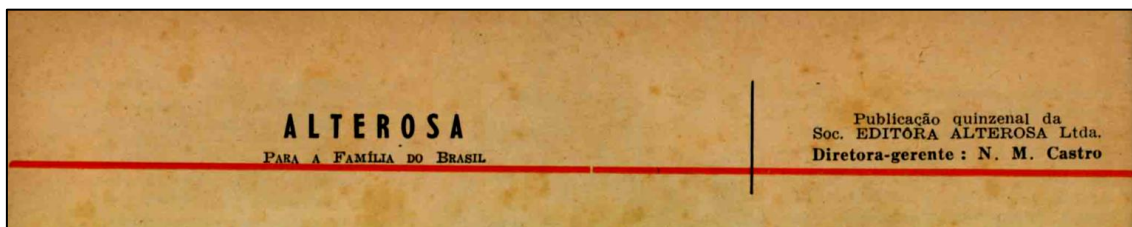
ALTEROSA parecia harmonizar os interesses de diferentes grupos. De um lado, estavam um grupo muito preocupado com o questionamento político e de outro, um grupo que prescrevia as receitas editoriais das revistas comerciais femininas, com anúncios, crescentes matérias sobre as tendências da moda no exterior, recomendações de cuidados com a beleza, conselhos úteis para o cotidiano, cuidados com os filhos e tarefas domésticas. Ao mesmo tempo, ao se referir à mulher, ALTEROSA defendia seu protagonismo social.

Os primeiros anos da revista trazem as fichas editoriais repletas de homens e nenhuma mulher como colaboradora. Porém, em meados da década de 1940, as mulheres passaram a ocupar, de forma crescente, as páginas da revista. Escritoras, correspondentes no exterior, representantes de vendas de assinaturas de ALTEROSA no interior e outras cidades, ganharam espaço. Em diversos exemplares de meados da década de 1950, o nome N. M. Castro aparece como vice-diretora ou diretora-gerente de ALTEROSA. Não foi possível, por longo período de investigação, identificar quem seria essa mulher, que suspeitávamos ser da família do editor-

chefe. Curiosamente, nenhum dos estudos localizados sobre a revista ALTEROSA, mesmo aqueles que dizem da condição da mulher e/ou da participação feminina em impressos, esse tal nome foi mencionado. Não há tampouco menção às mulheres na produção da revista, exceto para aquelas que escreviam seus contos, sendo indicado, por trabalhos acadêmicos, como o único lugar onde elas se expressavam.

Nem mesmo em nota de despedida de Olímpio de Miranda e Castro²⁷ há o nome de sua esposa, apesar do jornalista ter agradecido seu companheirismo, além de ter tecido vários elogios a ela. Entretanto, identificamos poucas páginas depois dessa mesma nota, que se tratava de Dona Neide de Miranda e Castro, que no ano de 1958, assumiu a direção de ALTEROSA, sob o cargo de diretora-gerente, não mais acompanhada do nome de seu marido ou de nenhum outro. Em um olhar desatento, tal fato passa despercebido, mas ele carrega um traço importante para a imprensa mineira, ao ter uma mulher como figura central na produção de um periódico e, como indicam as fontes, na direção da Editora que também comercializava outros produtos impressos.

Figura 29: Recorte de página com nome da diretora-gerente.



Fonte: ALTEROSA, nº301, mar/1959, p.96.

Nesse período, a revista publicou diversos contos de escritoras mineiras, muitas reportagens de mulheres que atuavam como correspondentes no exterior e outras tantas seções como “Conselhos para sua Beleza”, “Bom tom”, “Cartas de Nova York”, “Caixa de segredos”, assinadas pelas colaboradoras. Mas foi mesmo na literatura que as mulheres tiveram maior expressão. Para Claudia Maia (2010), a revista ALTEROSA foi um dos espaços importantes para fazer-se conhecidas as produções femininas, ao mesmo tempo em que divulgava seus ideais. Segundo a autora, os contos literários permitiam que as mulheres se tornassem públicas,

²⁷ ALTEROSA, n.352, abril de 1962, p. 2. Autoria: Olimpio de Miranda e Castro. Seção Leitor Amigo.

e mais que simples objetos da escrita e da produção de sentidos, elas ocupavam a função de articulistas, repórteres ou de quaisquer outros gêneros textuais em que eram autoras²⁸.

Esse quadro se altera com a venda da revista, em 1962, quando a equipe volta a ser composta, principalmente, por homens. Como fundadores aparecem os nomes de Miranda e Castro e N. M. Castro. No novo grupo, sob direção de Roberto Drummond, há a presença de Henfil, Ivan Angelo, e outros jornalistas menos conhecidos no meio, mas integrantes de um grupo intelectual de grande influência na década de 1960. Nessa fase, as colunas que mais sofreram redução foram aquelas dedicadas aos cuidados com o corpo da mulher, conselhos de beleza, culinária e cuidados com os filhos. A coluna de literatura passou a ser um caderno pequeno destacável, como um suplemento literário. Assim, os traços que identificavam a revista como para mulheres foram os suprimidos, apagando essa característica marcante do impresso.

Também houve a alteração do discurso que sugeria um lugar de submissão aos maridos, e de responsabilização pelo insucesso dos filhos e dos companheiros ou pela falência da economia familiar. A revista passou a enfatizar os hobbies femininos e hábitos considerados fúteis como colecionar sapatos, ou itens de maquiagem. Reportagens como “nôvo penteado faz a mulher mais feminina²⁹” com instruções de um cabelereiro que ensinava as mulheres a “usarem a cabeça”. Esse tom dos textos, estavam sempre associados a fotografias de melhor definição, valorizavam a mulher exclusivamente pela aparência. Se tornam mais frequentes com publicações como “Três segredos para não ser solteirona³⁰”, na qual o leitor pode encontrar conselhos de educação direcionados aos pais de meninas, no sentido de fazê-las garantir um bom casamento. Esses conselhos consistem em cuidar bem da aparência e que eles incentivem suas filhas na “batalha de ser bela” e, principalmente, combatendo seus “cravos e espinhas que enfeiam a pele” no período da adolescência. Essa postura, já nos primeiros anos da década de 1960, parece ser um retrocesso no caminho de emancipação da mulher. Por outro lado, parece ter sido uma tendência de segmentação da imprensa nos anos 1960, que passou a ter revistas como *Claúdia* e *Capricho* como específicas para o público feminino. *ALTEROSA* parece ter trilhado outro rumo, tornando-se uma revista com posicionamentos políticos mais marcados,

²⁸ O estudo de Claudia Maia (2010) pesquisou as representações de si e do outro nos contos escritos por mulheres, na revista *ALTEROSA*, ao longo do período. Seu *corpus* documental contou com 54 exemplares, onde identificou a publicação de 97 contos de autoria feminina. A partir desse estudo, temos uma ideia da quantidade de contos escritos por mulheres que foram publicados, o que demonstra o posicionamento da revista na valorização das produções literárias femininas. Outros estudos quantitativos de levantamento das produções de autoria feminina seriam importantes para dimensionarmos essa expressão em relação às outras revistas do gênero, num mesmo período.

²⁹ *ALTEROSA*, nº359, mar/1962, p.36-37.

³⁰ *ALTEROSA*, nº359, mar/1962, p.39-41.

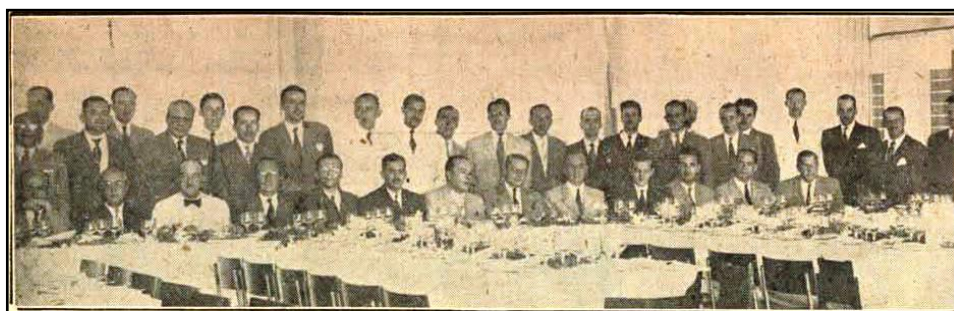
como já dissemos anteriormente.

Voltando aos tempos de Dona Neide, percebemos que a esposa de Olímpio, que tanto contribuiu para o projeto de materialização da revista e de educação da população, teve um papel central nos rumos da publicação. Em sua nota de despedida, o jornalista sugere que a revista era um projeto do casal.

LEITOR AMIGO – Quando há 23 anos passados, empreendi o lançamento desta Revista, eu sonhava – juntamente com minha extremecida espôsa e companheira de lutas e trabalhos, a cuja inteligência, operosidade e devotamento tanto deve o progresso da nossa Editôra – dar a Minas Gerais uma publicação de finalidades construtivas, capaz de contribuir para a constante elevação intelectual e espiritual dos seus leitores. Divertindo, e ao mesmo tempo instruindo e educando, ALTEROSA, em que pezem as falhas naturais em tôda organização humana, tem podido realizar a missão que lhe foi traçada, firmando-se no conceito e na simpatia da melhor sociedade de todo o País como a revista da família brasileira, publicação limpa e escoimada de tudo o que possa prejudicar a boa formação de quantos a distinguem com a sua preferência. Sua projeção ultrapassou mesmo os limites geográficos do Brasil, para alcançar leitores em Portugal e suas colônias, assim como em vários países da Europa, levando a divulgação de nossa cultura e de nossa civilização a muitos povos amigos[...] (ALTEROSA, nº352, abr/1962, s/p)

D. Neide, assim como outras tantas mulheres, foi ganhando espaço em seu local de trabalho, assumindo postos que antes eram somente dos homens. Interessante notar que, Dona Neide nem mesmo aparece na lista daqueles que compareceram ao “banquete” em comemoração do 6º aniversário da revista, no ano de 1945. Entretanto, em 1958, com o nome registrado como “diretora-gerente” da revista, Dona Neide ocupa o centro da fotografia divulgada na reportagem sobre a festa de 20º aniversário de ALTEROSA.

Figura 30: “Flagrante tomado antes do banquete” de comemoração do 6º aniversário da Revista.



Fonte: ALTEROSA, no exemplar de n.65, de setembro de 1945, p.120.

Figura 31: “Djalma Andrade quando pronunciava sua saudação” na comemoração do 6º aniversário da revista.



Fonte: ALTEROSA, no exemplar de n.65, de setembro de 1945, p.120.

Figura 32: Ao centro, Dona Neide de Miranda e Castro; à sua esquerda, Olympio de Miranda e Castro na fotografia do evento de comemoração do 20º aniversário da revista.



Fonte: ALTEROSA na edição de n.315, de out/1959,p.62.

A revista ALTEROSA, ao longo da década de 1940 e, posteriormente, após sua venda em 1962, apresentou visões contraditórias sobre a mulher e papel social. Conviviam tanto posicionamentos mais conservadores que defendiam a permanência da mulher no espaço privado, dedicando-se às atividades da casa e aos cuidados com a família, ao mesmo tempo em que, em outras seções, incentivavam a busca por trabalhos fora de casa, como comércio, escritórios, escolas, hospitais. As mulheres estiveram nas páginas da revista como atrizes, escritoras, pilotas de avião, professoras, mães e donas de casa, trabalhadoras competentes, representantes, correspondentes, consumidoras de produtos de beleza, cozinheiras, universitárias, entre outras funções e representações, fazendo conviver ora uma visão mais conservadora sobre elas, ora um movimento de emancipação da mulher. Por vezes com assuntos mais explícitos e diretos, e outras tantas de maneira mais sutil.

Nesse sentido, os contos foram o gênero textual mais explícito, pois ao tratarem as

temáticas das relações com homens egoístas, da infidelidade masculina, do ciúme, do excesso de tarefas domésticas, da exigência social de submissão ao marido, das tragédias amorosas, as mulheres questionavam seus papéis sociais e convidavam outros leitores e leitoras a acompanharem esse movimento. Ainda em 1944, uma reportagem intitulada “As mulheres vencem na luta pela vida³¹” vemos o incentivo ao trabalho feminino. No texto de Raul Montanhez, enfatiza a “predominância do elemento feminino sobre o masculino” em certas repartições públicas como Ministérios, Correios, Secretarias de Estado, Institutos de Aposentadoria, entre outros. Nos “disputados concursos” exigidos para a ocupação dos cargos, “as mulheres estão se revelando superiores aos seus antagonistas do sexo forte”.

Diversas discussões sobre uma emancipação maior da mulher, por outro lado, ocorreram somente na década de 1960, como o ingresso na Academia Brasileira de Letras. Em primeira edição de 1961, uma leitora de Belo Horizonte teve seu comentário publicado, no qual elogiava escritoras brasileiras e, em especial, os trabalhos de Olga Obry, correspondente no exterior, para a revista ALTEROSA.

Imortalidade para as mulheres

Quero transmitir a essa Redação o meu aplauso pelo brilhantismo com que debateu o problema do ingresso da mulher na Academia Brasileira de Letras. Depois da “enquete” realizada por Jorge Azevedo entre os mais destacados representantes das Letras pátrias, vemos agora, na edição de novembro, esse debate completado com o excelente trabalho de Olga Obry, em Paris, trazendo-nos a palavra dos expoentes da cultura francesa. Com isso, ALTEROSA veio esgotar o assunto e comprovar, de modo indiscutível, a improcedência das alegações de quantos ainda persistem em criar embaraços para o ingresso da mulher nos mais ilustres cenáculos das Letras.

Ficam, assim, destituídos todos os argumentos contrários, cabendo agora à Academia Brasileira de Letras reparar urgentemente a velha injustiça que vem sendo feita às representantes da cultura e da inteligência feminina em nosso país.

Não me parece justo que Dinah Silveira de Queiroz, Cecília Meireles, Lygia Fagundes Teles, Cosette de Alencar, Henriqueta Lisboa, Raquel de Queiroz e tantas outras eminências das nossas Letras, permaneçam fora das Academias, enquanto estas continuam “imortalizando” alguns medalhões de muito menor expressão cultural no País. Helena L. Pereira – Belo Horizonte. (ALTEROSA, nº367, jan/1961, p.4-5).

Ao defender a “imortalidade para as mulheres” a leitora sugere que não há mais o que se discutir sobre a contribuição das produções literárias assinadas pelas mulheres. Diferente de outras revistas ou outras matérias da própria ALTEROSA passou-se a valorizar a inteligência e a capacidade intelectual das mulheres, e não somente a beleza e potencial materno. A

³¹ ALTEROSA, nº49, mai/1944, p.78 a 81 e 83.

valorização da produção intelectual das mulheres ocorria desde os primeiros anos de publicação. No exemplar de n.76, de agosto de 1946, foi publicada em edição especial de aniversário da revista, uma homenagem “ao seletto grupo de colaboradoras” e suas produções literárias. A “homenagem que se impõe como preito de reconhecimento” traz os rostos das mulheres valorizadas por suas produções intelectuais e não por seus atributos físicos.

A contribuição da inteligência feminina para o alevantamento cultural e artístico da literatura universal tem sido valiosíssima. À sensibilidade da mulher devem, aliás, todas as artes, direta ou indiretamente a influência espiritualizadora, pois sua onipresença, como realizadora ou inspiradora, nos domínios do pensamento criador, jamais poderá ser negada, mas, ao contrário, sempre enaltecida, tal a sua luminosidade.

No Brasil, a mulher adquire, através de tôdas as manifestações artísticas, relevos nítidos que a projetam no cenário da inteligência nacional com fulgor incomparável. Justo, portanto, atentarmos na ininterrupta e profícua atividade feminina que vem, pelo menos, caracterizando a nossa literatura, já tão rica de talentosas escritoras.

ALTEROSA tem sido, na medida de suas possibilidades, espelho límpido da inteligência da mulher brasileira, representada por uma plêiade de colaboradores que, através do brilho de suas produções em prosa e verso, lhe vêm emprestando a variada gama de seus talentos expressivos e a fôrça humana e impressiva de seus temperamentos artísticos.

E a espontaneidade dessa co-operação, tão sensibilizadora, quão valiosa e imprescindível, - justifica nesta festiva edição de aniversário, estas páginas, numa floração de fisionomias irradiando simpatia e inteligência. É a homenagem de ALTEROSA ao espírito criador das escritoras e poetizas que vêm contribuindo poderosamente para elevar o conceito do público leitor uma revista que é destinada à família do Brasil. (ALTEROSA, nº 76, ago/1946, p.106-107).

Ao manter um corpo de “colaboradoras assíduas”, ALTEROSA valorizava o trabalho de mulheres e permitia que, por meio da escrita, elas o exercitassem certa liberdade. Maia (2010) identificou que as representações de mulher frágil, passionais, dependentes emocional e financeiramente de seus maridos, se transformam, nos contos escritos por mulheres em mulheres espertas, independentes, responsáveis pelas decisões sobre a própria vida. Os registros dos contos representavam outras mulheres que, de maneiras, mais sutis ou mais explícitas, expressavam suas resistências. Na ficção, havia valores e assumissem, na ficção, o que desejavam ser, a vida que desejavam ter. A homenagem às colaboradoras cita diversos nomes de mulheres, que alertam não serem todas, mas aquelas que contribuíram mais regularmente para a revista. São elas:

Sra. Leandro Dupré – Maria José Dupré, brasileira, escritora; entre as publicações mais famosas está o livro Éramos seis e diversos títulos de literatura infantil como Cachorrinho Samba, A montanha Encantada.

Olga Obry - russa, jornalista, escritora e ilustradora, também foi professora de arte dramática infantil no Rio de Janeiro; escrevia para jornais em Paris, cidade que deixou em 1941, antes da invasão nazista; autora de “Catarina do Brasil – a Índia que descobriu a Europa”.

Lúcia Machado de Almeida – mineira de Santa Luzia; casada com sr. Antônio Joaquim de Almeida, tem três filhos; até o ano desse exemplar da revista, havia publicado três livros para crianças e estava terminando outros dois para a juventude.

Antonieta T.A. Assumpção – natural de Botucatu (SP), escrevia contos com “estudos psicológicos da mulher”; casada com três filhos, era professora no Grupo Escolar de São João de Boa Vista, onde também residia. Publicou, além de contos, livro de literatura para o 2º grau primário e de lendas para a juventude.

Leonor Telles – escritora de crônicas e contos, natural de Recife; funcionária do Ministério de Educação e Saúde no Rio de Janeiro; solteira; publicou livros de contos.

Anita Carvalho – poetiza, mas também escrevia prosa; [...] No ano em que a matéria foi escrita, possuía 3 livros prontos, sendo 2 de poesia e um de contos.

Neyde Joppert – solteira, do Rio de Janeiro, escrevia contos “interessantíssimos” para outras revistas brasileiras; estudava línguas; tinha pronto um livro. [...]

Lourdes G.Silva – romancista, contista e cronista e com trabalhos que refletiam uma “bela sensibilidade artística”; nasceu em Itajubá (MG), residia no Rio onde exercia a profissão de tradutora para várias revistas; já havia publicado livros com seu próprio nome ou sob o pseudônimo de Florence Bernard.

Ilza Montenegro – cultivava prosa e verso; estilo claro e simples; casada com um par de filhos; nasceu em Queluz (SP); professora normalista que deixou a profissão para se dedicar ao lar; não possuía nenhum livro publicado, mas estava preparando um livro de contos e outro de poesias.

Vera Bonetti – contista e cronista; solteira, natural do Distrito Federal onde residia e trabalhava no Instituto dos industriários. Não publicou nenhum livro, mas pensava em editar um livro de crônicas sobre arte e outro sobre histórias infantis. (ALTEROSA, nº76, agosto de 1946, p.106-107).

Figura 33: Artigo "Colaboradoras de Alterosa"

Sra. Leandro Dupré Lúcia Machado de Almeida Olga Obry

Colaboradoras de "Alterosa"

A valiosa contribuição da inteligência feminina ♦
Homenagem que se impõe como preito de reconhecimento

A contribuição da inteligência feminina para o alevantamento cultural e artístico da literatura universal tem sido valiosíssima. A sensibilidade da mulher devem, aliás, todas as artes, direta ou indiretamente, a influência espiritualizadora, pois sua onpre-

sença, como realizadora ou inspiradora, nos domínios do pensamento criador, jamais poderá ser negada, mas, ao contrário, sempre enaltecida, tal a sua luminosidade.

No Brasil, a mulher adquire, através de todas as manifesta-

Antonietta T. A. Assumpção

Anita Carvalho

106

ALTEROSA * AGOSTO DE 1946

Iza Montenegro

Lourdes G. Silva

Vera Bonetti

ções artísticas, relevos nítidos que a projetam no cenário da inteligência nacional com fulgor incomparável. Justo, portanto, atentarmos na ininterrupta e profícua atividade feminina que vem, pelo menos, caracterizando a nossa literatura, já tão rica de talentosas escritoras e poetisas.

ALTEROSA tem sido, na medida de suas possibilidades, espelho límpido da inteligência da mulher brasileira, representada por uma plêiade de colaboradoras que, através do brilho de suas produções em prosa e verso, lhe vêm emprestando a variada gama de seus talentos expressivos e a força humana e impressiva de seus temperamentos artísticos.

E a espontaneidade dessa co- operação, tão sensibilizadora quanto valiosa e imprescindível, — Justifica nesta festiva edição de aniversário, estas páginas, numa floreação de fisionomias irradiantes

simpatia e inteligência. E' a homenagem de ALTEROSA ao espírito criador das escritoras e poetisas que vêm contribuindo poderosamente para elevar ao conhecimento do público leitor uma revista que é destinada à família do Brasil.

Justo é, pois, o prazer com que registramos os nomes das intelectuais que constituem o seleto corpo das colaboradoras assíduas de ALTEROSA. Possíveis omissões não significarão, absolutamente, desaprêço, mas tão somente um lapso natural e humano, mesmo porque não nos seria possível incluir os nomes de todas as escritoras que apenas uma ou duas vezes apareceram em nossas páginas.

SRA. LEANDRO DUPRÉ
A Sra. Leandro Dupré "née" Maria José Dupré, é, na atualidade, a mais lida escritora brasileira. O público consagrou-lhe o

mérito de romancista excepcional esotando as sucessivas edições de seus livros, já alguns traduzidos e um deles já finalizado na Argentina. A grande escritora não tem filhos. Nasceu em São Paulo, onde reside. Cuida de seu lar e de seus livros. Sua bibliografia é a seguinte: "O Romance de Teresa Bernard" "Éramos Seis", "Luz e Sombra" e "Gina". Acaba de lançar, com sucesso, "Os Rodriguez". Sua contribuição para a literatura infantil é também expressiva: "A Ilha Perdida", "Aventura de Vera e Lúcia", "Pingo e Pipoca", "A Montanha Encantada" e "Cachorrinho Samba".

OLGA OBRY

Olga Obry apresenta, na sua personalidade artística, três manifestações: jornalista, escritora e ilustradora. Como jornalista, iniciou sua carreira no "Paris Soir", escrevendo e ilustrando também

(Conclui na pag. 108)

Maria Leticia

Neyde Joppert

Lady Zoffoll

Vera de Melo

ALTEROSA * AGOSTO DE 1946

107

Fonte: ALTEROSA, nº76, agosto de 1946, p.106-107.

A figura da mulher e sua participação na sociedade foram, ao longo de todo o período de circulação do impresso, enfatizadas, debatidas, alteradas. Encontramos diferentes posicionamentos em relação às funções reservadas a elas, aos papéis que deveriam desempenhar, entre outros. Conviviam representações de belas donas de casa, dependentes dos maridos, com mulheres trabalhadoras que se sustentavam e que alcançavam a independência financeira. Nos primeiros anos da revista, a produção literária apareceu como principal via de emancipação feminina. Com a aproximação dos anos 1950, diversos artigos que defendiam outras profissões para a mulher brasileira e que reconheciam a emancipação feminina como necessária, marcavam a posição política da mulher na revista ALTEROSA. Consideramos essas publicações um forte indício do protagonismo de Dona Neide de Miranda e Castro, diretora-gerente da revista, no mesmo período.

Identificamos que as permanências de um discurso conservador que queria manter a mulher no espaço privado do lar e com os cuidados com a família, convivia com outro que valorizava a mulher pelo seu intelecto e sua capacidade de produção no mercado de trabalho – e não pela beleza, funções maternas e potencial para o matrimônio. Por um lado, havia o incentivo para a modernização do estilo de vida das mulheres, pela via do estudo e trabalho, aos moldes de mulheres francesas e norte-americanas. Por outro, as exigências com a educação para o casamento e valorização de informações como o estado civil e a quantidade de filhos permaneceram acompanhando a caracterização dos “perfis de mulher” aceitos. Tal fato nos mostra que alguns papéis, como de esposa e mãe, não eram colocados como opção, mas quase como obrigação. Ser solteira ou não ter filhos era sinônimo de fracasso social. Ter trabalho fora de casa ainda era, em diversos casos, mal visto para a vida da mulher.

ALTEROSA, como um produto da imprensa, marcou presença no mercado concorrido das revistas femininas como um impresso que ensinava lições e educava mulheres, mas que promovia, dentro dos limites de uma época, a emancipação da mulher. Principalmente na primeira fase, a revista encontrou um equilíbrio de antagonismos no que diz respeito à posição da mulher na sociedade. Como as revistas do mesmo gênero, ALTEROSA investiu na educação das mulheres por meio da divulgação de representações, práticas de consumo, práticas corporais, cuidados com o corpo, comportamentos sociais. Suas páginas trouxeram técnicas e pedagogias para serem postas em ação, em um século em que o corpo e os cuidados dedicados a ele adquiriram centralidade.

CAPÍTULO II:

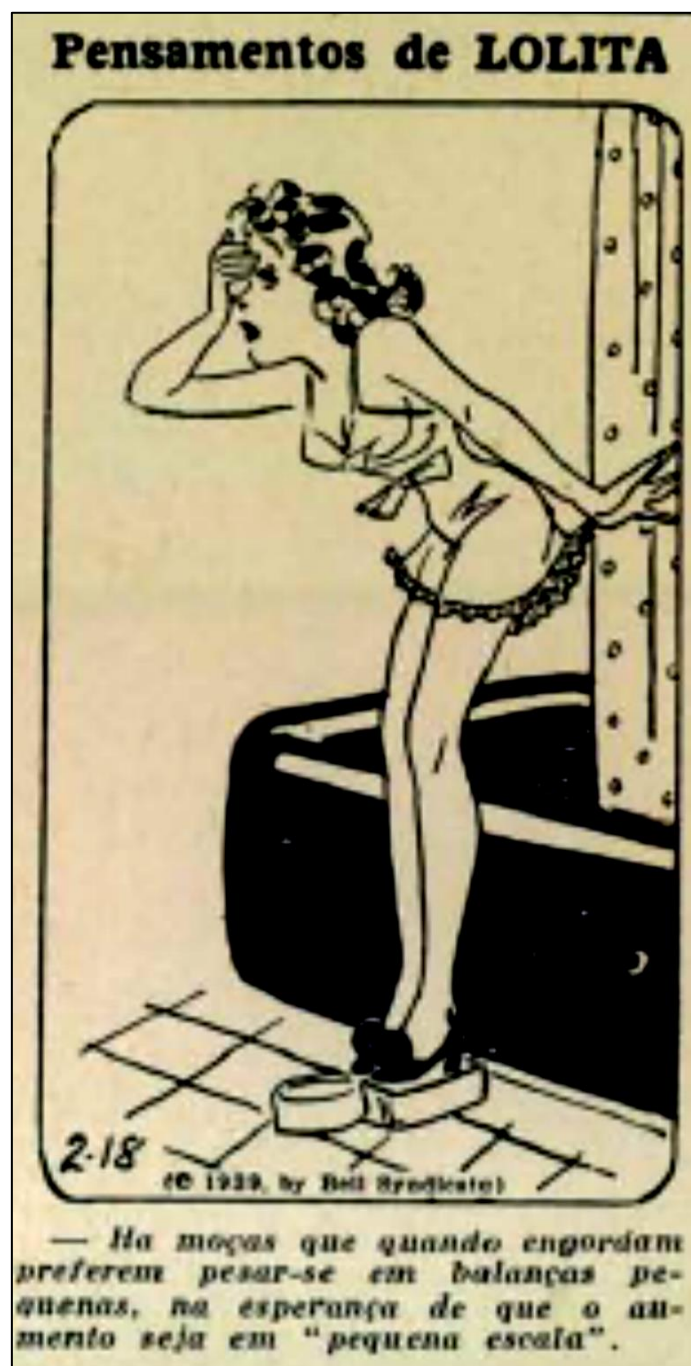
A PEDAGOGIA DIETÉTICA EM IMAGENS E TEXTOS

Figura 34: Silhueta da “mulher moderna que deseja causar devastadora impressão nos homens”.



Fonte: ALTEROSA, nº230, mar/1956, p.26.

Figura 35: Pensamentos de LOLITA.



Fonte: ALTEROSA, n°22, jan/1942, p.41.

Figura 36: Anúncio de drágeas LEANOGIN para tratamento da obesidade.



Seu corpo denuncia sua idade?

Dê a seu corpo a idade de gente moça - Se o seu físico aparenta uma corpulência excessiva que o torna desleigante e lhe diminua a mocidade, urge fazê-lo voltar à proporção normal, por método seguro, racional e científico.

Como? - Com Leanogin, preparado que reúne os hormônios próprios para combater a gordura supérflua e incômoda.

O que é Leanogin - Leanogin é apresentado sob a forma de drágeas, de ação segura e eficaz. Trata-se de um medicamento em cuja composição entram diversos extratos vegetais e animais, além de sulfatos e fosfatos em proporção rigorosamente científica. Exerce uma ação lenta, mas firme.

O tratamento da obesidade com Leanogin - Pressupõe uma dieta auxiliar, metódica e adequada, a qual vem prescrita na bula junto a cada caixa. Em geral, 3 a 5 caixas bastam para emagrecer, sem prejudicar-se. Experimente. Peça Leanogin nas principais farmácias e drogarias, ou diretamente aos Laboratórios Spalt, à rua Alcindo Guanabara, 17/21 - 5.º and. - Rio.

LEANOGIN



★ ★ ★

Fonte: ALTEROSA, nº39, jul/1943, p.41.

Figura 37: Anúncio de Vinho Reconstituente Silva Araújo.



- Desde quando me sinto TÃO BEM?

... AH! DESDE QUE PASSEI A TOMAR VINHO RECONSTITUINTE SILVA ARAUJO!

Readquirira também a boa disposição, a saúde! Comece suas refeições com um cálice de Vinho Reconstituente Silva Araújo! Contém cálcio, quina, fósforo e peptonas! Assim, constitui poderoso combate à fraqueza advinda de sangue pobre, fraco, desnutrido. É receitado há mais de 50 anos pelos nossos maiores médicos!



ATESTA O PROF. HENRIQUE ROXO
Entre as grandes sumidades brasileiras que recomendam Vinho Reconstituente Silva Araújo encontra-se o professor Henrique Roxo, que diz: "Atesto que, há já muitos anos, venho receitando o Vinho Reconstituente Silva Araújo. E atualmente continuo a aplicá-lo em doentes meus, colhendo ótimos resultados".



Vinho Reconstituente
SILVA ARAUJO
O TÔNICO QUE VALE SAÚDE

Fonte: ALTEROSA, nº82, fev/1947, p.52.

Figura 38: Anúncio de Suco de Amoras.



É BEM SIMPLES
O SEGREDO DE
MINHA BELEZA!

EVITO AS TERRIVEIS CON-
SEQUENCIAS DA PRISÃO
DE VENTRE COM O USO DO

SUCO DE AMORAS

O MENOR E MELHOR PUR-
GATIVO SALINO-GAZOSO

Fonte: ALTEROSA, n°40, ago/1943, p.106.

Figura 39: Anúncio de Essencia Passos.



Vae casar-se?

**ENTÃO SERIA, ACONSELHABEL
DEPURAR O SEU SANGUE, PARA AU-
MENTAR A FELICIDADE CONJUGAL.**

**ESSENCIA
PASSOS**

DEPURA E FORTIFICA

É UM PRODUTO
DO LABORATORIO SIAN



Fonte: ALTEROSA, nº31, nov/1942, p.43.

Figura 40: Anúncio do Gynestol, Regulador para a mulher.



A vintage advertisement for Gynestol, a women's health product. The central illustration shows a woman in athletic attire (a tank top with a large 'G' and shorts) running with her arms raised in a gesture of triumph or joy. The background is a simple, light-colored landscape with a horizon line. Below the illustration, the word 'GYNESTOL' is written in large, bold, outlined letters. Underneath it, the word 'REGULADOR' is written in a smaller, solid font. To the right of 'REGULADOR', the text 'GARANTE A SAÚDE E A ALEGRIA DA MULHER!' is written in a smaller font. Below this, the text 'Um produto do LABORATÓRIO CALDEIRA, S.A.' is written in a mix of cursive and bold fonts. At the bottom, the address 'AVENIDA CONTORNO, 3.552 - C. POSTAL. 606 - BELO HORIZONTE' is printed. In the bottom left corner, it says 'ALTEROSA * DEZEMBRO DE 1945' and in the bottom right corner, there is a small number '145'. A signature 'ROCHA' is visible near the bottom right of the illustration.

GYNESTOL
REGULADOR
GARANTE A SAÚDE
E A ALEGRIA DA MULHER!
Um produto do
LABORATÓRIO CALDEIRA, S.A.
AVENIDA CONTORNO, 3.552 - C. POSTAL. 606 - BELO HORIZONTE
ALTEROSA * DEZEMBRO DE 1945

Fonte: ALTEROSA, nº68, dez/1945, p.165.

**AVISO DA CIÊNCIA: DIETA RACIONAL, CHAVE PARA UMA VIDA
SAUDÁVEL E FELIZ²⁵.**

O processo de **medicalização** da vida e do corpo marcou o século XX de maneira sistemática e prescritiva sem precedentes na história. Foi nesse século que o discurso médico passou a regular os “atos ordinários da vida²⁶”, por meio de determinação de regras de comportamento e da normatização das práticas rotineiras, na censura de certos prazeres, entre outras ações, que alteraram o modo de vida em sociedade. Segundo Anne Marie Moulin (2009), as prescrições médicas se conjugaram em uma complexa “rede de recomendações”²⁷ orientadoras dos cuidados com o corpo, para a aquisição ou para a manutenção de um estado de saúde. Sob essa justificativa, a área médica se dedicou à elaboração de prescrições rigorosas que adentraram as casas pela via dos meios de comunicação disponíveis, inclusive, os meios impressos como as revistas femininas.

Como pontua Ory (2009), a expansão da vida nos centros urbanos também pressupunha um modo de ser no mundo que rompesse com a ordenação dos modelos rurais. As cidades e suas regiões periféricas foram impulsionados a modificar profundamente suas maneiras e comportamentos tornando-os cada vez mais ocidentalizados. Os efeitos desses deslocamentos de valores refletiram nas formas de representação do corpo e nas práticas corporais, que passaram a ser influenciados fortemente pela expansão da cultura científica, capaz de intervir mecânica e quimicamente nos corpos. Nesse sentido, nos lembra o autor que o considerável aumento da expectativa de vida, ao longo do século XX, determinou novas formas de se relacionar com o tempo e os espaços, criando uma cultura do lazer preocupada com a ocupação “adequada” do tempo do não trabalho. Os cuidados sistemáticos com o corpo estavam entre as ocupações recomendadas por cientistas e médicos para o tempo livre.

²⁵ALTEROSA, nº263, ago/1957, p.26-27. Você vale pelo que come? Autoria: ThyraSamter Winslow.

²⁶MOULIN (2009)

²⁷Idem.

Tal conjuntura cultural de expansão do discurso científico pesou sobre uma ordenação dos corpos submetidos a inúmeras determinações, desde as mais intelectuais às mais materiais. Nesse cenário, a vulgarização de informações técnicas, de valores morais e de distintas representações sobre os corpos foram mediadas pela imprensa e fortemente enfatizadas pela publicidade. O corpo passou a ser submetido a diferentes tipos de provação, como a exibição social, a avaliação das formas e a mensuração das gorduras, para citar algumas. (ORY, 2009; VIGARELLO, 2009). A literatura, os romances, os filmes, as emissões de rádio, as revistas femininas, os impressos especializados, os manuais de beleza, a literatura médica mais popularizada, foram responsáveis pela vulgarização científica dos conhecimentos referentes aos investimentos sobre o corpo e pela cultura do cuidado – dietético, cosmético, atlético/plástico - e do tratamento – regular, corrigir, disfarçar problemas orgânicos, anatômicos ou estéticos. (ORY, 2009; SANT’ANNA, 1995).

As intervenções da área médica apostaram na transparência do corpo, materializada em procedimentos e ações de exploração de suas possibilidades ao limite mais interno, mais profundo. A área da saúde investiu na educação dos sujeitos visando dotá-los de informações e de conhecimentos suficientes para tornarem-se “médicos de si mesmos”. Cada sujeito deveria ser capaz de decidir sobre as necessidades dos seus cuidados, balizados pelas intensas e constantes intervenções médicas, ora mais invasivas - como a ingestão de medicamentos e com as cirurgias -, ora mais superficiais, com prescrições de cremes de tratamento e massagens terapêuticas (MOULIN, 2009).

Nesse capítulo, nos focamos na **dietética**, uma categoria de investimento sobre o corpo que diz sobre a necessidade de conhecer e controlar minuciosamente a ingesta de alimentos, uma noção apresentada por Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2002)²⁸. Optamos por trabalhar com uma noção ampliada da dietética proposta pela autora, que inclui a ingestão de quaisquer produtos destinados à regulação das funções do corpo, sejam elas biológicas, químicas ou comportamentais, tendo como fonte o discurso da revista ALTEROSA. Tais produtos

²⁸ Essa categoria de investimento sobre o corpo também é citada por Ory (2009).

condicionavam o sucesso pessoal e/ou profissional à ingestão de fórmulas e compostos específicos para cada sistema orgânico, fazendo acreditar que o corpo, assim como uma máquina, precisava ser constantemente regulado, lubrificado e desentupido. Em diversos casos, os produtos eram diferentes para homens e mulheres e prometiam atender às necessidades de cada um, mas que acima de tudo, marcavam a diferenciação entre os gêneros. Tal categoria abarca ainda a preocupação recorrente com os elementos que compõem cada tipo de alimento e suas consequências para o corpo da mulher que, de acordo com Ory (2009), foi o corpo que em primeira linha representou o século XX e, por isso mesmo, o mais exigido pelas pedagogias corporais.

No capítulo que se segue, veremos como a dietética apresenta-se como uma pedagogia difusa que intervinha no controle dos ritmos do corpo e da vida, a partir de duas vias principais: a do controle *in natura* da ingesta, que consiste na preocupação persistente com qualidade e as quantidades de alimento; a sintética, que diz respeito à ingestão de substâncias ou fórmulas reguladoras das funções do organismo. Analisamos como o discurso médico-científico sustentou a paulatina sistematização das dietas e regimes que se complexificaram e se refinaram em formas de intervir em cada sistema orgânico, acompanhando os progressos da ciência e da tecnologia. Pontuamos ainda, como outras áreas do conhecimento se associaram a essa pedagogia dietética, no sentido de condicionar a beleza e a felicidade à busca constante de um estado de saúde ideal.

A BELEZA é a suprema aspiração da mulher. A mulher moderna submete-se a tôdas as prescrições científicas na esperança de alcançar a harmonia que a tornará diferente... Porque a ambição feminina é a originalidade, na beleza das linhas físicas, cujo equilíbrio reside na saúde³⁰.

Em um exemplar de ALTEROSA³¹, publicado em 1953, a reportagem intitulada “A História de Annette Kellerman”, trouxe relatos de episódios da vida da “nadadora que popularizou o maiô de uma peça”, ainda nos primeiros anos do século XX³². Dentro dos limites possíveis para sua época, Annette foi uma mulher que defendeu a participação feminina em diferentes espaços sociais, em um período em que o protagonismo feminino não era sempre bem visto. Ela causou espanto ao nadar em águas norte-americanas, em 1907, com uma peça de roupa menor do que aquelas permitidas, com braços e pernas expostos, o que lhe rendeu uma prisão por “atentado ao pudor”³³. Importa-nos destacar que Annette apareceu em reportagem da revista ALTEROSA como modelo de mulher que representa o século XX: atlética, saudável, bela. Nos chama a atenção esse texto específico porque ele trouxe o estilo de vida da nadadora como modelo a ser seguido, que nos dá pistas sobre o que era uma educação para a saúde e o bem viver das mulheres, a partir do discurso da revista ALTEROSA.

²⁹ ALTEROSA, nº253, mar/1957, p.78-80, 123 e 125. Emagreça para ter saúde, beleza e Juventude.

³⁰ ALTEROSA, nº73, mai/1946, p.72. Os 10 mandamentos da Beleza.

³¹ Idem.

³² Na ocasião, a reportagem divulgava um filme sobre a vida da também atriz, escritora, intitulado “MillionDolarMermaid” ou “A rainha do Mar”, na versão brasileira.

³³ Para saber mais sobre a história de Annette Kellerman, recomendo a leitura de: (1) DES, Christine Schmidt M. Second Skin: Annette Kellerman, the modern swimsuit, and an Australian contribution to global fashion. Tese de doutorado em Filosofia. Austrália: Queensland University of Technology, 2008. (2) Great Queensland Women of our past: Annette Kellerman. Disponível em: <https://www.qld.gov.au/about/about-queensland/history/women/assets/annette-kellerman-biography.pdf>. (último acesso em 15/08/2016). (3) Annette Kellerman – the modern swimmer for modern women. Disponível em: <http://www.australia.gov.au/about-australia/australian-story/annette-kellerman> (último acesso em 15/08/2016).

Na reportagem, o destaque foi dado ao “programa para a saúde e a felicidade” da nadadora que compartilhou, com o relato de sua experiência de vida, suas rotinas e escolhas para os cuidados com a própria saúde. Merecedor de uma “película” em Hollywood, o estilo de vida de Annette foi um modelo incorporado de educação e disciplina, que permitiu que ela chegasse aos 64 anos com saúde e com o sentimento da juventude. Em um trecho da reportagem ela declara:

Atualmente, mais do que nunca, é de suma importância vital nós nos esquecermos das rugas. Ninguém pode deixar de envelhecer, mas não há desculpa para **sentir-se velho**. Em minha vida, a saúde tem sido o **regime** número um. Vale a pena até **sacrificar-se**, traçando para isso um **programa**, com o qual a gente logo se habitua. Neste particular, nada é mais importante que a **dieta**. Um “menu” bem organizado promove um **equilíbrio perfeito** entre a saúde do corpo e a côr da pele. Naturalmente, isto requer muita **disciplina**. De vez em quando, um prato rico pode despertar o nosso apetite, mas não devemos ser dominados pelos desejos de provar tôdas as receitas de luxo. Eu sempre achei melhor tomar cinco pequenas refeições por dia do que usar, em larga escala, as habituais e costumeiras. Se alguém desejar tomar apenas uma refeição por dia deverá fazê-lo à tarde e nunca à noite. Ir para a cama com o estômago cheio é inconveniente, como já provaram os entendidos, que atribuem o pesadelo, entre outras coisas, a êsse fator.

Igualmente importante é **um programa para a boa maneira de viver**, principalmente no que diz respeito às posições de cada instante, corrigindo, com exercícios, os defeitos ao dormir e ao andar. Eu pratiquei exercícios durante tôda a minha vida. Mesmo hoje, não é difícil eu acordar às seis da manhã e ensaiar alguns passos de “ballet”, o que seria impraticável para alguém que, em minha idade (64 anos), não estivesse acostumado a um **programa de saúde**. [...]

Um dos **melhores exercícios** para o homem e a mulher é caminhar. Esqueça-se de que tem um carro (se o tiver naturalmente) e dê algumas caminhadas, dispensando o automóvel para ir ao mercado ou ao açougueiro. Nessas ocasiões, mantenha a cabeça erguida e respire profundamente. Ande sempre com uma finalidade e isto lhe fará um grande bem. (ALTEROSA, nº164, jun/1953, p. 26-28, grifos nossos).

Regime, programa, dieta, equilíbrio perfeito, disciplina; necessidade de sacrificar-se para conseguir uma boa maneira de viver. Essas são palavras e expressões presentes na fala da nadadora, que orientaram as pedagogias sobre os corpos femininos ao longo de todo o período

de publicação da revista ALTEROSA. Condenava-se a vida desregrada e marcada pelos excessos alimentares, pelos desequilíbrios de posturas, pela falta de exercício corporais e pela indolência, porque essas características afastavam a possibilidade de se ter saúde. Promovia-se o sacrifício para alcançar um estado de saúde e de beleza, uma vez que a beleza era considerada consequência - e também indício – do estado de saúde.

Mulheres públicas, como Annette, desdobravam-se em prescrições para outras mulheres afim de convencê-las de que os cuidados com a saúde eram indispensáveis à vida. Principalmente quando direcionados às mulheres, os cuidados com a saúde e a beleza não deixaram de ser considerados como dons naturais e, como disse a nadadora, eram fruto de disciplina, de controle dos desejos e da adoção de regimes. Pelo uso de linguagem simples e carregada de um tom de conversa entre amigas, essa senhora ativa, com disposição para ensaiar exercícios de balé às 6 horas da manhã, denunciou como o uso confortável do carro, um símbolo da vida moderna e de status social, poderia representar uma ameaça à “plástica feminina”.

Na história da nadadora, identificamos diversos elementos que compõem uma educação do corpo feminino cercado de intervenções bastante direcionadas em seus objetivos. Como vimos, o foco do seu relato de vida foi a valorização dos seus programas de saúde e “de boa maneira de viver”, que a permitiram envelhecer sem “sentir-se velha”. Ela fez recomendações aos leitores e leitoras, que dizem respeito à dieta, à prática de exercícios e à manutenção da saúde. Também deixou claro que seus conhecimentos sobre esses assuntos foram adquiridos ao longo de uma vida disciplinada que exigiu sacrifícios e adequação de práticas cotidianas.

Os conselhos dessa mulher-modelo se alongam por três páginas da revista ALTEROSA, em formato de fotorreportagem, e terminam com alguns dizeres sobre a ciência e a saúde, além de como essas estão vinculadas à felicidade:

Nos últimos dez anos a ciência descobriu muitas coisas para conservar a saúde. Vitaminas e minerais são fatores importantes para manter o corpo sadio e ninguém deseja mais do que isso. [...] Uma das maiores glórias de minha vida é a saúde e o prazer de ter auxiliado milhares de pessoas a permanecerem jovens. E deixem-me repetir mais uma vez: esqueçam-se dos anos, porque **as pessoas sadias são as mais felizes**. O mundo está sempre mudando. Cada década traz novas maravilhas da ciência.

E se você fôr jovem de corpo e de espírito, os anos só poderão ter um significado: o de encantadora aventura. Que mais podemos desejar? (ALTEROSA, nº164, jun/1953, p. 27-28).

As palavras de Annette Kellermann os apresentam um discurso menos prescritivo, mas não menos educativo, em relação às outras reportagens da revista ALTEROSA que prescreveram dietas quantificadas. Como ela mesma diz, “O mundo está sempre mudando. Cada década traz novas maravilhas da ciência”, o que corresponde a atualização constante desses discursos científicos e das pedagogias sobre os corpos. Assim, a atriz e nadadora, nos expôs uma série de elementos que evidenciam a educação dos corpos a partir de 3 formas de intervenção – a dietética, a atlética e a cosmética³⁴, que temos perseguido nesse trabalho.

Tais intervenções, organizadas em uma série de sistematizações e prescrições, se configuraram enquanto pedagogias para o corpo sustentadas fortemente pelo discurso médico-científico. Essas pedagogias aparecem na revista ALTEROSA sob diversos formatos: de prescrições médicas, de conselhos de uma mulher para outra, de reportagens repletas de informações científicas ou apresentaram-se em anúncios de produtos. A efetivação dessas pedagogias era consagrada pela apropriação do saber técnico e científico, como vimos nos relatos da atleta, e a partir de ações individuais do cuidado de si mesmo, fruto de aprendizados proporcionados pela insistência dos discursos prescritivos.

³⁴ SANT’ANNA (2002).

Em junho de 1946, foi publicada a nota “CONSELHOS ÀS MULHERES GORDAS” na revista ALTEROSA, em letras maiúsculas, como para chamar a atenção de quem lia. Aconselhava a nota:

Procure um médico e lhe peça uma dieta que deverá ser seguida exatamente, caso não prejudique sua saúde.

Lembre-se de que deverá comer para viver e não viver para comer.

Lembre-se sempre que a obesidade nunca poderá tirar a nuvem que empana o brilho da sua felicidade.

Tenha em mente o corpo que desejaria ter e pense que na vida há coisas muito mais importantes que as guloseimas.

Para que não perca sua felicidade, faça desde já alguma coisa para o seu próprio bem.

Se você necessita realmente de uma silhueta mais esbelta comece desde já, sem esmorecimento, a lutar pelo seu ideal.

Não tente se desculpar dizendo que é gorda por natureza.

Não diga que não tem importância o comer demasiado. Isso é prejudicial. Quanto mais se come, mais se engorda.

Não se desculpe dizendo que sua gordura é proveniente do mau funcionamento das glândulas, porque há diversos médicos que podem curar este mal.

Não deixe de se alimentar, mas o faça com moderação.

Não se esqueça que de você pode depender a sua felicidade conjugal.

(ALTEROSA, nº74, jun/1946, p.49, grifos nossos).

Os conselhos dessa nota têm um tom imperativo que prescreve comportamentos, ora positivos e de incentivo a certas ações – “procure um médico”, “lembre-se de [...] comer”, “tenha em mente” – ora negativos e de censura a qualquer ação contrária aos primeiros – “não tente se desculpar”, “não diga”, “não se desculpe”, “não se esqueça”. Entre eles, apresenta duas frases que responsabilizam, individualmente, cada uma das leitoras da nota. A primeira aconselha que a leitora faça algo para o **seu** próprio bem, se não quiser perder a **sua** felicidade.

³⁵ ALTEROSA, nº74, jun/1946, p.49. Nota avulsa.

A segunda faz a leitora pensar que se há necessidade de uma “silhueta mais esbelta” a saída é “lutar pelo **seu** ideal”.

A nota não nos permite identificar, precisamente, quais mulheres seriam as merecedoras desses conselhos. Não há especificação do peso ou das medidas corporais das mulheres consideradas gordas. A nota também não estabelece um padrão da forma corporal gorda. Para a leitora da revista ALTEROSA, ou mesmo de outras revistas femininas de um mesmo período, essa identificação seria mais precisa, por serem acompanhadas da divulgação constante de imagens de corpos de mulheres esguias, misses, atrizes e atletas, para citar algumas, consideradas portadoras da “forma corporal ideal”. A subjetividade na definição desses padrões pela ausência de critérios numéricos, gerava um estado de vigilância constante de si e do outro e uma insegurança na avaliação da própria condição corporal.

Nas primeiras décadas do século XX, os instrumentos de medição ainda não faziam parte do cotidiano das casas, como balanças e fitas métricas. As balanças eram propriedade dos consultórios médicos, pois as farmácias também não as possuíam. As fitas métricas eram os instrumentos de trabalho de alfaiates e costureiras mais preocupados com a adequação dos tamanhos das peças de roupa do que com a medição de gordura de um corpo (ORY, 2009; VIGARELLO, 2009; SANT’ANNA, 2010; SANT’ANNA, 2016). A identificação de um corpo gordo nas imagens das revistas estava associada a presença de um ventre avantajado ou ao excesso de curvas, em comparação com as silhuetas delgadas (Fig. 34).

Saúde e beleza foram medidas, inicialmente, pelo tamanho do ventre, pela cintura fina exigida e alcançada via emagrecimento, com recursos das cintas e cintos ou mesmo de ginásticas específicas. Na revista ALTEROSA, moças belas e saudáveis não possuíam ventres redondos ou protuberantes, com formas que se aproximavam das “silhuetas vitorianas”³⁶ ou da “linha sereia”³⁷, representadas por curvas sensuais no corpo da mulher. De acordo com

³⁶ ALTEROSA, nº111, jul/1949, p.96-97. Seção: Moda.

³⁷ Idem.

Sant'Anna (2016), a moda investia em “afinar e tonificar toda a parte mediana do corpo”, enquanto a propaganda contribuía para a desvalorização das silhuetas gorduchas. A imprensa feminina propagava os modelos de cintura apertada e ventre contido, além de outras possibilidades para a modelagem, como ginásticas e dietas específicas para afinar a cintura (SANT'ANNA, 2014).

Essas táticas de coerção sobre a carne, de acordo com Vigarello (2009, p.14), são resultado da “insensível precisão do julgamento sobre as curvas corporais e sua inflexão” que marcou a história do gordo. Para o autor, as diferentes maneiras elaboradas e sistematizadas para a manutenção do peso, ou a luta contra a gordura, premiaram essa coerção dos corpos que deveriam obedecer às “manipulações materiais mais exageradas, como se tivessem que ceder aos apertos mais cerrados”. Nesse sentido, o corpo é visto como um “objeto maleável” e submisso às correções mecânicas. (VIGARELLO, 2009).

A determinação numérica do peso, seu cálculo sistemático e a definição de padrões para o gordo e o não gordo, ou mesmo de padrões intermediários, só se tornou possível pelo crescente “agudização do olhar”, ao longo de todo o século XX (VIGARELLO, 2009). A diferenciação das formas e anatomias do corpo precisavam passar pelo crivo do olhar do outro e do próprio olhar, que avaliava minuciosamente as formas. O peso ideal não foi o padrão regulador da corpulência, por longo tempo, devido aos indicadores que ainda não eram tão precisos em critérios numéricos, mas que, em meados dos anos 1950, já apareciam em artigos e seções de saúde. Para Vigarello, (2009), a avaliação da forma do corpo pelo olhar treinado se tornou infinitamente mais precisa e exigente, na medida em que aparelhos medidores e espelhos adentraram o espaço doméstico. O cálculo mais sistemático do peso ideal, segundo o autor, “acompanha uma visão sempre mais industriosa dos corpos e das anatomias”.

A importância de medidores, como a balança, apareceu como recomendação na seção Bazar Feminino, em publicação de 1949, intitulada “Mantenha seu pêso normal”³⁸, onde

³⁸ ALTEROSA, nº111, jul/1949, p.111 e 51.

alguma referência numérica de padrões de peso começa a aparecer. Diz a nota: “A primeira providência que devemos tomar, se formos propensas a mudar de pêso, é ter uma balança no banheiro e pesar-nos todos os dias, sem roupa, para exata verificação do nosso pêso”³⁹. Apesar dessa presença das balanças nos espaços privados ter ganhado popularidade somente na década de 1960, no Brasil, a preocupação com a variação e a adequação do peso do corpo a um “peso normal” ou “ideal”, já preocupava as brasileiras há algumas décadas (SANT’ANNA, 2010).

Figura 41: Artigo intitulado “Mantenha o seu pêso normal”.

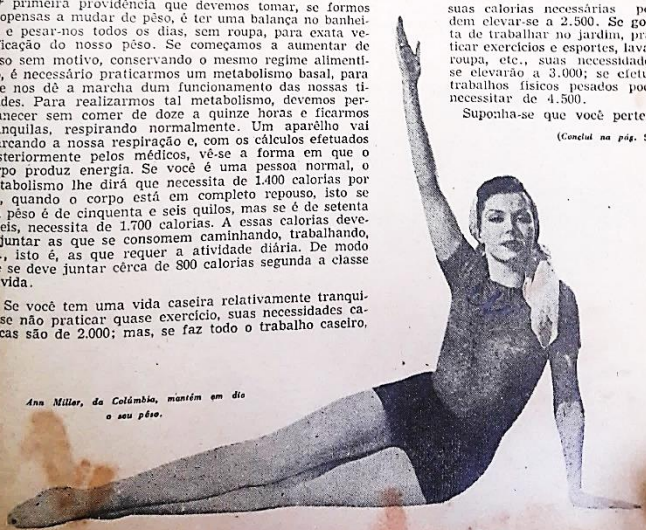
Mantenha o seu pêso normal

A primeira providência que devemos tomar, se formos propensas a mudar de pêso, é ter uma balança no banheiro e pesar-nos todos os dias, sem roupa, para exata verificação do nosso pêso. Se começamos a aumentar de pêso sem motivo, conservando o mesmo regime alimentício, é necessário praticarmos um metabolismo basal, para que nos dê a marcha dum funcionamento das nossas tiróides. Para realizarmos tal metabolismo, devemos permanecer sem comer de doze a quinze horas e ficarmos tranquilas, respirando normalmente. Um aparelho vai marcando a nossa respiração e, com os cálculos efetuados posteriormente pelos médicos, vê-se a forma em que o corpo produz energia. Se você é uma pessoa normal, o metabolismo lhe dirá que necessita de 1.400 calorias por dia, quando o corpo está em completo repouso, isto se seu pêso é de cinquenta e seis quilos; mas se é de setenta e seis, necessita de 1.700 calorias. A essas calorias deve-se juntar as que se consomem caminhando, trabalhando, etc., isto é, as que requer a atividade diária. De modo que se deve juntar cerca de 800 calorias segunda a classe de vida.

Se você tem uma vida caseira relativamente tranquila, se não praticar quase exercício, suas necessidades calóricas são de 2.000; mas, se faz todo o trabalho caseiro, suas calorias necessárias podem elevar-se a 2.500. Se gosta de trabalhar no jardim, praticar exercícios e esportes, lavar roupa, etc., suas necessidades se elevarão a 3.000; se efetua trabalhos físicos pesados pode necessitar de 4.500.

Suponha-se que você pertença:

(Conclui na pág. 51)



Ann Miller, da Colúmbia, mantém em dia o seu pêso.

Fonte: ALTEROSA, nº111, jul/1949, p.111 e 51.

A mesma nota é acompanhada de outra noção para o entendimento do que contribui para um corpo ser gordo, ou seja, a “forma em que o corpo produz energia” ou “metabolismo basal”.

Se começarmos a aumentar de pêso sem motivo, conservando o mesmo regime alimentício, é necessário praticarmos um metabolismo basal, para que nos dê a marcha dum funcionamento das nossas tiróides. Para realizarmos tal metabolismo, devemos permanecer sem comer de doze a quinze horas e ficarmos tranquilas, respirando

³⁹ Idem.

normalmente. Um aparelho vai marcando a nossa respiração e, com cálculos efetuados posteriormente pelos médicos, vê-se a forma em que o metabolismo lhe dirá que necessita de 1.400 calorias por dia, quando o corpo está em completo repouso, isso se seu pêso é de cinquenta e seis quilos, mas se é de setenta e seis, necessita de 1700 calorias. A essas calorias deve-se juntar as que se consomem caminhando, trabalhando, etc., isto é, as que requer a atividade diária. De modo que se deve juntar cerca de 800 calorias segundo a classe de vida[...] (Alterosa, nº111, jul/1949, p.111).

O peso normal aparece associado a quantidade de calorias ingeridas em uma dieta programada e racional, prescrita na nota. A noção de “corpo energético”⁴⁰, que queima calorias, aparece já bem definida. O artigo traz o conceito de metabolismo basal e indicação das necessidades energéticas medidas por aparelhos e cálculos médicos. Outras noções importantes, que nos indicam a especialização crescente das prescrições dietéticas, são a noção de consumo e a de gasto energético. Essas noções também propõem a individualização na prescrição da quantidade de calorias ingeridas, que deveria variar em função do peso corporal e das atividades diárias. O foco dessa nota foi enfatizar a relação do consumo calórico com o exercício físico e energia gasta com as atividades cotidianas.

[...] se você tem uma vida caseira relativamente tranquila, se não praticar quase exercício, suas necessidades calóricas são de 2.000; mas se faz todo o trabalho caseiro, suas calorias necessárias podem elevar-se a 2.500. se gosta de trabalhar no jardim, praticar exercícios e esportes, lavar roupa, etc., suas necessidades se elevarão a 3.000; se efetua trabalhos físicos pesados pode necessitar de 4.500. (Alterosa, nº111, jul/1949, p.111).

Uma tendência na pedagogia dietética que merece destaque nessa nota é a valorização do esforço feminino na realização das tarefas domésticas, em alguns casos, intercalados com as atividades do trabalho fora de casa. Como observou SANT’ANNA (2010), o cotidiano das mulheres exigia o desenvolvimento de força física e disposição. Elas precisavam provar, a todo momento, que possuíam a condição corporal para corresponder às exigências domésticas, como

⁴⁰ Sant’Anna (2016, p.41)

varrer, lavar roupas, trabalhar do jardim, cuidar das crianças e outros trabalhos mais pesados, que exigiam maior esforço físico.

A linguagem técnica passou a ocupar as notícias, reportagens e seções de cuidados com o corpo relacionados a manutenção do peso ou perda de alguns quilos. Toda uma rede de conceitos e termos científicos eram explicados para as leitoras no sentido de muní-las de informações suficientes para a autogestão do peso e da saúde. A noção de balanço calórico é um exemplo do que apareceu detalhado na continuação da nota:

[...]. Suponha-se que você pertence ao tipo que necessita de 2.500 calorias, reste 1.000 e faça uma dieta de 1.500 calorias. Seu peso permanecerá, primeiro, estacionário, e depois começará a perder de meio a um quilo por semana. Quando chegar ao peso que deve ter, por algumas semanas consuma alimentos correspondentes a 2.500 calorias. Seu peso permanecerá estacionário. E, se você quiser efetuar reduções ulteriores, volte a diminuir as mil calorias. (Alterosa, nº111, jul/1949, p.51).

O mesmo tom de prescrição, identificado nos relatos de Annette Kellerman, aparecem nessa nota com a sugestão de um permanente controle da ingestão de alimentos. Um processo que exige persistência, vigilância constante e superação de alguns imprevistos ou variações orgânicas individuais. A perda de peso gradual e lenta seria a mais indicada, já que a perda de peso rápida poderia trazer prejuízos à saúde:

É melhor perder peso paulatinamente, proporcionando à dieta todos os elementos necessários, que perdê-lo de golpe, pois a pele tende a enrugar-se e os músculos tornam-se flácidos, perturbação inevitável no primeiro caso. Não se desencoraje ainda no princípio, isto é, nas semanas iniciais, apesar de haver diminuído a dieta e não perder peso, porque provavelmente existirá uma retenção de água, mas isto pouco a pouco também desaparece. Antes, porém, de proceder a esse regime, consulte o seu médico, explicando-lhe todos os detalhes do seu estado de saúde e solicitando-lhe a indicação da dieta. (Alterosa, nº111, jul/1949, p.51).

O regime disciplinar baseado na contagem de calorias, como vimos acima, apresentou

números difíceis de mensurar. No preparo de uma refeição, as leitoras poderiam encontrar dificuldade em determinar quantas calorias estavam em cada prato preparado. Alguns anos adiante, essa imprecisão já aparece mais “resolvida” na revista ALTEROSA. Nos últimos anos da década de 1950 e primeiros anos da década seguinte, identificamos um detalhamento progressivo no que diz respeito às dietas e ao conhecimento da composição e das funções de cada alimento. Entre longas reportagens com detalhadas informações científicas e curtas dicas sobre os alimentos, passando pelas receitas culinárias, a revista ALTEROSA apresentou orientações mais objetivas às leitoras.

De acordo com Sant’Anna (2016), a Nutrição vinha se configurando, desde as décadas de 1930 e 1940, no Brasil, como ciência racional, que se ocupava de popularizar a alimentação controlada em qualidade e quantidades. A especialização dessa área da saúde introduziu novos conceitos como metabolismo, consumo calórico, entre outros, que passaram a ser comuns nas revistas. Eles vinham acompanhados da noção de que o corpo funcionaria como uma máquina, que demandava cuidados precisos e específicos. Em setembro de 1961, a revista ALTEROSA anunciou uma “Dieta Científica”⁴¹, que recomendava: “coma mais e pese menos”. Um “especialista em dieta”, Dr. Michael J. Walsh, cita exemplos de prescrições dietéticas das próprias pacientes e enfatiza não só a quantidade de calorias que deveriam ser ingeridas, mas a “espécie exata de alimentos nutritivos” que deveriam compor tais dietas. A redução arbitrária da ingestão de calorias, segundo o doutor, resultaria em nutrição insuficiente e inadequada que, por sua vez, poderia causar a desaceleração do organismo e o ganho indesejado de peso. Diz um trecho:

O corpo humano não é como uma balança à qual podemos acrescentar ou subtrair pesos para estabelecer o equilíbrio. Não. É como uma máquina capaz de queimar combustíveis (calorias de energia) com eficiência, deixando todos os órgãos limpos, ou com ineficiência, dando origem a obstruções causadas por resíduos. A esse consumo de combustível pelo corpo humano chamamos “metabolismo”. Quando o corpo não está bastante alimentado com a espécie exata de elementos nutritivos, o

⁴¹ ALTEROSA, n°145, set/1961, p.38-39.

metabolismo fica prejudicado e o organismo inteiro diminui sua marcha para sobreviver. (ALTEROSA, nº145, set/1961, p.38-39)

A matéria apresentou a preocupação com a qualidade dos alimentos ingeridos pelos brasileiros que não contribuíam com o equilíbrio adequado das funções orgânicas e desaceleravam o metabolismo. As alterações na vida cotidiana e a diminuição das atividades corporais mais vigorosas, por ocasião das características específicas do trabalho em casa ou no escritório, eram elementos que, de acordo com o texto, traziam prejuízos à saúde. O especialista aponta a necessidade de “mudança de atitude para com os alimentos e seu valor”

O emprego cada vez maior dos dispositivos para economizar trabalho em casa, na fábrica e no escritório tem reduzido em muito o número de calorias exigidas pelas atividades diárias normais de grande número de pessoas. Como consequência imediata da situação, está havendo uma revolucionária mudança de atitude para com os alimentos e seu valor. A maior parte dos alimentos comumente encontrados à mesa do nosso povo, é por assim dizer, composta de elementos antiquados que, todavia, são bastante populares e incluem: açúcar, pães, cereais, massas, sorvetes, biscoitos e bebidas sem álcool.

Costumo chamar essas misturas concentradas de gordura, açúcar e farinhas de “comida de assimilação difícil”. Elas podem ser ótimas para as pessoas que se dedicam a atividades físicas agitadas, tais como lenhadores, cavadores de valetas e atletas, contanto que sejam suplementadas por outros elementos nutritivos. Mas, para nós que desenvolvemos vida sedentária, são completamente inadequadas.

Os alimentos de assimilação vagarosa apresentam alto teor em calorias e baixíssimo teor em nutrição. Por isto, retardam o metabolismo, causando o peso em excesso decorrente do acúmulo de água no corpo. Os alimentos de assimilação rápida fazem justamente o contrário: estimulam o metabolismo, renovam os tecidos e ajudam a eliminar a água do corpo, tudo com o mínimo de calorias. (ALTEROSA, nº145, set/1961, p.38-39).

Velocidade da assimilação de determinado alimentos e relação com a quantidade de calorias não foi a única “novidade” que esse texto trouxe em relação àquele de 1949. A matéria cita um processo conhecido e já utilizado no período de sua publicação que conta com “cartões

[que] são perfurados e passados em máquinas computadoradas que traduzem esta análise alimentar” e sua relação com as variáveis citadas, além das atividades físicas de cada paciente. Segundo o autor, os padrões alimentares dos pacientes precisavam ser conhecidos em termos de quantidades de cada composto – “proteínas, gorduras, carbo-hidratos, calorias, cálcio, fósforo, ferro, iodo, vitaminas A, B-1, B-2, C e D”. Em seguida, são comparados “às rações dietéticas prescritas pelo Conselho Nacional de Pesquisa” e, somente então, seria possível a elaboração da dieta ideal para cada paciente, no sentido de adequação ou complementação da alimentação. Vejamos um dos exemplos citados na matéria:

Interessante também é o caso da senhora F., uma ativa dona de casa de 44 anos. Com 68 quilos, ela apresenta um excesso de quase 7, apesar da dieta que segue permitir-lhe a aquisição de apenas 1.240 calorias diárias. Contudo, a dieta da sr^a F. não lhe permitia a aquisição de proteína de que ela necessitava e a metade dos carbo-hidratos ingeridos estavam contidos em alimentos fermentáveis, responsáveis pelas cáries dentárias e deficientes em vitaminas e minerais.

Quando preparei uma nova dieta para a senhora F., capaz de fornecer-lhe 226% a mais de proteína, e um quota maior de gorduras, vitaminas e minerais e apenas 1.400 calorias, ela levou a mão à cabeça: “Impossível! Não posso comer tanta coisa num dia só! Dêsse jeito vou ficar duas vezes mais gorda!”

Apesar dos protestos, minha cliente seguiu a recomendação e, como resultado, foi perdendo o excesso de peso gradualmente, adquiriu mais energia e conseguiu libertar-se das múltiplas dores que a afligiam. Hoje é uma mulher feliz e mais saudável, justamente porque fez *conta de suas calorias*. (ALTEROSA, nº145, set/1961, p.38-39)

A senhora F. tornou-se mais feliz e mais saudável. A felicidade foi tendência que se desenvolveu em relação aos cuidados com o corpo, ao longo do século XX, como observou Sant’Anna (2010). A autora afirma que alguns preceitos de higiene passaram a valorizar a “supremacia da alegria associada à beleza e à saúde”, marcadamente nos anúncios publicitários, para incentivar o consumo⁴². Identificamos que essa tendência já habitava as diversas

⁴² Retomaremos essa questão entre alegria, consumo e saúde no momento em que tratarmos da intervenção

reportagens relativas aos ensinamentos dietéticos, mas foi nos anúncios de produtos para a beleza e a saúde que a alegria predominou.

Em 1957, outra matéria de ALTEROSA prescrevia uma dieta, mais detalhada e específica para a leitora que, “em caso de dúvidas quanto ao excesso de pêso, [...] deve consultar um médico, para melhor orientação”. Em “Emagreça para ter saúde, beleza e Juventude⁴³”, percebemos como o controle da alimentação passou a ser uma preocupação crescente da revista, acompanhado do movimento de fortalecimento da ideia de que a corpulência não era mais sinônimo de saúde e, portanto, também não de beleza. Essa associação entre corpulência ou obesidade foi apontada por diversos autores que já marcava a sociedade ocidental e se tornava cada vez mais exigente com o corpo feminino (FISCHLER, 1995; VIGARELLO, 2012; SANT’ANNA, 2016).

A gordura excessiva do corpo, além de trazer prejuízos à beleza e a estética femininas é inimiga da saúde e, como tal, deve ser combatida energicamente. O excesso de peso provoca inúmeras complicações renais de extrema gravidade, causando grande parte dos distúrbios cardíacos e circulatórios que afetam as pessoas acima do normal. Após os 50 anos, as coisas complicam-se ainda mais. A esclerose renal manifesta-se em elevada proporção de casos e o fígado sentido essa sobrecarga, dá origem à hipertrofia hepática, muito frequente entre as pessoas obesas.

Diante disso, é preciso tomar medidas para um emagrecimento racional. Quando se trata de obesidade normal sem origens em complicações dos órgãos de nosso corpo o regime alimentar é o meio mais aconselhável. Entretanto, o regime típico, conhecido por todo o mundo (carnes, peixes ou ovos, legumes verdes, saladas, frutas sem matérias gordas) nem sempre surte os efeitos esperados. [...] (ALTEROSA, nº253, mar/1957, p.78).

Com esse trecho, fica evidente a associação da gordura com falta ou perda da saúde e da beleza femininas. A gordura era algo que devia ser combatido “energicamente”. Utilizando

dietética via produtos sintéticos, ou seja, os reguladores das funções orgânicas.

⁴³ ALTEROSA, nº253, mar/1957, p.78-80, 123 e 125. Seção Bazar Feminino.

argumentos com linguagem mais técnica, o artigo apresenta diversos distúrbios que a obesidade poderia causar. Sobrecargas, desequilíbrios e mau funcionamento causados pela gordura passaram a significar falta de saúde e de beleza. Também passou a ser sinônimo de algo que as mulheres deveriam temer. Ao evitar de comer isso ou aquilo, ao seguir dietas racionais, ao adotar regimes de tempo e de quantidades das refeições, as mulheres se disciplinavam, seguiam instruções e educavam suas funções orgânicas. O medo de engordar, maior que o medo de adoecer, generalizou-se pela divulgação assídua da mídia e se transformou em problema também social. (SANT'ANNA, 2016). Emagrecer passou a ser sinônimo de ter saúde, beleza e juventude, anunciados no título do artigo abaixo.

Figura 42: Artigo Emagreça para ter saúde, beleza e Juventude.

BAZAR FEMININO

Emagreça para ter saúde, beleza e Juventude

PRIMEIRO DIA

Refeição da manhã

1/2 litro de leite	6 grammas	12 calorias
Dois ovos com manteiga	20 grammas	74 calorias
		86 calorias

Almoço

Frango	58 grammas	147 calorias
Sardinha em azeite	44 grammas	122 calorias
Dois ovos	20 grammas	74 calorias
Macarrão cozido	116 grammas	194 calorias
Dois tomates cozidos	20 grammas	4 calorias
Frutas secas	20 grammas	79 calorias
		550 calorias

SEGUNDO DIA

Refeição da manhã

1/2 litro de leite	6 grammas	12 calorias
Dois ovos com manteiga	20 grammas	74 calorias
		86 calorias

Almoço

Frango	58 grammas	147 calorias
Sardinha em azeite	44 grammas	122 calorias
Dois ovos	20 grammas	74 calorias
Macarrão cozido	116 grammas	194 calorias
Dois tomates cozidos	20 grammas	4 calorias
Frutas secas	20 grammas	79 calorias
		550 calorias

Janina

Frango	58 grammas	147 calorias
Dois ovos com manteiga	20 grammas	74 calorias
Macarrão cozido	116 grammas	194 calorias
Dois tomates cozidos	20 grammas	4 calorias
Frutas secas	20 grammas	79 calorias
		550 calorias

Alimentos

Frango	58 grammas	147 calorias
Sardinha em azeite	44 grammas	122 calorias
Dois ovos	20 grammas	74 calorias
Macarrão cozido	116 grammas	194 calorias
Dois tomates cozidos	20 grammas	4 calorias
Frutas secas	20 grammas	79 calorias
		550 calorias

Como cuidar dos seus cabelos

RAYON, ACETATOS E SIMILARES

Como passar a fazer o cabelo...
 Como cuidar dos cabelos...
 Como lavar o cabelo...

ALTEROSA 1 DE MARÇO DE 1957

Fonte: ALTEROSA, nº253, mar/1957, p.78; recorte.

Como estratégia educativa, as revistas femininas apresentavam os problemas que a gordura poderia trazer acompanhadas de algumas soluções eficientes. Uma delas, muito divulgada pelas revistas, era a dieta detalhada em calorias, em quantidades (expressas em grammas), em qualidade dos alimentos, que incluíam as “matérias gordas” faltosas em outras dietas e ineficientes por isso. Como “matérias gordas” o texto informa que são aquelas que

“estão contidas nos ingredientes de confecção dos alimentos indicados”. Alerta ainda que “Convém notar: os temperos, as gorduras, açúcar, etc., devem ser usados, moderadamente, na preparação de todos os pratos dessa dieta”, mesmo não sendo precisa no uso desses últimos.

Para sexto dia de dieta, o artigo indicava chocolate (100 calorias) e 58 gramas de biscoitos confeitados (73 calorias) na refeição da manhã, somando 173 calorias; para o almoço, o cardápio era composto de 58 gramas de pão, 116 gramas de beterrabas, 87 gramas de carne cozida, 116 gramas de legumes, 14 gramas de queijo seco e laranjas, cada um acompanhado da quantidade de calorias que continham, somando 537 calorias. O jantar deveria ser mais simples e contar com creme de abóbora, 29 gramas de ovos estrelados, 58 gramas de purê de lentilhas, acompanhados de 58 gramas de croquetes de arroz, que totalizavam 481 calorias. A dieta também prescreve 324 calorias de matérias gordas, além dos alimentos que compunham as refeições. Considerando que as balanças para medição do peso do corpo e outras pequenas para o peso dos alimentos não eram muito popularizadas no ambiente doméstico, parece difícil uma leitora conseguir aderir a esse tipo de regime alimentar.

Emagrecer ou seguir uma dieta era considerado, na maioria dos casos, uma escolha pelo sucesso ou pelo fracasso. Em “Candidatas à glória⁴⁴”, ALTEROSA trouxe “conselhos às jovens que desejam vencer na vida”. Entre eles

Aprender a comer também não é difícil... deve-se evitar gorduras e escolher, de preferência, para as refeições, pratos simples e substanciais. É preciso dar ao organismo a quantidade e qualidade de combustível adequadas porque, do contrário, suas reservas de vitalidade irão desaparecendo gradativamente, até o aniquilamento absoluto. (ALTEROSA, nº 67, nov/1945, p. 94).

No decorrer da década de 1950, as medidas corporais foram se refinando e passaram a ser mais exatas, de modo que passou a ser possível “condenar” com mais precisão os corpos gordos e descuidados. O aumento da complexidade na análise das dietas, que passou a

⁴⁴ ALTEROSA, nº67, nov/1945, p.86, 87 e 94.

relacionar outras variáveis, como altura, idade, medidas e a composição dos alimentos, exemplifica como o conhecimento científico, antes confinado ao consultório médico, passou para as páginas das revistas femininas. Em “A ciência condena a obesidade⁴⁵”, publicada em dezembro de 1953, foi apresentada uma tabela que relaciona diferentes variáveis para a determinação do peso ideal: estatura, gênero, idade e estrutura óssea. Essa última, classificada em diminuta (I), média(II) e maciça (III).

Figura 43: Tabela de pesos e medidas corporais do artigo A ciência condena a obesidade.

HOMENS DE 25 ANOS OU MAIS			
ESTATURA	I	II	III
1,63 m	Kg. 55,0 — 59,5	Kg. 58,5 — 63,0	Kg. 61,5 — 67,0
1,68 m	" 58,0 — 62,5	" 61,5 — 66,0	" 65,5 — 71,0
1,73 m	" 61,0 — 66,0	" 65,5 — 70,5	" 69,0 — 75,0
1,78 m	" 64,5 — 69,5	" 68,5 — 73,5	" 72,0 — 79,0
1,83 m	" 68,5 — 74,0	" 72,5 — 78,0	" 76,0 — 83,5
1,88 m	" 73,5 — 79,0	" 77,0 — 83,0	" 80,5 — 89,0
MULHERES DE 25 ANOS OU MAIS			
ESTATURA	I	II	III
1,53 m	Kg. 48,5 — 52,0	Kg. 51,5 — 55,5	Kg. 55,0 — 60,0
1,58 m	" 51,5 — 55,5	" 55,0 — 59,0	" 58,0 — 63,0
1,63 m	" 54,5 — 58,5	" 57,5 — 62,0	" 61,0 — 66,5
1,68 m	" 56,5 — 61,0	" 60,5 — 65,0	" 64,0 — 70,0
1,73 m	" 60,0 — 65,0	" 64,0 — 69,0	" 67,0 — 73,5
1,78 m	" 62,5 — 67,5	" 66,5 — 71,5	" 70,5 — 76,5

Fonte: ALTEROSA, nº 175, dez/1953, p.38-39; recorte.

Aqui, novas medidas são apresentadas como fatores de saúde e beleza. A medição progressiva e crescente que vemos na revista ALTEROSA, acompanha a tendência das sociedades ocidentais de estabelecer com exatidão os padrões nos quais os corpos deveriam se enquadrar. Para Soares (2008), as medidas representam uma nova maneira de olhar e de intervir nos corpos e materializam a “rede de recomendações”, citada por Moulin (2009) ou o “conjunto

⁴⁵ ALTEROSA, nº 175, dez/1953, p.38-39.

de saberes e práticas”, como denomina Soares (2008), aos quais, nesse caso, a pedagogia dietética recorria. A partir da determinação das medidas exatas, tornava-se possível, também, o controle mais minucioso do corpo e a proposição de intervenções mais efetivas para cada caso. Tornava-se possível ainda a divulgação em massa de procedimentos, regimes, rituais dietéticos, aos quais as revistas se dedicavam.

A PESSOA QUE SE PERDE EM GORDURA EXCESSIVA⁴⁶[...]

É UMA CRIATURA INFELIZ.

*Sem dúvida, os obesos se inscrevem entre as criaturas mais infelizes e figuram certamente, entre os
mais incompreendidos[...]*

*[...] aquelas que, por gulodice, engordarem mais de um quilo por mês, se comprometerão a ostentar na
blusa o próprio símbolo do pecado cometido, ou seja, um leitãozinho muito gordo e rosado [...]⁴⁷.*

Como vimos, um dispositivo de controle das gorduras corporais era a prescrição de dietas que se tornavam mais detalhadas e os aconselhamentos sobre a alimentação. Um segundo dispositivo era a linguagem utilizada para a representação do corpo gordo e do esbelto, do feio e do bonito, do desengonçado e do elegante, do indolente e do ativo. A obesidade, que em outros tempos foi sinônimo de saúde e poder, adquiriu um status de doença e, também por isso, sinônimo de feiura. A gordura excessiva passou a representar algo que deveria ser retirado do corpo, caso contrário, geraria o sentimento de repulsa aos pares, nas ocasiões de exibição em público. A farta adjetivação do gordo qualificou e refinou a comparação entre corpos,

⁴⁶ ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.38, 39, 53 e 80. As pessoas muito gordas não são felizes.

⁴⁷ Trechos do artigo intitulado “Obesidade mais perigosa que o câncer”. ALTEROSA, nº346, nov/1961, p.31.

fornecendo elementos para o refinamento do olhar e para o juízo sobre o peso, independente dos números e medidas existentes em cada período. (VIGARELLO, 2012).

A visão da gordura como problema apareceu, na revista ALTEROSA, de diversas formas, às vezes como uma representação que provocava risadas, outras vezes para dizer das mazelas que a gordura trazia para a vida. Mesmo que os padrões de medida do corpo gordo estivessem ainda pouco mensuráveis, para Vigarello (2012), o modelo de corpo esbelto e magro já havia se legitimado como referência social da modernidade e era o objetivo das intervenções elaboradas para esculpir os corpos. No Brasil, segundo Sant’Anna (2016), a imprensa já condenava a gordura desde a década de 1920, quando moda e publicidade convergiram suas críticas a um ponto em comum: promover o corpo esbelto e, ao mesmo tempo, desvalorizar o gordo. Mais uma vez, o médico aparece como o profissional habilitado para diferenciar o gordo do não gordo e para tratar a gordura, suas causas e consequências.

No artigo “As pessoas muito gordas não são felizes⁴⁸” identificamos os alertas aos leitores, nesse sentido. No início do artigo, a autora Anna L. Weill apresenta certa inconstância sobre a gordura ser ou não uma doença, que se resolve ao final do texto, pois afirma que a gordura é um caso de tratamento médico sério. Assim, a pessoa gorda precisa ser reorientada, em diferentes dimensões da vida, para ser feliz.

Gordura excessiva não é tida como uma doença que precisa de tratamento, ou seja, como a amigdalite ou o sarampo. Não é, usualmente, considerada uma doença física, mas requer, para sua correção, que a pessoa seja reorientada em sua vida física, social e emocional. [...] (primeira frase do artigo)

Se acaso têm alguma pessoa amiga com excesso de peso, não deixem de dar-lhe conselho para procurar um médico. É caso para tratamento sério (última frase do artigo) (ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.38 e 80)

A autora cita dois exemplos de pessoas que não alcançaram sucesso na vida por terem acumulado gordura no corpo. O que mais chama atenção é o fato de ambos não apresentarem

⁴⁸ ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.38, 39, 53 e 80.

nenhum problema clínico, que necessitasse de tratamento médico, uma vez que a gordura estava associada, em muitos casos, por alguma patologia, seja ela orgânica ou psicológica. Em ambos os casos, o que precisava ser corrigido era o hábito desregrado de comer. No primeiro caso, ela relata que

O homem mais infeliz que eu conheci pesava 136 kilos, Era um homem pequenininho e uma figura ridícula.[...] bamboleava-se pela rua [...]. Sua vida particular era uma tragédia. Infeliz com sua esposa. Infeliz em seu trabalho [...] mas, quanto mais infeliz êle se sentia, tanto mais tratava de comer. [...] Orgânicamente, nada havia de anormal com o homenzinho – êle passava perfeitamente bem. Já havia consultado com diversos médicos, porém, nenhum distúrbio glandular, nenhuma baixa de metabolismo haviam constatado. Sua única doença era aquêle apetite devorador. (ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.39)

O homenzinho “sem acanhamento nenhum”, apresentava um desejo por comida descontrolado que trazia prejuízos à sua vida. Ao fazer duas refeições idênticas numa mesma hora, em restaurantes diferentes, ele é denunciado pela autora, por isso, como um infeliz. Para ela, a crença popular que dizia que “as pessoas gordas são gordas porque têm bom gênio e os movimentos lentos” não passava de uma falácia que precisava ser desconstruída. Era também desconhecimento sobre os problemas que os gordos enfrentavam em silêncio, relacionados ao desequilíbrio de alguma dimensão da vida. O maior problema do homenzinho ridículo e cambaleante era a comilança, a falta de regras para a ingestão dos alimentos. Em outros tempos, diz o artigo, a gula, o “verdadeiro ‘desejo’ por alimento [...] era considerada sinal de perfeita saúde, ‘alegria de viver’”. Os gordos

[...] geralmente, nunca sofriam perturbações digestivas. Tudo o que comiam lhes fazia bem. No entretanto, esta super-alimentação sem fim, êste desejo de conservar o estômago abarrotado de alimento, não deixa de ser, em si, uma doença. Assim como o álcool pode servir de derivativo para algum desgosto oculto, insuportável, assim também, em muitos casos, age o alimento como um narcótico, um amortecedor do aborrecimento. [...] (ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.39).

Para dar credibilidade ao seu artigo, a autora relatou a experiência que havia feito com ela mesma para ver “em que dias eu comia mais e porque”. Assim, ela conclui:

Descobri, primeiramente, que eu me alimentava mais nos dias em que tinha menos trabalho para fazer. A indolência é, muitas vezes, causa única de terrível infelicidade. Quando você está aborrecido, fica se remoendo, o dia inteiro, procurando alguma coisa que preencha seu tempo para não pensar. Comer é, antes de tudo, alguma coisa em que se ocupa a pessoa. E, mais importante ainda, um estômago cheio dá-lhe uma sensação fictícia de segurança e bem-estar que tornam os seus problemas mentais menos incomodativos e angustiosos. [...](ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.39).

Identificamos a culpabilização individual pela comilança, em decorrência de escolha por uma atitude descontrolada, de indolência e de apatia diante dos problemas que, juntos, não tinham outro fim a não ser a infelicidade. Vigarello (2012), observou que esse movimento depreciativos e acusatório dos gordos foi se tornando mais forte na medida em que as sociedades ocidentais se desenvolveram e promoveram o afinamento corporal. Para o autor, as críticas aos gordos se tornaram mais cruéis e se materializaram em procedimentos, tratamentos e discursos, a partir da modernidade, quando se estabeleceu a esbeltez e a magreza do corpo como referências sociais. Desde os tempos medievais, nos séculos XIV e XV, quando as críticas clericais relacionavam a gordura aos pecados capitais, o gordo sofreu com a sua desvalorização crescente e com o desprezo social. Na modernidade, as críticas estavam focadas na falta de delicadeza e de elegância, na impotência e na ineficiência gerada pela gordura no corpo. (VIGARELLO, 2009).

O progresso científico trouxe a possibilidade de medir precisamente os corpos, o que alterou a percepção, a sensibilidade e a tolerância em relação aos gordos. Assim, não demorou para que fossem traçadas estratégias de adelgaçamento dos corpos, seja pela via do esforço individual ou pela manipulação da forma, por contenção de algumas partes (em geral, cintura e ventre) e realce de outras (seios e colo), função essa atribuída à moda. Havia sempre uma explicação científica para convencer de que a comilança exagerada era culpa do próprio

indivíduo. No artigo da ALTEROSA, a autora fornece essas explicações com “base fisiológica”:

Na realidade, existe base fisiológica nesta maneira comodista de se procurar no alimento a evasão, o esquecimento para as preocupações. É que um estômago cheio, estando ocupado na digestão do seu conteúdo, tira a compressão sanguínea do cérebro e, pode-se dizer, deixa-o “anêmico” enquanto o trabalho mais difícil da digestão vai prosseguindo. Uma pessoa, naquele estado comatoso da digestão, fica impossibilitada de pensar muito. Por algum tempo, fica suspensa em doce torpor, atordoada, satisfeita consigo mesma, e é uma boa coisa se é que pretende evitar o pensamento, mesmo inconscientemente.

Quando se nota que alguém já firmou inveteradamente o hábito da super-alimentação, o que se tem a fazer é procurar, no fundo de sua personalidade, algum aborrecimento atormentador. (ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.38-39).

Para exemplificar as razões pelas quais os indivíduos acumulavam gordura corporal, a autora conta o caso de uma “mocinha bonita, duns 20 anos” que, em decorrência da paralisia infantil, deixou de praticar esportes e de ter uma vida ativa ficando, assim, “condenada a ser pesadona”. Presa em uma vida sedentária e inativa, a garota se transformou em “corpulenta senhora de meia idade”, por ter ingerido uma quantidade “excessiva e absurda” de alimentos. Ela que deveria ser uma “jovem ágil e elegante”, passou a não ser convidada para dançar, patinar, andar a cavalo, porque não tinha “o encanto dos flertes”. Sempre que pensava em suas amigas ágeis e ativas a garota ficava “desalentada” e logo procurava “um chocolate ou qualquer guloseima que lhe adoçasse o paladar”, em geral, oferecido pela própria mãe desejosa de evitar o sofrimento da filha. Presa nesse ciclo vicioso e em um estado de “inatividade forçada”, a menina sofria de insônia e, a cada noite, buscava em sua cozinha uma “distração estomacal”. O resultado era que, “satisfeita com o alimento ingerido, o cérebro ôco com falta de sangue, voltava-lhe a sonolência perdida e afundava seus aborrecimentos sob a massa alimentar”.

Após uma cirurgia que lhe devolveu os movimentos da perna paralisada, a jovem “se tornou normal” após três meses de vida ativa. Não sem esforço, mas “a custo de violentos exercícios, de muitas caminhadas, danças, etc.”, a menina se livrou do “incômodo colchão de gordura” e transformou-se numa “delgada garôta, cheia de vida, transbordante de felicidade”.

Ao relatar o caso de outra mulher, o mesmo artigo atribui a aquisição da gordura à impossibilidade da “jovem senhora” de quase trinta anos, de corresponder às exigências sociais de ter filhos

Uma senhora, quase atingindo os trinta anos ainda, mas **excessivamente obesa**, notava quando ia às festas em casa de suas amigas, que ninguém se lembrava de tirá-la para dançar. A princípio, pensava que era por ser de mais idade e casada. Mas, observou que as outras senhoras casadas dançavam muito, jogavam tênis e nadavam como as adolescentes. Um dia, quando se encontrava ao lado de uma viúva de setenta anos de idade, numa festa, ouviu-a comentar: - “Não é mesmo bom a gente ver pessoas jovens se distraíndo? ”A **jovem senhora deselegante** caiu, repentinamente, na realidade ao ouvir aquilo. Foi como que um aviso, um ponto de partida para ela. Pessoas jovens?! Acaso era ela menos jovem do que eles? [...] Quando voltou para casa, **observou-se cuidadosamente no espelho**. Parecia uma senhora de meia idade. **A causa não restava dúvida – era a gordura**. Começou a averiguar o motivo de tanta gordura acumulada. Quando se casara, há oito anos atrás, **era elegante e delgada**. Pouco a pouco, fora ganhando peso até chegar àquelas **proporções gigantescas**. Comia demasiado e comia quase que o dia todo. Tinha muito tempo e quase nada para preocupa-la. Então, ela comia...Havia desejado muito ter filhos, porém, chegara à conclusão de que não poderia tê-los. **Procurara um médico para saber o que podia fazer. Nada conseguindo, acabou reconhecendo que sua vida era vazia e infeliz e que sua gordura e indolência e eram inevitáveis**. (ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.39e 53, grifos nossos).

Como vimos, a estigmatização do gordo também se fazia pela linguagem, pela seleção das palavras para se referir a esses corpos de formas mais avantajadas, descuidadas e fora de controle, considerados fora de um padrão. As palavras escolhidas para o julgamento do gordo, passaram de “um denegrir a gordura ao menosprezo de uma impotência, a de não conseguir mudar” (VIGARELLO, 2009, p.14-15). No Brasil, Sant’Anna (2016) identificou que desde os anos 1920, uma quantidade maior de defeitos depreciativos passaram a caracterizar os gordos, principalmente quando se referia a um corpo de mulher. Mesmo não sendo linear, muito menos homogêneo em todas as regiões do país, esse movimento de desvalorização da gordura teve a propaganda como grande propagadora das formas inadequadas, indesejadas, excluídas. Ao mesmo tempo, a supervalorização da silhueta leve, delgada, tomou lugar nas revistas femininas.

No artigo de ALTEROSA, ficam claros tanto o desprezo quanto o esforço de depreciação do gordo. Diz a autora:

Os gordalhões, sem forma, impossibilitados de atitudes corretas, tornam-se figuras cômicas, destas que se prestam para piadas e zombarias e que nunca são levados a sério. A gordura deforma os traços da pessoa, dá a face uma aparência morta, inexpressiva, quase estúpida. A maior parte das pessoas gordas gostaria de ser diferente do que é. Em suas faces não se pode mesmo notar vivacidade, expressão. Dir-se-ia que a gordura é um reposteiro colocado entre elas e suas percepções do mundo. Esta é a razão de quase nunca se ter a impressão de que uma pessoa gorda é ativa, espirituosa, perspicaz.

Geralmente, se aceitam os gordos como pessoas de bom gênio, pessoas infantilizadas. E há mesmo qualquer coisa de “baby” nessas corpulências ridículas que não se adaptam, de todo, à atividade e agitação do nosso mundo atual. E assim, por muitas vezes, vêem-se os gordalhões postos de parte em nossos assuntos mais sérios, mais pesados, nossos planos de mais responsabilidade. Não porque sejam crianças de fato – simplesmente porque parecem sê-lo. (ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.38-39).

Não somente os adultos fizeram parte do julgamento do artigo. Os adolescentes apareceram como uma preocupação a mais, já que essa era considerada a fase em que “a beleza física é mais do que nunca, uma dádiva, uma promessa de felicidade”. Adolescentes “gordalhões” eram sinônimo de desajustamento e infelicidade. Além disso, os gordos estariam logo “fora de combate”, não poderiam ser considerados por um “elemento do outro sexo” para um romance. Os “ridiculamente gordos”, ao atingirem a “idade matrimonial” não poderiam nutrir a esperança de uma vida feliz porque “além de existir a limitação física imposta pelo peso”, a gordura do corpo causava a impressão de “figura cômica, ridícula”, não merecedora de respeito ou confiança. E assim, a autora segue com uma série de adjetivações dos gordos e aponta a psicologia como um campo de conhecimento que legitima suas colocações.

Exceto em casos de distúrbio glandular, quase todos os exemplos de obesidade deformante trazem, como base de origem, uma infelicidade ou desajustamento qualquer. Mesmo porque, como se explica o fato de uma pessoa reconhecer **o ridículo e a falta de respeito que sua obesidade lhe acarreta** e, não obstante, muitas vezes a

contra-gosto, persistir em ser vítima dessa necessidade dominante de comer, comer e comer cada vez mais?!

Como pode uma pessoa demasiado gorda ser feliz, no sentido exato em que é usada a palavra “felicidade” pelos psicólogos? **Felicidade é, fundamentalmente, ajustamento** – ajustamento ao que nos cerca, às pessoas, à comunidade. Quase todos os seres humanos fazem por merecer o respeito no meio social em que vivem, de sua família e de si mesmos. Sentem necessidade disto para viver. E o que se vê é que, raramente, a pessoa muito gorda consegue impor-se ao respeito dos seus semelhantes. Antes de tudo, em maioria, nós não somos propensos a levar uma pessoa muito gorda a sério. Isto é especialmente verdade nos primeiros anos de nossa vida, quando já realizamos e esperamos realizar muita coisa ainda. A pessoa que se perde em gordura excessiva, é claro, possui pouca atração física. A verdade é que nos deixamos levar muito por aparência física, mais do que pensamos; quase sempre, a aparência [a]normal nos afasta, nos deixa sem confiança. (ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.38-39).

No trecho acima, a rejeição da pessoa gorda no meio social se faz mais explícita. Se a felicidade é também ajustamento, os gordos passaram a ser vistos como desajustados, desregrados, não merecedores do respeito de seus pares. A autora fecha o artigo novamente recorrendo ao discurso da psicologia social, defendendo que “gordura excessiva” era sinônimo de “desordem psicológica”, como ela mostra ao longo do texto. Recomenda ainda que “Todo aquele que se acha incapacitado de parar de comer, que busca o alimento como o viciado busca a bebida, é uma criatura infeliz”. Antes de lutar contra a “poderosa droga causa de tudo: o alimento”, homens e mulheres deveriam se controlar, dominar suas emoções e desejos, racionalizar seu comportamento e sua relação com a comida. O excesso de peso, assim como os descontroles orgânicos, passou a ser um caso de tratamento sério.

Fica evidente, pelo conteúdo veiculado pela revista ALTEROSA, que a gordura passou a ser um problema para o corpo biológico e social. Acompanhando o movimento de outras revistas comerciais para mulheres, as prescrições de dietas se popularizaram na medida em que se avançou no século XX. A partir da especialização profissional, infinitas formas de medir o corpo foram criadas e, assim, impulsionaram a criação de métodos que contribuíssem com a adequação das medidas corporais ideais. A gordura, vista como condição passageira, passou a

ser uma patologia que deveria evitada com o controle médico regular. Para evitar a doença física, psicológica e social, aconselhava-se, às mulheres cultivar bons hábitos e silhueta esbelta.

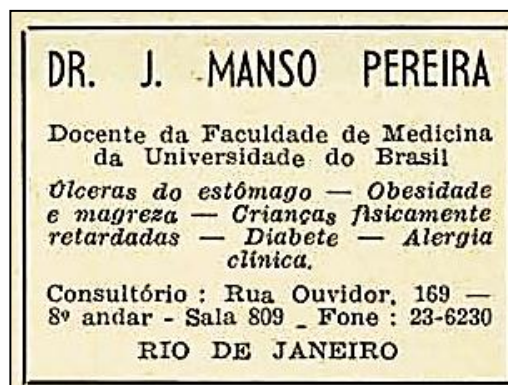
Na revista ALTEROSA, anúncios de consultórios médicos especializados em emagrecimento ainda não eram muito frequentes, mas já apareciam como uma opção de tratamento de problemas de peso, seja leveza extrema ou obesidade, além de outras doenças associadas a essas condições. Por meio da análise combinada de medidas corporais, uma consulta poderia ser realizada via correspondência, caso a leitora escolhesse um consultório em São Paulo ou presencialmente, em consultório no Rio de Janeiro. Destaca-se a associação entre emagrecimento e rejuvenescimento apresentada pelo anúncio de *Vicente Coló*, que não indica sua formação ou qualificação para tal especialidade médica. Aparentemente, o anúncio sugere o tratamento menos invasivo, “sem drogas e aparelhos”, uma vez que pede medidas semelhantes à prescrição de outras dietas, como vimos anteriormente.

Figura 44: Anúncio de tratamento



Fonte: ALTEROSA, nº337, jan/1961, p.113.

Figura 45: Anúncio de consultório médico



Fonte: ALTEROSA, nº 320, dez/1959, p.45.

Os programas de saúde para as mulheres eram, também, programas de beleza. Tais programas foram popularizados pelas revistas com a intenção de educar as mulheres para uma vida controlada, regrada, de submissão às regras de comportamento. Como modelo ideal de

cuidados com corpo, elegeu-se, também no Brasil, as misses e atrizes de Hollywood⁴⁹. Houve um investimento no convencimento, a partir do discurso médico-científico, de que o ser humano precisava ser vigilante em suas ações para que não fizesse escolhas erradas, viciadas ou desmedidas quanto à alimentação. Uma permanência marcante nesse período é a necessidade de analisar, cada vez mais a fundo, o corpo e as consequências do mau funcionamento de cada pequena parte para o corpo em diversas dimensões. Assim, houve a ebulição de artigos, conselhos, reportagens e anúncios que propunham intervenções, por vezes, mais fragmentadas do corpo, fornecendo explicações científicas e técnicas para a regulação e o controle, nunca suficientes, sempre atualizados. Com os progressos da ciência, refinavam-se as intervenções sobre o corpo.

DIZE-ME O QUE COMES [e como comes] E DIREI QUEM TU ÉS⁵⁰

*A escolha dos alimentos é coisa imprescindível na nossa alimentação*⁵¹.
*A saúde é a base da beleza. Vale, portanto, a pena, preocupar-se com a sua alimentação, afim de que não lhe faltem, todos os dias, as indispensáveis 15 miligramas de ferro*⁵².

As medidas e as quantidades de alimentos que deveriam ser ingeridos possuíam muitas variantes que as determinavam, como exemplificam as dietas prescritas pela revista ALTEROSA. Os “índices de combustão” de cada corpo e as calorias consumidas, eram algumas das medidas para controle dos comportamentos alimentares. Não somente a defesa da saúde foi

⁴⁹ No capítulo seguinte, trataremos da atlética que se dedica às formas do corpo, onde veremos com mais detalhes sobre essa questão.

⁵⁰ ALTEROSA, nº65, set/1945, p. 70. Dize-me o que comes e direi quem tu és. Seção Arte culinária.

⁵¹ ALTEROSA, nº65, set/1945, p. 70. Seção Arte culinária. Nota avulsa.

⁵² ALTEROSA, nº65, set/1945, p.91. O ferro é um precioso metal para sua beleza e saúde. Autoria: Ivete Marion. Seção Conselhos para a sua beleza

constante no discurso da revista, mas também a defesa da beleza da mulher e da personalidade adequada ou ideal apareceram como outros objetivos da educação do comportamento feminino.

Outra maneira de educar as mulheres, a partir dos preceitos de uma pedagogia dietética, pela via *in natura*, foi a vulgarização das informações que dizem respeito à qualidade, composição e indicação de cada alimento. A água, as vitaminas o ferro e o leite foram os elementos que mais se destacaram na revista ALTEROSA, pela importância atribuída a eles, desde a nutrição das células até o embelezamento mais superficial. De acordo com Sant'Anna (2003) houve o aumento significativo na necessidade de acessar essas informações nutricionais de cada alimento e em saber qual era o significado médico de cada substância no organismo. Ainda segundo a autora, o “espetáculo da comida” é também o dos elementos químicos, que indicam a popularização dos conceitos científicos na linguagem coloquial e no imaginário de pessoas comuns.

Na revista ALTEROSA, esse tipo de informação, em geral, localizava-se nas seções Arte Culinária, Páginas das Mães e Para as donas de casa, quando especificamente ligados ao preparo das refeições, à saúde das crianças, da família e da mulher. Encontramos ainda outras informações em menor quantidade nas seções Conselhos de Beleza, Saúde e algumas notas espalhadas na revista, quando o uso dos alimentos estava associado as práticas de embelezamento ou quando a finalidade da ingestão do elemento químico era a beleza feminina.

Em “Os 10 mandamentos da Beleza⁵³”, a revista apresenta um “programa de tratamento adequado” elaborado para suas leitoras. Sob o argumento de que as mulheres modernas se submetem a “tôdas as prescrições científicas na esperança de alcançar a harmonia” nas formas corporais, o texto dedica quatro mandamentos aos aspectos dietéticos e ao embelezamento. São eles:

II – Beba, pelo menos, oito copos de água filtrada por dia. Todos sabem que a água **auxilia o tratamento para a beleza**; exteriormente, é de relevante ação terapêutica,

⁵³ ALTEROSA, n°73, mai/1946, p.72, 73 e 139.

sobretudo para os rins. A água ajuda a manter a **cútiis limpa**, dá **brilho aos olhos**, **desinfeta o organismo**. E custa bem pouco, como se sabe... Usem-na, pois, à vontade![...]

V – as verduras e as frutas devem ser incluídas na dieta diária. Quem não gostar de verduras crúas, deve mandar cozinha-las, ou prepara-las com mólho de azeite, sal, vinagre, e às vezes também o de “mayonnaise” cujo sabor agrada a todos os paladares. As verduras que se cozinham devem levar pouca água para conservação do valor nutritivo.

VI – Beba meio litro de leite por dia. Mas, pergunta-lá talvez a leitora – que tem o leite com êste **programa de embelezamento**? Simplesmente, querida leitora, porque o leite, além de nutritivo, é calmante e não engorda. Sim, não se espante: **o leite não engorda. Ele nutre**. Tanto que é adotado pelas lindas mulheres que trabalham no cinema. Elas o preferem a qualquer comida gordurosa, aos doces e outras guloseimas que aumentam o pêso e estragam a saúde. [...]

Inclua no seu regime diário: leite, verduras, frutas frescas – cruas ou cozidas – ovos, queijo, sem esquecer também o aviso da visita ao médico, ao dentista e dos exercícios moderados, tão salutares para a beleza e saúde da mulher moderna. (ALTEROSA, nº73, mai/1946, p.72, 73 e 139, grifos nossos).

A água trata e embeleza. As verduras e frutas devem compor as refeições diariamente. O leite nutre, embeleza e cuida da saúde. A informação nutritiva mais detalhada dos alimentos tornou-se importante sem deixar de lado as quantidades e conseqüências para o corpo e o controle do peso. Alguns alimentos eram mais recomendados, enquanto outros eram muito condenados. Como vimos acima, o leite foi eleito como “um dos melhores alimentos⁵⁴”. Era considerado nutritivo, calmante e não engordativo. Poderia ainda aumentar o valor nutritivo de “pães, mingaus, bolos, sorvetes e refrescos” quando utilizado no preparo destes. Seja do jeito simples ou puro, seja combinado com outros componentes, a recomendação era: “Aproveite sempre o leite na sua alimentação⁵⁵” e seus potenciais nutritivo e embelezador. Já os temperos ou as conservas não eram bem vistos por serem de “digestão difícil”. Esses deveriam ser substituídos por aqueles “alimentos simples”, “de fácil digestão” como ovos, legumes, frutas e verduras.

⁵⁴ ALTEROSA, nº66, out/1945, p.62. Conselhos sôbre alimentação. Seção: Páginas das Mães.

⁵⁵ Idem.

O ferro é um exemplo do interesse enfático sobre a ação dos elementos químicos no funcionamento dos órgãos e também do embelezamento. Essas recomendações alimentares expressavam grande interesse em identificar, especificamente, quais alimentos continham cada uma das vitaminas, metais, etc. e sua atuação no organismo, incluindo as consequências em caso de deficiência nutricional. Em “O ferro é um precioso metal para a sua beleza e saúde⁵⁶”, a seção de Conselhos para a sua Beleza afirma que:

Calcula-se aproximadamente que existam 4 gramas de ferro em nosso organismo. A maioria dessas 4 gramas se encontra em nosso sangue formando parte dos glóbulos vermelhos. Um organismo pobre em ferro, torna-se anêmico, advindo daí uma série de enfermidades que lhe roubam completamente a beleza e a saúde.

A vitalidade geral do organismo da mulher, a sua atividade, a sua energia, o seu vigor e o seu encanto, dependem em grande parte, de sangue abundante e rico em ferro. Para isso, se requer alimentação que contenha quantidade suficiente desse precioso mineral. Uma alimentação diária que contenha 15 miligramas de ferro, basta para uma pessoa normal e sã.

A carne é boa fonte de ferro, mas, convém saber que cada parte de um boi possui percentagem diferente desse mineral. Para que uma pessoa absorva a quantidade necessária de ferro, basta comer diariamente, 200 gramas de lombo assado. O frango contém 5 miligramas de ferro e a galinha 4. As vísceras dos animais, tais como fígado e rim, contém 14 miligramas.

Particularmente ricos em ferro são também os ovos, principalmente as gemas. Entre os cereais encontramos o trigo, a aveia, a cevada, etc. entre os alimentos vegetais se destacam as verduras, tais como as acelgas, espinafres, alface. Os legumes também são ótimas fontes de ferro. Entre estes notamos as ervilhas e as lentilhas. Toda fruta é rica em ferro, porém a maçã é a principal, pois contém o dôbro da uva e do melão. (ALTEROSA, nº65, set/1945, p.91).

Assim, à carência do ferro eram atribuídas doenças, enfraquecimento e perda da vitalidade na mulher. A beleza era outro fator prejudicado pela carência desse mineral porque

⁵⁶ ALTEROSA, nº65, set/1945, p.91. O ferro é um precioso metal para sua beleza e saúde. Autoria: Ivete Marion. Seção: Conselhos para a sua beleza.

dele dependia “o rosado da face e dos lábios”, “o crescimento das unhas e do cabelo” e “o brilho dos olhos”. Sem o ferro, nenhum desses processos orgânicos teria sucesso uma vez que somente “um sangue rico em ferro” era capaz de fazê-los funcionar na mulher. Mais uma vez, identificamos um movimento constante de associação entre a saúde e a beleza, que condicionava a segunda aos cuidados sistemáticos com a primeira. Nos casos em que a dieta era equilibrada e seguia um programa individualizado, não se previa nenhum problema de saúde e, assim, garantia-se a beleza.

Em seus estudos, Sant’Anna (2016) identificou o que ela denominou “hibridismo entre estímulos opostos” nos anúncios de alimentos das revistas comerciais. A autora percebeu que os alimentos industrializados passaram a ser mais frequentes, a partir de meados do século XX. Segundo ela, a mesma imprensa que divulgava os regimes para emagrecer, anunciava doces, toda a sorte de guloseimas e produtos mais gordurosos. Na revista ALTEROSA essa tendência não pareceu tão forte, uma vez que pratos de saladas e sanduíches para as crianças anunciavam uma composição mais natural. Independente da região, pratos típicos da culinária brasileira eram permitidos mesmo com excessos de gordura e açúcares, como afirma Sant’Anna (2016, p.29), “a precaução mais comum era a de ‘temperar’ os possíveis exageros” em relação às quantidades ingeridas.

Em ALTEROSA, identificamos que conselhos mais caseiros conviviam com outros mais científicos. Recomendações trocadas entre amigas como “O caldo de carne de vaca, tomado meia hora antes das refeições, excita a secreção do suco digestivo e atua como excelente aperitivo”⁵⁷ dividiam espaço com outras mais científicas. Alguns chegaram a recomendar “coma pouquíssima carne e exclua, tanto quanto possível, toda espécie de vegetais de seu regime diário”⁵⁸, contrariando outras prescrições que compunham “dietas racionais e científicas”.

⁵⁷ ALTEROSA, n°40, ago/1943, p.37. COISAS QUE VOCÊ DEVE SABER. Nota avulsa.

⁵⁸ALTEROSA, n°99, jul/1948, p.15. Os tempos mudam. Nota avulsa.

Os alimentos mais industrializados, herdados do *american way of life*, marcadamente na década de 1950, no Brasil, não habitavam tanto as páginas da revista ALTEROSA, como apontou Sant’Anna (2016), para os impressos que analisou, principalmente, nas cidade do Rio de Janeiro e São Paulo⁵⁹. Possíveis causas que justificam o desenvolvimento dessa característica regional são o sistema de distribuição ainda limitado no Brasil, os altos preços de produtos importados, ou a própria política econômica do país⁶⁰. Em Belo Horizonte, eram comuns as feiras de rua com alimentos naturais⁶¹, onde podia-se comprar os ingredientes para a preparação de um número infinito de receitas que

De acordo com outro estudo de Sant’Anna (2003), os anúncios de alimentos industrializados investiram na divulgação de formas de preparo e as imagens de apresentação dos alimentos à mesa, que geraram mudanças nas sensibilidades, fomentando novos prazeres em relação à alimentação. Os hábitos que alimentavam o corpo e também a alma, elevaram o ato de se alimentar ao nível de espetáculo, com uma série de instruções para a elaboração de refeições e sua apresentação. A “espetacularização” da comida, segundo a autora, provocou também práticas mais rigorosas de controle alimentar. Por meio do controle dietético tornou-se possível controlar e “modificar a intimidade de cada um⁶²”.

Outro ponto que vale destacar é a valorização de hábitos de comportamento à mesa. Não eram incomuns a publicação de regras de comportamento e convívio social, que se dedicavam

⁵⁹ Sant’Anna (2016) também cita anúncios de impressos das cidades de Curitiba e Salvador, porém em menor número.

⁶⁰ Como vimos no Capítulo I, os índices de inflação permaneceram altos nos anos que correspondem ao período de circulação da revista ALTEROSA. A política de taxação de preços que fixava um valor máximo permitido para alimentos comumente consumidos, foi uma política do Estado de Minas Gerais, recorrentemente denunciada em reportagens, charges e opiniões de leitores da revista. Pela falta de fiscalização, as reclamações eram de que os preços sempre ficavam mais altos do que a tabela do governo do Estado, inviabilizando a compra por pessoas de posses mais modestas.

⁶¹ Feiras e mercados locais, ao ar livre, eram muito comuns na cidade de Belo Horizonte, onde não eram vendidos alimentos industrializados. O Mercado Central da cidade, inaugurado em 1929, também era popular e vendia produtos frescos.

⁶² Sant’Anna (2003).

à etiqueta da refeição. Na edição de julho de 1956, a coluna Bom Tom, trouxe conselhos como os que se seguem:

A mesa

Os requintes de mesa não são hoje os mesmos de outros tempos, mas, embora simplificados, convém manter uma atitude correta. Seja qual fôr o local onde se toma a refeição, as regras de etiqueta são as mesmas.

A maneira de se servir da faca é muito importante. Segura-se pelo cabo estendendo o indicador sôbre a lâmina. Nunca se leva a faca à bôca. Não se parte o pão em bocadinhos com a faca.[...]

O garfo segura-se com a mão esquerda para comer a carne, que a faca, segura na mão direita, vai cortando a pouco e pouco. Mas coloca-se o garfo na mão direita para comer legumes [...]

NÃO desdobre completamente o guardanapo, estenda-o atravessado nos joelhos [...]

NÃO mexa o líquido com muita força, a ponto de fazer tilintar a colher de encontro à xícara ou derramar o conteúdo no pires. O café ou qualquer bebida, em xícara, devem ser mexidos de maneira discreta e silenciosa.

BEBE-SE sem ruído e nunca tudo de um trago porque será imediatamente cheio de novo o cálice. Não se deve deixar vinho fino no copo porque é indelicado. Nem também deixar ficar comida no prato. [...]

TODO o detalhe revelador de glotoneria é de mau gosto. Não se deve dar a impressão de que se está esfomeado, começando a comer logo depois de se ser servido e mesmo antes dos donos da casa [...]. Convém mostrar sempre moderação, tanto na comida, como na bebida, além de procurar não fazer ruído algum quando se mastiga ou quando se bebe. [...]. (ALTEROSA, nº 238, jul/1956, p.59).

Vemos, a partir desse exemplo, como a pedagogia dietética inclui a educação dos gestos e dos comportamentos sociais em momentos de refeição, na relação pública com a comida. No discurso da revista ALTEROSA, identificamos a propagação da ideia de que o controle do processo digestivo, via regulação das quantidades e qualidades de alimentos ingeridos, poderia moldar a nossa vida nas dimensões física e social, amparada nas leis da ciência, a partir, também, de outras especialidades, como a psicologia e psiquiatria.

O reconhecimento de que a psicologia era a área competente para identificar comportamentos, personalidades e os problemas a elas ligados, possibilitou a diferenciação das

peessoas em vários graus de detalhamento. Uma escala infinita de estigmatização do gordo, de acordo com Vigarello (2012), foi fortemente incentivada pelo aumento do espaço da psicologia nas sociedades ocidentais. Desajustados e gordalhões, mulheres de proporções gigantescas e infelizes e uma infinidade de nomeações se tornaram possíveis a partir das associações entre os aspectos emocionais e a gordura corporal.

*A DIGESTÃO MODELA A NOSSA VIDA*⁶³

A pedagogia dietética queria fazer crer que os processos digestivos eram responsáveis por moldar a vida e, suas complicações ou desequilíbrios afetariam, entre muitas outras dimensões, também a personalidade. A partir de como cada um se relacionava com os alimentos e organizava os rituais de refeição, traçava-se a personalidade, o estado emocional e definia-se, inclusive, a identidade dos sujeitos, em alguns casos. Para Denise Sant’Anna (2003), a partir dos anos 1950, a alimentação ganhou “destaque inédito” nas páginas de revistas femininas, com sugestões e ensinamentos que moldavam as formas de estar no mundo, o que ela chama de espetacularização da comida. Para a pesquisadora, a espetacularização vai além da relação com o alimento e faz parte de algo amplo que inclui “a transformação do corpo em assunto prioritário e urgente”. A mudança de foco nos assuntos do corpo diz respeito ao “agravamento, tanto das preocupações com saúde, quanto dos investimentos médicos e industriais destinados a recriar esse corpo cotidianamente”.

A recriação constante do corpo redefinia as formas de controle sobre as liberdades e os prazeres na relação com a comida. No discurso de ALTEROSA, além do médico, os

⁶³ALTEROSA, n°318, nov/1959, p.21, 22 e 77. A digestão modela a nossa vida.

“bioquímicos, dietetas e especialistas em alimentação”⁶⁴ apareceram como profissionais competentes e autorizados para a prescrição e o aconselhamento dietéticos. A novidade da década de 1950, seria a inclusão da psiquiatria e da psicologia, que já constituíam o grupo de especialidades de intervenção sobre o corpo, a partir da pedagogia dietética.

Um conteúdo crescente de pesquisas, estudos e observações clínicas foram identificadas na revista trazendo “estatísticas e experiências combinadas”, que comumente concluíam: “a grande maioria das pessoas sofre periodicamente de um tipo qualquer de perturbação digestiva”⁶⁵ causadora de outras tantas enfermidades físicas e emocionais. O artigo de ALTEROSA, intitulado “A digestão modela a nossa vida”⁶⁶, chamou atenção pelo detalhamento com que diz sobre o funcionamento dos órgãos digestivos, sua relação com as emoções e a definição da personalidade. Diz o trecho:

Quando se considera de quantas complicadas peças se compõe o corpo humano, é verdadeiramente espantoso – e sob o ponto de vista médico muito significativo – que o relativamente pequeno conjunto de órgãos destinados à digestão possa causar tantas complicações. Mais do que apenas a saúde física, aquela coisa inatingível chamada “**você**” – **a personalidade**, aquilo que se dá à vida e dela se retira – é em grande parte determinada pela dinâmica do aparelho digestivo. A partir do nascimento, uma grande porção da energia humana é destinada à obtenção de alimento e à sua utilização. É girando em torno dos dois processos primordiais – dar ingresso aos alimentos e esvaziar os intestinos – que uma personalidade humana se desenvolve. (ALTEROSA, nº318, nov/1959, p.21, grifos nossos).

A personalidade que “realiza o milagre de caracterizar e definir uma mulher, destacando-as das demais”⁶⁷, estaria ameaçada pela deficiência de vitaminas, pela ingestão irregular de alimentos ou esvaziamento inadequado dos intestinos. Ao reforçar os laços entre o

⁶⁴ ALTEROSA, nº263, ago/1957, p.26-27. Você vale pelo que come?

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ ALTEROSA, nº318, nov/1959, p.21, 22 e 77. A digestão modela a nossa vida.

⁶⁷ Alterosa, nº65, set/1945, p.138. A personalidade da Mulher.

funcionamento digestivo e a personalidade ou as emoções, o discurso médico fornecia outro elemento que deveria constar na lista de preocupação das leitoras e mais um motivo para regular a alimentação. Esse discurso responsabilizava individualmente os sujeitos pelo controle dos sentimentos e pela regulação dos prazeres desmedidos. Foi atribuída marcada centralidade ao sistema digestivo na gestão da vida, de maneira que, esse discurso médico pregava que mesmo as menores irregularidades orgânicas poderiam desencadear grandes problemas para o desenvolvimento de uma personalidade considerada adequada ou ideal.

Diversos artigos da revista, inclusive os já citados, perpetuavam a ideia de que os traços da personalidade, sejam bons ou ruins, eram determinados pela forma como os órgãos digestivos funcionavam. Assim, pessoas podiam se tornar avarentas quando apresentavam dificuldades de “evacuação intestinal”, ao passo que outras que “engoliam tudo”, “desde a sabedoria até o álcool” eram aquelas que possuíam experiências prematuras fortes e centralizadas na alimentação.

Outra tendência do discurso médico encontrado nas páginas de ALTEROSA, era o inverso, ou seja, as emoções definiam os aspectos orgânicos do aparelho digestivo. Os exames e aparelhos desenvolvidos para vasculhar internamente o corpo, ainda permaneciam como exclusividade dos consultórios médicos ou hospitais. A partir de diagnósticos específicos, conduzia-se a tratamentos psicoterápicos ou psiquiátricos.

Nos últimos anos, os médicos muito aprenderam a respeito dos estreitos laços entre a emoção e a digestão.[...] Para sua grande surpresa, descobriram que o estômago funcionava como um espelho fiel das emoções do paciente: quando êle estava triste, seu estômago tornava-se descorado e quieto; quando estava ansioso, contraía-se de modo anormal; quando as coisas iam bem, assim também ia o estômago. Aproveitando-se desta revelação, um psiquiatra tem ajudado os pacientes a relaxar as tensões que produziram a úlcera.

Por vários outros métodos, desde análises químicas até o Raio X e ao endoscópio, outras regiões do aparelho digestivo têm sido observadas. Descobriu-se que elas também eram indicadores fidedignos dos sentimentos de uma pessoa – frequentemente quando o próprio paciente não dava acôrdo de como se sentia. Apenas sob narcoanálise ou hipnose era depois capaz de confirmar a exatidão do que seu

aparelho digestivo revelara. (ALTEROSA, nº318, nov/1959, p.21).

As tensões poderiam produzir úlceras, as emoções exageradas produziam outras tantas condições orgânicas doentes. Esses e outros males internos, somente observados com o recurso de aparelhos para exames cada vez mais internos e específicos, são um exemplo de como o corpo passou a ser examinado em vida, como nunca fora possível anteriormente. Na revista ALTEROSA, como vimos no trecho do artigo acima, é possível identificar a construção da noção de efeito psicossomático, a relação das emoções com alterações no funcionamento dos órgãos. Antes, as emoções apareciam ligadas ao desejo exagerado pela comida ou pela falta dele, que gerava a engorda ou o emagrecimento patológico ou antiestético. Aqui, as emoções poderiam gerar muitos outros problemas e adoecimentos.

E, mês a mês, novas provas médicas acumulam-se, as quais evidenciam que secretas emoções perturbadoras causam muitas – senão a maioria das doenças dos órgãos do aparelho digestivo, desde simples abalos nervosos, até, em alguns casos, o próprio câncer. Uma das mais surpreendentes dessas descobertas, anunciada recentemente, foi a de que até mesmo alguns germes que vivem no tubo digestivo podem ser responsáveis pelas emoções humanas! [...] (ALTEROSA, nº318, nov/1959, p.21 e 22).

A digestão, considerada “uma viagem [...] acidentalmente, dirigida pelos agitados movimento ondulantes de propulsão chamados peristalse e assinalada por uma chuva de líquidos”⁶⁸, não poderia ser muito lenta ou muito turbulenta, pois precisava igualmente de equilibrar seus ritmos e as emoções. O “meio-térmo ideal de uma digestão sadia”⁶⁹ dependia o desenvolvimento da “personalidade sadia”, sem excessos ou grandes emoções, para não haver prejuízos digestivos.

⁶⁸ALTEROSA, nº318, nov/1959, p.21-22.

⁶⁹ Idem.

Lado a lado com estas profundas e novas penetrações da psiquiatria em nosso mecanismo de digestão, as ciências da medicina, nutrição e dietética, muito contribuíram para a arte de controlar e aliviar enfermidades gástricas. [...] O abdome é, por si só, um mundo tumultuoso, girando mais depressa ou funcionando lentamente, de acôrdo com o alimento que se tenha ingerido – e com as suas emoções. (ALTEROSA, nº318, nov/1959, p.21 - 22).

Também identificamos essa tendência, de relacionar as doenças aos regimes alimentares, no artigo “Você vale pelo que come?”⁷⁰, que trouxe várias explicações para os problemas com o comportamento relacionados à qualidade do alimento ingerido. Pergunta a autora: “Como é você neste dia de hoje? Seja o que fôr, pode ser explicado pelo que você comeu nos dias de ontem. Como será você no amanhã? Não se preocupe – será o resultado do que você estiver comendo no dia de hoje”⁷¹.

No artigo, a autora, uma escritora ficcionista que decidiu escrever sobre alimentos e dietas, sem formação médica ou científica específica, traz elementos que nos mostram a incorporação do discurso especializado na educação de mulheres que, educadas também dieteticamente, já eram capazes de prescrever tratamentos e regimes. Distintamente da “História de Anette Kellerman”, vista no início deste capítulo, a autora jovem incorporou as informações sobre saúde, obesidade, comportamento, nutrição, entre outros dados estatísticos, bem mais detalhados do que a atriz idosa, indicando a educação mais refinada quanto aos métodos de controle dos aspectos dietéticos, adquiridos nas gerações seguintes.

Nesse artigo de Thyra Samter Wislow, encontramos a definição do que seria a “psicossomática” que define como “especialidade médica que parte do ponto de vista psicológico ou psiquiátrico para estudar as causas e proceder ao tratamento dos males físicos”. Argumentando que “grande parte [...] das doenças ou perturbações mentais pode ter suas origens nas condições físicas do indivíduo – por sua vez decorrentes dos alimentos que

⁷⁰ ALTEROSA, nº263, ago/1957, p.26-27.

⁷¹ Idem.

comemos”, conclui que “o corpo e a mente são inseparáveis”. E reafirma que “você pode ganhar saúde, e conservá-la, se tomar os necessários cuidados com a sua mente e o seu corpo”. Nada haveria de sacrificar na alimentação, mas somente fazer as escolhas certas de tipos de alimentos e quantidades, ou seja, “os elementos certos nas horas certas” com “tempo para se deliciar com eles”.

Vimos, a partir das reportagens, notas e artigos, que o detalhamento crescente dos cuidados com a saúde, no aspecto dietético, foram ocupando mais espaço com o avançar dos anos de circulação da revista. Os avanços científicos viraram assunto de revista e o discurso médico foi incorporado pela revista ALTEROSA, assim como aconteceu em outras revistas femininas, acompanhando a tendência de vulgarização desse tipo de discurso. Diante de todas as complicações apresentadas, as revistas investiam enfaticamente na educação e no controle da vida das pessoas, a partir de diferentes aspectos que se complementavam. Ao apresentarem as possíveis consequências da gordura sobre o funcionamento do organismo e sobre a vida social, o discurso da revista queria convencer de que a culpa era dos próprios gordos. Essa culpabilização centrava seus argumentos, também, na reprovação psicológica e mais íntima que, como aponta Vigarello (2009) representava alguém sem domínio de si, que escolheu manter o corpo feio e “impassível”, mesmo que os estudos e dados científicos mostrassem que deveria ser mudado. Enfim, emagrecer, evitar a gordura e se tratar de condições que resultavam em excesso de peso, exigia coragem e autocuidado.

Uma consulta médica para determinar a real situação física deveria ser o primeiro passo. Depois, deveria haver um reconhecimento, de parte do próprio paciente, dos pontos de contato entre os sintomas e sua vida particular. Quando tiver a coragem de começar um sólido avanço no sentido de curar uma condição digestiva que pode estar estragando sua saúde e roubando-o em sua felicidade completa. (ALTEROSA, nº318, nov/1959, p.21 e 22).

A moderação era a palavra de ordem quando se tratava do comportamento dietético, pela via “*in natura*” ou pela via sintética, que veremos a seguir. A responsabilidade e a culpa

das desordens orgânicas eram somente atribuídas aos indivíduos, independente do grupo social ao qual pertencessem, e eram, especialmente mais rigorosas quando se tratava das mulheres.

DESDE QUANDO ME SINTO TÃO BEM?⁷²

Como anunciamos no início desse capítulo, identificamos duas vias distintas e complementares de intervenção da pedagogia dietética sobre os corpos: *in natura*, caracterizada pela preocupação persistente com a qualidade e a quantidade de alimentos ingeridos; *sintética*, que diz respeito à ingestão de substâncias e compostos desenvolvidos com a finalidade de regulação das funções orgânicas e suas consequências para a saúde, para a beleza e para a felicidade da mulher. A seguir, analisamos as estratégias de intervenção sobre o corpo que compõem a via sintética, a partir dos anúncios de produtos para a saúde e a para beleza da mulher, que prometiam atuar na regulação de funções orgânicas e na recuperação da energia e da vitalidade.

Vimos que as estratégias de controle da ingestão de alimentos eram apresentadas às leitoras em uma série de procedimentos sistematizados e considerados indispensáveis para a aquisição do estado de saúde físico e social da mulher. O principal parâmetro regulatório, eleito pelo discurso médico e popularizado pelas revistas femininas foi a forma do corpo e o volume das curvas. Na impossibilidade de precisar numericamente as medidas corporais, estimulou-se o refinamento do olhar tornando-o capaz de identificar as protuberâncias, as deformidades e outros sinais nos corpos definindo-os como indesejáveis. Entre esses sinais o mais condenado pela imprensa foi o da gordura.

⁷² ALTEROSA, nº 82, fev/1947, p.52. Anúncio de Vinho Reconstituente Silva Araújo.

Denise Sant’Anna (2016) identificou na moda e na publicidade os principais caminhos para a promoção do corpo esbelto e, ao mesmo tempo, para a depreciação do corpo gordo, presentes nas revistas brasileiras já nos anos de 1920. Em ALTEROSA, identificamos os anúncios publicitários como o formato privilegiado para a divulgação dos compostos dietéticos. Os anúncios reuniam nas peças publicitárias imagens e textos que apresentavam os apelos à educação corporal, moral, dos gestos e dos comportamentos sociais. Por estarem diretamente relacionados à venda de produtos, com vistas à obtenção de lucro, os diferentes compostos apresentavam argumentos nem sempre comprometidos com o discurso científico.

Tal função educativa dos anúncios não era novidade das décadas de 1940 e 1950 em periódicos nacionais. De acordo com Sant’Anna (2010; 2014), a imprensa brasileira apresentou o aumento progressivo de propagandas de remédios, produtos de beleza e demais produtos que prometiam tratar alguma “anormalidade” fisiológica ou falta de beleza, desde o início do período republicano. As imagens de divulgação e os sentimentos atribuídos a esses tipos de tratamentos foram se alterando com o passar do tempo. Entre as décadas de 1920 e 1930, a propaganda impressa “descobriu” a alegria como estimuladora do consumo, expressa em sorrisos, em palavras ou em cenários agradáveis que retratavam momentos de férias e descanso. Textos que detalhavam possíveis sofrimentos foram sendo substituídos por outros que enfatizavam ora a satisfação gerada pela resolução de um problema orgânico, ora a satisfação consequente da prevenção de possíveis desequilíbrios corporais e emocionais.

Entendemos assim, que se perpetuou a crença de que certos “remédios” poderiam embelezar ou mesmo curar a feiura ou outros males que acometiam o organismo e o impedia de ser saudável e belo. Eles enfatizaram o discurso prescritivo, orientador e homogeneizador de comportamentos, que tentava convencer as leitoras da importância de educar as funções corporais - biliares, sexuais, nervosas – e desejos alimentares para a aquisição ou manutenção da saúde e da beleza, sempre evitando os excessos e primando pela moderação. (SANT’ANNA, 1995b).

O sofrimento estampado no rosto ou representado por certas posições contraídas do corpo da mulher perdeu lugar para o rosto de mulheres sorridentes. Sant'Anna (2010, p.64) afirma que “as imagens de jovens risonhas conquistaram uma decência até então desconhecida”, marcadamente, após os anos 1920. Na revista ALTEROSA, essa tendência apresentou certo atraso quando comparadas às de outros estados, principalmente quando se tratava de produtos que regulavam “os males íntimos da mulher”, aqueles próprios dos períodos menstruais, como analisaremos adiante, em “*Para não viver numa prisão sem grades*”⁷³.

Nessa pesquisa, agrupamos essas substâncias ou compostos em três tipos de produtos dietéticos, considerando suas funções e finalidades: os produtos destinados a eliminar a gordura corporal; os tônicos e fortificantes; os reguladores fisiológicos. O conjunto desses produtos e rituais que os acompanhavam, compõem a via sintética de intervenção sobre o corpo. As recomendações de uso, em geral, apresentavam linguagem simples, objetiva com vistas a estimular o consumo, de acordo com cada período em que os produtos foram anunciados. Para Miguel (2012), os anúncios de produtos nas revistas femininas trazem representações e marcas de gênero por meios do reforço dos estereótipos, expressos por imagens ou por palavras, mais explícitos por se tratar de apelo comercial.

O primeiro grupo de produtos diz respeito àqueles que prometiam o **emagrecimento**, a eliminação da gordura corporal adquirida, não fazendo distinção entre causas emocionais ou biológicas. O segundo grupo de **tônicos e fortificantes** focava no potencial produtivo dos sujeitos, prometendo combater os males causadores do enfraquecimento ou a falta de energia para a realização das tarefas cotidianas. O terceiro grupo de produtos dietéticos, **os reguladores**, dividem-se entre aqueles que atuam nos órgãos internos, principalmente, nos aparelhos digestivo e excretório e outros que curam “todas as doenças próprias da mulher”⁷⁴, atuando nas disfunções uterinas, hormonais e no mau funcionamento do sistema nervoso considerados

⁷³ ALTEROSA, nº 04, dez/1939, p.7. Anúncio de Ovariuteran.

⁷⁴ Anúncio do Regulador Sian. Revista ALTEROSA, nº31, novembro de 1942, p.40.

próprio do universo feminino.

Como veremos a seguir, os avanços da ciência médica e da indústria farmacêutica, ao longo de todo o século XX, foram alterando o discurso médico centrado na doença por outro mais focado na saúde. Segundo o estudo de Sobreira (et al., 2004), na cultura de consumo estimulada, sobretudo, nas grandes cidades brasileiras, os medicamentos associaram seu “poder curativo” à promoção de bem-estar individual, criando necessidades por vezes subjetivas de consumo. Permitiram, assim, a diversificação de compostos produzidos para o tratamento de males do corpo bem como de fórmulas que vendiam a ideia de bem-estar físico e moral.

*PERCA A GORDURA*⁷⁵ e

*DÊ A SEU CORPO A IDADE DE GENTE MOÇA*⁷⁶

Como vimos até aqui, o controle dietético pela via *in natura* privilegiou os artigos e reportagens que disseminavam informações sobre a gordura, consagrada como um mal a ser combatido, pois trazia prejuízos à “plástica feminina”, além de problemas para a saúde biológica e social. A via sintética mobilizava a linguagem publicitária para a divulgação do mesmo tipo de informações, porém, sem o mesmo compromisso de trazer comprovações científicas, uma vez que o principal objetivo era o aumento da venda de produtos⁷⁷. Nesse sentido, os anúncios mobilizavam imagens e textos que dramatizavam a condição de “doentes

⁵³ ALTEROSA, nº 71, mar/1946, p.94 e nº72, abr/1946, p.116. Anúncio de FORMODE.

⁷⁶ ALTEROSA, nº39, jul/1943, p.41.

⁷⁷De acordo com Melo et al. (2006), o avanço mais significativo e intenso da indústria farmacêutica, no Brasil, se deu a partir dos anos de 1950-1960, quando políticas de regulamentação de medicamentos foram criadas, no sentido de normatizar a criação de fórmulas já existentes no mercado e outras que seria postas em circulação.

e feios” e recorriam à sensibilização dos sujeitos para se convencerem da necessidade de aquisição de determinadas fórmulas ou substâncias.

De acordo com Sant’Anna (2016), boa parte dos anúncios publicitários que remetiam ao controle de peso atribuía o excesso de gordura corporal ao acúmulo de impurezas nos órgãos, ao mau funcionamento dos intestinos ou a algum desequilíbrio hormonal. Essa condição, de possuir um corpo gordo, era apontada como responsável pela compressão dos órgãos como o coração, que poderia apresentar dificuldades “na sua obra diária”. Segundo a mesma autora, os anúncios partiam do pressuposto de que os mais gordos tinham o dever de emagrecer e, junto a outros estímulos para eliminação do peso excessivo, representavam um problema que adquiriu proporções muito maiores ao longo de todo o século XX. Assim, “ser muito gordo não só dificultava a vida, mas deveria ter solução”⁷⁸. Nos casos em que as dietas não funcionavam, havia a possibilidade dos produtos serem vendidos em farmácias e drogarias ou, inclusive, pelo correio. As leitoras que não conseguissem corrigir os problemas do organismo com as dietas alimentares, podiam mobilizar o recurso dos “remédios”, comprando o que julgassem mais adequado à sua condição orgânica e financeira.

Outro problema comumente associado à obesidade era o envelhecimento da forma física entendido como perda da elegância e da beleza. Essa associação foi observada por Sant’Anna (2016) nos anúncios publicitários das décadas de 1930 e 1940, nos impressos nacionais. Relacionada ao envelhecimento estava, também, a predisposição ao adoecimento. Para a autora, a publicidade explicitava uma nova visão higiênica do corpo e da vida, na qual a estética se destacava em relação ao receio de adoecer.

Em ALTEROSA, identificamos dois produtos anunciados para combater gordura corporal, seguindo a visão higiênica: FORMODE⁷⁹ e LEANOGIN⁸⁰ (Fig. 36), ambos

⁷⁸Sant’Anna (2016, p.72)

⁷⁹ ALTEROSA, n° 71, mar/1946, p.94 e n°72, abr/1946, p.116.

⁸⁰ ALTEROSA, n°39, jul/1943, p.41.

anunciados em exemplares da década de 1940, como a seguir:

Perca a gordura. Um método usado pelas Estrêlas de Cinema de Hollywood. Póde-se obtê-lo agora nas farmácias. Um médico da Califórnia que atende as Estrêlas de Cinema de Hollywood descobriu um método seguro e novo para **reduzir o excesso de gordura antiestética**. Esta descoberta chamada FORMODE **dissolve a gordura** de um modo seguro e rápido. Comece a perder peso na primeira semana e muitos quilos ao mês. Basta tomar 2 pastilhas 3 vezes por dia. FORMODE **estimula a saúde, a energia e proporciona uma figura atraente**, de modo que possa **parecer e sentir-se 10 anos mais jovem**. FORMODE é um preparado garantido para **remover o excesso de gordura**. Peça FORMODE hoje mesmo em qualquer farmácia. A nossa garantia é a sua maior proteção. (ALTEROSA, n° 71, mar/1946, p.94 e n°72, abr/1946, p.116, grifos nossos).

Fabricado em um laboratório norte-americano, esse produto não apresentou muitos detalhes de produção, quais substâncias compunham “o preparado” que garantiria dissolver a “gordura antiestética”. O maior atrativo para o consumo do produto parecia ser a referências às estrelas de cinema que o utilizavam. Sem mobilizar imagens, o texto convidava a consumidora à reflexão de sua própria condição, em comparação com a imagem idealizada da mulher, nesse caso, das atrizes. As “silhuetas tentadoras”⁸¹ das famosas de Hollywood, eram o padrão de “figura atraente” que se queria alcançar. A promessa da juventude, da saúde e da energia, vinha em contraposição à aparência envelhecida pela gordura, às doenças e à falta de energia advindas da corpulência exagerada.

A facilidade na aquisição e na administração do produto apresentava outro atrativo ao consumo, uma vez que não era necessário nenhum ritual demorado que pudesse comprometer o tempo da mulher dedicado às tarefas cotidianas. Diferentes das dietas minuciosas e penosas para as “mais gordas e desregradas”, o produto propunha um “modo seguro e rápido” de eliminar a gordura incômoda resumido ao simples ato de tomar duas pastilhas 3 vezes por dia.

⁸¹ALTEROSA, n°65, set/1945, p.76-77.

Outro produto relacionado ao controle da obesidade era o *Leanogin* (Fig. 37), que fazia um apelo semelhante, de dar ao corpo uma aparência mais jovem.

Dê a seu corpo a idade de gente moça – Se o seu físico aparenta uma corpulência excessiva que o torna deselegante e lhe diminua a mocidade, urge fazê-lo voltar à proporção normal, por método seguro, racional e científico.

Como? – Com *Leanogin*, preparado que reúne os hormônios próprios para combater a gordura supérflua e incômoda.

O que é Leanogin? – *Leanogin* é apresentado sob a forma de drágeas, de ação segura e eficaz. Trata-se de um medicamento em cuja composição entram diversos extratos vegetais e animais, além de sulfatos e fosfatos em proporção rigorosamente científica. Exerce uma ação lenta, mas firme.

O tratamento da obesidade com Leanogin - Pressupõe uma dieta auxiliar, metódica e adequada, a qual vem prescrita na bula junto a cada caixa. Em geral, 3 a 5 caixas bastam para emagrecer, sem prejudicar-se. Experimente. Peça *Leanogin* nas principais farmácias e drogarias, ou diretamente aos Laboratórios Spalt, à rua Alcindo Guanabara [...]. Rio. (ALTEROSA, nº40, ago/1943, p.53).

Leanogin era um composto de fabricação alemã que, de acordo como Ory (2009), materializou o nascimento de um novo discurso dietético, a partir da normatização de procedimentos e tratamentos considerados atípicos, derivados das “medicinas naturais”. Esse discurso, segundo Ory, se fortaleceu na segunda metade do século XX, com perspectiva de racionalidade nutricional que passou a valorizar as vitaminas e outros elementos naturais, nesse caso, “extratos vegetais e animais”, “sulfatos e fosfatos em proporção rigorosamente científica”. Esse tipo de produto era recomendado em associação às dietas que privilegiavam o conhecimento sobre a composição dos alimentos mais do que sobre quantidades.

Combater a corpulência excessiva e a gordura incômoda e supérflua representa, para Ory (2009), um movimento em resposta ao aumento da obesidade em sociedades que já haviam vivido tempos de penúria e de privação de alimentos como consequência de guerras. Sem a ameaça da fome e sem a exigência de grandes esforços físicos para a realização das atividades

do trabalho nas cidades, o consumo de proteínas, lipídios, glicídios, carboidratos, etc. em excesso precisava ser controlado para não engordar as populações. A grande oferta de alimentos industrializados estimulava o consumo descontrolado de produtos que, após a Segunda Guerra Mundial, passou a ser sinônimo de distinção social ao mesmo tempo em que criou certa “dependência nutricional” de alimentos nem sempre necessários ao corpo e acumulados em forma de gordura deselegante.

De acordo com Ory (2009), o saber dietético passou a promover, assim, a silhueta esbelta como ideal de saúde e beleza, como representado pela mulher do anúncio de *Leanogin*. Esse movimento incluiu as representações negativas da obesidade, mais exigentes em relação ao corpo feminino. Nas revistas brasileiras, o aumento na frequência de anúncios de produtos para combate à gordura, seguiu o rastro da crescente quantidade das mais diversas dietas, ambos acompanhados pela maior difusão de imagens do corpo gordo. É importante ressaltar a observação de Sant’Anna (2016) de que esse movimento não foi linear no país, muito menos homogêneo. A autora apontou a propaganda como grande contribuinte para a desvalorização do gordo, a partir da veiculação de imagens depreciativas, entre argumentos e relatos pessoais que igualmente reprovavam e teciam julgamentos cruéis aos gordos.

Nesse sentido, achamos enriquecedor para a pesquisa procurar anúncios de um mesmo “medicamento” em revistas de outro Estado. Na busca, encontramos *Leanogin* anunciado em revistas cariocas, que traziam outras maneiras de prescrever esse tratamento e sensibilizar os sujeitos. Vejamos um trecho do anúncio intitulado “O martyrio dos gordos”, do impresso *Cinearte*⁸²:

⁸²A revista *Cinearte* foi publicada entre os anos de 1926 e 1942. De acordo com Taís Campelo Lucas (2006) foi um impresso idealizado para a divulgação do cinema no país e para incentivar o desenvolvimento de produções nacionais.

Figura 46: Anúncio de Leanogin



A gordura excessiva é uma carga incommoda, que deforma o corpo e causa à victima atroses aborrecimentos pelo facto de ser sempre a pessoa de aspecto disforme o alvo predilecto das irreverências e das chulas dos críticos.

A senhora que está se esforçando [...] para montar o Cavallo, afim de gozar as delícias de um passeio, é uma das muitas pessoas torturadas por essa carga inútil e prejudicial – a gordura mórbida.

Ela luta por vários minutos para conseguir o que as suas companheiras conseguiram em segundos. O peor, porém, é que os olhares irônicos das [...] ágeis amazonas, que garbosas nas suas montarias acompanham os ridículos esforços da pesadona senhora, causticam de maneira cruel o seu amor próprio. [...] (Cinearte, nº 429, s/p, recorte)

Fonte: revista Cinearte, nº429, s/p.

Ao compararmos esses anúncios, vimos que a publicidade do impresso mineiro mobilizava uma linguagem mais sutil e escolhia palavras, expressões e imagens menos depreciativas. Em Cinearte⁸³, os anunciantes utilizam a imagem da mulher gorda que rasga as calças e exhibe seu traseiro, expondo-se ao ridículo diante do casal elegante que se diverte com a situação de sofrimento gerado pela impossibilidade de carregar seu peso e desfrutar de momentos agradáveis sobre o cavalo.

Outro anúncio de *Leanogin*, no *Jornal das Moças*⁸⁴ (RJ), diz que “No bonde, nos trens, nos elevadores, etc., a corpulência avantajada de uma senhora, pôde provocar dos circunstantes incomodados, olhares indiscretos, sorrisos sarcásticos ou até mesmo phrases picantes e ares impertinentes. Urge, portanto, que as senhoras obesas combatam essa fonte de frequentes contrariedades”. Acompanhando o texto está a imagem de uma mulher dentro do elevador

⁸³ Vale ressaltar que Cinearte era produzida para um público de artistas, para divulgação do cinema. Sendo assim, a linguagem mais descontraída do anúncio parecia ser o tom do público para quem era editada, que vai além da questão regional.

⁸⁴ *Jornal das Moças*, 17/10/1935, p.5. Anúncio de *Leanogin*.

sugerindo que o incômodo que seu corpo avantajado gera ao ocupar tanto espaço. Por último, na revista “Eu sei tudo”⁸⁵, *Lenogin* diz que “a esbeltez de fôrmas não é apenas um capricho da moda. Uma saúde perfeita só é possível num corpo harmonioso, toda gordura excessiva é supérflua e prejudicial”. Nesse caso, há uma ilustração da mulher sentada no sofá e rejeitada por sua forma, enquanto casais magros dançam no salão.

Essa sugestão mais explícita de escárnio não apareceu na publicidade de ALTEROSA, sendo esse um indício da diferenciação de públicos, do uso distinto das imagens e da linguagem, evidenciando certo regionalismo na forma de tratar o gordo. Comum em vários anúncios publicitários era a visão de que a falta da silhueta delgada dificultava o convívio social e provocava constrangimentos. Enquanto os anúncios cariocas de *Leanogin* diziam às mulheres qual corpo não deveriam ter, a publicidade mineira divulgava como o corpo da mulher deveria ser. A deformação das linhas corporais pela gordura era um problema que os produtos prometiam resolver, “sem dietas marthyrisantes ou gymnasticas incommodas”⁸⁶.

Não queremos dizer que a aceitação de ALTEROSA fosse maior, mas que ela se utilizava de estratégias diferentes para educar para a esbeltez. A representação negativa da mulher gorda aparecia em outros locais, em geral, em seções de humor, associadas aos artigos que alertavam sobre os perigos da obesidade ou como a charge *Pensamentos de Lolita* referenciada no início desse capítulo (Fig. 35). Vejamos algumas delas.

⁸⁵Eu Sei Tudo, nº8, jan/1939, p.105.

⁸⁶Idem.

Figura 47: “Para as mulheres que querem estar na moda, a história que mais as impressionam são as contadas pela balança”.



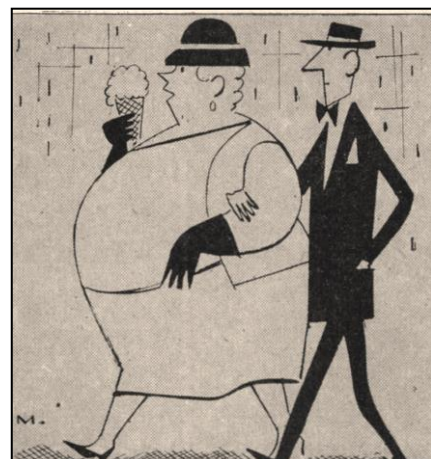
Fonte: ALTEROSA, nº21, dez/1941, p.29.

Figura 48: Charge.



Fonte: ALTEROSA, nº239, ago/1956, p.13.

Figura 49: Recorte de artigo



Fonte: ALTEROSA, nº346, nov/1961, p.31.

Em ambas as imagens (Fig.48 e 49), a mulher gorda está relacionada aos hábitos de descontrole, seja na sua relação com as compras, seja na forma de se relacionar com a comida. Acompanhando a corpulência excessiva das mulheres estava, frequentemente, a figura do marido magro ou pequeno, ressaltando o volume corporal da parceira. Imagens como essas se repetiam e, por isso, educavam pela insistência na recusa, na reprovação, na degradação de um tipo corporal. Essas imagens constituem uma narrativa de vida, de como comportamentos desregrados poderiam levar à infelicidade. As imagens também trazem prescrições menos imperativas, mas não menos sugestivas sobre o que a mulher deveria ser. Mesmo não associadas aos anúncios do impresso mineiro, as imagens habitavam suas páginas, reforçando o que Vigarello (2012) denominou de “estigmatização mais aguda dos excessos”, aqui, representada pelas mulheres corpulentas transformadas em motivo de chacota. A identificação com essas mulheres ou mesmo o medo de se parecer com elas parece ser uma estratégia combinada para a educação dos corpos pelas duas vias da dietética.

Enfim, percebemos que os “remédios” para emagrecer eram apresentados como mais um recurso capaz de “salvar” a saúde e a beleza da mulher, por meio da promessa de recuperação da silhueta. Outros tipos de regulação permitiram o aumento da vigilância sobre o corpo pela via sintética, como propõem os produtos de atuação nos ritmos da digestão, da excreção e da menstruação.

O segundo grupo de produtos é formado pelos tônicos e fortificantes, que prometiam devolver a energia ao organismo, combatendo o “abatimento físico”, a “debilidade orgânica” e a falta de energia para cumprimento das tarefas domésticas. Nesse grupo estão diversos produtos indicados para toda a família que, frequentemente, mobilizavam a imagem da mulher. Esses produtos não eram “descolados” de uma realidade, uma vez que eles procuravam corresponder à demanda do público que consumia o impresso e que tinha um determinado padrão de exigência para com as mulheres, suas tarefas, suas funções na família, etc.

A fraqueza, assim como a gordura, era um problema que necessitava ser eliminado, caso contrário, traria prejuízos à saúde, à beleza e à vida social da mulher. Destacamos três produtos muito anunciados na revista mineira: *Ovomaltine*, *Vinho Reconstituente Silva Araújo* (Fig. 37) e *Emulsão de Scott*. Os dois primeiros eram produzidos por laboratórios nacionais⁸⁸ tanto para comercialização no país quanto no exterior. Em geral, mobilizavam falas de doutores, farmacêuticos, professores, etc. que atestavam a boa ação dos produtos. Os argumentos “autorizados” por profissionais atribuíam maior credibilidade às fórmulas comercializadas.

⁸⁷ALTEROSA, n°82, fev/1947, p. 52.

⁸⁸Ovomaltine era produzida nos Laboratórios Wander do Brasil S.A., com matriz em São Paulo. O Vinho Reconstituente Silva Araújo era do Laboratório Clínico Silva Araújo, que produzia diversos outros produtos para exportação. A Emulsão de Scott, era produzida pelo Laboratorio Scott & Bowne e químicos com sede em Nova York.

Figura 50: Anúncio de Ovomaltine



ABATIDA com os afazeres do lar?

Meu marido acha que estou uma pilha de nervos.

De onde vem este meu cansaço?

Tenho tanto que fazer...e cansada já de manhã!

Adquira novo vigor com a poderosa Ovomaltine.

O abatimento físico tem sido o fim do romance de muitas donas de casa. Preocupam-se tanto com as tarefas do lar que se esquecem da sua saúde e até de sua beleza. Para combater êsse esgotamento, existe, agora, a revigorante Ovomaltine. Sendo um delicioso extrato de malte do Dr. Wander...a lecitina (fosfato) de ovos e puro leite – alimentos básicos do organismo humano. Tenha uma família vigorosa! Sirva a si mesma...ao seu marido e aos filhos a poderosa Ovomaltine. [...]. (ALTEROSA, nº215, ago/1955, p.23, recorte).

Fonte: ALTEROSA, nº215, ago/1955, p.23.

No caso de *Ovomaltine*, o Dr. Francisco Benedetti dizia: “Em minha clínica e nos sanatórios [...] Ovomaltine é utilizada como poderosa coadjuvante na recuperação dos pacientes”. No anúncio, o apelo da imagem da moça abatida e desanimada logo ao acordar, confere certa dramaticidade à situação representada. Como observou Sant’Anna (2010), os anúncios reuniam uma série de elementos para convidar gentilmente as leitoras ao consumo, no lugar de ordená-las. Produzida com extrato de malte, o produto prometia combater a fraqueza e os sintomas associados de nervosismo, abatimento e indisposição femininos, pelo consumo de um copo que “vale como uma refeição!” e que confere praticidade ao produto.

O segundo preparado, *Emulsão de Scott*, apareceu sempre indicado para famílias e mobilizava ora imagem de mulheres sorridentes, ora de crianças felizes por terem aumentado o apetite garantindo, assim, a boa disposição. Produzido com óleo de fígado de bacalhau, esse produto estrangeiro era muito frequente nas páginas de diversas revistas femininas do mesmo

período⁸⁹. Prometia fortificar, nutrir e revigorar o organismo. Diferente do produto anterior, a imagem da alegria e o sentimento de satisfação por recobrem o vigor e a energia necessários às tarefas cotidianas era o tom desse produto.

Figura 51: Anúncio de Emulsão de Scott



Minha esposa é para mim como uma noiva...

A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a criatura mais adorável do mundo. E ela diz sempre: "Devo minha alegria contagiante à saúde perfeita e a saúde à Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tônico ideal para crianças, moços e velhos. [...]O tônico das gerações. (ALTEROSA, nº253, mar/1957, p.53, recorte)

Fonte: ALTEROSA, nº253, mar/1957, p.53.

Para Sant'Anna (2010), a publicidade a partir dos anos 1930, enfatizou também a possibilidade de se obter satisfação emocional pelo consumo de produtos para o corpo, eliminando, paulatinamente, os sofrimentos. Nesse sentido, ao compararmos esses dois anúncios percebemos a alteração do tom publicitário. No primeiro, a mulher fraca pode causar o fracasso do romance. No segundo, a mulher fortalecida garante o sucesso do casamento. Na revista que analisamos, esses dois tipos de investimento da publicidade conviveram por muitos anos, trazendo tanto discursos positivos quanto negativos para diferentes graus de energia do organismo da mulher.

O terceiro preparado que selecionamos foi o *Vinho Reconstituente Silva Araújo*.

⁸⁹Encontramos esse mesmo produto em Cinearte, Jornal das Moças e Eu sei Tudo.

Recomendado para homens e mulheres “fracos e esgotados”, prometia abrir-lhes o apetite “estimulando a assimilação dos alimentos e reajustando tôdas as energias”. Deveria ser tomado “quando o enfraquecimento em geral e a indisposição para a menor tarefa somente podem ser combatidos mediante a ação de um poderoso revigorante do sangue”⁹⁰. Rico em “cálcio, quina, fósforo e peptona de carne” esse produto detalhava sua composição química a cada anúncio, mostrando a preocupação da pedagogia dietética em conhecer as substâncias ingeridas e suas ações no organismo, como vimos na via *in natura*.

Figura 52: Anúncio de tônico



- Parecia-me um PANELÃO DE QUARTEL!

...até que o Vinho Reconstituente Silva Araújo me devolveu o bem-estar e as energias perdidas!

Essa impressão estranha de cansaço pode resultar apenas do sangue fraco, pobre e desnutrido. E se assim é, o Vinho Reconstituente Silva Araújo é o tônico indicado para o reajustamento de suas energias. Faça esta preciosa experiência e sentirá logo animadores resultados. É que o Vinho Reconstituente Silva Araújo, receitado por nomes ilustres da nossa medicina, é rico em cálcio, quina, fósforo e peptona de carne. E é um valioso restaurador para a sua vitalidade! [...]. (ALTEROSA, nº80, dez/1946, p.9, recorte)

Fonte: ALTEROSA, nº80, dez/1946, p.9.

As imagens de anúncio do *Vinho Reconstituente Silva Araújo*, ao retratarem cenas do cotidiano, informavam o papel social reservado à mulher como responsável pela alimentação, por passar roupas⁹¹, por tecer peças em tricô⁹², sem deixar de lado os cuidados com a aparência

⁹⁰ ALTEROSA, nº68, dez/1945, p.69. Anúncio.

⁹¹ ALTEROSA, nº68, dez/1945, p.69. Anúncio de Vinho Reconstituente Silva Araújo.

⁹² ALTEROSA, nº49, mai/1944, p.93. Anúncio de Vinho Reconstituente Silva Araújo.

dos penteados e as tarefas do escritório. A dramaticidade das expressões do corpo e do rosto das mulheres conferem sofrimento à falta de energia para o cumprimento de suas obrigações sociais. Foi interessante observar que o mesmo produto, quando anunciado para os homens, traziam dizeres semelhantes, porém, eles eram representados em situações de trabalho fora de casa, subindo escadas, atendendo telefonemas, o que confere outro lugar social ao homem.

Figura 53: Anúncio de tônico



Fonte: ALTEROSA, nº66, out/1945, p.9.

Figura 54: Anúncio de tônico



Fonte: ALTEROSA, nº77, nov/1946, p.9.

Figura 55: Anúncio de tônico



Fonte: ALTEROSA, nº66, out/1945, p.53

Figura 56: Anúncio de tônico



Fonte: ALTEROSA, nº79, nov/1946, p.9.

Tais representações, assim como nos alertou Miguel (2012), trazem marcas de gênero que ilustram anseios, desejos e restrições sociais expressas na forma de ilustrações aparentemente inocentes, que ensinavam como homens e mulheres deveriam empregar suas energias recuperadas pelo uso do produto.

Nos três diferentes produtos analisados, o corpo estava sujeito à perda da saúde e ao enfraquecimento o que comprometia a vida da mulher, retratada como esposa, dona de casa, mãe e trabalhadora em alguns casos. Eles enfatizaram as consequências da perda de energia, da alimentação não suficiente ou do aproveitamento deficiente dos nutrientes, mas também o lugar social reservado à mulher. A noção de que o corpo precisava ser regulado constantemente, de que o sangue se tornava “pobre, fraco e desnutrido” valia também para outros órgãos.

Figura 57: Pílulas Reuter para o fígado.



Fonte: ALTEROSA, nº31, nov/1942, p.23.

Os diversos tipos de reguladores das funções orgânicas faziam acreditar que os corpos estavam sujeitos a enfraquecimentos, entupimentos, congestionamentos constantes. A necessidade de regulação vigilante eram o foco dos anúncios de remédios e fórmulas. Os anúncios do “purgativo salino-gazoso” *Suco de Amoras* (Fig. 38) e das *Pílulas de Reuter*, ambos para regulação de órgãos do aparelho digestivo, são ilustrativos do discurso farmacêutico. Como tom de conversa entre amigas que trocam conselhos, ambos trazem elementos prescritivos e educativos.

Companheiras comprometidas com o embelezamento: assim são retratadas as mulheres de unhas pintadas, sobrancelhas definidas, olhos marcados pelos cílios destacados e cabelos com ondas bem fixadas, indicadores de mulheres cuidadosas com a aparência e a saúde, que convidam ao uso do *Suco de Amoras* (Fig.38). O olhar da mulher que ouve o conselho secreto dá o tom dramático que instiga a curiosidade de quem vê o anúncio. Em letras chamativas impressas em azul, parece-nos que a mulher elegante toma para si a atenção da

⁹³ALTEROSA, nº40, ago/1943, p.106.

leitora, confidenciando: “É bem simples o segredo de minha beleza!” e, em letras menores, revela: “Evito as terríveis consequências da prisão de ventre com o uso do Suco de Amoras”. A mensagem convida a leitora a se interessar pelos detalhes, pelo segredo que pode conferir-lhe também a beleza.

O outro anúncio, das *Pílulas Reuter* (Fig.57) se distingue na representação da mulher que mantém as vísceras reguladas e parece não ter motivo para guardar segredos disso, afinal para ela, “Não custa nada viver alegre!”. Os dois produtos prescrevem a libertação da mulher dos males digestivos que as acometem, aconselhando: “Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal” ou evitar “as terríveis consequências da prisão de ventre”.

Ambos com linguagem coloquial e intimista que, segundo Luca (2012), são marcas das revistas femininas produzidas a partir da década de 1940, os anúncios trazem certa diferença entre a forma de representar a mulher, num mesmo período. Com o *Suco de Amoras*, identificamos uma tendência antiga de tratar o embelezamento como segredo, como confidência ou fofoca entre mulheres, como observado por Sant’Anna (2014). Com as *Pílulas Reuter* há o movimento oposto, em fazer com que esses males internos não sejam escondidos ou tratados secretamente, mas compartilhados.

Não há, ainda, informações específicas sobre posologia, composição e, nem mesmo a dramatização dos sintomas, como veremos nos reguladores das funções uterinas. Pelo contrário, há sugestão de simplicidade na resolução dos problemas orgânicos e a associação com satisfação, alívio e alegria. A preocupação com os problemas digestivos aparece em ALTEROSA, ao longo de toda a década de 1940, no detalhamento quase obsessivo dos sintomas do mau funcionamento digestório e suas consequências para a saúde, para a beleza e, até mesmo, para as relações sociais e amorosas. O humor decorrente do processo digestivo era o foco do *Sal de frutas ENO*.

Figura 58: Sal de Frutas ENO.



Não beijo! Eu sou do “contra”!

Não seja do Contra!, Faça o regime ENO – “Sal de Fructa” ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom-humor diário e a saúde de toda a sua vida! (ALTEROSA, nº66, nov/1945, p. 69.)

Fonte: ALTEROSA, nº66, nov/1945, p. 69.

Figura 59: Sal de Frutas ENO.



Eu era do CONTRA.

...o ambiente estava sempre carregado. Hoje não, a vida transcorre calma. É que passei a fazer o regime Eno diariamente. “Sal de Fructa” Eno ao deitar e ao levantar. Com acúmulo de toxinas no organismo a digestão é imperfeita. Daí a prisão de ventre. Com Eno tudo se normaliza e se goza bom humor diário. Não seja “do contra” tome Eno, laxante, antiácido e estomacal. (ALTEROSA, nº67, ago/1955, p.215).

Fonte: ALTEROSA, nº67, ago/1955, p.215.

O *Sal de Fructas Eno* abordava os problemas de forma bem-humorada. Outras personagens, como comerciantes e professoras, também eram acometidas pelos males digestivos que *Eno* se comprometia a regular. O “bom humor aqui é mato!”⁹⁴, diz a comerciante que “espantava até a freguesia”, mas ao adotar o regime do “eficaz, suave e seguro” produto, passou a ter “boa digestão” ficou “livre da prisão de ventre, das frequentes enxaquecas”. A professora representada em outro exemplar da revista, conclui: “a irritabilidade, o nervosismo,

⁹⁴ALTEROSA, nº194, set/1954, p.51. Anúncio do Sal de Fructas ENO.

a falta de paciência provinham de má digestão, da prisão de ventre, da azia”⁹⁵.

Se por um lado, encontramos anunciantes que exploravam de forma cômica as causas orgânicas do mau humor, por outro, o dramatismo das mensagens com o uso de adjetivos desagradáveis permaneceu no mesmo período nas revistas. Alguns enfatizavam os sintomas negativos do mau funcionamento de um corpo que se tornava “abatido como que envenenado”⁹⁶, caso não ocorresse a eliminação adequada dos alimentos ingeridos.

ACTIVE A AÇÃO DO SEU FÍGADO. Sem o uso de Calomelanos e despertará todas as manhãs cheio de entusiasmo e alegria. O fígado deverá fornecer normalmente, mais ou menos, 2 litro de bile aos intestinos todos os dias. Si a bile não fluir livremente, os alimentos serão mal digeridos, passando, assim, para os intestinos. Isso ocasionará a formação de gases no estômago e dará origem a uma constipação. Você se sentirá mal humorado, desanimado e a vida lhe parecerá um fardo.

Com o uso das renomadas PÍLULAS CARTER para o fígado, a bile fluirá livremente e você se sentirá cada dia melhor. Adquira um vidro hoje mesmo, tome conforme as instruções e você constatará a ação realmente eficaz destas pílulas na regularização do curso da bile. Peça as PÍLULAS CARTER para o fígado. (ALTEROSA, nº164, jun/1953, p.63).

Os mesmos alimentos que fortaleciam e energizavam o corpo poderiam apodrecer em seu interior provocando uma infinidade de males orgânicos e a sensação de que “Tudo é amargo e a vida é um martírio”. Para além da saúde orgânica, os anúncios não se cansavam de repetir que as perturbações do organismo estavam intimamente relacionadas às inconsistências do espírito e da moral, à perda da beleza e à dificuldade de convívio social.

COMO PODE UMA MULHER CONQUISTAR UM HOMEM E UM HOMEM
OBTER o Respeito de outros Homens
Sem que um litro de suco biliar flua diariamente do fígado para os intestinos, os alimentos fermentam nos intestinos. Isto perturba todo o organismo. A língua se torna

⁹⁵ALTEROSA, nº177, jan/1954, p.67. Anúncio do Sal de Fructas ENO

⁹⁶Anúncio produto, Pílulas Carter, na edição de ALTEROSA, nº67, nov/1945, p. 96

saburrosa, a pele amarelada...aparecem espinhas, os olhos ficam embaciados, obrevém mau hálito, bôca amargosa, gases, vertigens e dôres de cabeça. Tornamo-nos feios e desagradáveis e todos fogem de nós.

Uma simples evacuação da parte interior dos intestinos não tocará a causa porque não elimina tôda a comida em decomposição.

Só o fluxo natural do suco biliar é que evita a fermentação nos intestinos. As Pílulas Carters são o remédio de efeito suave, que faz fluir livremente o suco biliar. Contém os melhores extratos vegetais. Se quiser recuperar seu encanto pessoal, comece a tomar Pílulas Carter de acôrdo com a bula. Preço: 3\$000. (ALTEROSA, nº31, nov/1942, p.2.)

Gases que “incham o estômago”, “língua saburrosa”, “pele amarelada” e “olhos embaciados”, “mau hálito”, “vertigem e dores de cabeça” não poderiam estar na lista de desejos de leitores e leitoras para alcançarem a beleza e saúde. Na defesa da beleza – física e social – propõe-se que as pílulas de efeito suave e extratos vegetais recuperariam todo o “encanto pessoal”, fazendo a “bílis correr livremente”. Enfim, detalhes sobre a composição ou maneiras de usar o produto ainda não eram as informações mais importantes. A ênfase na atuação detalhada dos remédios e dados científicos habitavam os anúncios e outros lugares nas páginas de ALTEROSA. Sempre se instigava a desconfiança no consumidor, apontando novos problemas nos órgãos ou mesmo a imprecisão de certos medicamentos ou inadequação de outros.

SENTE-SE DOENTE? VOCÊ JÁ PENSOU NO SEU FÍGADO?

Esse mau estar, essas perturbações digestivas (azia, dispepsia, sensação de peso no estômago, gôsto ruim na boca, etc.); intestinais (prisão de ventre, gases excessivos, cólicas, colites, etc.) e nervosas (neurastenia, insônia, sensação de constante cansaço, etc.) que tantos sofrimentos lhe trazem, certamente já fizeram você pensar em possíveis moléstias do estômago, dos intestinos ou do sistema nervoso. E naturalmente você até já usou remédios que lhe parecem indicados para o seu caso. E tudo sem resultado, não é? Você já pensou no seu fígado? Pois saiba que um fígado doente, um fígado funcionando mal pode perfeitamente ser e quase sempre é – a causa de todos êsses males tão desagradáveis e martirizantes. Devido à sua importantíssima missão no equilíbrio geral do organismo é indispensável que êle funcione perfeitamente e qualquer perturbação que o atinja produz desde logo tôda aquela imensa série de males. Se está doente, pense no seu fígado. E vá do pensamento à

ação: recorra imediatamente a Hapacholan – o remédio seguro, o remédio eficaz, o remédio capaz de assegurar ao seu fígado uma perfeita normalidade e um funcionamento perfeito. Hepacholan é saúde para o seu fígado, quer dizer: saúde para você. Hepacholan se apresenta em líquido e em drágeas e em dois tamanhos: “tamanho normal” – a preço extremamente módico – ao alcance de qualquer bolsa e “tamanho grande” – o tamanho justamente apelidado de econômico pois é o dobro do “normal” e custa muito menos do dobro. Escolha o tamanho que mais convenha às suas finanças, mas não deixe de exigir o remédio que convém à sua saúde: HAPACHOLAN. (ALTEROSA, nº224, dez/1955, p.91.)

As instruções para o corpo humano que precisava ser descongestionado, desentupido e regulado não se restringia aos órgãos digestivos, elas também se aplicavam aos rins e bexigas. Nesses órgãos, as vias irritadas tiravam o estado de saúde do corpo, envelhecendo-o. Mais uma vez, a preguiça e a ineficiência dos órgãos aparecem como fortes ameaças à saúde. Os remédios, sob as mais diversas fórmulas e prescrições, faziam o trabalho de combater a lentidão natural do corpo e a tendência à inércia dos órgãos. *Pílulas Carter* prometiam beneficiar homens e mulheres, agindo da mesma maneira nas funções biológicas, mas de maneiras distintas em suas funções sociais.

Outra característica comum entre os anúncios de remédios eram as recomendações de tratamentos do corpo que se assemelhavam à manutenção de máquinas. Apesar de não ser uma associação nova – entre o corpo e máquina -, os anúncios de remédios que circulavam nas primeiras décadas do século XX, investiam na valorização da noção de que haveria um motor lubrificado por líquidos que deveriam fluir livremente por ele, como a bÍlis e o sangue, eliminando todo tipo de impurezas, como “areias” ou “pús” (SANT’ANNA, 2014).

Figura 60: Pilulas De-Lussen.



Figura 61: Pilulas De-Lussen.



Figura 62: Pilulas De-Lussen.



Fontes: ALTEROSA, nº04, dez/1939, p.20 / nº40, ago/1943, p.107 / nº66, out/1945, p.92.

Nos anúncios de *Pílulas De-Lussen*, vemos a mudança de um discurso negativo sobre a saúde para outro que queria convencer pela via do alívio de sintomas como dores e irritações. No primeiro anúncio das pílulas (Fig. 61), a imagem do casal belo, saudável e feliz vem contraposição às graves consequências e sintomas da obstrução das vias, apresentados pelo texto. A sugestão de que a beleza e o sucesso amoroso estariam ligados aos cuidados com a saúde interna, nesse caso, das vias urinárias e da bexiga, era muito comum. Não há menção à tristeza na imagem (Fig. 61), mas no texto são ressaltados os pontos negativos do corpo congestionado. O “mao funcionamento”, a “inchação” e a “incalombação” acompanhadas de “dores lombares, nas cadeiras ou nas costas”, “duvidas nos nervos” e “reumatismo” não soam como sentimentos desejáveis por algum dos personagens da foto, já que esses sintomas “roubam aos moços a alegria de viver”.

No segundo (Fig.62), a imagem de órgãos trazida para fora do corpo enfatiza o foco de atuação do medicamento. Essa estratégia dos anúncios apostava na popularização de um discurso médico mais positivo que, ao fornecer informação, também educava sobre a anatomia, incentivando o conhecimento detalhado do próprio corpo. (SANT’ANNA, 1995a).

O terceiro anúncio (Fig.63) do mesmo produto traz a indicação de que a falha de um órgão poderia gerar a falência de todo um organismo, “tal qual uma complicada engrenagem”. É o próprio anúncio que reforça a comparação do corpo com a máquina. “Assim como um dente de engrenagens, que se parte, pôde paralizar toda a máquina, assim também é o mau funcionamento de um só órgão – como os rins ou a bexiga – pode determinar o desarranjo completo de tôda a nossa saúde”.

Depurar e fortificar o sangue foram duas noções que apareceram como promessa e como necessidade pelo discurso de diversos compostos, como a *Essencia Passos* (Fig.39), dos Laboratórios Sian. Era um produto indicado para limpar o sangue e “aumentar a felicidade conjugal”. Nesse sentido, limpar as impurezas do corpo, assim como eliminar a gordura, como vimos anteriormente, eram ações recomendadas para obtenção do sucesso no casamento. A felicidade conjugal estava também relacionada a uma questão de pureza do sangue da mulher.

A “alegria de viver” aparece em produtos que descongestionam e desentopem as vias orgânicas, atuando em mais de um sistema, como o *Di-Solvente Jesa*.

Figura 63: Anúncio de Di-Solvente Jesa.



Fonte: ALTEROSA, nº224, dez/1955, p.5.

Como esse, outros produtos de atuação mais ampla começam a aparecer com maior frequência. Esse é o caso do *Di-Solvente Jesa* que promete manter “sua mocidade, conservando seu corpo FLEXÍVEL, ÁGIL e ELEGANTE”, atuando para isso nas vias urinárias e biliares. Composto por substâncias extraídas de “plantas das floras brasileira e indiana”, o produto “diurético e desinfetante” atua nas vias urinárias e biliares na prevenção e no combate ao “reumatismo, o artrismo, o ácido úrico e as dores nos ossos e nos músculos”. A composição natural dos produtos, como observado por Ory (2009) ao analisar o *Leanogin*, também aparece no *Di-Solvente Jesa*, de produção nacional.

PARA NÃO VIVER ETERNAMENTE NUMA PRISÃO SEM GRADES⁹⁷

O que tôdas as mulheres devem saber - Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher tem como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vêzes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc. mas o mal está no útero e nos ovários⁹⁸.

Finalmente, analisamos os “reguladores femininos e sexuais” ou produtos anunciados para tratar as “doenças próprias da mulher”⁹⁹ e suas consequências para as relações sexuais. Útero e ovários costumavam ser o foco de atuação das fórmulas que prometiam afastar as

⁹⁷ ALTEROSA, nº 04, dez/1939, p.7. Anúncio de *Ovariuteran*.

⁹⁸ ALTEROSA, nº 71, mar/1946, p.63. Anúncio do Regulador Xavier.

⁹⁹ ALTEROSA, nº31, nov/1942, p.39. Anúncio do Regulador Sian.

mulheres da “vida de perigos”¹⁰⁰ a qual estavam sujeitas. A grande quantidade desse tipo de compostos chama a atenção no folhear da revista, tanto pelo número de anúncios, quanto pelo volume de informações e imagens que cada um deles mobilizava.

As marcas de reguladores “das regras” femininas mais anunciadas em ALTEROSA foram: *Gesteira*, *Xavier*, *Veragridol*, *Ovariuteran*. Outra que nos chamou a atenção foi o *Gynestol* (Fig.40). O *Regulador Xavier* foi, sem dúvida, aquele que mais acompanhou as leitoras da revista, às vezes anunciado de três formas distintas em um mesmo exemplar.

Figura 64: Anúncio do *Regulador Xavier*.



Fonte: ALTEROSA, nº68, dez/1945, p.13.

Com “duas fórmulas separadas, diferentes e científicas”¹⁰¹, cada uma delas era indicada para atender as necessidades específicas de “duas fases diferentes, mas importantes na vida das mulheres”¹⁰², sejam elas “as mocinhas [ou] as senhoras na idade crítica”¹⁰³

¹⁰⁰ ALTEROSA, nº85, mai/1947, p.50. Anúncio do Regulador Xavier.

¹⁰¹ ALTEROSA, nº71, mar/1946, p.63. Anúncio do Regulador Xavier.

¹⁰² ALTEROSA, nº81, jan/1947, p.99. Anúncio do Regulador Xavier.

¹⁰³ Idem.

Sujeita continuamente às perturbações próprias de seu sexo, tendo o seu aparelho genital constituído de importantes e delicadíssimos órgãos cujas irregularidades facilmente se transformam em gravíssimos males, tem a mulher sua vida ameaçada por constantes perigos e precisa, pois, estar sempre vigilante. O seu fluxo mensal é um verdadeiro espelho de sua saúde íntima: se vem regularmente em dias certos e em quantidade certa, sem dores, cólicas, tonturas, enjôos, etc. tudo está bem. Mas se aparecer em abundância ou, ao contrário, diminuindo, irregular ou retardado então urge providências imediatas. Mas nada de recorrer a um remédio qualquer. Os seus males são de duas naturezas diferentes – os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta, atraso ou diminuição de regras – e, portanto, exigem remédios diferentes. O Regulador Xavier, atendendo a essas duas naturezas diferentes dos males femininos, é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N°1, para os casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas e hemorragias, e o N°2, para os casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas ou suspensas. Portanto, prezada leitora, o Regulador Xavier N°1 ou Regulador Xavier N°2, conforme o seu caso, é o remédio único e insubstituível, capaz de combater eficazmente e afastar de maneira definitiva os seus males conservando-a a salvo de todos os graves e traiçoeiros perigos que ameaçam a sua saúde e a sua vida. ALTEROSA, n°85, mai/1947, p.50.

Ao se tratar das mais jovens os anúncios diziam ser “dever de todos os pais que amam de fato suas filhas”, “administrar-lhes sem perda de tempo o Regulador Xavier n°2”, evitando assim que se tornassem doentias e tristes, com aparência de mulheres descuidadas. Para “os males que afligem a mulher na idade crítica – aos 45 anos mais ou menos” outros remédios poderiam se apresentar ineficazes, tornando a vida muito mais sofrida. Assim, “de acordo com os imperativos da razão, da ciência e do bom senso”¹⁰⁴, esse anúncio repetia-se a cada revista, detalhando minuciosamente os possíveis sintomas das mulheres.

Como temos discutido ao longo desse trabalho, a medicalização das sociedades consistiu em sucessivas e constantes intervenções sobre os corpos. De acordo com Anne Marie Moulin (2009), o século XX elegeu os médicos como “intermediários obrigatórios da gestão dos corpos”, transformando-os em “peritos” tanto em assuntos públicos quanto privados. Para a autora, a medicina investia em perturbar qualquer calma do corpo e denunciar desordens

¹⁰⁴ ALTEROSA, n°68, dez/45, p.13. Anúncio de Regulador Xavier.

secretas, o que criava um estado de vigília constante. Nesse sentido, a medicina preventiva trabalhava para prever um futuro do corpo, fazendo ver o que não aparecia, vasculhando o organismo à procura de desordens ou, simplesmente, fazendo o sujeito desconfiar de suas funções orgânicas, investindo na subjetividade de cada um.

Segundo Anne-Marie Sohn (2009) a especialização da medicina, no que dizia respeito à gestão do corpo sexuado, aconteceu de maneira mais demorada e condicionada à “liberação dos costumes”. Assim, também foi a liberação no uso de palavras que diziam da sexualidade, do sexo, dos pudores, principalmente das mulheres. É interessante destacar que ao longo dos 25 anos em que ALTEROSA circulou, as palavras menopausa e menstruação pouco apareceram nesses anúncios de reguladores. Entendemos que esse fato se deve tanto à especialização ainda incipiente da medicina quanto de um certo pudor no tratamento dos “males íntimos” da mulher. Enquanto *Ovariuteran* enfatizou a relação dos “males do ovário” com a participação da mulher em eventos sociais, o regulador *Gesteira* investiu, por alguns anos, em termos mais técnicos conservando, ainda, a dramaticidade na descrição de sintomas e o sofrimento gerados pela condição feminina nos períodos menstruais.

Figura 65: Anúncio de Ovariuteran.



FORA da VIDA. Por que viver eternamente nessa prisão sem grades? Os males do ovário não são simples doença [?] de um órgão isolado. Repercutem sôbre todo o organismo transformando a mulher num objeto inválido, numa pobre prisioneira, condenada a assistir, como simples expectadora, á vida dos demais. OVARIUUTERAN que contém o hormônio do ovário, corrige prontamente as deficiências dessa glândula, restituindo à mulher e prazer de viver. OVARIUUTERAN Laboratórios Raul Leite S.A. (ALTEROSA, nº 04, dez/1939, p.7, recorte).

Fonte: ALTEROSA, nº 04, dez/1939, p.7.

Figura 66: Anúncio de Regulador Gesteira.

Até o Genio!
Uma Calamidade!

Muitas mulheres sofrem de molestias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!
Em certas doenças, até o Genio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes. Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequencias do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador Gesteira**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovarios, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

Fonte: ALTEROSA, nº31, nov/1942, p. 21.

Até o Genio! Uma Calamidade! Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno. Uma Calamidade! Em certas doenças, até o Genio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes. Um martírio! Para tratar estes padecimentos, consequencias do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador Gesteira**[...] é o Remédio de Confiança para tratar inflamações do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovarios, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do útero congestionado. Comece hoje mesmo a usar o **Regulador Gesteira**.

Outros reguladores apostaram no alívio, na alegria e na satisfação da mulher ao se livrar de sintomas incômodos. Alguns deles como *Gynestol*, referenciado nas imagens do início desse capítulo (Fig.40) traz poucas palavras e um sentido positivo na representação da mulher esportista, disposta, cheia de energia, transmitindo a ideia de que ela venceu os sintomas ruins com o uso do regulador que “garante a saúde e a alegria da mulher!”. Essa também foi a estratégia de *Veradrigol* e do mesmo *Gesteira*, que incorporou o discurso da saúde e da felicidade e atualizou a representação da mulher, tornando-a mais feliz, mais bela e atuante no mercado de trabalho.

Figura 67: Anúncio de Veragridol.



Regulador
**VIVE
CONTENTE
& FELIZ**

**PORQUE CUIDA DE SUA
SAÚDE!**

ESTE REGULADOR VERAGRÍDOL
CONTÉM EM SUAS COMPOSIÇÕES
VITAMINAS E MINERAIS QUE
SÃO NECESSÁRIOS PARA O
BEM-ESTAR DO ORGANISMO.

VERAGRÍDOL
REGULADOR VERDADEIRO
LACTATO DE CÁLCIO E FOSFATO DE CÁLCIO

ALTERNATIVA DE SAÚDE

Fonte: ALTEROSA, nº21, dez/1941, p.7.

Figura 68: Anúncio de Regulador Gesteira.

No escritório



Para trabalhar com eficiência e bom humor
é preciso cuidar da saúde.

Regulador Gesteira normaliza as funções
dos órgãos femininos, evitando assim o desgaste
de nervos que certos distúrbios provocam.

Use *Regulador Gesteira*

Fonte: ALTEROSA, nº330, jun/1960, p. 63.

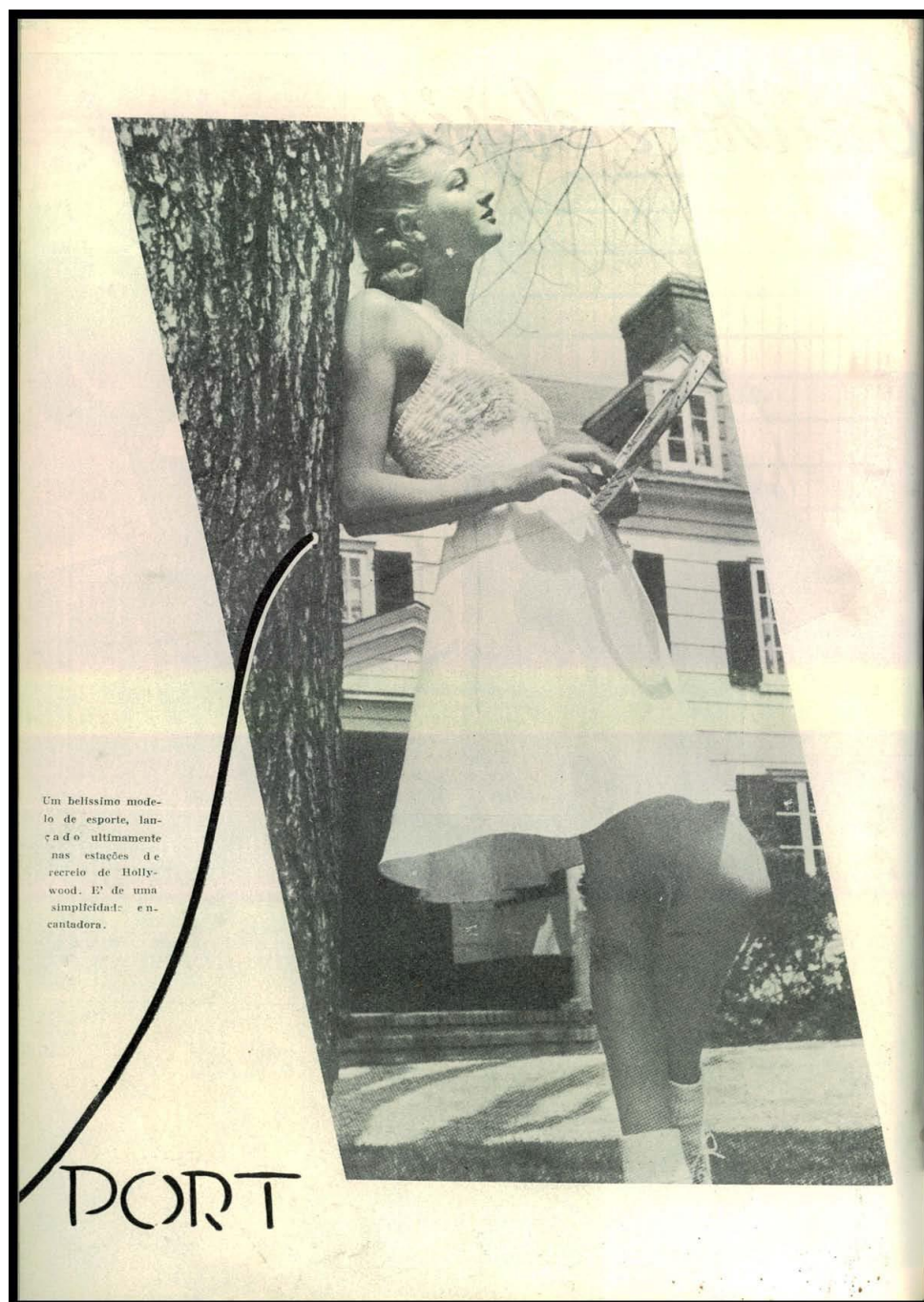
Pudemos então constatar a partir desse capítulo que a pedagogia dietética foi se configurando ao longo do tempo em que a revista circulou, embora nem sempre do mesmo modo e com mesma intensidade. Percebemos que essa pedagogia foi se sofisticando e se refinando em procedimentos tanto na via *in natura* quanto na via sintética. Na primeira, a prescrição de dietas foi incorporando e combinando dados científicos e medidas corporais, que possibilitaram a individualização dos regimes alimentares. Na segunda, as mulheres foram sendo convidadas a consumir os produtos reguladores não mais para atenuar dores e sofrimentos, mas ao contrário, para evitá-los.

Por fim, parece importante perceber que uma pedagogia dietética, seja pela via *in natura* ou sintética apresentam como estratégia de constante atualização do desejo. São novas formas corporais, novos padrões, novas medidas que vão sendo estampados nas páginas de ALTEROSA provocando a busca permanente pelos novos métodos ou procedimentos que satisfaçam as necessidades da mulher que a façam adotar outros regimes ou comprar outros produtos.

CAPÍTULO III:

A PEDAGOGIA ATLÉTICA EM IMAGENS E TEXTOS DE REVISTA

Figura 69: “Um bellissimo modelo de esporte [...] de uma simplicidade encantadora”.

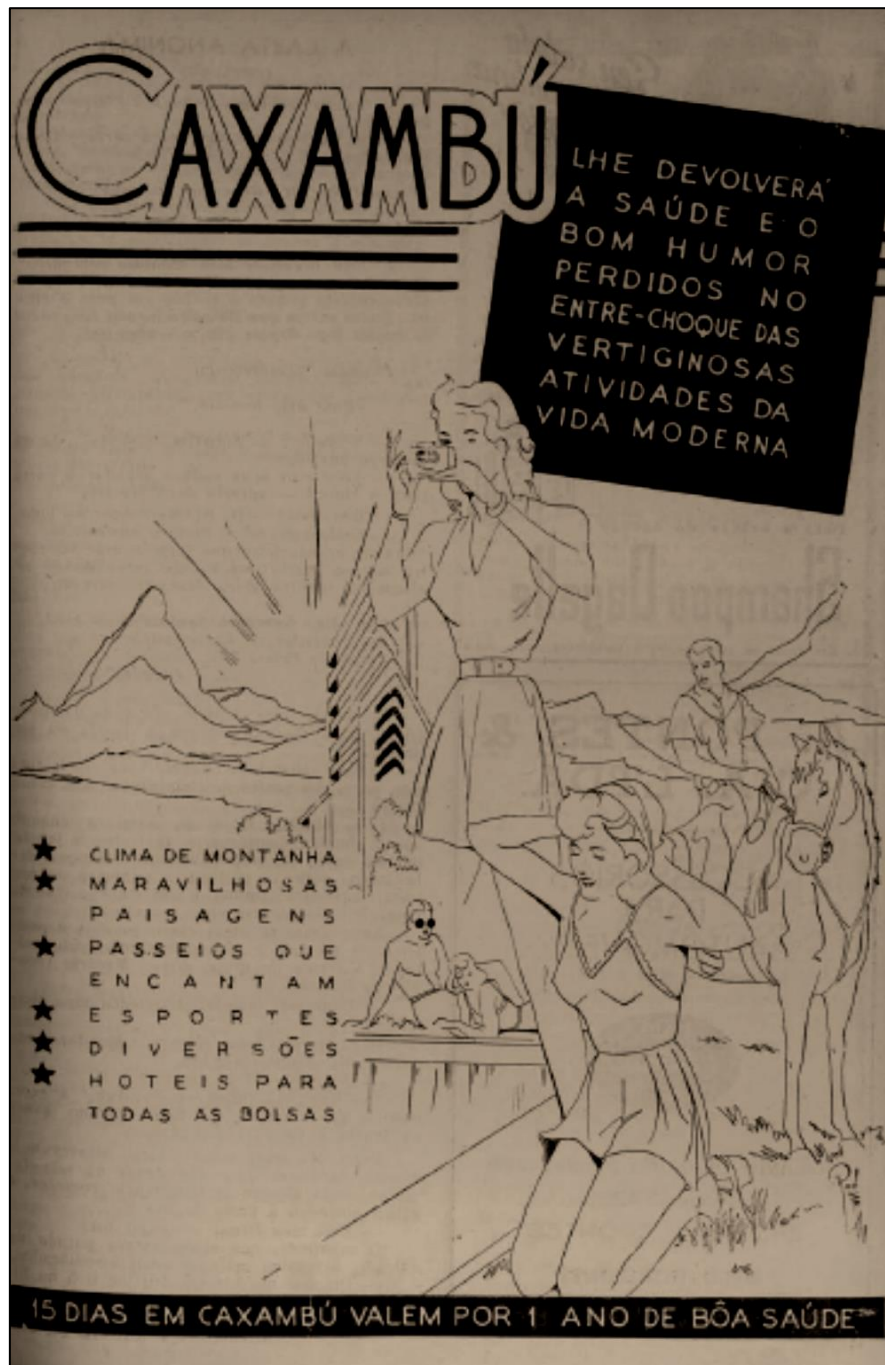


Um bellissimo modelo de esporte, lançado ultimamente nas estações de recreio de Hollywood. É de uma simplicidade encantadora.

PORT

Fonte: ALTEROSA, nº01, ago/1939, s/p.

Figura 70: Anúncio publicitário da cidade de Caxambú-MG.



Fonte: ALTEROSA, n°76, ago/1946, p.61.

Figura 71: A Beleza ao ar livre.



Fonte: ALTEROSA, n.70, fevereiro de 1946, p.82-83.

Figura 72: Ginástica para a sua beleza.

Ginástica

para

★ ★



Esta é a melhor maneira de fazer ginástica para a sua beleza. Com esta barra, você pode fazer todos os tipos de exercícios que melhoram a sua postura e a beleza do seu corpo. É muito simples e pode ser feita em qualquer lugar. Basta ter uma barra e um pouco de espaço. Você pode fazer isso sozinho ou com alguém. É uma ótima maneira de manter a sua forma e a sua beleza.

Esta é a maneira de fazer ginástica para a sua beleza. Você pode fazer todos os tipos de exercícios que melhoram a sua postura e a beleza do seu corpo. É muito simples e pode ser feita em qualquer lugar. Basta ter uma barra e um pouco de espaço. Você pode fazer isso sozinho ou com alguém. É uma ótima maneira de manter a sua forma e a sua beleza.




★ ★

Sua Beleza

★



Esta é a maneira de fazer ginástica para a sua beleza. Você pode fazer todos os tipos de exercícios que melhoram a sua postura e a beleza do seu corpo. É muito simples e pode ser feita em qualquer lugar. Basta ter uma barra e um pouco de espaço. Você pode fazer isso sozinho ou com alguém. É uma ótima maneira de manter a sua forma e a sua beleza.



Fonte: ALTEROSA, n.70, fevereiro de 1946, p.84-85.

Figura 73: Miss Piauí em balneário de Belo Horizonte.



Fonte: ALTEROSA, nº239, ago/1956, p.10.

Figura 74: Charge. Brotinhos & Balzaqueanas. A autoria: Don Flowers.



Fonte: ALTEROSA, nº253, mar/1957, p.106.

Figura 75: O feminismo marcha.



Fonte: ALTEROSA, nº 1, ago/1939, pg. 54.

Vimos, no capítulo anterior, um conjunto de regras que constituíram a pedagogia dietética. Que os cuidados com o corpo, em relação aos controles dos ritmos fisiológicos, ganharam especial atenção e adquiriram o status de necessidade na aquisição e manutenção da saúde, da beleza, da força produtiva, da vida social, da felicidade. Padrões pouco definidos de corpulência ou magreza excessivas, presentes em artigos dos primeiros exemplares da revista, foram se sofisticando com o passar dos anos e adquirindo medidas exatas, que exigiram da mulher a adequação mais rigorosa da alimentação. As prescrições de dietas e regimes se refinaram, assim como as formas corporais rejeitadas e idealizadas se tornaram mais bem delineadas e os métodos de controle mais precisos. A avaliação do corpo como belo ou feio passava pelo crivo médico, mas também por um olhar educado para a identificação minuciosa de defeitos e excessos, passíveis ou não de ações de correção ou de tratamentos.

Aqui, abordaremos outro discurso que propõe a regulação de ritmos orgânicos e manipulação da forma corporal, pela via da exercitação física, do descanso, do sono reparador e do contato com a natureza, focado na defesa da aquisição da saúde. Um conjunto de prescrições de ginásticas, de sugestão de comportamentos cotidianos de cuidados com o corpo e de conselhos de organização das férias ou dos *week-ends*, se configurou em uma pedagogia atlética¹⁰⁵ ou plástica¹⁰⁶ que valorizava formas delgadas e esteticamente moderadas e equilibradas. Essas estratégias de manipulação do corpo da mulher aparecem pulverizadas por toda a revista ALTEROSA. As regras para alcançar o corpo idealizado, delgado, branco, atlético, saudável, foram de conselhos de amigas a prescrições médicas que punham, sob constante estado de ameaça, a beleza feminina e o sucesso pessoal.

Esse capítulo analisA a atlética como uma pedagogia centrada na manipulação das formas dos corpos femininos organizada em dois tipos de intervenção: a moda, pela via passiva, que investia na definição mecânica da forma feminina ideal, padronizada e universal, tendo como parâmetros os corpos das misses, modelos e atrizes de cinema norte-americano; a exercitação física, pela via ativa da ginástica caseira, individual e das práticas esportivas, coletivas e públicas, para as mulheres. Perpetuava-se a ideia de que todo esforço deveria ser compensado com práticas de lazer e de descanso ao ar livre, que permitiriam o reequilíbrio das energias vitais evitando, assim, a instalação de quaisquer estados patológicos. A saúde, a higiene e a beleza estão no centro dos argumentos que relacionavam o trabalho com a forma do

¹⁰⁵ Sant'Anna (2002).

¹⁰⁶ Ory (2009).

corpo à identidade, à construção da personalidade e à moral feminina.

Pelas duas vias, a pedagogia atlética investia na modificação da forma corporal e preocupava-se com o trabalho na e da aparência física. No sentido de dentro para fora do corpo, a ginástica caseira e os esportes disciplinavam os tempos, os gestos e o gasto energético. De fora para dentro, a moda agia destacando potencialidades e escondendo deformidades, a partir dos padrões estéticos vigentes. Reunidas em uma infinidade de imagens, de fotorreportagens e de artigos detalhados sobre o vestir-se e o exercitar-se, as prescrições atléticas revelaram um discurso ambíguo que, ao mesmo tempo em que “libertava” a forma e os movimentos da mulher com práticas esportivas e ao ar livre, “reprimia” com modelos de roupas rígidos e limitadores dos volumes corporais e da expansão dos gestos.

*ALTEROSA AGORA ENTRA NA MODA*¹⁰⁷

A mulher elegante não é aquela que possui um guarda-roupa rico, mas sim a que se veste de acordo com a oportunidade e o ambiente em que se encontra. Fica mal a qualquer senhora andar carregada de jóias, para fazer uma compra ou um passeio esportivo, assim como apresentar-se em diversões noturnas com qualquer traje caseiro. Todo exagero é redículo e a mulher distinta não deve pecar por essa falta¹⁰⁸.

A nota acima, publicada na seção BOM TOM de ALTEROSA, anuncia a moderação como elemento essencial para a mulher ser eleita como elegante. O comedimento na quantidade de roupas e de jóias para cada ocasião concorda com outras prescrições dessa coluna que divulgava os códigos de etiqueta social com vistas à educação das leitoras. Aprender a vestir-se e equilibrar a forma a partir da escolha certa dos adereços deveria combinar com atitudes, gestos e movimentos controlados. Técnicas específicas para a educação do corpo compunham

¹⁰⁷ ALTEROSA, n°365, mai/jun/1963, p[9].

¹⁰⁸ ALTEROSA, n°66, out/1945, p.48. Coluna Bom Tom.

a seção BOM TOM, destacada em letras maiúsculas e apresentando texto emoldurado por bordas como que para chamar a atenção de quem lia a revista. Na pequena nota acima, também há a instrução de que nenhum visual deve ser permanente porque nenhum se adéqua a todas as exigências das situações sociais. A nota trouxe, afinal, a preocupação central da moda: a necessidade permanente de mudança da aparência para adequação dos corpos.

A moda diz respeito à renovação constante e se anuncia universal e democrática. Porém, a moda não é imparcial. Roupas, acessórios e sapatos, como elementos da cultura material, são partes significativas da educação dos corpos. Esses objetos incorporados aos diferentes sujeitos “constroem, compõem, fabricam aparências e, dessa forma, contribuem para a compreensão de aspectos da vida em sociedade por vezes negligenciados ou até mesmo esquecidos” (SOARES; ROVERI, 2013, p.155). As roupas possuem a função de marcar diferenças de idade, de anatomia, de sexo, de posição social, de costumes, de religiões, entre tantos outros elementos que distinguem e classificam os seres humanos. O ato de vestir-se é ainda um “gesto civilizatório singular”, nas palavras de Soares (2011).

O artigo de Oscar Mendes, intitulado “Coisas da Moda”, ilustra o que dissemos acima.

Produto da vida social por excelência, a moda acompanha acontecimentos e modificações que ocorram no curso da vida histórico-social de qualquer nação. [...] a maior ou menor quantidade de pano utilizada na confecção das roupas, ou a maior ou menor transparência das mesmas, tudo pode servir para informar o estudioso dos costumes, dos hábitos, das condições econômicas, intelectuais e morais de determinada sociedade em determinada fase de seu desenvolvimento histórico. É um estudo cheio de surpresas, de erudição, de psicologia individual e social, apesar de sua aparente frivolidade. A moda, embora a certos espíritos sizudos e graves não o pareça, é uma coisa séria. (ALTEROSA, nº73, mai/1946, p.80-81 e 144.)

Para exemplificar como a moda traduz uma sociedade, o autor do artigo faz críticas à ela como expressão dos sentimentos de insatisfação ou resistência diante de grandes acontecimentos históricos, como a Revolução Francesa ou a Segunda Guerra Mundial. No primeiro, o autor percebeu o “profundo abalo moral-social” gerado pela revolução, materializado nos jeitos de vestir e de se comportar dos franceses. Em respostas aos abusos cometidos pela nobreza, “puseram-se abaixo as cabeleiras postiças” e “todo o excesso de pano que abafava a nobreza e o povo” e que escondiam os corpos. As mulheres “foram-se despojando das roupas e, ainda mais, tornando-as transparentes, encurtando-as demais em cima e encompridando-as demais em baixo”. Todo o vestuário simplificou-se e permitiu ao corpo “que

esteve à beira da morte” a possibilidade de “viver intensamente dos prazeres”. Em decorrência disso,

Surgiu a mania da dança. As mulheres julgaram-se fôrras de quaisquer entraves e proibições morais. Corromperam-se os costumes. A depravação generalizou-se. E as modas, naturalmente, acompanharam e concorreram para piorar o estado geral dos costumes. [...] os decotes desceram a níveis baixíssimos e algumas elegantes mais atrevidas e descaradas chegaram a exhibir, em estado de natureza, os “reservatórios da maternidade”, como aos peitos chamava [...] (ALTEROSA, nº73, mai/1946, p.80-81).

Os excessos da moda correspondem aos excessos da liberdade de movimentos e de expressão aqui relacionados à dança. Assim como os decotes, “caíram” também os costumes, os valores morais, a prudência e o pudor femininos. O autor relata que, em outros tempos, as primeiras mulheres que exibiram as “saias-calções” em público foram reprovadas com vaias nas ruas. Assim também diz ter acontecido “mais recentemente, [com] certas estrangeiras que andaram pelas avenidas do Rio, em trajes racionadíssimos”. O autor do artigo pesa suas críticas sobre comportamento feminino, incluindo a mudança nos cortes de cabelo, encurtados em diferentes períodos da História, a masculinização dos trajes com o uso de calças compridas, e a liberação de comportamentos, por ele inaceitáveis e absurdos demais. Comparando a Revolução Francesa com a Segunda Guerra Mundial, ele expressa seu alívio pelo fato da moda não ter incorporado tantos elementos da guerra, até o momento em que escreveu seu artigo.

Apesar, porém, de sua [da moda] indestrutível tirania, de seu contínuo predomínio na vida das modernas comunhões humanas, do seu luxo, das suas loucuras e extravagâncias, da sua insensatez e prodigalidade, da sua futilidade e do seu menosprezo por certos ditames da decência e da moral, parece não ter ela, nos tempos que correm, aquela consonância com acontecimentos históricos a que assiste, como acontecia em épocas pretéritas. (ALTEROSA, nº73, mai/1946, p.80).

Para o autor, a moda não abalou tanto a humanidade como a guerra o fez. Ela, a moda, parecia não inspirar a criatividade dos costureiros, com exceção da incorporação de alguns acessórios como chapéus e bolsas, que lembravam aquelas dos soldados. Oscar Mendes não previa que a relação da moda com o consumo se alteraria significativamente poucos anos mais tarde da publicação de seu artigo. Com o fim da guerra, houve a intensificação da urbanização de cidades em diversas partes do mundo acompanhada de crescimento industrial significativo. Os veículos de comunicação passaram a influenciar, de modo decisivo, as relações de consumo

e o convívio social, ao venderem imagens e sentimentos de satisfação pessoal por meio da aquisição de produtos e de alguns serviços. Inaugurou-se o “império das modas”¹⁰⁹ e essas são “constitutivas de extensos e intensos processos econômicos, sociais e culturais, de todo um sistema da civilização material, e não poderiam ser dele isoladas” (SOARES, 2011, p. 82).

A publicidade em massa das revistas e, principalmente, a indústria cinematográfica reconheceram a mulher como figura central da família e, assim, definidora dos padrões de consumo. O sentimento de escassez, gerado pela guerra, foi substituído pelo incentivo ao consumo, estimulado pela farta oferta de produtos e pela publicidade¹¹⁰. Passou-se a consumir muito mais do que o necessário para a sobrevivência. Itens da moda se multiplicaram no mercado com a retomada do desenvolvimento da produção fabril e o estímulo ao consumo educou as famílias de maneira a acreditar que, ao adquirirem um produto, vestirem determinadas marcas, comprarem em certas lojas era, também, adquirir uma identidade, ou um modo de vida estrangeiro, aos moldes dos astros e estrelas dos filmes de Hollywood.

A moda construía a aparência do corpo e ele próprio. Pela veiculação de fotografias, croquis com manequins para cada ocasião e ambiente sociais, para cada estação e espaço (público ou privado), para cada idade e tipo de silhueta, as colunas de moda educavam o olhar para que fosse capaz de identificar e classificar os corpos pela forma com que se vestiam e se adornavam. As roupas são um elemento da cultura e traduzem códigos morais, revelam cerceamentos e permissões, produzem as aparências. Para Fernanda Roveri (2014), as roupas afirmam os traços humanos, concentram e expressam conhecimentos de diferentes ordens, assim como revelam pertencimentos e exclusões entre os indivíduos e grupos sociais. O ato de vestir-se é parte significativa da educação do corpo, que abarca um “conjunto de técnicas, de políticas, de pedagogias que se expressam ora de modo preciso, ora de modo difuso”. As roupas são também uma forma de expressão dos sujeitos no mundo que, ao escolherem determinados adornos e ao esconder ou deixar ver partes do corpo, jogam com interesses pessoais e coletivos. Deixar-se ver ou chamar a atenção do outro corresponde a fazer-se perceber, destacar-se dos demais e, ao mesmo tempo, incorporar elementos da cultura que faz o corpo ser igual ao grupo.

Para as mulheres, o dever de ser bela, sensual, sedutora e feminina¹¹¹, era um imperativo

¹⁰⁹ Morin, 1997.

¹¹⁰ Para ler mais sobre as relações de consumo e a moda, recomendamos a leitura de Roveri (2014), sobre as roupas e a educação do corpo infantil no período pós-guerra no Brasil, a partir do discurso das revistas.

¹¹¹ Em relação às revistas estrangeiras ver: Lipovestky (2000); em relação às revistas nacionais, recomendamos a leitura de: Silva (2013); Goellner (2003).

que se iniciava na vida privada e se estendia aos espaços de exibição pública do corpo. A mulher, ocupante de espaços compartilhados com homens, deveria estar vigilante e preparada, a todo momento, para seduzir o sexo oposto e agradar o olhar de quem com ela convivia. Os modelos de roupas prescritos às mulheres traduziam comportamentos autorizados a elas. A cinturinha marcada, alta e muito apertada da década de 1950, altera-se para uma forma mais baixa e relaxada na década seguinte, acompanhando a flexibilização da expressão da mulher em sociedade. O desenvolvimento da indústria têxtil e o aumento da produção em série de roupas e acessórios, popularizou modelos que podiam ser infinitamente apropriados por mulheres que ainda costuravam suas próprias roupas em casa, ou por lojas que passaram a vender modelos prontos.

SILHUETAS TENTADORAS¹¹²

A COMPENSADORA, loja especializada em vestuário feminino¹¹³, trouxe elementos que indicam algumas dessas mudanças no ato de vestir-se. O foco de seu anúncio era a mulher moderna e as mudanças em seu estilo de vida que não mais permitia que se dedicasse ao preparo cuidadoso das toaletes para cada ocasião. Os “tempos que correm”, afastaram a mulher “do seu antigo ambiente de ócio nos lares”. Para a nova mulher “integrada ao dinamismo das atividades que singularizam o século atômico, nem sempre há tempo para o estudo dos modelos que devem compor o seu guarda-roupa”. A dedicação aos estudos, ao trabalho fora de casa e as obrigações sociais são citados pelo anúncio como fatores que “impedem a mulher moderna dispor do tempo necessário à criação das toaletes que condizem com o seu temperamento e com seu físico”. Assim, para “satisfazer permanentemente, em qualidade, variedade e gosto, a todas as exigências da moda”, a loja anuncia a criação do “Departamento Feminino” que oferece os vestidos, costumes, acessórios, entre outros, desenvolvidos para promover a elegância feminina.

¹¹² ALTEROSA, n°65, set/1945, p.76-77.

¹¹³ ALTEROSA, n°79, nov/1946, s/p. Anúncio da loja de modas A COMPENSADORA, na cidade de Belo Horizonte.

A loja promete “para cada idade e para cada tipo de silhueta [...] um modelo que agrada, emprestando elegância e personalidade à mulher moderna” (ALTEROSA, nº79, nov/1946, s/p.).

Assim como outros produtos anunciados na revista, essa loja traz a ideia de recompensar as mulheres por seus esforços aumentados pelas atividades fora do lar, oferecendo a elas a oportunidade e o conforto de encontrar as roupas prontas adequadas à sua idade e à sua silhueta. Elegância e personalidade deixaram de ser características inerentes à mulher e passaram a ser produtos emprestados ou comprados pela via, também, do vestuário. A mulher se tornou pública e as exigências para com suas formas corporais e condutas adquiriram novas proporções. Os anúncios convidavam a mulher a mudar seus hábitos, a modelar seus gostos e manipular a aparência do seu corpo.

A mulher deveria assumir um papel em cada ambiente e suas roupas deveriam servi-la e adequá-la a cada situação social. As seções de moda elegeram a silhueta delgada como a representante da elegância, do bom gosto e da saúde. Nesse cenário, eram necessárias ações de correção e adequação das formas do corpo da mulher pelo vestuário, que se realizavam em muitas camadas, desde a mais interna a mais superficial. Por dentro da roupa, mais próximo às carnes, cintas, porta seios, modeladores e meias apertavam e definiam as formas, diminuindo o volume de algumas curvas e aumentando de outras. Ter os seios pontudos como os de Elisabeth Taylor ou a cintura finíssima de Sophia Loren deveriam ser objetivos das mulheres quando buscavam essas peças do vestuário em lojas ou em suas cômodas.

A “intimidade” era modelada pelas *lingeries*, como *soutiens* e cintas (Fig. 76, 77 e 78), que jamais poderiam estar à mostra. Assuntos de roupas íntimas eram segredos compartilhados entre amigas¹¹⁴ e artifícios para modelar um corpo em suas minúcias e criar uma aparência condizente com o ideal. As leitoras de ALTEROSA poderiam recorrer à loja “A Cinta Moderna, uma tradição no serviço da beleza da mulher”¹¹⁵, onde “vendedoras especializadas”¹¹⁶ indicariam o mais conveniente para cada silhueta, garantindo “o supremo padrão da plástica feminina”¹¹⁷. Já a intimidade para os momentos reservados ao quarto, era embelezada e preparada por outro tipo de *lingerie*. Eram as camisolas e robes refinados, bordados, com aplicações de rendas, decotes ousados, fabricados em “tecido indesmalhável” que prometiam

¹¹⁴ ALTEROSA, nº77, set/1946, p.76.

¹¹⁵ ALTEROSA, nº40, ago/1943, p.73.

¹¹⁶ ALTEROSA, nº 239, ago/1956, p.113.

¹¹⁷ Idem.

conforto, beleza e prazer. A associação com a imagem da “Vênus de Milo”¹¹⁸ ou da “Vênus Moderna”¹¹⁹ era o modelo de mulher mais comum para divulgar as peças do vestuário íntimo. Em geral, seu rosto era angelical, sua aparência muito jovem, suas posturas eram lânguidas e curvadas. Os sapatos ou tamancos de salto em “pés pequeninos e delicados [...] do tamanho exato de um beijo”¹²⁰ completavam o visual e sugeriam a entrega da mulher ao seu par do sexo oposto, em momentos de intimidade conjugal.

¹¹⁸ALTEROSA, n° 239, ago/1956, p.113.

¹¹⁹ALTEROSA, n° 77, set/1946, p.76.

¹²⁰ALTEROSA, n° 72, abr/1946, s/p. Seção Sedas e Plumas.

Figura 76: Anúncio de *lingeries* Alteza



Fonte: ALTEROSA, nº322, jan/1960, p.1.

Figura 77: “Vênus Moderna” da Valisière.



Fonte: ALTEROSA, nº77, set/1946, p.76.

Figura 78: “Loura ou Morena” da Valisière.



Fonte: ALTEROSA, nº81, jan/1947, p.6

Na superfície, a roupa deveria expressar a personalidade e o temperamento da mulher, passíveis de julgamentos, a partir de suas escolhas relacionadas ao que vestir. A mulher deveria sempre estar “em dia com a elegância”¹²¹ e se distinguir das demais pelos detalhes do visual. O artigo intitulado “Temperamentos” apareceu na seção “Bazar Feminino”, em exemplar do ano de 1958 e dizia como era “fácil determinar o temperamento de uma pequena, tendo-se em vista o seu modo de vestir-se, de pentear-se, de maquiar-se. Com efeito, nessas coisas ela emprega elementos que a fazem ser o que deseja ou parecer o que é... e isso não deixa de ser uma forma de sinceridade”¹²².

Pelo artigo (Fig. 79) vemos que as roupas expressavam tanto um estilo quanto um jeito de estar no mundo e ser mulher. As leitoras poderiam se espelhar nessas silhuetas e aderir aos penteados para adotar a forma que mais se parecesse com elas, ou como elas quisessem parecer, afinal, o foco da moda era a produção da aparência. Para a Dinâmica, “cabelos curtos ao vento, vestidos folgados, cômodos”. Para a Artista, “cabelos estilizados, quase sempre lisos, vestido ‘a la bohème’”. A Modesta deveria adotar “penteados, pintura, roupa, calçado – tudo simples, sem chamar a atenção”, sendo esta a razão pela qual esse tipo de mulher se destaca. A Romântica, carregava consigo acessórios românticos como leques e “cruzinha” no pescoço. A Coquete, vestia as novidades e se maquiava de acordo com as últimas tendências. Para a Intelectual, “não usa babados, nem laços, nem flores; prefere o penteado simples”, mas “sem chegar à simplicidade um tanto rebuscada da artista”.

¹²¹ ALTEROSA, nº314, set/1959, p.84-85.

¹²² ALTEROSA, nº290, set/1958, p. 74-75.

Figura 79: “Temperamentos”.

Dinâmica

Artista

Modesta

Romântica

Coqueta

Intelectual

BAZAR FEMININO

TEMPERAMENTOS

É FÁCIL determinar o temperamento de uma pessoa, bastando em vista o seu modo de vestir-se, de pentear-se, de maquiar-se. Com efeito, muitas coisas ela sempre apresenta que a fazem ser o que deseja ou parecer o que é... e isso não deixa de ser uma forma de sinceridade.

A Dinâmica
Cabelos curtos, ao vento, vestidos folgados, rebeldes.

A Artista
Penteados estilizados, cabelos quase sempre bem vestidos "à la bobine".

A Modesta
Penteados, pintura, roupa, calçado — tudo simples, sem chamar a atenção. Alisa, é uma roupa pela qual se destaca.

A Romântica
Penteados e vestido de estilo, não dispensas os acessórios românticos — o laço, a trançada, etc.

A Coqueta
Penteados, roupas, maquiagem — tudo na "dramatização", com uma vontade exagerada em matéria de maquiagem.

A Intelectual
Sem chamar à simplicidade um tanto rebuçada da artista, pouco se dá à coquetaria, não usa babados, nem laços, nem fitas; prefere o penteados mais simples.

74

ALTEROSA

15 DE SETEMBRO DE 1958

ALTEROSA

75

Fonte: ALTEROSA, n°290, set/1958, p. 74-75.

Vemos como os signos da moda incorporados pelas mulheres passaram a traduzir seu comportamento e personalidade. Vestir-se era uma forma de comunicar-se e identificar-se com os pares. Para Roland Barthes, citado por Roveri (2014), a roupa é uma linguagem e o ato de vestir-se, uma atividade significativa. Diversos são os artigos que seguiram essa linha de caracterização da mulher a partir do que escolhia para vestir. Identificamos, nesse tipo de publicação, clara relação com uma pedagogia dos corpos e comportamentos associada ao modo de vestir-se, que tanto individualizava e isolava as mulheres, quanto as fazia pertencer a um determinado grupo. Pela reprodução de um modelo tirado da revista ALTEROSA, as leitoras poderiam imitar uma artista, uma modelo, uma miss, trazendo a sensação de apoio coletivo, de pertencimento ao grupo representado ou consumidor da revista. Ao mesmo tempo, não querer copiar esses modelos de roupa e comportamentos, a mulher se distinguia das demais, se individualizava e supria sua necessidade de mudança. Soares (2011, p.85) afirma que “o que marca a moda é, sem dúvida, a mudança constante de conteúdos”.

Nesse sentido, podemos identificar toda sorte de motivos para renovar os modelos e justificar as variações das roupas em comprimento, largura, tipos de costuras, de tecidos, presença ou ausência de mangas e muitos outros detalhes que compunham o visual da mulher moderna representada em ALTEROSA. A idade era uma variável importante na definição do que vestir. Jovens e senhoras não poderiam se vestir com a mesma cor, nem as mesmas peças e acessórios. Para as mais jovens, cores claras, estampas alegres e florais eram consideradas “próprios de uma jovem adolescente”¹²³. Botões, *pois* (bolinhas), destaques “em vivo branco”, saias bem amplas com anáguas armadas para manter a linha arredondada em contraste com a fina cintura, compunham “modelinhos graciosos” (Fig. 80) mais apropriados para as jovens, “na idade do amor”¹²⁴.

¹²³ ALTEROSA, n°68, dez/1945, p.37. Coluna Bom Tom.

¹²⁴ ALTEROSA, n°253, mar/1957, p.92-93.

Figura 80: “Modelinhos graciosos” para as mais jovens.



Fonte: ALTEROSA, nº 239, ago/1956, p.78-79.

Já para as senhoras “é ridículo, grotesco e de péssimo gosto” o uso de vestidos claros que a colocam em “franca competição com as suas netinhas”¹²⁵. Em idade intermediária (Fig. 81), a mulher precisava usar seu bom senso, pois

A quadra dos quarenta anos representa qualquer coisa na vida de uma mulher. É a estação agradavelmente equívoca, em que a mulher não é velha e também suficientemente madura para não parecer jovem. Está entre os dois extremos, o das fitas nas tranças e o do lenço sobre a cabeça. A mulher perto dos quarenta escolhe seus vestidos com especial cuidado, pois que ao usa-los não tem tempo de pensar neles como uma moça. Os vestidos devem ser, por esse motivo, exatamente adaptáveis á idade tão inexata... (ALTEROSA, nº39, jul/1943, p.56-57. Perto dos quarenta?).

¹²⁵ ALTEROSA, nº68, dez/1945, p.37. Coluna Bom Tom.

Figura 81: Modelos para mulheres “Perto dos quarenta”.



Fonte: ALTEROSA, n°39, jul/1943, p.56-57.

Os editoriais de moda mobilizavam, sobretudo, as imagens para se fazer entender e, assim, educar os corpos de quem os apreciava. Milton Almeida (1998, p.xxi) diz que a imagem, na forma de ilustrações, fotografias ou pinturas, “revela-se de uma só vez” e permite que o olhar “delimitando somente pelas bordas, comece a vê-la a partir de qualquer ponto, vagueie por ela em diferentes direções, permaneça onde quiser, imagine”. Os textos que acompanham as imagens de moda nas revistas, em geral, são curtos e completam a mensagem que a própria imagem traz, descrevendo-a. Elas traziam representações do universo feminino ao mesmo tempo em que o construía, exibindo os símbolos de feminilidade às leitoras. Para Goellner (2000), a construção dessas imagens de feminilidade era uma estratégia de controle e mais uma possibilidade de vigilância sobre o corpo e o comportamento femininos que, por sua vez, aparecem em diferentes espaços e tempos e, também, sob diferentes formas e discursos.

As imagens definiam as silhuetas desejadas e a moda auxiliava as leitoras na tarefa de modelar o próprio corpo. A definição artificial das curvas foi se alterando ao longo do período em que ALTEROSA circulou, acompanhando os ciclos das modas. As décadas de 1940 e 1950 traziam corpos mais marcados em traços que distinguiam homens e mulheres, assim, os seios

eram bastante protuberantes e pontudos, a cintura bem marcada realçava o quadril de proporções equilibradas com as medidas da metade superior do corpo. Era o “padrão miss”, em aparência e comportamento sendo celebrado com a realização dos concursos de beleza. A edição nº236 de 1956, traz o registro do concurso Miss Minas Gerais do ano corrente.

Sob o olhar avaliador de uma enorme plateia de “duas mil pessoas” e um júri exigente, a jovem, Anelise Kjaer, miss Varginha, de 19 anos foi a escolhida por ser “um tipo de mulher diferente [...] serena, elegante, com muita consciência ao desfilar e com uma plástica perfeita” composta pelas medidas de “1,65m de altura, 55 quilos, 60 de cintura, 98 de quadris, 94 de busto”¹²⁶. Seus “cabelos, plástica e sorriso de Sophia Loren” a renderam o título de mulher mais bonita do Estado. De acordo com a reportagem, “o entusiasmo popular foi tamanho que a eleita teve de retirar-se fortemente protegida pelos disciplinados soldados do Batalhão de Guardas”¹²⁷, relato que nos mostra a dimensão da celebração da beleza feminina.

Esse tipo de concursos de beleza educavam as meninas e mulheres para serem belas e terem medidas ideais. Assim como misses que eram coroadas como rainhas de beleza, segundo Vigarello (2005), esses concursos desencadeavam paixões por meio de competições de beleza, da escolha dos “melhores” atributos femininos. Para Lipovetsky (2000), esses concursos eram “espetáculos” de contemplação e promoção da beleza feminina. Eram ainda, segundo esse autor, eventos sociais que afirmavam diferenças entre homens e mulheres. Pela exaltação dos “emblemas da sedução, da elegância e da auto-encenação” promovia-se a beleza vista como propriedade distintiva do feminino. Assim, o inventado “belo sexo”, ao qual se refere Lipovetsky, permanecia como um padrão firme e modelar, que orientava os cuidados com a beleza e a saúde.

¹²⁶ ALTEROSA, nº236, jun/1956, p.51.

¹²⁷ ALTEROSA, nº236, jun/1956, p.53.

Figura 82: Recorte da reportagem sobre o evento Miss Minas Gerais de 1956.



MISS MINAS GERAIS DE 1956

Anelise:

outra vitória do interior

Depois de um empate (sem o Voto de Minerva), o júri elegeu "Miss Varginha" — Cabelos, plástica e sorriso de Sophia Loren — A mais bela mineira é filha de dinamarqueses.

TEXTO DE WILSON FRADE FOTOS DE MARIO MORSANI

ANELISE Kjaer (pronuncia-se «ker»), 19 anos, 1,65 m de altura, 55 quilos, 60 de cintura, 98 de quadris, 94 de busto, filha de dinamarqueses e com um rosto semelhante ao de Sophia Loren, é a «Miss Minas Gerais de 1956». Um tipo de mulher diferente. Serena, elegante, com muita consciência para destilar e com uma plástica perfeita.

O júri ficou muito impressionado com a sua pele, sobretudo as senhoras, a princípio inteiramente voltadas para «Miss Belo Horizonte». A vitória de Anelise foi espetacular e nasceu de um empate com «Miss Belo Horizonte», srta. Marta Borges Chaves, morena, olhos de japonesa e muito feminina. O resultado poderia ter-se verificado no mo-



Srta. Anelise Kjaer, Miss Varginha, eleita «MISS MINAS GERAIS DE 1956».

Mima Laens, «Miss Punta Del Este» congratulando-se com Anelise Kjaer.

«Miss Minas Gerais de 1956» recebe a faixa de Miss Minas Gerais de 1955.

50 ALTEROSA 15 DE JUNHO DE 1956 51 ALTEROSA 51

Fonte: ALTEROSA, nº 236, jul/1956, p.50-51

Figura 83: Recorte da reportagem sobre o evento Miss Minas Gerais de 1956.

<p>Srta. Shirley Ferreira, Miss Ituiutaba.</p> <p>ANELISE... (Continuação)</p> <p>mento do empate, se o Presidente do Júri, Sr. Almeida Castro (Diretor dos Diários Associados) tivesse usado de seu direito de voto, em caso de empate. Preferiu, entretanto, abrir mão do Voto de Minerva e devolver aos jurados o reexame do resultado; e estes, por sua vez, decidiram em favor da representante de Varginha.</p> <p>***</p> <p>Inicialmente, procedeu-se à eleição de «Miss Belo Horizonte de 1956», tendo sido escolhida a Srta. Marta Borges Chaves, representante da Sociedade de Cultura Teuto-Brasileira. Esse título foi disputado pelas Srtas. Elise Drumond, Miss Esporte Clube Ginástico; Maria Beatriz Magalhães Drumond, Miss Federação Universitária Mineira de</p>	<p>Srta. Marta Borges Chaves, Miss Cultural Teuto-Brasileira.</p> <p>Esportes; Maria Conceição Campos, Miss Minas Tênis Clube; Yolanda Costa, Miss Iate Golfe Clube; Tânia de Pinho, Miss Clube Belo Horizonte; Maria José Gontijo, Miss Cultural Brasil-Estados Unidos; Marta Borges Chaves, Miss Cultural Teuto-Brasileira; Wanda Suretti Fontes, Miss Esporte Clube Sirio; Marília Daiva Barbosa, Miss Social Vila Rica; Lady Francisco, Miss Aeroviários, e Zilda Resende, Miss Clube do Cinema. A eleita recebeu a faixa de sua antecessora, Srta. Terezinha Aloizio.</p> <p>A escolha de Miss Minas Gerais foi feita entre as quatro representantes do interior e a candidata de Belo Horizonte. Depois de se apresentarem diante do público e do Grande Júri, em vestido de baile e maquiagem, veio o empate, o desempate sensacional e a proclamação. Disputaram esse título</p>	<p>Srta. Heloisa Passeado, Miss Juiz de Fora.</p> <p>as Srtas. Anelise Kjaer, Miss Varginha; Maria Antonieta Corrêa, Miss Patos de Minas; Heloisa Passeado, Miss Juiz de Fora e Shirley Ferreira Miss Ituiutaba. Conhecido o resultado, a Srta. Maria Aparecida Benz subiu ao palanque e passou a faixa à sua sucessora. O entusiasmo popular foi tamanho, que a eleita teve de retirar-se fortemente protegida pelos disciplinados soldados do Batalhão de Guardas.</p> <p>Outra nota sensacional desse grande acontecimento foi a presença da Srta. Mima Laens Rodrigues, Miss «Punta del Este», estrela do cinema argentino e considerada a sócia de Maria Felix, a mulher mais bonita do mundo. Mima, que saiu de Montevideu no dia 19, pela manhã, perdeu em São Paulo o avião para Belo Horizonte, aqui chegando no domingo, à hora da festa. Mesmo</p>	<p>Maria Antonieta Corrêa, Miss Patos de Minas.</p> <p>assim, esteve presente, desfilou e fez um sucesso espetacular. Solicitada pelo público, deu uma volta à piscina, atirando beijos aos presentes.</p> <p>Mima presenteou a eleita com um buquê de flores naturais, trazido especialmente de Montevideu.</p> <p>***</p> <p>O certame deste ano superou em tudo o do ano passado. Mais candidatas, maior interesse da parte do público e disputa, à margem, entre os concorrentes, no que diz respeito aos vestidos e maquiagem. Muitas das candidatas, não encontrando maquiagem adequada em Belo Horizonte, foram ao Rio para adquiri-la. Os vestidos constituíram também uma disputa entre as modistas belorizontinas. Cada qual mais rico do que o outro. Duas mil pessoas ocuparam</p> <p>(Conclui na pag. 108)</p>
<p>52</p>	<p>ALTEROSA</p>	<p>15 DE JUNHO DE 1956</p>	<p>ALTEROSA</p>

Fonte: ALTEROSA, nº 236, jul/1956, p.52-53.

No que se refere à moda, certas variações eram bem aceitas desde que conservassem a silhueta esbelta como das misses ou a tradição de um corpo regrado e com medidas sob controle.

Conquanto a silhueta da mulher elegante continue a oferecer seu habitual aspecto fino e esbelto, apresentar-se-á, no entanto, como que inspirada nas linhas clássicas das silhuetas de já trinta e tantos anos, que os nossos avós ainda admiravam...[...] Quanto aos “tailleurs” ou conjuntos, sobressair-se-ão também, pela sobriedade das linhas, sem adornos, característica da tendência feminina de primar pela simplicidade do talhe, o que emprestará adorável elegância à silhueta... (ALTEROSA, nº66, out/1945, p.72.)

Eventuais inadequações da anatomia poderiam ser corrigidas, desde que mais sutis, por meio do disfarce de linhas do corpo ou pelos desenhos e alinhamentos dos tecidos e dos modelos elaborados para enganar o olhar do outro. Os modelos em espiral, por exemplo, intencionavam iludir o olhar para que a silhueta parecesse mais alongada, como propunham famosos figurinistas¹²⁸. A altura inadequada também poderia ser “solucionada”

Figura 84: O problema da altura



O problema da ALTURA - Qual seria a altura ideal?

Para a maioria das mulheres pertencentes à classe média, ser mais alta é sempre desejável. Não resta dúvida que a moça mais alta tem algumas vantagens sobre a irmã mais baixa. Mas, por outro lado, é muito difícil para ela ir a uma loja e comprar um vestido que lhe sirva bem, com a mesma facilidade que as do grupo médio.

Por essa razão, estes modelos, confeccionados em tricô de lã, foram criados especialmente para as moças mais altas e serão uma grande novidade, particularmente para as senhoras que pertencem a essa categoria. Cada modelo chama atenção para a saia mais comprida, bem como para a manga e a cintura. Em alguns casos, tronco pequeno e pernas exageradamente compridas complicam a adaptação do problema, que também pode ser resolvido com o uso dessas roupas, por causa de um cós elástico que se ajusta bem ao corpo. (ALTEROSA, nº290, set/1958, p.66).

Fonte: ALTEROSA, nº290, set/1958, p.66.

¹²⁸ ALTEROSA, nº111, jul/1949, p.99

O desenvolvimento de outros tipos de tecidos, mais elásticos ou maleáveis, se ajustavam a diferentes corpos. Algumas modelagens permitiam os disfarces mais acentuados. Tendências da moda de 1949, diziam que “a mulher alta e esbelta verá com agrado aparecer a saia tubular, e, a gordinha ficará contente ao saber que a roda ampla e total já não é obrigatória”¹²⁹. Em 1958, a saia tubular reaparece para as mais altas e magras, e as saias *godet*, em 1960, com pequena abertura em direção à barra, prometiam disfarçar os quadris mais largos e alongar as mais baixas. Porém, os corpos delgados, com pernas compridas e mais altos, permaneceram como o ideal do corpo feminino até as últimas edições da revista.

A década de 1960 trouxe significativas liberdades às formas, afrouxando os apertos da silhueta, disfarçando a cintura, subindo ou descendo as barras das saias, mais de acordo com o desejo da mulher. A cintura “fica sem lugar”¹³⁰, as saias *godet*, não mais coladas às pernas, disfarçam coxas e quadris mais avantajados. A sensação maior, são as calças que, finalmente, aparecem nos editoriais de moda mineira, como peças confortáveis, que ofereciam praticidade às atividades cotidianas. Nessa década, o traje esporte, associava-se à descontração e trazia o tom da informalidade ao visual. Esse visual feminino estava estreitamente relacionado às atividades de férias e ao ar livre, além das atividades esportivas, como veremos a seguir.

¹²⁹ ALTEROSA, n°111, jul/1949, p.102.

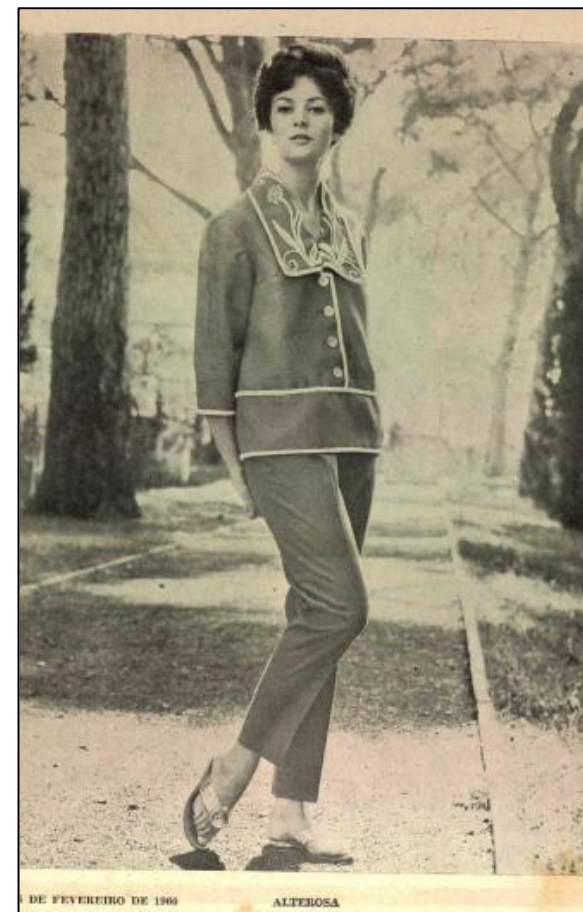
¹³⁰ ALTEROSA, n°363, mar/1963, p.32.

Figura 85: 3 Modelos para usar nas férias



Fonte: ALTEROSA, nº359, nov/1962, p.45.

Figura 86: Conjunto esporte em verde e vermelho.



Fonte: ALTEROSA, nº324, fev/1960, p.69.

Soares (2010; 2011) aponta que a modernização da vida nas cidades foi acompanhada do desenvolvimento do estilo de vida esportivo. Segundo a autora, entre as décadas de 1920 e 1940, o Estado criou e desenvolveu políticas de incentivo às práticas esportivas que, em concordância com o discurso médico-higiênico do período, prescrevia o uso de roupas específicas para esse fim. Marcadamente nos anos 1940, a indústria da vestimenta esportiva se desenvolveu no Brasil, criando tecidos leves, modelagem mais larga e confortável. As peças de roupa deveriam ser próprias para a exercitação física, seja em casa, nos clubes, nas ruas, em praças, em atividades de lazer, etc. Assim, as roupas marcavam espaços, tempos e estilos distintos para o dia a dia e para a prática do exercício físico, bem como para as atividades em locais fechados e ao ar livre.

Nas páginas da revista ALTEROSA, a nota “O vestuário e a saúde”, expressou essa preocupação:

Deixando de lado as exigências, sempre prejudiciais, da moda, devendo ter em mente que o vestuário simples e adaptado ao trabalho e à época do ano é dos mais confortáveis e dos mais úteis à conservação da saúde.

Variando nas estações do ano, o vestuário adequado estorva as perdas de calor no inverno e facilita-as no verão. Nesses casos, tomada como base a condutibilidade térmica dos tecidos de confecção das roupas, temos a lã como o mais quente dos tecidos, seguindo-se da seda, o algodão e o linho, os dois últimos chamados mesmo tecidos frescos.

Em qualquer época o vestuário deve permitir a permeabilidade ao ar, dando fácil evaporação ao suor, como também se deve ter em consideração o poder de absorver ou refletir as irradiações solares, o que depende especialmente da côr dos tecidos. [...]

Outras condições para caracterizar o aspecto higiênico do vestuário são a ausência de constrictões (roupas muito justas, cintos apertados) e a sensação de desagradado que trás à pele o contacto do tecido. Tecido agradável ao contacto e roupas amplas são, pois, mais duas condições higiênicas do vestuário.

Por outro lado, a proteção dos pés e da cabeça exige medidas adequadas. Os sapatos devem ser folgados e de acôrdo com a forma dos pés; também devem ser leves, sendo condenados os saltos altos, tão de agrado das mulheres, por deformar ainda mais os pés e aumentando as possibilidades de unhas encravadas, calosidades e etc.

Quanto ao chapéu, pode êle ser suprimido se não é grande a exposição ao sol, se o individuo está com a pele protegida pelo pigmento, se estão em boas condições os aparelhos circulatórios e termo-regulado e se os olhos estão protegidos por óculos

¹³¹ ALTEROSA, n°239, ago/1956, p. 77.

escuros.

Para o trabalho, tipos especiais de vestuário devem ser adotados, levando-se em conta a necessidade de proteção da pele contra os agentes irritantes, cáusticos ou tóxicos, ao contacto dos quais se exerce a sua profissão.

A maneira atual de vestir é imprópria, é nociva à saúde. Só os imperativos da moda podem justificá-la. Pouco a pouco, porém, deverá ela ser modificada, em benefício da própria saúde e do conforto de cada um. (ALTEROSA, nº111, jul/1949, p.156).

A constrição, a cor, o tipo de tecido, o conforto e uso de acessórios: a nota reúne as principais orientações da pedagogia atlética relacionada à vestimenta. O artigo traz a preocupação com os excessos da moda e suas consequências para o corpo da mulher. Algumas restrições extremas, como o uso de cintas muito justas, poderiam gerar desconforto, causar deformações anatômicas e dificuldades fisiológicas com o uso constante. Esse tipo de preocupação era parte de um discurso que dizia respeito à moda, à saúde e, sobretudo, a um estilo de vida mais saudável, mais esportivo.

Segundo Soares (2010), as roupas traziam referências de determinadas práticas esportivas, criando uma nova cultura da vestimenta que universalizou o comportamento de ser elegante, esportiva, moderna (Fig. 69). Seguindo essa tendência da moda, os modelos esportivos apresentados pela revista ALTEROSA nem sempre eram para a prática esportiva. Eles expressavam um sentimento de descontração e de alegria, de relaxamento e de descanso (Fig.85 a 88). Também “vendiam” valores como saúde, civilidade, divertimento, higiene e o sentimento de “ser moderna”. Um modelo “esportivo simples, mas bem interessante” poderia trazer “enfeites laterais”, emprestando “uma nota aristocrática” à mulher ou, “para as tardes quentes de nossa terra” recomendava-se modelos “em linho branco a cuja simplicidade se alie a característica esportiva do talhe” (Fig.88). A palavra esporte foi incorporada à moda para se referir ao caráter mais descontraído de um visual para ir às compras, para os momentos de descanso, etc. As cinturas, em geral, eram menos apertadas e os tecidos mais leves. Os saltos bem baixos e as calças eram mais permitidas nessas ocasiões.

Figura 87: Silhuetas esportivas



Fonte: ALTEROSA, nº239, ago/1956, p. 77.

Figura 88: Modelos esportivos



Fonte: ALTEROSA, nº71, mar/1946, p.82-83.

Um forte aliado da pedagogia atlética era o discurso sobre a natureza. As imagens e anúncios que povoam a revista retratam ambientes naturais que tentam convencer de que um corpo atlético e saudável se conquista em harmonia com a natureza. Ambiente ao ar livre, contato do corpo com elementos naturais, exposição controlada ao sol, fazem parte das prescrições para uma plástica esportiva. Os espaços junto à natureza adquiriram um significado mítico de regenerar as energias, recuperar as forças, estimular a vitalidade. Nas revistas, as incorporações de cenários naturais na divulgação de modelos esportivos convidam a uma relação mecânica entre corpo esportivo e natureza. Assim, as imagens retrataram com insistência corpos ideais em vestimentas esportivas “coladas” em ambientes naturais. Essa paisagem, ao mesmo tempo que se plasma com o corpo atlético, autoriza a exibição desse mesmo corpo.

É assim que o contato com a natureza vai invadindo as fotografias de moda e os conselhos sobre beleza nas páginas de ALTEROSA. O sol, a luz, as piscinas, as praias passaram a compor os cenários, seja em forma de fotografia ou de ilustrações.

Figura 89: Supremo “it” para 1943.



Fonte: ALTEROSA, n°39, jul/1943, p.46.

Figura 90: Maillot.



Fonte: ALTEROSA, n°21, dez/1941, p.60, 61.

As atividades ao ar livre foram, ainda, incentivadas por ALTEROSA para o descanso e

para a recuperação da beleza. A construção de hotéis em cidades mineiras com estações hidrominerais e balneários eram recomendadas para a prática esportiva, o descanso, o contato com a natureza, a recuperação das energias gastas ao longo do ano com as tarefas cotidianas. Viagens para Caxambú, Araxá, Poços de Caldas prometiam devolver às leitoras “a saúde e o bom humor perdidos no entre-choque das vertiginosas atividades da vida moderna”¹³². Apenas 15 dias de passeios a cavalo, “clima de montanha, esportes, diversões, maravilhosas paisagens” prometiam um ano de “bôa saúde”¹³³

A intensidade da vida moderna exige de todos um esforço que deve ser reparado com um período anual de férias bem aproveitadas! Caxambú. É a mais aprazível estância aquática da America do Sul, com o clima salubérrimo, passeios bucólicos, jogos de salão, musica e dansa. Magnificos hoteis com diarias ao alcance das bolsas mais modestas. (ALTEROSA, nº12, jan/1941, s/p).

Em férias mais alongadas, a leitora poderia recuperar suas “energias gastas em um ano de trabalho, frequentando 30 dias o Palace Hotel de Poços de Caldas”, que oferecia “lindos apartamentos para casal” e os “banhos termo-sulfurosos”¹³⁴. Em Belo Horizonte, a Lagoa da Pampulha era considerada uma estação balneária onde moradores praticavam esportes, misses exercitavam-se e exibiam sua plástica, famílias se encontravam para divertir-se e experimentar um estilo de vida mais moderno aos moldes das cidades praianas como o Rio de Janeiro¹³⁵. “Saber divertir-se” era celebrado nas páginas da revista mineira como “novos métodos de educação” utilizados no Estado de MG, que apontava os corpos expostos da mocidade e os novos comportamentos ao ar livre como indicadores da positiva modernização da cidade e da população ciente de seus hábitos mais saudáveis. O calor, o mar, o ar e as montanhas passaram a ser convidativos ao estilo de vida esportivo.

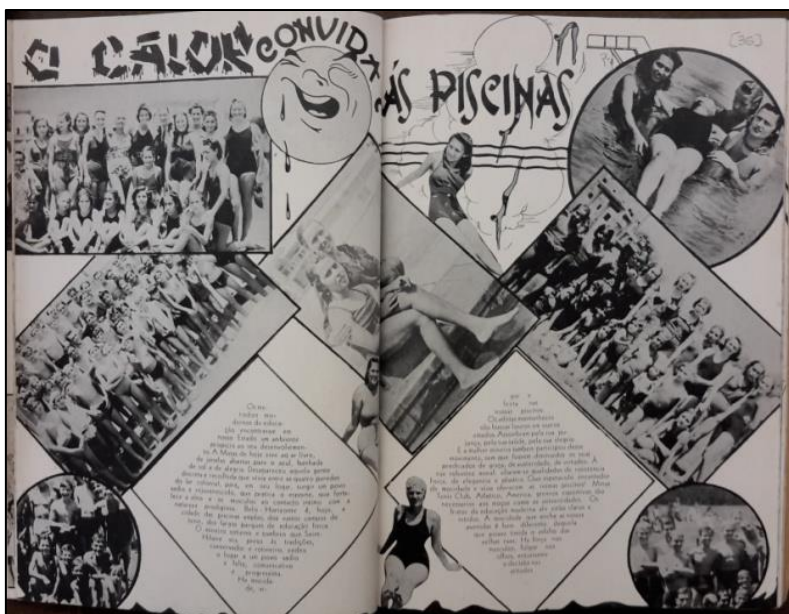
¹³² ALTEROSA, nº76, ago/1946, p.61. Caxambu.

¹³³ Sobre educação do corpo e a relação com a natureza sugerimos leituras de Dalben e Soares (2011) e Medeiros e Soares (2016).

¹³⁴ ALTEROSA, nº31, nov/1942, p.51.

¹³⁵ Viana (2013).

Figura 91 : O calor convida às piscinas



Os métodos modernos de educação encontraram em nosso Estado um ambiente propício ao seu desenvolvimento. A Minas de hoje vive ao ar livre, de janelas abertas para o azul, banhada de sol e alegria. Desapareceu aquela gente discreta e recolhida que vivia entre as quatro paredes do lar colonial para, em seu lugar, surgir um povo sadio e rejuvenescido, que pratica esporte, que fortalece a alma e os músculos ao contacto íntimo com a natureza prodigiosa. Belo Horizonte é, hoje, a cidade das piscinas amplas, dos vastos campos de tênis, dos largos parques de educação física. O mineiro soturno e sombrio que Saint-Hilaire viu, preso às tradições, conservador e rotineiro, cedeu o lugar a um povo sadio e feliz,

comunicativo e progressista. Há mocidade, vigor e festa nas nossas piscinas. Os atletas montanhezes vão buscar louros em outros estados. Assombram pela sua pujança, pela sua saúde, pela sua alegria. E a mulher mineira também participou desse movimento, sem que fossem diminuídos os seus predicados de graça, de austeridade, de virtudes. À sua robustez moral, aliaram-se qualidades de resistência física, elegância e plástica. Que espetáculo encantador de mocidade e vida oferecem as nossas piscinas! Minas Tennis Club, Atlético, America, grêmios esportivos tão necessários aos moços como as universidades. Os frutos da educação moderna ali estão claros e nítidos. A mocidade que enche as nossas avenidas é bem diferente daquela que pisava tímida o asfalto das velhas ruas. Há força nos músculos, fulgor nos olhos, entusiasmo e decisão nas atitudes. (ALTEROSA, n.04, dezembro de 1939, p.36-37). Fonte: ALTEROSA, n.04, dezembro de 1939, p.36-37.

Nesse movimento de mudança de comportamento da mocidade mineira, as mulheres foram convidadas a participar das atividades, a ocupar os espaços públicos de exposição do corpo sem, contudo, perder seus “predicados de graça, de austeridade, de virtudes”. Assim como outros tipos de intervenções sobre o corpo, a pedagogia atlética propunha uma série de regras para a experiência das férias. Ao submeter o corpo ao descanso ou ao ambiente diverso daquele do dia a dia, as leitoras não podiam perder de vista que “o primeiro objetivo deve[ria] ser assegurar o relaxamento perfeito, que aumentar[ia] seu capital ‘saúde e beleza’”¹³⁶. Novamente, o discurso científico, da higiene e da saúde, da exercitação e do cuidado fornece argumentos para o controle das atividades de férias. Nesse sentido, o corpo também deveria estampar a recordação das férias, a relação com as atividades ao ar livre, com o sol, com a natureza e a ideia de que, somente assim, seria possível o alcance da verdadeira beleza. Segundo Vigarello (2009), “as férias fabricariam o estético” e, para isso, os sujeitos precisariam fazer uma “revisão pedagógica” de procedimentos de antes, durante e depois do usufruto desse

¹³⁶ ALTEROSA, n.º236, jun/1956, p.62-63 e 68. Seção Bazar Feminino.

período. Para o autor, cada um se tornaria melhor, se “embelezaria”, procurando a despreocupação e o prazer, ao mesmo tempo enquadrando-se em determinadas prescrições.

Figura 92: Bons hábitos para boas férias



Você entra em férias, decidida a, durante três ou quatro semanas, fazer provisão de forças para o resto do ano. Para recuperar essas forças é necessário recorrer ao repouso? Necessariamente, não. Se você leva uma vida fisicamente sadia, se moralmente você muda as suas idéias, as férias lhe serão proveitosas. Toda mudança de ambiente ou de ritmo conduz a uma descontração. Uma vez descontraída, você poderá submeter seu organismo ao “gerador sol-luz-ar livre” e deixar-se “carregar”. A energia se acumulará em você como se acumula nas baterias, sem que você faça nenhum esforço. [...]

- Durma: é durante o sono que você vai recuperar o melhor das suas forças. As células nervosas ficam em repouso, o corpo estará livre da lei da gravidade, que tanto prejudica os traços.

Durma bem contenta, sem travesseiro, mas não fique espreguiçando na cama depois de acordada. Levante-se cedo, para aproveitar a claridade matinal. Complete o tempo de repouso com uma pequena sesta após o almoço (evitando os raios verticais do sol e as atividades esportivas em plena digestão).

- Pratique esportes, faça exercícios, mas não vá até o estafamento principalmente se, no resto do ano, leva uma vida sedentária. Não entre em competições; fique apenas no plano das brincadeiras em grupo.

- Caminhe pelo mato, pelos campos, à beira-mar, respirando ar puro, ao mesmo tempo em que torna mais flexível o corpo [...] Esse oxigênio se tornará o realce das suas côres e o calmante dos seus músculos.

Quantas vezes fôr possível, caminhe de pés descalços; isso lhe dará mais agilidade, além de reforçar a curva plantar e os ligamentos dos tornozelos. Pela manhã, pise a grama ainda úmida do orvalho (santo remédio contra a enxaqueca) ou a areia da praia. Dentro de casa, também caminhe de pés descalços. [...]

- Prefira o ar livre e a luz, ao calor solar, cujo excesso pode provocar fadiga. Às vezes, o banho de sol provoca exaustão, enquanto que um “banho de ar” tomado à sombra, traz novas forças. [...]

- Depois de ter acumulado a energia, não deixe que ela se esvaia, como uma bateria que se descarrega, por um mau contato. Toda crispação e todo nervosismo podem criar um curto-circuito que ameaçará a sua vitalidade [...] (ALTEROSA, n°236, jun/1956, p.62-63 e 68, recorte).

Fonte: ALTEROSA, n°236, jun/1956, p.62-63 e 68. Seção Bazar Feminino.

Dormir, levantar cedo, fazer a sesta, praticar esportes, brincar em grupo, caminhar na natureza, tirar os sapatos, tomar de “banhos de ar” e manter-se calma são regras organizadas em uma narrativa que pretende convencer da necessidade do estado vigilância constante. Os cuidados com o corpo e com as práticas de descanso são também submetidos a regras específicas para garantir os resultados positivos para a saúde e a beleza. Algumas práticas

estavam autorizadas para a mulher, como caminhar, enquanto as competições deveriam ser evitadas. A exposição à luz natural, evitando o excesso do sol, e ao ar puro eram as garantias de regeneração das energias gastas no dia a dia.

As roupas elaboradas para a exposição do corpo em atividades ao livre, por um lado, prometiam maior liberdade de movimentos, por outro, as exigências com a forma das pernas, dos quadris, dos seios, da pele, dos pés, etc., se tornou muito maior. As peças do vestuário eleitas como modernas foram os *shorts* e os *maillots*. Mas quem podia mostrar o corpo era quem o tinha belo. Os artigos “Silhuetas tentadoras”¹³⁷, “Maillots”¹³⁸ e “A Beleza nas Piscinas”¹³⁹, trazem modelos da década de 1940 em corpos de atrizes de cinema norte-americano, “figuras conhecidas que vêm reacender, nos fans, quase sempre volúveis, a lembrança de seus nomes, a doçura de seus encantos pessoais, a brejeirice dos seus sorrisos cinematográficos...”¹⁴⁰.

Figura 93: Modelo do mês, exibindo o “maravilhoso shorts” para o verão.



Fonte: ALTEROSA, nº67, nov/1945, p.73

¹³⁷ ALTEROSA, nº65, set/1945, p.62-63.

¹³⁸ ALTEROSA, nº69, jan/1946, p.73-74.

¹³⁹ ALTEROSA, nº 68, dez/1945, p.110-111

¹⁴⁰ Idem.

Figura 94: Para as suas férias – maiôs e shorts

Para as

Simplicidade é beleza, eis o que estão a sugerir Lori Nelson e Alice Kelley, da Universal-International, enquanto descansam após seus trabalhos em um recanto vazio atrás do estúdio.

Suas Férias

Estas beldades, da esquerda para a direita, Kathleen Hughes, Lori Nelson e Susan Ball, da Universal-International, exibem em uma piscina interessantes trajes esportivos.

Ann Blyth, da Universal-International, goza as delicias de uma gangorra em um momento de lazer e apresenta um simples e despretençioso short com blusa folgada.

82 ALTEROSA 1 DE JANEIRO DE 1954

1 DE JANEIRO DE 1954 ALTEROSA 83

Fonte: ALTEROSA, nº177, jan/1954, p.82-83.

Figura 95: Maiôs para 1954.

Mille Carroll, num maiô de duas peças desenhado "Mileto", em pele de leopardo. • Catherine Cassidy carrega slacks de lã tricotada sobre um maiô preto com petisco branco.

Maiôs Para 1954

QUAIS serão os maiôs que as senhoras usarão em 1954? A resposta é fácil, desde que se dê uma olhada à uma exposição, que não obstante tenha o efeito no futuro, em Los Angeles, apresentou modelos para a moda de verão do próximo ano.

Resumindo tudo numa frase, segundo Fred Cole, desenhista de maiôs há 25 anos, as roupas de banho exibidas no certame constituíram uma "parada de verão", já que "permitiram que cada mulher tivesse no olhar aquele contentamento que sempre sonhou demonstrar".

Muitos dos maiôs ali apresentados são feitos de tecidos modernos, em cuja confecção entraram muito do último da técnica atual, incluindo nylon, plástico, etc., que participam da futura moda e de maiôs como de shorts, slacks, saias de esporte e outras vestes.

A maioria dos maiôs exibidos não possui alças nos ombros, aderindo, no entanto, firmemente ao corpo, sustentando a beleza da figura feminina. Segundo ainda o seu criador, tais roupas, além de serem belas ao olhar, são duráveis, não desbotam, nem encolhem, nem estragam - não se cagam. São, enfim, a última palavra dos futuristas no que diz respeito a trajes para a praia.

A curvilínea Shirley Temple, autêntica beleza em 1954, veste um modelo de Cole feito em lã deourada e veludo negro.

*
 ← "Parade de Soho" segundo demonstração feita por Cole. Todos os maiôs para o verão de 1954, em exposição para a direita, vêm-se: Catherine Cassidy com um modelo em grelha e bronze, chamado "Coles"; Mille Carroll com "Conquista do Mar", em veludo verde-oliva; Dorothy Clive com "Felicidade"; Shirley Temple com "Maravilha", em lã deourada e veludo negro; e Betty Knoch com "Nior".

Desenhado por Fred Cole, este maiô é feito de nylon transparente sobre seda cor de carne. Foi um dos modelos para o verão de 1954, apresentado, no entanto, em Los Angeles.

← An alto, maiô em lãtex, com duas listras negras, modelo apreciadíssimo pela sua sobriedade e bom gosto. • "Gênica" Modelo apresentado por Betty Knoch, fazendo o papel de mãe. As "filhas" são as meninas Laurie e Lynn Strufford, de 6 anos de idade.

Fonte: ALTEROSA, nº180, fev/1954, p.80-82.

Figura 96: A beleza das piscinas.



Fonte: ALTEROSA, nº 68, dez/1945, p.110-111.

Para Vigarello (2005), essas as atividades fora de casa, sejam de longos períodos de férias ou nos *week-ends*, trouxeram outras marcas aos corpos. Mais expostos, não poderiam esconder quaisquer deformações ou traços antiestéticos causados por deslizamentos nos cuidados com as silhuetas. As piscinas, as praias e os balneários indicados como atividades de férias, de momentos de descanso ou como lugares para as leitoras viverem suas atividades de lazer, não permitiam roupas que escondessem o corpo, nem a mobilização de muitos artifícios que alterassem as formas não adquiridas pela disciplina das ginásticas e dietas. Sobre os descuidos com o corpo, nesses espaços, eram lançadas lentes de aumento que se traduziam em personalidades desleixadas das mulheres e, muitas vezes, patológicas. Nesse sentido, a vida ao ar livre inaugurou novas formas e novas práticas de embelezamento, mas também, lançou outros olhares sobre a avaliação do corpo da mulher, cada vez mais precisos e rigorosos.

Para corresponder às exigências com as medidas do corpo, a prescrição de ginásticas e exercícios de diversos tipos e para diferentes segmentos corporais eram recomendados pelas revistas. Corrigir defeitos e desvios, alongar a silhueta, perder peso, trabalhar os músculos, não se entregar à indolência eram alguns elementos propostos pelas “ginásticas em papel”.

A GINÁSTICA COMO FATOR DE BELEZA¹⁴¹

A GINÁSTICA, COMO FATOR DE BELEZA - A prática diária, metódica da ginástica constitui um dos principais fatores para se ter saúde, graça e beleza. aliás, ninguém desconhece as vantagens que o exercício físico traz ao organismo e todos sabem, perfeitamente que uma boa pele depende diretamente do estado em que encontra o corpo.

A beleza supera a inteligência e é desenvolvida ao mais alto grau, com a ginástica metódica. Sem trabalho muscular, a beleza é efêmera e não adquire a forma pura, estável, bem definida, só conseguida com o desenvolvimento harmônico dos músculos...

Todos os dias, a qualquer hora, porém, de preferência pela manhã, deve-se

¹⁴¹ ALTEROSA, n°40, ago/1943, p.37. Nota avulsa.

praticar alguns minutos de exercício e, logo após, o banho geral. (ALTEROSA, nº40, ago/1943, p.37).

Ter saúde, graça e beleza era quase uma obrigação da mulher do período estudado. Os exercícios físicos passaram a ser indispensáveis na rotina dos cuidados com o corpo. As ginásticas praticadas no ambiente caseiro foram as mais recomendadas às leitoras. Esse tipo de ginástica preservava as características próprias do feminino, garantindo a graça, a harmonia das formas, a delicadeza dos gestos e a elegância da postura. Ser bela era mais importante do que ser inteligente.

De acordo com os estudos de Vigarello (2009), muitas publicações impressas contribuíram com a formatação de uma pedagogia da exercitação física, atuando na divulgação de práticas e diretrizes para a execução, métodos por vezes contraditórios, mas com um ponto em comum de aquisição da excelência corporal. Caminhadas, corridas, saltos, ginásticas foram sistematizados com vistas a tratar metodicamente todas as partes do corpo. Mesmo os métodos e visões distintas revelavam “o triunfo definitivo do exercício construído, o de movimentos sistematizados, mecânicos e precisos, controlados com o único objetivo de aumentar os recursos físicos” (VIGARELLO, 2009). Para o autor, essa era uma proposta de educação do corpo estava balizada por códigos de progressões, que sistematizavam os exercícios “músculo após músculo, parte após parte”, organizadas em orientações bastante detalhadas de execução, com objetivos de “adelgaçar o corpo”. Em “Ginástica para a sua beleza” (Fig. 72) os exercícios são ilustrados pelas fotografias de Janis Carter, atriz do cinema norte americano, e explicadas em detalhes para a correta execução.

Com as costas apoiadas em uma barra (se não tiver uma barra, o tampo de uma estante ou de um canapé pode servir), firme-se nas pontas dos pés levantando lateralmente uma das pernas tão alto quanto possível e mantendo o pé esticado. Em seguida, mantendo a perna esticada na mesma altura em que está, procure balançá-la como se tivesse por eixo o próprio corpo, mas sem girar a parte superior deste.[...]

Para adelgaçar as coxas – Apoiando-se na ponta de uma mesa ou no encosto de uma cadeira, com os pés bem juntos e o braço livre estendido lateralmente à altura do ombro, eleve-se nas pontas dos pés. Em seguida, comprimindo o abdômen numa inspiração sustida, deixe os ombros distenderem-se enquanto mantém firme o pescoço. Mantendo o corpo firme nessa posição, vá lentamente dobrando os joelhos até sentar-se sobre os calcanhares, mas sempre com o corpo em posição erecta e firme, de maneira a que a cabeça fique na mesma linha dos calcanhares. Relaxe e repita o exercício. [...]

Para a elegância da cintura – Deite-se sobre o abdômen apoiando-se firmemente nos antebraços que devem manter erguido o tórax. Contando até três, faça – 1 – vire lentamente o corpo, de maneira que fique equilibrado sobre um dos lados e um dos antebraços; 2- mova a perna livre diagonalmente mantendo-a firmemente estendida; 3- faça o mesmo com o braço. Voltando à primitiva posição, faça o mesmo exercício apoiada no lado oposto. [...]

Para as pernas – Com as costas apoiadas no chão e os braços mantendo os quadris, levante um após a outra, as pernas, tendo os pés estendidos e apontados para cima. Dobrando os joelhos volte à posição primitiva na mesma ordem, isto é, uma perna após a outra. Apresse o ritmo do movimento e repita o exercício dez vezes.

Para adelgaçar os quadris – Permaneça em posição erecta, o braço estendido lateralmente, estenda a perna direita com os dedos do pé apontando para a direita. Nesta posição vá dobrando a perna para trás e o braço para frente, de modo a fazer coincidir a linha do cotovelo com a do joelho. Faça o mesmo para o lado esquerdo.[...]

Para a espinha - em posição deitada, bem apoiada nas costas, pés, pernas e coxas bem unidas, vá levantando-as vagarosamente até a contagem de dezesseis. Atingindo o mais alto, faça com que se voltem lentamente sobre a cabeça até as pontas dos pés tocarem o solo. Ainda lentamente e na mesma contagem, volte à primitiva posição. Aumente o ritmo do exercício diminuindo progressivamente a contagem de tempo, primeiro a 8, depois a 4 e finalmente, a 2. [...] (ALTEROSA, n.70, fevereiro de 1946, p.84-85.)

Posições iniciais e finais definidas para cada exercício, contagem de tempo de execução, número de repetições e progressões de movimentos são características da sistematização da ginástica prescrita para a mulher na revista. Essas ginásticas embelezadoras eram organizadas em conjuntos de movimentos e posturas que deveriam ser executados de acordo com as regras listadas para atingir seus objetivos, de corrigir defeitos posturais, adelgaçar quadris, entre outros. Prescritas como atividades lentas e persistentes, as ginásticas deveriam se alongar durante vários dias ocupando o cotidiano das pessoas, incluindo seus momentos de não trabalho, de lazer com as famílias, etc. (VIGARELLO, 2009).

Algumas prescrições eram apresentadas como séries ilustradas com tom mais ou menos prescritivo, indicando como, onde e quando devia-se realizar cada tipo de exercício. Outras, são reportagens valorizando a prática esportiva pelas mulheres ou fotografias de atrizes e atletas, sugerindo que a exercitação corporal é uma característica que compõe o feminino, ou deveria. Assim, ter um “belo porte” e ser elegante, exigia-se exercícios específicos e sistemáticos para que, uma vez adquirido, não fosse perdido. Acima de tudo, era preciso ter disciplina, submeter-se ao esforço e manter-se vigilante. Afinal, era preciso treinar o corpo.

Assim, a cada “problema” ou possível deformidade anatômica identificada pela revista como uma ameaça a beleza, vinham acompanhadas prescrições de cuidados de correção e endireitamento. Ao informar “Para não ficar curva deve-se tomar o habito desde a infância de deitar-se com o travesseiro extremamente baixo. Não é somente vantajoso para a coluna vertebral, todos os órgãos lucram com essa posição”¹⁴², a revista associava um tipo de ginástica corretiva:

A ginastica da nuca - É preciso em primeiro lugar fortificar os musculos do pescoço, e depois dar flexibilidade á nuca. Começa-se por um movimento de alto para baixo, quer dizer que se atira a cabeça para trás, para abaixal-a em seguida sobre o peito. Isso o mais tempo possível. Volta-se depois sete vezes a cabeça da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Executa-se em seguida um movimento em giro de alto para baixo.

Emfim, já chamamos varias vezes a atenção sobre o bello porte das mulheres que carregam pesados fardos sobre a cabeça. Aproveitou-se essa experiencia e muitos são os higienistas que impõem ás suas pacientes uma marcha de cinco minutos todos os dias, mantendo sobre a cabeça um livro em equilibrio. Se este exercicio é muito dificil começa-se por colocar um objeto flexivel, mais facil de conservar em equilibrio, até conseguir conservar o livro. As dançarinas empregam este exercicio para se conservar perfeitamente direitas. (ALTEROSA, n.04, dezembro de 1939, p.16. Seção conselhos de beleza).

Para a mulher desse período a ginástica era mais do que um exercício corporal. Ela atuava no sentido de enquadrar os modos das mulheres se comportarem em público. A postura ereta desenvolvida pela ginástica correspondia a elegância, o corpo delgado revelava certos cuidados com a saúde, a harmonia dos gestos podia ser treinada com o ritmo dos exercícios. A ginástica educava a vontade das mulheres: ser bela era um desejo também treinável.

O treinamento como prática codificada, de divisão do tempo de execução de cada movimento, passou a valorizar mais os “gestos e seus efeitos, engrandecendo técnicas e tabelas”. O ato de treinar, para Vigarello (2009), impôs-se ao longo do século XX, configurado como um desenvolvimento metódico e exigente das práticas corporais. O treinamento, usado como palavra-chave das pedagogias e das formações físicas se desenvolveu no sentido de exigir um domínio crescente e o conhecimento interiorizado. A mulher precisava aprender a “governar-se”:

¹⁴² ALTEROSA, n.04, dezembro de 1939, p.16. Seção conselhos de beleza.

Figura 97: Ginástica para a postura.



Adquira um belo porte - Cuide do seu estilo ao assentar-se. Se você deseja ter um porte elegante, procesa do seguinte modo: apoie as costas à parede, eleve os braços à altura dos ombros e curve os antebraços, conservando-se sempre aderente à parede. Com um movimento lento e contínuo, leve os antebraços primeiro para a frente, depois para baixo, até que as palmas das mãos toquem a parede. Mantenha os cotovelos sempre altos.

Faça devagar o movimento que lhe indicamos, **se quiser aprender a governar-se e a exercitar os músculos que ficam inativos ou relaxados**, isto é, os da coxa e do abdômem. Estenda uma perna e curve a outra ligeiramente, mantendo o calcanhar suspenso; depois, sem curvar as costas, assente-se curvando somente o joelho. Se tiver a paciência de aprender bem êstes movimentos, aprenderá a sentar-se com naturalidade e elegância.

Movimento utilíssimo: a “PONTE” - É muito difícil para quem já não tem vinte anos e nem está habituada aos esforços físicos. Todavia, com um pouco de paciência, qualquer pessoa conseguirá executá-lo, obtendo ótimos resultados para a elasticidade de todo o corpo. Bastará repeti-lo duas vezes por semana, alternando-o com movimentos menos complicados. Proceda da seguinte maneira: sente-se no chão com as mãos apoiadas atrás. Com um impulso, leve o corpo à posição de ponte, apoiando-se sobre os braços e as pernas. Fala uma pausa e volte a sentar-se com um impulso.

qualquer pessoa conseguirá executá-lo, obtendo ótimos resultados para a elasticidade de todo o corpo. Bastará repeti-lo duas vezes por semana, alternando-o com movimentos menos complicados. Proceda da seguinte maneira: sente-se no chão com as mãos apoiadas atrás. Com um impulso, leve o corpo à posição de ponte, apoiando-se sobre os braços e as pernas. Fala uma pausa e volte a sentar-se com um impulso. (ALTEROSA, nº346, out/1961, p. 61). Fonte: ALTEROSA, nº346, out/1961, p. 61.

Se mal alinhadas, as formas e as posturas do corpo denunciavam desleixos e desvios também da moral. As costas arqueadas eram contrárias à elegância, sinal de envelhecimento e preguiça. Todo e qualquer traço de deformidade ou desalinho do corpo deveria ser eliminado com as ginásticas moderadas realizadas no conforto e na intimidade dos lares. Treinar o corpo, treinar a paciência, aprender a mensurar o tempo de cada atividade e de cada respiração eram direções que compunham as instruções dos exercícios femininos. Cada parte do corpo revelava como a mulher cuidava de si mesma. As pernas bem alinhadas eram sinônimo de atitudes também alinhadas:

As pernas, bem tratadas, expressam bom gôsto e encerram uma poesia à cuja sugestão nenhum olhar, por mais observador e materialista que seja, resiste... A beleza obtida pelo tratamento contínuo deve aliar-se a elegância das atitudes discretas, porque, sendo lindas, as pernas não precisam mostrar-se demais; através de sua espiritualidade e distinção, elas possuem o poder irresistível de fazer adivinhar em tôda a plenitude de suas linhas...

Vc, querida leitora, não deve, portanto, decuidar-se da beleza de suas pernas. Não as submeta, levemente, a quaisquer tratamentos, que lhes poderão causar danos irreparáveis, dando-lhe desgostos para tôda a vida...

Sob o ponto de vista estético, a mulher moderna possui, na beleza de suas pernas, uma das mais importantes características do seu bom gosto e elegância. E ao cuidado dêsse tratamento carinhoso deve aliar a maior atenção para com a necessidade da **ginástica moderada**, imprescindível para a elasticidade das pernas e a leveza do andar...(ALTEROSA, nº76, ago/1946, p. 102).

A mulher, nesse sentido, era educada para ser constantemente avaliada pelo olhar do outro. O cuidado com o corpo, a correção das posturas, dos gestos e das formas contribuía com a composição de personagens que a mulher deveria representar a cada nova situação social. A mulher deveria aprender o *script* dessa personagem, afinal ela precisava agradar o olhar masculino e ser agradável em ocasiões de exposição pública. Não restavam alternativas à mulher a não ser exercitar-se.

Figura 98: Como dosar os seus esforços



Não tenha medo do esforço: a leveza e a agilidade do corpo se refletem no espírito. Para manter a forma, nada será melhor que o exercício físico "funcional", o exercício útil, aquele que você pratica para fazer um ou outro trabalho. Procure as ocasiões em que poderá consumir-se, em vez de fugir a elas. Corra atrás do ônibus que já cai saindo, em vez de esperar pacientemente pelo próximo. Dispense o elevador, para pequenas subidas: cada degrau transposto (nas pontas dos pés) será um exercício para remodelar suas pernas. Varra, encere a casa, limpe os móveis, cuide do jardim. Se houver crianças em casa, brinque com elas em vez de ficar fazendo tricô, sentada numa cadeira.

A ginástica executada sozinha, sem monitor, sem companheiras, perde os atrativos e, não raro, a eficiência. Se lhe fôr possível, arranje um aparelho para isto: pedalagem, movimentos dos braços e das pernas; e obterá, em dez minutos de exercício, um ótimo efeito.

Mas faça, no mínimo, este breve **treinamento**: para corrigir os ombros, faça com os braços círculos bem largos, para atrás, a cada lado do corpo. Para as pernas, faça círculos extensos, deitada de lado, com o corpo apoiado sobre o antebraço flexionado. Para "desacumular" o corpo: deitada de costas, estire alternadamente os braços

e as pernas, levando-os o mais longe possível, como para tocar um objeto ligeiramente além do seu alcance. Para firmeza do ventre: deitada de costas, procure sentar-se, sem encolher os braços nem dobrar as pernas.

Não pense que êsse **treinamento** feito pela manhã, hora em que você está “apertada”, com um horário de minutos contados e quando as reservas alimentares estão esgotadas. Ao fim do dia, um pouco de exercício afastará as suas preocupações e lhe devolverá a forma. [...] (ALTEROSA, nº239, ago/1956, p.62-63 e 104, recorte). Fonte: ALTEROSA, nº239, ago/1956, p.62.

O artigo “Como dosar os seus esforços” faz uso da palavra treinamento, não muito comum em outras publicações da mesma revista. Ele dá dicas de como manter a forma, de como realizar exercícios úteis sem desperdício de energias, de como incorporar a exercitação física nas atividades diárias das mulheres. Assim, a ginástica parece se propor a ressignificar algumas práticas cotidianas, como brincar com os filhos e varrer a casa.

Para a exercitação física não ser enfadonha, alguns artigos traziam “inovações” como comparações com os movimentos de animais, não os selvagens, mas os domesticados:

Espreguice ao levantar-se. O gato, ao acordar, ergue-se lentamente, firma-se nas patas, levanta as costas, estira uma pata e depois outra, mostra as unhas, recolhe-as, deixa afinal o lugar de repouso, fresco e disposto, e vai em busca de aventuras. Faça como êle; estire-se cada manhã. Você se sentirá desperta até tarde, com o corpo ágil e flexível, a circulação ativada, os músculos tonificados. É preciso fazer funcionar o motor antes de dar partida ao carro.

Estire-se lentamente, como o gato, com os mesmos movimentos lentos, distendidos, executados com agilidade, como os de um mecanismo bem lubrificado. Antes de deixar a cama, estenda os músculos da perna, do quadril e do ombro direito em direção a cabeceira; os do ombro esquerdo, do quadril e da perna correspondentes, em direção dos pés. Faça movimentarem-se, um após outro, todos os artelhos. Volte à posição anterior e inverta o movimento. Proceda assim quatro ou cinco vezes em seguida.

Uma vez saída do leito, ponha-se de quatro, joelhos e mãos no chão, contraia o ventre, eleve as costas, deixe a cabeça cair para o chão. Repita um por um os movimentos observados no gato, fazendo trabalhar todos os músculos. Execute essa sucessão de movimentos sem interrupções, como se fôsse um só único gesto. [...] (ALTEROSA, nº239, ago/1956, p.62-63 e 104).

Não parece restar dúvidas quanto à função das ginásticas de treinar as leitoras para o gasto adequado de energias e os usos do tempo nas tarefas cotidianas. Organizar os movimentos e o trabalho, distender os músculos e os nervos, planejar o treinamento físico

e as atividades a serem realizadas no dia seguinte, eram treinamentos que estavam explícita ou implicitamente prescritos nos artigos das revistas. Diferente dos impressos especializados¹⁴³ ou de manuais de ginástica, as revistas como ALTEROSA forneciam diversas informações listadas em conselhos de execução, muitas vezes, sem o compromisso com comprovações científicas. No mesmo artigo, “Como dosar os seus esforços”, responsabiliza a própria leitora pela forma com que gasta suas energias e recomenda o trabalho com “distensão dos nervos”:

[...] a distensão dos nervos. Comece por adiantar de dez minutos cortados ao sono, você poderá manter-se em forma por dez horas. Aproveite esse tempo ara não erguer-se bruscamente. O adiantamento – do qual você se esquecerá – será útil logo depois, durante todo o dia, para terminar em paz um trabalho, não ficar nervosa se o azar a fizer perder o ônibus ou se teme chegar atrasada a um encontro.

Organize seu trabalho. Não é o acúmulo de trabalho que a fadiga, mas o modo pelo qual você o enfrenta. Arranje uma agenda que tenha uma página para cada dia. À noite, escreva o programa do dia seguinte, começando pelas providências ou trabalhos essenciais e terminando pelos menos importantes. Anote tudo, inclusive os telefonemas a serem dados (com os respectivos números), as cartas a escrever, as obrigações que você retoma dia a dia (visita ao dentista, arrumação das prateleiras) e cujo retôrno perpétuo pesava no seu espírito. Cancele essas notas, à medida que as fôr cumprindo: cada risco eliminará uma causa latente de tensão.

Eis dez causas que você pode suprimir: - o ruído inútil [...], a luz crua, uma luz muito forte cria tensão [...], o mobiliário desconfortável [...], as côres excitantes [...], o contato com as pessoas feito “sob pressão” [...], os gastos contínuos de energia [...], a atravancamento [...] o bulício [...] a preocupação com as “pequenas coisas” [...] a confusão de espírito [...] Não pense no ontem ou no amanhã, nem no trabalho atrasado. Viva o instante atual, concentrando-se na sua ocupação de agora. É sempre conveniente pôr em jogo tôdas as fôrças vivas no presente. (ALTEROSA, nº239, ago/1956, p.62-63 e 104).

Os ritmos fisiológicos também eram passíveis de treinamento pela ginástica. “Cortar” o tempo do sono poderia ser benéfico para os nervos da mulher se as horas ou minutos a menos na cama fossem utilizados para “aproveitar” o tempo com trabalhos. Se por um lado, algumas dessas prescrições de exercícios eram em tom de aconselhamento ou convite à ginástica, por outro, artigos que diziam da ginástica respiratória, por exemplo, mobilizavam elementos mais científicos e termos técnicos. As justificativas para a prática

¹⁴³ Recomendo a leitura dos estudos de Goellner (2003) sobre as mulheres na revista Educação Physica e de Schneider (2010) sobre o mesmo impresso.

metódica e racional da ginástica respiratória eram a do “desenvolvimento harmonioso” das formas físicas e a “normalização das diversas funções do organismo”. O artigo “Como e porque se deve praticar a ginástica respiratória” relaciona a harmonia do busto com o adequado desenvolvimento da caixa torácica.

Figura 99: Ginástica respiratória



Fonte: ALTEROSA, n.66, outubro de 1945, p. 86-87.

Assim como em outros artigos da revista, tanto beleza quanto saúde foram listadas nas razões para se praticar esse tipo de ginástica.

CRESCE SENSIVELMENTE o número das mulheres que se queixam da “pobreza” de seus bustos. No que concerne às medidas para corrigí-los, deve-se levar em conta que a aparência do busto não depende apenas da opulência dos seios, mas que existe outro fator importante a considerar: a caixa torácica.

Por mais que os seios estejam harmoniosamente conformados, pouco ou nada se sobressairão se a caixa torácica estiver insuficientemente desenvolvida. Se não houvesse também outras poderosas razões das mais diversas naturezas, a que aludimos - fator da maior transcendência estética para a mulher - bastaria por si só para comprovar a extraordinária utilidade da ginástica respiratória, um dos recursos mais eficientes de que dispõe a mulher para conseguir harmonioso desenvolvimento da caixa torácica [...]

A ginástica respiratória é, sob todos os pontos de vista, precioso aliado da saúde e da estética feminina. Se afirmarmos que, salvo honrosas exceções, a maioria das mulheres a desconhece por completo, justificaremos melhor estas linhas. A ação benéfica da ginástica respiratória sobre todo o organismo, se exerce, de acordo com as mais abalizadas opiniões médicas [...] (ALTEROSA, n.66, outubro de 1945, p. 86-87).

As prescrições médicas eram também estéticas, assertiva que se repete em outras pedagogias. Os benefícios desse tipo de ginástica incluíam o estímulo à circulação, melhorias no metabolismo orgânico, entre outros. Assim, a ginástica respiratória atuaria

- 1- Melhorando a beleza do tórax, como já o afirmamos.
- 2- Estimulando sensivelmente a circulação e realizando verdadeira massagem no coração.
- 3- Ativando as funções da nutrição, ou seja, o metabolismo.
- 4- Exercendo uma ação estimulante sobre todos os órgãos abdominais, por intermédio do diafragma, que, ao subir e ao descer massageia o fígado, o estômago e os intestinos, ajudando a combater a preguiça intestinal, tão nociva à saúde.
- 5- É importante fator de equilíbrio nervoso e normalização das diversas funções do organismo. (ALTEROSA, n.66, outubro de 1945, p. 87).

O apontamento de defeitos orgânicos ou possíveis problemas, assim como abordamos anteriormente, também apareceu nas prescrições de exercícios. Nesse sentido, a ginástica também era preventiva.

Não saber respirar bem era visto como uma característica própria da mulher, que a diferenciava de homens e de animais, trazendo prejuízos à saúde.

A MULHER RESPIRA MAL - Por todas as razões expostas, a ginástica respiratória contribui para a harmonia e o equilíbrio orgânico. É portanto, fator vital de saúde e beleza que não se leva em conta mas que é preciso utilizar. Uma das maiores desvantagens que o organismo feminino, em confronto com o do homem, apresenta, é o seu tipo respiratório. Porque a mulher respira da pior maneira possível, ou seja, respira somente com a parte superior do torax. Observando-se, por exemplo, como respira um menino ou um gato, notar-se-á que o abdômen se distende, à inspiração e retorna à sua posição normal, à expiração. Com as mulheres, na sua imensa maioria, não ocorre o mesmo movimento abdominal. Nelas, somente a parte superior do tórax é que sobe e desce, permanecendo o abdômen imóvel. Na respiração natural, fisiológica, o diafragma tem ação importante. Quando o ar entra nos pulmões, o diafragma desce, fazendo pressão sobre o conteúdo abdominal e, em consequência, o abdômen se distende. O inverso ocorre quando o ar sai: o diafragma sobe cessando a pressão e, assim, a parede abdominal volta à sua posição natural. Isto quando a respiração é normal, correta, isto é, tipo abdominal. [...] Praticar ginástica respiratória é tarefa facilíma e agradável.[...] Com a prática virá o hábito e então será simples fazê-lo sentadas ou de pé. E logo se habituarão a praticar conscientemente a respiração abdominal em todos os

momentos de lazer. Por fim, essa respiração se processará *inconscientemente*. (ALTEROSA, n.66, outubro de 1945, p. 87).

Os prejuízos da má respiração feminina eram muitos e as críticas à forma respiratória das mulheres também. Além de respirar, predominantemente, com o tórax, o artigo aponta outra “deficiência” de quem “respira pouco e mal”: os pulmões não se desenvolvem adequadamente ocasionando “perturbações orgânicas” e “falta de busto”:

Agravando o inconveniente do *tipo torácico*, a mulher possui outra deficiência que reside na *insuficiência respiratória*: respira pouco, mal, e possui os pulmões insuficientemente desenvolvidos, e essa insuficiência de que se ressent a mulher se caracteriza geralmente pelo que se denomina de “falta de busto” que ocasiona ou propicia toda uma série de perturbações orgânicas, além do dano que causa à estética feminina.

Não existe outro processo para combater essa insuficiência que a prática metódica da ginástica respiratória, da qual existem inúmeras classes, tipos e variedades distintas, que possuem idêntica finalidade: ativar a respiração.

São poucas, pouquíssimas mulheres que sabem respirar. [...] Toda pessoa – principalmente as mulheres – deve praticar a ginástica respiratória. Não é necessário fazer preparativos complicados. Basta postar-se num jardim ou defronte de uma janela aberta, e inspirar profundamente pelo nariz e expirar pela boca, acompanhando o duplo movimento respiratório com dois distintos movimentos dos braços distendidos: - na inspiração, suspendendo-os da cintura à altura dos ombros, aos quais ficarão nivelados; na expiração, suspendendo-os, à proporção que o ar for expelido. Não se deve olvidar no entanto que para se obter todos os reais benefícios da ginástica respiratória, ela deve ser do *tipo abdominal*. (ALTEROSA, n.66, outubro de 1945, p. 130).

Com as prescrições de “ginástica para a beleza” parece ter ocorrido o mesmo movimento dos anúncios publicitários de reguladores em relação à forma e linguagem para divulgação. Como os anúncios, os artigos sobre a ginástica feminina substituíram o detalhamento dramático dos sintomas de condições orgânicas indesejadas por outro discurso mais positivo. Eles passaram a adotar um tom mais didático e mais positivo. Quando comparado com o artigo que acabamos de ler, publicado em 1945, percebemos que a seção permanente *Bazar Feminino*, em edição de 1959, trouxe um exemplo dessa alteração:

A RESPIRAÇÃO RITMICA REJUVENESCE - O processo mais moderno para o rejuvenescimento é, sem dúvida, a respiração rítmica, adotada pelas atrizes e pelas mulheres famosas, cujo lema é: “Respirar bem para tornar-se bela e manter-se jovem”. Com os nossos conselhos, transmitimos também às leitoras este “segrêdo”.

A respiração ritmada possibilita a entrada de um volume de ar superior ao

normal, proporcionando ao organismo maior circulação do oxigênio, tão indispensável para alimentar as células de nossa pele e mantê-la mais jovem. Para se fazer êste tipo de respiração, deve-se deitar sobre uma superfície plana, relaxando completamente os músculos. Em seguida, inspirar lentamente, pelo nariz, dilatando o diafragma e deixando que os ombros permaneçam imóveis, para depois alargar o tórax, levantando os ombros. Respirar profundamente e expirar lentamente pela bôca, mantendo os lábios semi-abertos.

1 - repare como deve ser dilatado o diafragma.

2- a dilatação do tórax é necessária para a entrada do ar. (ALTEROSA, nº319, dez/1959, p.66).

Ao organizar as prescrições em notas menores e ilustradas, a revista facilitava o entendimento de quem lia, sem comprometer o tempo da mulher que já poderia acumular funções como dona de casa e como secretária, professora, comerciante, etc., fora de casa. O uso racional do tempo era também importante e valorizado tanto pelas ginásticas quanto pelos conselhos das revistas.

Figura 100: Seção Bazar Feminino



Fonte: ALTEROSA, nº319, dex/1959, p.66-67.

Aqui, a combinação de três conjuntos específicos de exercício ilustram como a ideia de treinamento foi se complexificando nas revistas femininas. Parece importante ressaltar que não nos referimos a revistas especializadas em cultura física ou educação física, nas quais a ideia do treinamento mais detalhado, intenso e específico já se multiplicava no mesmo período. Informações mais curtas e precisas, sem a necessidade de explicações científicas longas e detalhadas, eram o tom que as revistas femininas adotaram. Assim, chamadas como “A respiração rítmica rejuvenesce” e “Uma ginástica prodigiosa” fossem mais atrativas às leitoras, em comparação às outras com termos mais técnicos em seus títulos.

UMA GINÁSTICA PRODIGIOSA - Se Você, leitora, acaba de fazer um regime para emagrecer e se os seus músculos não estão bastante firmes, vale a pena começar desde logo estes exercícios que apresentamos e que visam justamente os pontos mais importantes para a estética: as pernas e o abdome.

Comece aos poucos – com dois ou três exercícios de cada vez – nos primeiros dias para depois ir aumentando a dose gradativamente. A princípio é natural que Você sinta os músculos doloridos, mas a continuação dos movimentos a fará vencer esse período de fadiga.

O número de exercícios deve ser aumentado dia a dia e, depois de iniciada a série, não deve ser interrompida. O resultado é que, depois de um mês, Você poderá fazer com facilidade até quarenta vezes cada exercício e, então, o melhoramento estético não se fará esperar.

1-Sentada no chão, pedale como se estivesse andando de bicicleta, conservando as mãos apoiadas no chão.

2- Depois de um mês, faça o mesmo exercício, mas sem apoiar as mãos no chão.

3 – Em pé, flexione as pernas, mantendo-se sobre as pontas dos pés e conservando os braços em sentido horizontal.

4- Deitada, faça um movimento alternado de pernas.

5-O mesmo movimento alternado de pernas, mas apoiando-se apenas nas mãos espalmadas no chão.

6 –Estendendo bem a perna esquerda, coloque todo o peso do corpo sobre a direita flexionada no joelho. Alterne o movimento. (ALTEROSA, nº319, dez/1959, p.66-67).

Finalmente, identificamos que a ideia do treinamento como concebe Vigarello (2009) de prática codificada, de divisão do tempo de execução de cada movimento, passou a habitar com mais frequência os exemplares de ALTEROSA, na medida em que

a década de 1950 avançava. Pelo discurso do impresso estudado, a valorização da graça e beleza da mulher pela educação dos gestos e harmonia das formas foi se intensificando e se complexificando, também, pela via da prática racional e metódica da ginástica. Essas práticas de exercitação física passaram a ocupar os momentos de lazer com as famílias e o tempo do não trabalho que foram submetidos a regras um tanto rigorosas. A categorização exaustiva dessas práticas, a que se refere Vigarello (2009), foi também observada nesse impresso comercial para mulheres.

O FEMINISMO MARCHA: A MULHER MINEIRA E OS ESPORTES¹⁴⁴

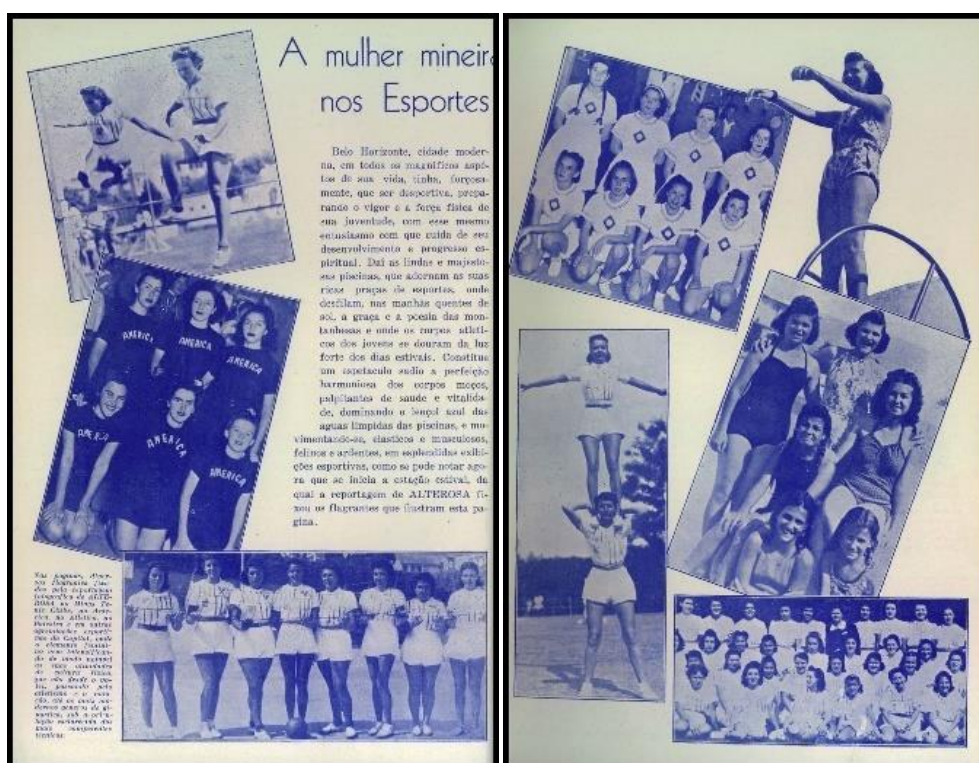
Belo Horizonte, cidade moderna, em todos os magníficos aspectos de sua vida, tinha, forçosamente, que ser desportiva, preparando o vigor e a força física de sua juventude, com esse mesmo entusiasmo com que cuida de seu desenvolvimento e progresso espiritual. Daí as lindas e majestosas piscinas, que adornam as suas ricas praças de esportes, onde desfilam, nas manhãs quentes de sol, a graça e a poesia das montanhesas e onde os corpos atléticos dos jovens se douram da luz forte dos dias estivais. Constitue um espetáculo sadio a perfeição harmoniosa dos corpos moços, palpitantes de saúde e vitalidade, dominando o lençol azul das águas límpidas das piscinas, e movimentando-se, elasticos e musculosos, felinos e ardentes, em esplêndidas exibições esportivas, como se pode notar agora que se inicia a estação estival, da qual a reportagem de ALTEROSA fixou os flagrantes que ilustram esta página.[...] (ALTEROSA, nº 1, ago/1939, p. 55).

A nota acima, acompanha uma reportagem sobre a participação da mulher mineira nos esportes. Entre as várias reportagens que encontramos nos exemplares de ALTEROSA, ela valorizava a juventude desportiva, os corpos atléticos, as praças de esportes e os eventos esportivos. Diferente das ginástica para a beleza, os esportes não apareceram como recomendações às leitoras. Diversas notícias com “flagrantes” de

¹⁴⁴ ALTEROSA, nº 1, ago/1939, pg. 54.

atletas e outras jovens à beira da piscina, em momentos de lazer em grupo, estiveram nas páginas do impresso. Voleibol, natação, atletismo foram as práticas que mais apareceram como as praticadas pelas meninas.

Figura 101: A mulher mineira nos Esportes



Fonte: ALTEROSA, nº 1, ago/1939, p. 55-56.

Nas fotografias acima, os flagrantes foram tirados nos espaços “das agremiações esportivas” de Belo Horizonte – Minas Tennis Clube, America, Atletico, Palestra – “onde o elemento feminino vem intensificando de modo notável as suas atividades de cultura física”¹⁴⁵. Esse movimento de inserção da mulher nos esportes fez parte dos investimentos do Estado no desenvolvimento esportivo da população mineira. Esse tipo de reportagens, segundo Goellner (2000; 2003) esse é um tipo de registro da euforia com o campo da Educação Física e do esporte no Brasil, marcadamente a partir da década de 1930, que se concretizou, também, na organização de eventos públicos de promoção do esporte e da exercitação física.

¹⁴⁵ ALTEROSA, nº 1, ago/1939, p. 55-56. Legenda das fotografias da reportagem citada.

Nesse sentido, Goellner (2003), aponta o esporte e a Educação Física foram vistos como “espaços de intervenção na educação dos cidadãos”. Assim, os impressos especializados e outros como o que estudamos, investiram na divulgação de corpos esteticamente belos e em práticas que diziam respeito ao “aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida modernizada” típicas das cidades mais urbanizadas, como Belo Horizonte. Entretanto, de acordo com Marilíta Rodrigues (2006), as práticas esportivas demoraram a se firmar na capital em seus primeiros anos. No que diz respeito às práticas esportivas para as mulheres mineiras, vimos que esse movimento se demorou ainda mais. Ao longo de todo o período de publicação da revista, predominaram reportagens de eventos e conquistas esportivas.

Figura 102: O IX Campeonato Mineiro de Natação.



Fonte: ALTEROSA, nº73, mai/1946, p. 118-119 e 132 - recorte

Um evento esportivo era divulgado como “expressivo acontecimento na vida da cidade”¹⁴⁶ que, em geral, revelava o “magnífico preparo físico” das praticantes. Em

¹⁴⁶ ALTEROSA, nº73, mai/1946, p. 118-119.

“duelos sensacionais” as atletas apresentavam “forma técnica considerada excelente”, o que indicava o “grau do adiantamento esportivo de Minas”¹⁴⁷.

Figura 103: Campeonato de vôlei.



MINAS CAMPEÃ DO VOLEI NACIONAL

O Estádio “Benedito Valadares” viveu, no último sábado [...] a sua noite grandiosa com a vitória retumbante das equipes masculinas e femininas mineiras que levantaram, numa jornada memorável, o campeonato de vôlei nacional. A enorme assistência que superlotou o amplo estádio do Paissandú, assistiu as pejejas inesquecíveis através de cujos lances empolgantes ficou patenteado o valor técnico dos elementos

integrantes das equipes mineiras. Noite histórica, sem dúvida, para o esporte mineiro, de vez que os mineiros venceram as notáveis equipes cariocas, cuja fibra não resistiu ao entusiasmo das moças e dos rapazes de Minas [...] nas fotos, as equipes campeãs. (ALTEROSA, n°76, ago/1946, p.183).

Algumas práticas esportivas apareceram como mais “autorizadas” às mulheres como a natação, o vôlei, a ginástica e o atletismo. Curiosamente, essas são práticas nas quais o contato corporal é pequeno ou nulo. Uma hipótese que levantamos é a de que, para além de uma valoração diferente do esporte para os homens, as práticas para mulheres ainda eram vistas com receios e desconfianças. É possível que, assim como observou Rodrigues (2006), o esporte ainda não tivesse conseguido provar sua pertinência para a vida da mulher como a ginástica caseira. Não havia, relacionado ao esporte feminino, um discurso consolidado tão fortemente para a mulher, seja pela via da beleza, seja pela via da saúde.

Outra hipótese para as poucas prescrições de práticas esportivas à mulher é a de que ela poderia “desequilibrar” as formas físicas, a partir de um padrão de misses e atrizes do cinema. A dedicação à prática esportiva poderia desenvolver, na mulher, atributos mais

¹⁴⁷ Idem.

viris, mais agressivos, mais independentes que, talvez, não fossem os pensados para as leitoras da revista ALTEROSA. O esporte exigia maior exposição pública do corpo e a constituição de uma rede de sociabilidade mais ampliada. Tais elementos exigiriam que os tempos e as energias dedicadas à casa e aos cuidados com os filhos e com o próprio corpo fossem divididos, contrariando as prescrições que vimos nas outras pedagogias.

Sabemos, por estudos desenvolvidos por Silvana Goellner¹⁴⁸ que a inserção da mulher nas práticas esportivas, já nas décadas de 1940 e 1950, era uma forma delas adquirirem visibilidade social e ocuparem outros espaços. Por meio da prática de determinados esportes, segundo a autora, a mulher conquistou sua auto-afirmação na sociedade e se “livrou” de diversos cerceamentos tanto físicos quanto morais. Entretanto, isso não foi percebido no discurso da revista. Para as leitoras, os adjetivos “bela”, “harmoniosa”, “graciosa” ainda permaneciam atribuídos a elas, como valorativos das suas “virtudes femininas”. O esporte apareceu como informação, enquanto a ginástica era prescrição e, em espaços públicos, era também celebração, como mostra a reportagem do II Festival de Ginástica Feminina da Primavera – “um espetáculo de beleza e eugenia”¹⁴⁹ (Fig. 104 e 105):

A II Ginástica Feminina da Primavera, realizada em outubro último no Ginásio Paisandu, num louvável promoção do “Estado de Minas”, Diretoria de Esportes, Escola de Educação Física de Minas Gerais, Federação Mineira de Ginástica e Inspeção de Educação Física – resultou num inesquecível espetáculo de beleza e eugenia.[...]

Tôdas as equipes se caracterizaram pela homogeneidade de movimentos coreográficos e alto índice de beleza física, numa comprovação dos benéficos resultados da ginástica moderna. Foi, na realidade, festa de eugenia e beleza, evidenciando a eternidade da lenda helênica: **mens sana in corpore sano**, que deveria ser o roteiro da mocidade universal para a elevação espiritual dos povos. [...]

A ginástica rítmica alcançou, por vezes, a plenitude de sua beleza coreográfica através de números em que se harmonizavam o elemento plástico – encantadoras jovens de corpos elásticos – e a graça envolvente dos motivos e seus complementos florais.

Aos olhos encantados do grande público que acorreu para prestigiar as equipes integrantes – desfilaram, em números aplaudidos, jovens que bem expressam, na exuberância de seu aprimoramento físico e beleza feminina, o esplendor da nova geração brasileira. (ALTEROSA, nº318, nov/1959, p.54-58).

¹⁴⁸ Sugerimos a leitura de Goellner (2000) sobre as imagens da mulher no esporte; Goellner (2008) sobre as “corpos e feminilidades desviantes”; Goellner (2003) sobre as representações da mulher na revista Educação Physica;

¹⁴⁹ ALTEROSA, nº318, Nov/1959, p.54-58.


Figura 104: Reportagem sobre o evento de ginástica em Belo Horizonte.



Fonte: ALTEROSA, nº318, Nov/1959, p.54-55.

Figura 105: Reportagem sobre o evento de ginástica em Belo Horizonte.


Ginástica Feminina



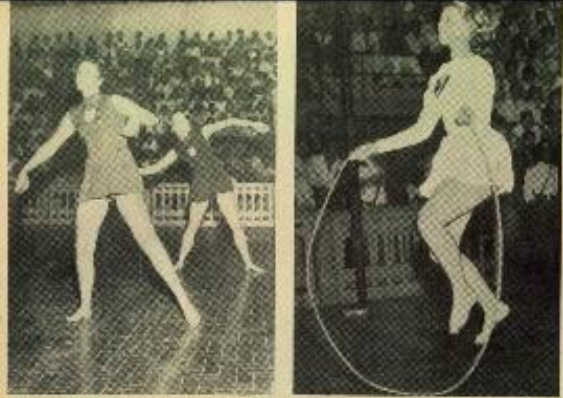
A única aliana da competição é poro, visando a aliana geral e marcando pontos extras para cada etapa.

desenvolve de tempos a esta complementares flores.

Das outras modalidades, as grandes pódicos que ocorreram para presenciar as etapas integramos — destacam-se os concursos de ginástica, com as suas expressões, as suas belezas e de sua importância para o Brasil e todo o mundo, na compreensão da arte que se chama ginástica.




O Brasil, Brasil, campeão mundial, mostra, hoje, representando por uma única brasileira, uma de suas atletas, com a mesma alegria sob as aplausos da multidão.



Dirigida pela prof. Ilga Parker, a equipe realizou, sob a orientação geral, marcando, a quatro etapas, que receberam sua designação representativa.

Grupos femininos caracterizam-se por serem de fácil execução, visando a uma boa apresentação, de beleza, ainda, bem próxima.

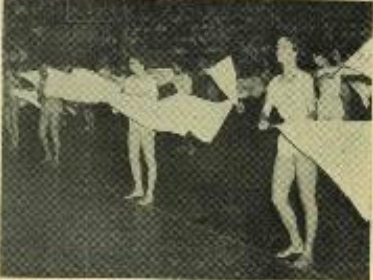


Realizando, através coreográfica no interior das áreas físicas, com a ajuda, e a orientação das professoras, manifestaram suas habilidades gerais.

ALTEROSA 15 DE NOVEMBRO DE 1959

13 DE NOVEMBRO DE 1959 ALTEROSA 13

Ginástica Feminina



Tudo se resume, se não, a beleza, pela harmonização de movimentos coreográficos e pelo toque de beleza, desta, uma competição nas modalidades, visando a uma boa apresentação.

Essa, na realidade, tem de ser, a beleza, visando a uma apresentação de beleza, com a ajuda, e a orientação das professoras, manifestaram suas habilidades gerais.

O Brasil, Brasil, campeão mundial, mostra, hoje, representando por uma única brasileira, uma de suas atletas, com a mesma alegria sob as aplausos da multidão.

ALTEROSA 15 DE NOVEMBRO DE 1959

Fonte: ALTEROSA, nº318, Nov/1959, p.56-58.

Ginásticas “de arcos floridos de esplêndido efeito coreográfico” executadas pelas “lindas garotas de Ubá” e os movimentos que valorizavam a “graça rítmica” da “jovem loura do Izabela Hendrix” provocaram “justos aplausos” (Fig.104 e 105). Parece não haver dúvidas quanto à permanência da ginástica moderada que valorizava os atributos físicos das mulheres em detrimento aos esportes, a partir do discurso da revista ALTEROSA.

Ao longo desse capítulo, vimos como a pedagogia atlética/plástica investiu nas formas do corpo pelas vias da moda e da exercitação física. Ambas investiram na formatação dos corpos das mulheres de maneira a controlá-los e adelgacá-los, em concordância ao que a pedagogia dietética propunha. As práticas de lazer e momentos de férias, que permitiam o acesso aos divertimentos, foram submetidas a inúmeras regulamentações sob justificativas nem sempre científicas. O corpo foi submetido, também nesses espaços que fugiam às rotinas, a variados tipos de treinamento e provação, na medida em que estavam mais expostos, seja pela permanência no espaço público, seja pelas características da vestimenta “esportiva”.

A relação entre esforço e compensação foi amplamente estimulada na pedagogia atlética, educando a leitora para o esforço físico compensador e embelezador. Um modelo atlético delgado com medidas mais precisas e equilibradas se reforçou nas páginas da revista e pouco se diversificou ao longo do tempo.

CAPÍTULO IV:

A PEDAGOGIA COSMÉTICA EM IMAGENS E TEXTOS DE REVISTA

Figura 106: Anúncio do *Leite de Colonia*

Seus anos não contam
se sua *cú*tis continua jovem!

Para conservar o frescor e juventude de sua pele, é *indispensável* uma *limpeza profunda e tonificante* de seus poros com a revitalizante ação medicinal do

Leite de Colônia

Sim... sua idade não conta, quando você ostenta uma pele sedosa, macia e juvenil. Para isso, você precisa deixar sua *cú*tis respirar livremente, conservando os poros sempre limpos, através de uma limpeza profunda e tonificante com a ação medicinal do Leite de Colônia. Quaisquer que sejam os preparados que use em sua maquiagem, você deve confiar no incomparável Leite de Colônia para a limpeza de sua pele. Removendo as impurezas e resíduos de creme, Leite de Colônia conserva sua *cú*tis sempre jovem... adorável! E depende de você prolongar o viço de sua pele, ainda hoje, com Leite de Colônia!

... mas não confunda!
Exija Leite de Colônia

De comprovada ação medicinal, Leite de Colônia é única! Não existe nada melhor, igual ou parecido! Portanto, não aceite um substituto qualquer!

An advertisement for Leite de Colônia. The top half features a headline and a paragraph of text. Below the text is a large illustration of a woman wearing a wide-brimmed hat and a dark dress, looking to the right. In the background, a man in a suit is visible. In the bottom right corner, there is a small illustration of a bottle of Leite de Colônia. The bottom section of the advertisement contains a warning not to be confused and a call to action to buy the product, followed by a testimonial-style paragraph.

CAD - 1.130

Fonte: ALTEROSA, nº293, nov/1958, contracapa.

Figura 107: Anúncio de sabonetes Gessy

Seja Mais Amada
tomando-se mais linda!



Obtenha nova beleza para sua pele... siga o método **Gessy**

- 1 Limpeza com o sabonete Gessy e água morna.
- 2 Massageie sua pele com o creme de beleza Gessy.
- 3 Enxágue e seque a pele.

O Novo Sabonete Gessy é um refinamento de beleza! Tem perfume de flores e um toque de água de colônia e é muito especial para a pele sensível e a pele de beleza. Ele remove a sujeira e a oleosidade da pele e deixa a pele mais bonita e saudável. Também remove o excesso de sebo e deixa a pele mais suave e agradável.



Sabonete de Beleza

Com um toque de perfume de flores e água de colônia, o novo sabonete Gessy é muito especial para a pele sensível e a pele de beleza.



CRÊME DE BELEZA!

Fonte: ALTEROSA, n°236, jun/1956, p.63.

Figura 108: Anúncio do Creme dental Kolynos

KOLYNOS ILUMINA O SEU SORRISO...



PORQUE DA SAUDE A BOCA!

Um sorriso saudavel é o resultado da saúde geral do organismo. Um centimetro de Kolynos na escova seca proporciona este sorriso, não somente porque limpa os dentes, mas porque combate a proliferação das bacterias que provocam muitas molestias infecciosas. A concentração de Kolynos e a ausencia de agua na sua composição o tornam um germicida poderoso e de efeito mais duradouro.

E... como é agradável usar Kolynos! A sua espuma benéfica tinge todos os recantos da boca as gengivas e a garganta, levando a todo o aparelho bucal uma sensação de frescor que comprova a ação total de Kolynos.

Não é em vão que mais dentistas e mais familias usam e recomendam este creme dental realmente benéfico, que custa muito menos porque rende muito mais.



ILUMINE seu sorriso usando o CREME DENTAL ANTISSÉTICO!



McCann

Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

* Ouça na Rádio Nacional, às 2^{as} feiras às 21,35 o Rádio Almanaque Kolynos.

Fonte: ALTEROSA, nº65, set/1945, terceira capa.

Figura 109: Instituto de Beleza Ludovig.

GRAÇA e BELEZA — VOCÊ CONSEGUIRÁ
SOMENTE COM AS ONDULAÇÕES PERMANENTES DO
INSTITUTO LUDOVIG

- Massagens
- Pinturas
- Penteados
- Limpeza da pele
- Manicure

Sob a direção do afama-
do cabeleireiro **FRANK**



Depositário exclusivo dos famosos produtos de beleza, **LUDOVIG**
RUA DA BAÍA 1075 - FONE 2-1960

Fonte: ALTEROSA, n°21, dez/1941, p.100.

Figura 110: Antisséptico para higiene íntima

Senhoras!

Na HIGIENE INTIMA
nunca deve ser esquecida a

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

NÃO ACEITEM
SUBSTITUTOS

Lea

The advertisement features a central illustration of a woman in a dark, long-sleeved, buttoned bodice and a long, dark skirt. To her left, a small bottle of Metrolina is shown on a decorative stand. Above the bottle, a thought bubble contains the word 'Senhoras!'. The background is a light yellow color with blue ink illustrations and text. The overall style is characteristic of early 20th-century advertising.

Fonte: ALTEROSA, nº40, ago/1943, p.63.

Figura 111: Se seu rosto é quadrado



SE SEU

Com o próprio lábio, Você pode dar aos seus lábios uma curvatura natural.

S É um professor de Matemática que propõe transformar um quadrado em uma elipse. Você tem muitos exercícios disponíveis para resolver o problema: sua cabeça se trata de biloba — sua espécie de Matemática muito mais interessante — uma questão pode ser resolvida — a certa altura — se seu rosto é quadrado, a Você quer dar aos olhos a ilusão de que são de oval. É necessário apenas que Você saiba trabalhar com os elementos do problema: a maquiagem, o penteado, as jóias adequadas, o decote apropriado. Tais recursos permitem suavizar a forma quadrada de modo, desde-que aquela aparência oval que é uma das primeiras condições de beleza feminina.

Se tem, é o seu problema: lábios sempre com um ou alguns defeitos que, por certo, o ajudarão a solucioná-los.

1 — Evite desenhos de sobrancelhas em linha reta ou curvas de pontos para baixo, pois isso accentua ainda mais a forma quadrada de seu rosto. O melhor é levantá-las, levantando-as ligeiramente no meio.

2 — Use o lábio levantado dos seus lábios sua curva natural.

3 — Nas pálpebras, evite uma curvatura forte na parte de cima e mais leve para o exterior. Dê-las uma curva arredondada.

4 — Use sempre nas sobrancelhas e no queixo, uma curvatura arredondada e firme de forma oval.

5 — Escote sempre as posturas estereotipadas, fazendo, por exemplo, uma única linha ou um arco, de um só lado do cabelo; ou uma cabeça não completa, desequilibrada. Naturalmente, a altura de queixo ou cabelo, quando para trás ou sobre, não de qualquer modo, deve sempre ser feita com a distância de equilíbrio superior a largura do queixo.

6 — Quando se joga, prefira as pectorais e os ombros. Não use gargantilhas, e, se faz questão de usar um colar, de preferência use pendentes em V ou em um que formem um grande U. Se qualquer deles alargar a forma de seu rosto, de qualquer maneira os pectorais e os ombros são apontados no sentido.

7 — Com relação aos vestidos, é bom dizer-se de passagem que Você deve escolher os que lhe realcem o corpo, não se preocupando porém de que os decotes devem harmonizar-se perfeitamente com a forma de seu rosto. Nada de decotes quadrados, nem do tipo escarvão. Os mais apropriados são os em V e os em U, e os que, esfelados ou colados ou despendidos sem ponta nos ombros, realçam o efeito desejado. —
Irene Gribel.

BAZAR FEMININO

ROSTO É QUADRADO

As sobrancelhas recortadas suavizam a forma quadrada do rosto.





O sombreado das pálpebras deve ser mais forte no meio e mais leve no exterior.

ALTEROSA

1 DE MAIO DE 1958

Fonte: ALTEROSA , nº305, mai/1958, p.74-75.

A beleza é obrigação. A mulher tem a obrigação de ser bonita.

*Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade*¹⁹⁶.

*Estupenda condição das mulheres bonitas: morrem duas vezes*¹⁹⁷.

Como vimos nos capítulos anteriores, as estratégias elaboradas pelas pedagogias dietética e atlética atuavam nos corpos no sentido de alterar ritmos orgânicos, controlar desejos e excessos, manipular a forma física e enquadrar o corpo em modelos que estampassem a beleza e a saúde da mulher. A partir de prescrições persistentes de cuidados com o corpo, essas pedagogias acompanharam as mulheres que conviveram com o impresso mineiro.

A pedagogia cosmética, como veremos nesse capítulo, se propunha a embelezar o corpo submetendo-o aos mais diversos procedimentos de cuidados com a aparência, sob rigorosas instruções que, em sua grande maioria, exigiam o uso de produtos específicos de beleza e de higiene. A composição de um “dever ser feminino”¹⁹⁸ passou a incorporar rituais de embelezamento no cotidiano da mulher desejosa de ser e parecer moderna. Como local privilegiado de investimentos, de controle e de educação, o corpo da mulher passou a ser minuciosamente avaliado em sua cor, textura, cheiro e expressividade das linhas do rosto, elementos que definiam a identidade de cada uma, ao mesmo tempo em que as tornavam “todas iguais”. Mais uma vez, quaisquer excessos eram condenados e a moderação na maquiagem, na altura do penteado, no uso do perfume, etc., era a palavra de ordem.

De acordo com Albino e Vaz (2005), a imprensa disseminou pedagogias que conjugavam práticas de consumo com práticas de embelezamento. Para os autores, ao mesmo tempo em que as revistas democratizaram o uso de produtos cosméticos elas responsabilizaram, individualmente, as mulheres pelos defeitos, imperfeições e problemas da sua aparência. Um conjunto de procedimentos, imagens e discursos sobre

¹⁹⁵ ALTEROSA, n°72, abr/1946, p.90-91.

¹⁹⁶ ALTEROSA, fev/1958, p.13. Anúncio de Creme de Alface Brillhante.

¹⁹⁷ ALTEROSA, n° 21, dez/1941, p.73. Frases avulsas reunidas em nota “Inimigos da Mulher”.

¹⁹⁸ Albino e Vaz (2005).

o embelezamento feminino construíram o que a mulher deveria ser. A beleza deixou de ser uma possibilidade e passou a ser uma obrigação. Essa era uma ideia central nos anúncios do Creme de Alface Brilhante¹⁹⁹, um produto que marcou presença em muitos números da revista ALTEROSA. Era um produto nacional, que não mobilizava fotografias ou imagens de mulheres se embelezando, mas que chama atenção pela quantidade e pela escolha estratégica do espaço para o anúncio: próximo a outros sobre reguladores ou estimuladores sexuais. Em letras pequenas e localizado nas extremidades de páginas da revista, esses anúncios pareciam instigar a curiosidade com chamadas em letras em negrito seguidas de letras miúdas com informações específicas do produto, como se esses fossem “segredos” que poderiam ser recortados e compartilhados sem prejuízo para o conteúdo da revista.

No Brasil, Sant’Anna (2014) mostrou como a beleza deixou de ser, ao longo do século XX, algo supérfluo e dispensável para se tornar um “gênero de primeira necessidade”. A autora estudou diversos anúncios publicitários e rituais de embelezamento e identificou como as possibilidades de embelezamento se multiplicaram submetendo a mulher a controles e avaliações crescentemente mais rigorosos, a partir do olhar do outro, marcadamente, do olhar masculino. Nesse sentido, a autora assume que o assunto “beleza” despertou o interesse do meio científico, que reforçava estereótipos femininos e dava suporte ao ideal de mulher sensual. Na medida em que condenavam a feiura e elegiam a beleza como dom ou obrigação, tanto o campo científico quanto o mercado de cosméticos agiam no sentido de “aprisionar” a mulher em seu próprio corpo, por meio de práticas de embelezamento e práticas de higiene. Não havia satisfação plena ou beleza suficiente para essas “instituições” (científica e publicitária) e assim, também convenciam as mulheres de que a renovação de práticas e produtos, quase sempre não acessíveis a todas, era indispensável ao sucesso pessoal.

Para Lipovestsky (1997) a relação entre a imprensa feminina e o “ativismo estético” coincidiu com a expansão da produção em massa de produtos de beleza associada ao desenvolvimento de um novo sistema de comunicação que atingia massas de pessoas, aglomeradas em grandes centros urbanos. Nesse sentido, o autor aponta também a “difusão social de modelos estéticos” que aumentou significativamente sua escala de abrangência, acompanhando os meios de comunicação impressos de grande tiragem,

¹⁹⁹ ALTEROSA, fev/1958, p.13.

como ALTEROSA²⁰⁰. Para o autor, as revistas femininas ocuparam o lugar central na difusão de técnicas estéticas, inaugurando uma retórica de comunhão entre consumo e cuidados com a beleza e higiene. Nesse sentido, uma profusão de imagens de mulheres se maquiando, se lambuzando de cremes e loções, praticando massagens estéticas e seguindo outros procedimentos de embelezamento ocuparam as páginas das revistas comerciais.

Parece consenso entre os autores que estudaram a produção do “belo sexo”²⁰¹ e promoção da beleza feminina, ao longo do século XX, que o desenvolvimento da imprensa para mulheres impulsionou a indústria de cosméticos, multiplicando as possibilidades de embelezamento. De fato, os anúncios publicitários eram grande parte do sustento das revistas comerciais, como vimos no primeiro capítulo. As revistas comerciais se tornaram dependentes dos anúncios para que continuassem a existir. Marcadamente a partir da década de 1950, no Brasil, as leitoras já podiam contar com “milagrosos” produtos que atuavam como medicamentos para o tratamento da feiura – ou falta de beleza (SANT’ANNA, 2014).

A beleza, “o sonho eterno da mulher”²⁰², deixou de ser considerada como algo da “natureza” feminina para ser um capital. Com tal, a beleza se tornou dependente de investimentos constantes que incorporavam novos valores e aumentavam o “grau” de beleza da mulher. Segundo Lipovetsky (1997), a partir da década de 1940, a beleza feminina considerada moderna era essencialmente a do corpo e definida pela aparência. Ela passou a ser descrita como um elemento que poderia e deveria ser construído por meio de dedicação individual e responsável de cada mulher.

Nas páginas das revistas, a necessidade de adequação estética era abordada em diversos momentos, sob variados formatos. As capas das revistas elegiam determinadas mulheres como modelos de beleza que se alteraram ao longo da publicação de ALTEROSA. Nos primeiros exemplares, valorizou-se a figura das mulheres mineiras com alguma participação de senhoritas de outros Estados (fig. 113 a 115). Em geral, eram mulheres com rostos angelicais, maquiagem discreta e um “olhar para o horizonte”. Eram, provavelmente, leitoras da revista que circulavam em eventos sociais das cidades

²⁰⁰ Para o período que estudamos, os impressos eram os meios de comunicação mais abrangentes. Em seguida, estavam o cinema e posteriormente a televisão, que também merecem outras investigações.

²⁰¹ Lipovetsky (1997).

²⁰² ALTEROSA, n°79, nov/1946, p. 112-113.

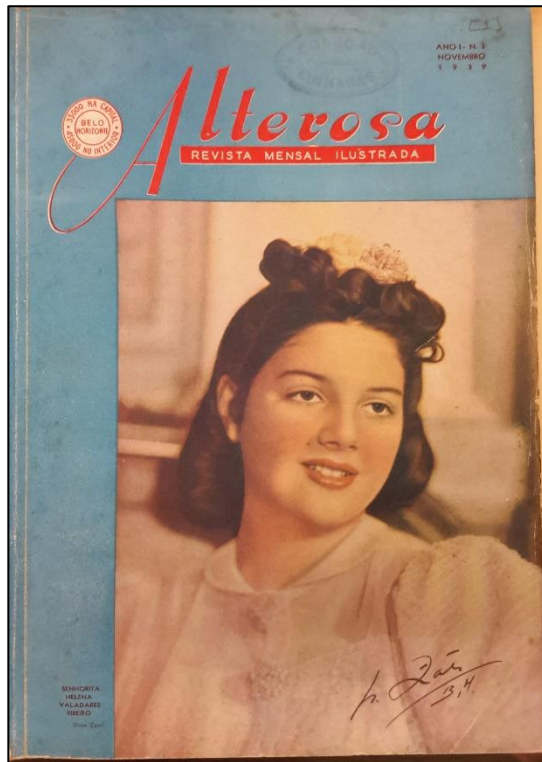
brasileiras e que enviavam suas fotografias à redação. Essa era uma possibilidade que não se confirma para as capas, mas que era prática constante no interior da revista.

A partir de 1945, essas mulheres locais foram apagadas das capas, dando lugar às atrizes de cinema norte-americano (fig.116 a 121). Inaugurava-se outra estética: a da mulher mais sensual, mais ousada no uso das cores e mais sedutora em suas atitudes.

Quais serão as razões por que as “estrelas” cinema aparecem tão frequentemente nas capas das revistas favoritas? Para começar, todo mundo compra as revistas e aquela que tem na capa uma bonita cara é a que mais chama atenção e a que mais interesse desperta. Naturalmente, também, é a que mais vende. A pequena bonita que adorna a capa da sua revista predilecta é como se fosse a fantasia exterior de uma embalagem, sugerindo com seu deslumbramento a presença de alguma coisa extremamente atraente[...] (ALTEROSA, nº72, abr/1946, p.90-91).

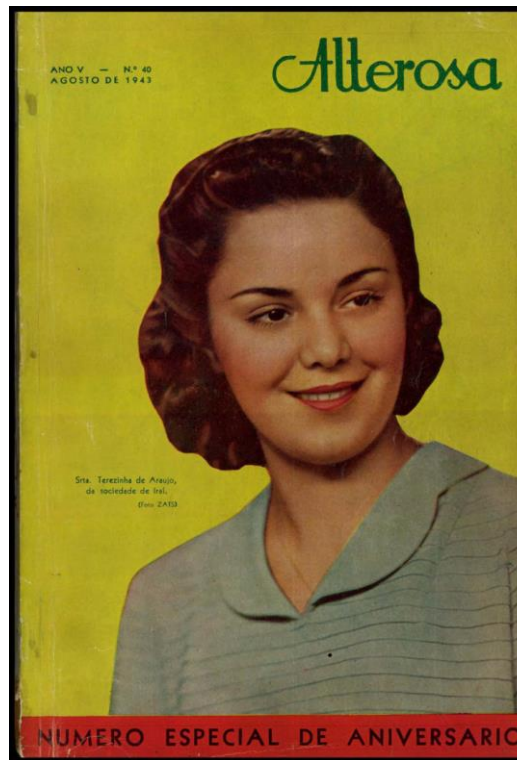
Assim como as capas eram um convite à leitura do que estava no interior da revista, o rosto da mulher era seu “cartão de visita” que, adequadamente maquiado, limpo e harmonizado, despertaria o interesse alheio. Por outro lado, a exposição da mulher e a complexificação de práticas de embelezamento que prometiam recriar no corpo da leitora a imagem da “mulher de capa de revista”, vinha acompanhada de uma série de reprovações dos excessos de maquiagem, das inconsistências dos penteados, da inadequação da postura e do comportamento “imoral” de atrizes. Ter as mulheres de capa como referência para embelezar-se e cuidar de si era uma ambiguidade com a qual as mulheres se deparavam constantemente. A negociação entre o que era passível de ser “copiado” e o que era aceito, do ponto de vista da moralidade e da permissividade para a mulher, era muito tênue e dependia, entre outros fatores, da classe social a qual pertenciam.

Figura 112: Sra Helena Valadares Ribeiro



Fonte: ALTEROSA, nº3, nov/1939.

Figura 113: Sra.Teresinha de Araújo da sociedade de Iraí



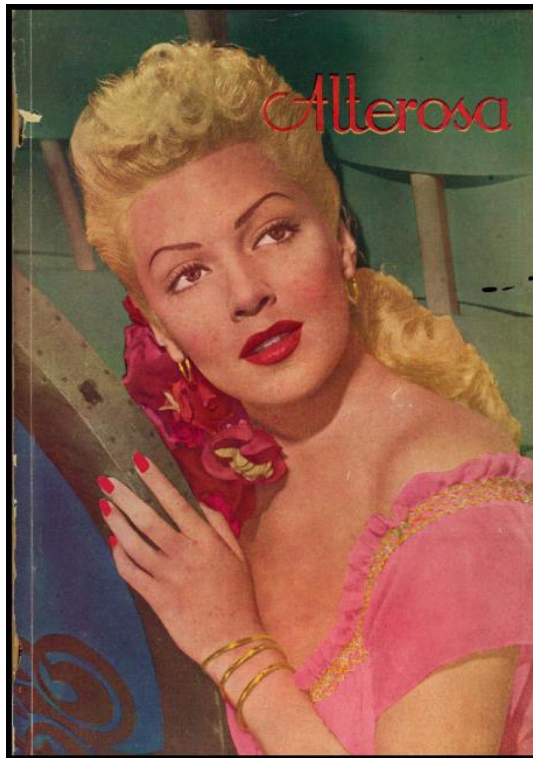
Fonte: ALTEROSA, nº40, ago/1943.

Figura 114: Srta Alci Assunção da sociedade da capital



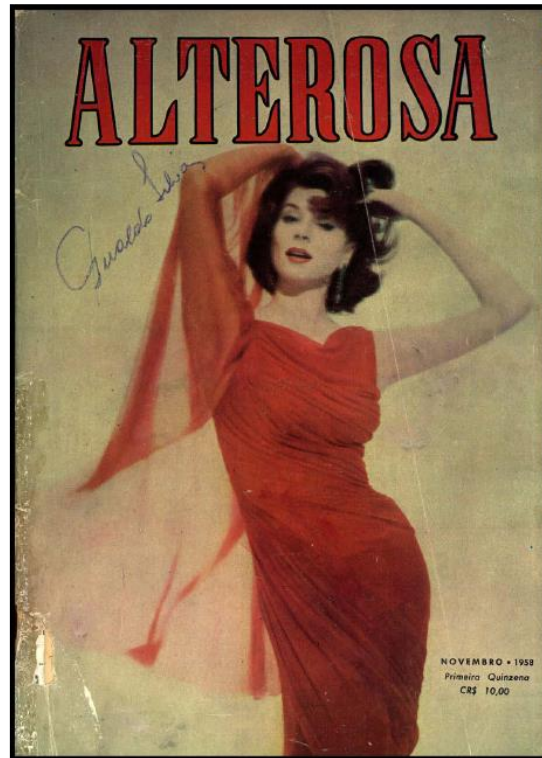
Fonte: ALTEROSA, nº34, mar/1943.

Figura 115: Lana Turner



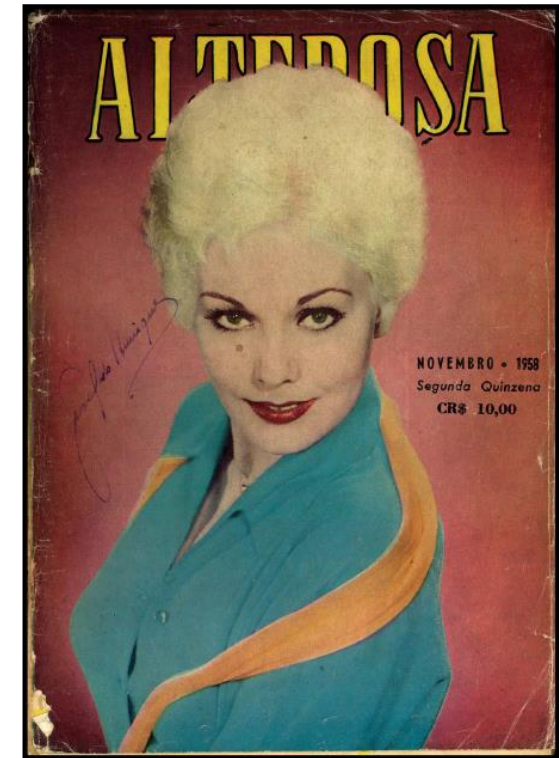
Fonte: ALTEROSA, nº74, jul/1946

Figura 116: Susy Parker



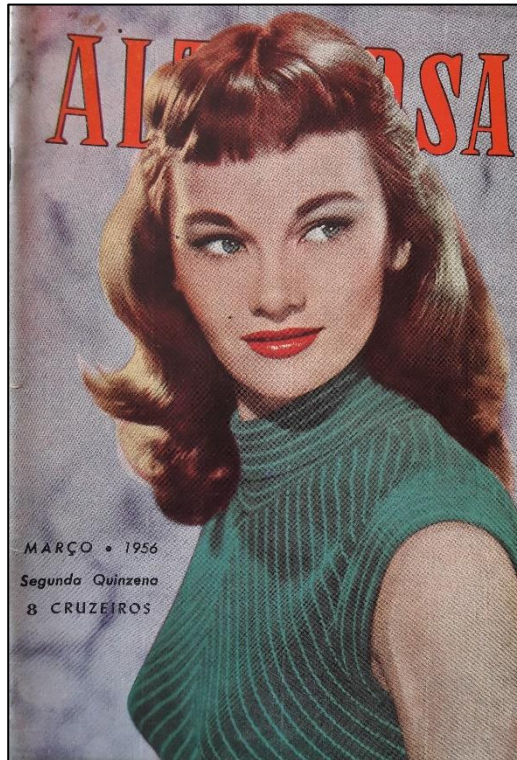
Fonte: ALTEROSA, nº293, nov/1958.

Figura 117: Kim Novak



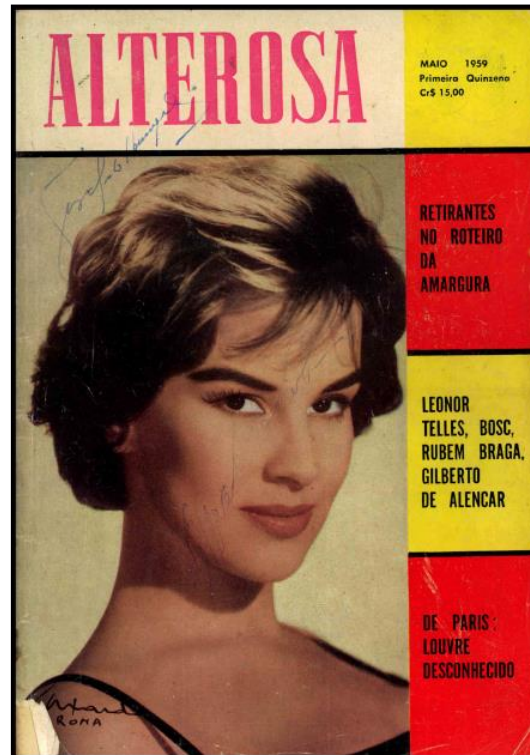
Fonte: ALTEROSA, nº294, nov/1958.

Figura 119: Gloria Talbot



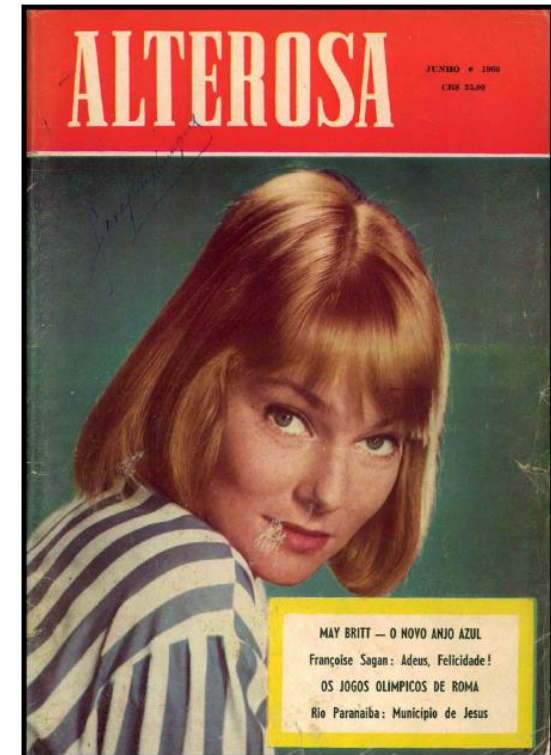
Fonte: ALTEROSA, n°230, mar/1956

Figura 120: Antonella Lualdi



Fonte: ALTEROSA, n°305, mai/1959.

Figura 121: May Britt



Fonte: ALTEROSA, n°330, jun/1960.

Para a produção desses visuais, as leitoras tinham toda uma sorte de produtos anunciados para a beleza e a higiene que atuavam, sobretudo, de três maneiras: limpando, corrigindo/disfarçando e realçando os traços potencialmente sedutores. Além dos anúncios, as seções permanentes *Sugestões de Beleza* ou *Conselhos de Beleza* foram as que investiram nas prescrições de cuidados com a aparência. Selecionamos alguns deles.

A limpeza

A assepsia da pele do rosto e do corpo foi uma instrução que permaneceu ao longo do tempo como conselho de beleza. Substâncias “naturais”, como leite e água, eram tão recomendadas nas seções de conselhos quanto os produtos sintéticos eram indicados nos anúncios. Limpar a pele com leite poderia desobstruir os poros e evitar as espinhas⁵⁴. O leite foi um aliado aos cuidados com o corpo.

É aconselhado para o embelezamento da pele o uso do leite. Isto vem resolver o problema de moças que não possam dispender as quantias exigidas para a aquisição dos cremes, quase sempre caros, ou solucionar o caso das outras que, por qualquer motivo, não suportam sobre o rosto os óleos e cremes. Passar sobre a pele, todas as noites, um algodão embebido em leite. Deixe secar e lave depois o rosto com água fresca. Se o leite tiver nata, melhor ainda. Sendo o leite um ótimo adstringente, corrige os poros dilatados e alimenta as peles desnutridas. Uns 15 ou vinte dias de tratamento regular serão o bastante para que se colham ótimos resultados (ALTEROSA, nº39, jul/1943, p.69.)

A indústria de cosméticos parece ter aproveitado essa propriedade do leite de limpeza e nutrição, nomeando produtos como o *Leite Hinds* e o *Leite de Colônia*. Ambos atuavam na limpeza e na desobstrução dos poros, no clareamento e na preparação da pele para a maquiagem. O primeiro investia em “prender a beleza para sempre”, enquanto o segundo, apostava em afastar o envelhecimento pela limpeza profunda da pele, mantendo a “sedutora beleza de adolescente”⁵⁵.

⁵⁴ ALTEROSA, nº 39, jul/1943, p.69.

⁵⁵ ALTEROSA, nº 80, dez/1946, s/p.

Figura 122: Anúncio do Leite Hinds



DA ALEGRIA DO TRABALHO AO ROMANCE

Seja sempre bela! Procure evitar as indiscretas manchas, espinhas e os inconvenientes cravos, cuidando diariamente de sua cútis com LEITE HINDS o preparado da beleza perene.

Use-o também para o melhor fixar o pó de arroz e o maquiagem. O LEITE HINDS perfuma adocicadamente, a sua cútis.

LEITE HINDS. Prende a sua beleza para sempre. (ALTEROSA, nº66, out/1945, p.36)

Fonte: ALTEROSA, nº66, out/1945, p.36.

Figura 123: Anúncio Leite de Colônia



Sua cútis revela a sua idade!

Para assegurar o viço de sua pele é indispensável uma limpeza profunda e tonificante de seus poros com a revigorante ação medicinal do Leite de Colônia. Pele limpa e viçosa diminui sempre de muitos anos a sua idade real. Mas não basta que você faça apenas uma limpeza superficial de sua pele. É preciso uma limpeza profunda de seus poros. Sejam quais forem os preparados que você usa, nada se compara ao Leite de Colônia para remover resíduos de sua maquiagem. E o Leite de Colônia elimina também manchas, sardas, espinhas e outras imperfeições. Comece a prolongar a juventude do seu rosto ainda hoje...[...] É o mais simples cuidado de beleza.

(ALTEROSA, nº236, jun/1958, contracapa, recorte).

Fonte: ALTEROSA, nº236, jun/1958, contracapa.

Não demoraram a aparecer produtos que reuniam várias funções uma única fórmula: limpavam, hidratavam, rejuvenesciam. O tempo prometido de ação desses produtos foi diminuindo, o que parecia atraente às mulheres que não poderiam dispendir muitas horas de cuidados com a pele. Os três procedimentos estéticos propostos por produtos de marcas mais famosas, com Elizabeth Arden e Helena Rubinstein, de limpar, tonificar e hidratar, antes de submeter o rosto à maquiagem, poderiam caber em um só produto (SANTA'ANNA, 2014). É o caso dos produtos da marca Pond's:

Figura 124: Minuto Mágico Pond's



Minuto Mágico...um método seguro para rejuvenescer sua cútis em 3 tempos!

Sim – você achará este novo método de usar o Creme Evanescente Pond's...um minuto mágico – sessenta segundos que transformarão sua cútis, dando-lhe novo viço, nova suavidade, novo frescor. Adote este novo método – tão simples, tão seguro, tão prático! [...]

Você pode amolecer e dissolver esses detritos – num minuto mágico! [...]

Agora, contemple a nova aparência de sua cútis! Acha-la-á mais clara, mais bela, mais juvenil. [...]. (ALTEROSA, nº76, ago/1946, p.72, recorte)

Fonte: ALTEROSA, nº76, ago/1946, p.72.

Outros cremes e loções acompanharam a tendência da praticidade e da simplicidade prometendo reduzir “5 horas de beleza em 30 segundos!”⁵⁶ de cuidados. Os anúncios se repetiam em detalhes dos procedimentos para cuidar da limpeza da pele com cremes que “clareavam, amaciavam, alvejavam” a aparência da cútis. A limpeza apareceu como uma obsessão da publicidade de sabonetes *Gessy*, *Palmolive*, *Lever*, *Colgate*, etc. que também

⁵⁶ALTEROSA, nº 236, jun/1956, p. 68. Anúncio do Creme-Pó Compacto Coty.

perfumavam. A pele clara, cada vez mais limpa, não poderia apresentar nenhuma variação de tonalidades. Precisava ser homogênea e preparada para a maquiagem. Novos métodos de limpeza “intra-cutânea” poderiam permitir que a mulher ostentasse uma pele “mais clara, mais alva, mais bela”⁵⁷.

A limpeza dos dentes foi muito valorizada pelo discurso publicitário da revista. As marcas *Kolynos*, *Gessy*, *Colgate* predominaram como vendedoras de cremes dentais antissépticos que limpavam os dentes e combatiam o mau hálito (fig. 108). A limpeza da pele tanto pelo uso de cremes quanto pelos sabonetes das mesmas marcas citadas acima foi uma constante nas páginas da revista. Os sabonetes eram produtos multifunções, assim como alguns cremes, que eram capazes de limpar, perfumar, clarear, desobstruir poros e, por isso tudo, embelezar. Imagens de mulheres saindo do banho, com o corpo molhado e colo nu, passaram a aparecer com mais frequência na revista, marcadamente na segunda metade da década de 1940.

O disfarce, a correção, o realce

A maquiagem era o recurso mais mobilizado para disfarçar e corrigir o que outros cremes não conseguiam. O sentido da correção com o uso de maquiagem é o de apagar as marcas que escapavam do padrão harmônico das estrelas do cinema, adquirindo as linhas do rosto, dos lábios, dos olhos e sobrancelhas como desejadas. No artigo referenciado no início desse capítulo, intitulado “Se seu rosto é quadrado”, dicas de “alívio” das linhas quadradas são compostas de arqueamento arredondado das sobrancelhas, uso do *rouge* de maneira a arredondar as maçãs do rosto e o mesmo para o batom: pintar os lábios sem acentuar as pontas. Dessa maneira, o artigo traz a ideia de que o rosto pareceria menos marcado e, com linhas mais suaves feitas pela maquiagem, a mulher pareceria mais delicada. Pela maquiagem, se tornou possível forjar as linhas de do rosto (Fig.111).

Para os lábios os batons em tons avermelhados foram os que marcaram mais presença. Associados ao amor, ao coração, à paixão, a cor vermelha destacava os lábios de forma sensual, prometendo revelar a “linguagem muda nos seus lábios”⁵⁸. As tonalidades escolhidas, assim

⁵⁷ ALTEROSA, nº 72, abr/1946, p.89. Anúncio do creme Cold Cream da Pond's.

⁵⁸ ALTEROSA, nº 65, set/1945, p.109.

como a forma de desenhar as linhas dos lábios com os batons, poderiam indicar as intenções da mulher e revelar traços de sua personalidade. Os lábios poderiam ser “alegres”, “aristocráticos”, “sensuais”, “sinceros” ou “frívolos”, identificáveis pelos “gráficos” presentes em alguns anúncios. Assim, a técnica de se maquiar não correspondia somente a colorir ou reavivar a expressão do rosto, mas também, incluía um juízo de valor do comportamento da mulher.

Denise Sant’Anna (2012, p.238) observou que os anúncios se desenhavam “a serviço da manutenção e da construção de certos hábitos, atitudes e valores relacionados ao ideal de mulher apregoado na época, evidenciando, assim, seu papel normatizador e de instrução”. Dessa forma, a autora diz que os anúncios perpetuavam códigos morais e de conduta, reforçavam a construção cultural das relações de gênero e atuavam na constituição da subjetividade feminina e do “reconhecer-se” mulher. Identificamos, nesse sentido, que diversos anúncios de produtos para maquiagem associavam a beleza da mulher ao “sucesso amoroso”, materializado nas imagens de casais, nos quais o homem fora atraído pela beleza da mulher. Assim eram anúncios de batons, rouges, brilhantinas e fixadores para os cabelos e, curiosamente, de colírios para limpar e abrilhantar os olhos, tornando-os mais sensuais.

Figura 125: Anúncio de Baton Colgate.

Há uma linguagem muda nos
seus lábios...
que dizem eles?

Lábios alegres... um tipo que a todos os homens encanta! Os lábios alegres ficam mais belos, mais ranciantes com Baton Colgate.

Sensuais... que despertam paixões e tem mudado muitas vezes, o curso da História! O Baton Colgate dá aos lábios sensuais um poder maior de sedução...

Aristocráticos... lábios de mulher superior que se impõe ao coração dos homens. Este tipo tem mais brilho e mais suavidade com baton Colgate.

Sinceros... lábios de mulher ingénua, que reletam inocência e inspiram romances... sempre são mais beijáveis com Baton Colgate.

Frívolos... de mulher que seduz e não se deixa seduzir... lábios ondulados... São mais provocantes e tentadores com baton Colgate.

Descubra uma NOVA PERSONALIDADE nos seus lábios com os matizes ardententes do baton COLGATE

Importado da América do Norte - feito de Karanuv, o emolente superior
4 lindas tonalidades: —
Vermelho Americano,
Médio, Escuro e Vermelho Amazonas. Perfume adorável e permanente.

Coração Bate com **Baton COLGATE** IMPORTADO

Fonte: ALTEROSA, nº65, set/1945, p.109.

Moderação ao maquiar-se era característica da mulher “glamourosa” e elegante.

[...] Quanto à maquilage, deverá ser bem moderna, contanto que não atinja o exagero. É necessário cuidar rigorosamente dos menores detalhes, tendo em mente que cabelos mal penteados e unhas por fazer dizem muito mal do gosto da pessoa e não se adaptam, em nenhuma hipótese, com a toailete “chic” e elegante. Do mesmo modo acontece com a maquilage borrada e exagerada, que pode deformar o rosto mais bonito e expressivo... (ALTEROSA, nº40, ago/1943, p.37)

Os cabelos e as maneiras de penteá-los eram igualmente importantes nos cuidados com a aparência. Em “A arte dos penteados”⁵⁹ a revista alerta as leitoras para essa questão.

Vocês não podem imaginar em que enorme percentagem a beleza dos cabelos e do penteado concorre para o encanto da mulher. O mais belo rosto, a mais linda pele, a mais perfeita “maquilagem” ficam irremediavelmente comprometidos por um penteado de estilo inadequado e por cabelos descorados, sem brilho e sem vida. Muitas moças procuram desculpar-se alegando que têm naturalmente os cabelos feios e rebeldes. Ora, isso hoje não mais se admite, já podemos dispor de preparados excelentes para darmos aos cabelos não só brilho e flexibilidade, mas também a coloração que desejamos. Está claro que eu não aconselho que use qualquer coisa. É preciso muito critério na escolha dos produtos[...] (ALTEROSA, nº68, dez/1945, p.98).

De acordo com Sant’Anna (2014), para ser bela não bastava se submeter a um ou outro ritual de embelezamento. Para produzir uma aparência bela era preciso combinar, por exemplo, os tons de pele com os dos cabelos, os traços do rosto com a forma do penteado, a maciez da cútis com a dos cabelos. Isso exigia “meticulosos cuidados”:

Para possuir uma linda cabeleira, é necessária uma serie de grandes e meticulosos cuidados. Não pode haver uma beleza completa sem uma bonita cabeleira. E não pode haver essa bela cabeleira, se não houver interesse por parte das mulheres.

Uma das primeiras coisas que não deve ser esquecida: escovar bem o cabelo com uma escova bem forte, mas escovar por dentro, no couro cabeludo. Para isso, os cabelos devem ser levantados por uma das mãos, enquanto a outra realiza a operação. Depois de bem escovado, faz-se no couro cabeludo uma massagem seca, com a ponta dos dedos. Pode ser feita essa mesma massagem com a ponta dos dedos molhada em alguma loção em base de álcool.

As pessoas que teem o cabelo muito seco, portanto, que se arrebeta com facilidade, devem usar um óleo vegetal para lubrificar o cabelo. A cabeleira deve ser separada, repartida em diversos lugares. Em seguida passe em todo o couro cabeludo, esfregando com força, um algodão molhado com óleo. Quando toda a cabeça estiver

⁵⁹ ALTEROSA, nº68, dez/1945, p.98-99.

embebida, enrole-lhe uma toalha molhada em água quente, para que o calor colabore na penetração do óleo na base do cabelo.

Lava-se, mais tarde, a cabeça em água morna, usando, nessa ocasião, um bom sabonete desinfetante.

Essa operação, repetida sempre, em pouco tempo, transformará a cabeleira mais feia, na mais bela, mais luminosa e mais atraente possível. (ALTEROSA, n.39, julho de 1943, p.27).

Os produtos para cabelos incluíam shampoos, fixadores, tinturas, brilhantinas e óleos perfumados. Alguns para ondular, outros para alisar, todos preparavam os cabelos para os penteados que se renovavam a cada ciclo da moda. Ory (2009) apontou os cuidados com os cabelos como outro fenômeno sem precedentes, que se tornou indispensável na configuração sensual da aparência física. Para Vigarello (2009), a criação dos “institutos de beleza” (fig.109) consagraram os cuidados minuciosos com a aparência. Assim, não demorou para aparecerem especialidade profissionais que se dedicavam aos tratamentos estéticos. Esses locais, ainda raros em anúncios na revista estudada, poderiam concentrar diversos procedimentos e rituais de cuidados num só lugar, pois eram muitas as formas de cuidar da beleza, afinal, ela “é uma soma de perfeições”, que consiste

além da pureza de traços, em ter cabelos suaves e sedosos; pele fresca, olhos brilhantes, dentes alvíssimos, mãos delicadas, colo jovem, sem rugas, busto firme, cintura fina, joelhos lisos, pernas bem torneadas, cadeiras rijas, pés bem cuidados. Como se observa, constituem esses detalhes um conjunto difícil mas não impossível de conseguir. (ALTEROSA, n°70, fev/1946, p.91. Sugestões para a sua beleza)

Mas esses institutos, até a década de 1950, não apareciam como um lugar legítimo para o embelezamento, que permanecia sob a responsabilidade da mulher na intimidade do lar. As unhas, mãos e pés recebiam cuidados especiais, principalmente quando a mulher pretendia frequentar as atividades ao ar livre, usufruindo seus dias de férias em balneários mineiros. Inúmeros produtos e técnicas de embelezamento foram apresentados pela revista ALTEROSA, em todos os exemplares acessados. A repetição era insistente, e muitas vezes enfadonha pelo excesso de detalhamento do passo a passo dos cuidados. Essa é, para Sant’Anna (1995b) a principal característica das pedagogias, nas quais a cultura do espaço íntimo e dos cuidados com o corpo feminino se fortalecem e permanecem.

A pedagogia cosmética investiu nos cuidados com a aparência do corpo, realçando traços considerados típicos da figura feminina sedutora – boca, olhos, sorriso – e disfarçando

imperfeições estéticas. Tal pedagogia assumiu a beleza como uma obrigação da mulher e desdobrou-se em um sem número de procedimentos e cuidados com o corpo, rosto, cabelos, etc., fragmentando esse corpo em minúsculas partes e dedicando, a cada uma, um produto e um procedimento embelezador. As maquiagens, os cremes, os óleos, as loções, entre outros produtos, eram anunciados com a intensão de convencerem as leitoras da necessidade do consumo. Ao mesmo tempo em que se dizia que as marcas individuais do rosto, da pele, do corpo, deveriam ser destacadas (saber pintar seu próprio lábio ou maquiar seu rosto de acordo com o formato que possui) propunha-se a limpeza e o disfarce de marcas que individualizavam a mulher (sardas, manchas, cicatrizes).

A pedagogia cosmética era complementar às outras – dietética e atlética – e entendida, por vezes, como um último recurso para o tratamento da beleza ou falta dela. A aparência física estava intimamente relacionada a uma expectativa social: ser aceita e admirada pelo olhar do outro. Assim, como vimos em outras pedagogias, o corpo passou por diferentes provações que se refinaram ao longo dos anos em que a revista ALTEROSA circulou, como fica evidente em seu discurso. A aparência externa do corpo da mulher era como a capa da revista, ou seja, era um convite para um contato mais aproximado, para apreciação mais detalhada. Também como a revista, vimos a construção de um produto-mulher que não correspondia à realidade da maior parcela de mulheres brasileiras. Os modelos de beleza, em sua maioria, eram mulheres brancas, delgadas, europeias ou norte-americanas. Eram modelos produzidos para fotografias ou para as idealizadas relações amorosas do cinema. Para Sant’Anna (2014), o corpo sofreu transformações profundas, a partir de meados do século XX, que alteraram medidas, aparência, padrões das relações sociais e sexuais.

Nas proposições e determinações que constituem a cosmética identificamos elementos que tornam mais evidentes a relação íntima entre a ciência e o mercado, na medida em que a cultura científica adentrou os rituais de embelezamento e passou a sustentar a noção de tratamentos de beleza.

Propusemo-nos a analisar, nesse trabalho, as pedagogias sobre os corpos de mulheres, a partir do discurso da revista ALTEROSA, que circulou entre os anos de 1939 e 1964. Como produto da imprensa feminina, a revista ALTEROSA representou formas de ver o mundo e as relações humanas que, ao mesmo tempo em que seguia certo padrão estético e de conteúdo, trazia peculiaridades locais ou regionais que a diferenciava das demais. As escolhas gráficas e as diferentes formas como foram abordados os temas da vida cotidiana mostram que o grupo que produziu a revista se preocupou em deixar suas marcas na história e obteve apoio de grupos de jornalistas, escritores e intelectuais com forte posicionamento político

O modelo editorial de revista ilustrada e de variedades adotado pelos editores permitiu que esta abordasse diferentes assuntos e agradasse um público mais amplo. Tal estratégia foi determinante para garantir seus 25 anos de circulação, uma longevidade pouco comum em periódicos brasileiros do período. Acompanhando a tendência de segmentação de mercado, o impresso mineiro foi se renovando ao longo do tempo, alterando tanto sua identidade visual quanto seu conteúdo, mas permanecendo como a revista para a família brasileira.

Pesquisar esse impresso possibilitou entendê-lo como parte de um projeto cultural de formação e sensibilização dos sujeitos, que incluiu a adequação de permissões sociais e cerceamentos feitos à vida e aos modos de ser mulher. Identificamos as permanências de um discurso conservador que queria manter a mulher no espaço privado ocupada com os cuidados com o lar, com a família e com o próprio corpo. Ao mesmo tempo, identificamos outro discurso que valorizava a mulher pelo seu intelecto e sua capacidade de produção no mercado de trabalho, incentivando seu protagonismo social dentro dos limites do período. A revista estudada, nesse sentido, encontrou uma forma própria de “negociar” o espaço social das mulheres, tensionando os ideais e os valores a elas atribuídos, entre as décadas que circulou.

Esse tensionamento constante em relação ao protagonismo feminino se tornou mais evidente nos exemplares publicados na década de 1950, quando dona Neide assumiu a direção da revista. A expressiva participação das mulheres com a contribuição de contos, seções permanentes, correios sentimentais, entre outros artigos e reportagens podem ter sido potencializadas com a presença dessa mulher no comando dos trabalhos na redação. Nesse sentido, outros estudos sobre a participação de Dona Neide e das mulheres que foram

colaboradoras de ALTEROSA poderiam contribuir para a compreensão dessa influência na imprensa.

No que diz respeito às pedagogias para o corpo da mulher, proposta central desse trabalho, compreendemos como os diferentes tipos de intervenções defendiam a necessidade de educar os corpos, os gestos e as aparências. As pedagogias dietética, atlética e cosmética atuavam de forma complementar sobre os corpos, sob a proposta de um modelo de educação que se dedicava à regulação de todas as dimensões da vida da mulher. Palavras como moderação, equilíbrio e harmonia permearam as prescrições de regimes alimentares, de exercitação física e de embelezamento. A justificativa de cuidar da saúde, adquirindo-a, mantendo-a ou recuperando-a, era a aposta de um discurso médico que passou a regular os “atos ordinários da vida”⁶⁰, com a determinação de regras de comportamento, com a normatização de práticas rotineiras e com a censura de certos prazeres.

As prescrições médicas se conjugaram em uma complexa “rede de recomendações”⁶¹ orientadoras dos cuidados com o corpo que adentraram as casas pela via dos meios de comunicação disponíveis como as revistas femininas. Nesse sentido, percebemos, nas páginas de ALTEROSA, a vulgarização dos conhecimentos referentes aos investimentos sobre o corpo e o incentivo constante à cultura do cuidado – dietético, cosmético, atlético/plástico - e do tratamento – regular, corrigir, disfarçar problemas orgânicos, anatômicos ou estéticos.

A dietética apresentou-se como uma pedagogia difusa que intervinha no controle dos ritmos do corpo e da vida, por duas vias: *in natura* e sintética. Na primeira via foram elaboradas estratégias para controlar a ingestão de alimentos que incluíam a prescrição de dietas e a definição de padrões regulatórios mais precisos das medidas corporais. As dietas se sofisticaram ao longo dos anos em que ALTEROSA circulou, indo de simples aconselhamentos a regimes detalhados em quantidades e qualidade de alimentos. Na medida em que o conhecimento científico avançava as dietas prescritivas incorporavam mais termos técnicos e qualificavam os argumentos para justificar a pertinência de rigorosos controles da ingestão alimentar.

O principal padrão regulatório eleito pelo discurso médico e popularizado pelas revistas femininas foi a forma do corpo, a partir da mensuração do volume das curvas. Na impossibilidade de precisar numericamente as medidas corporais, estimulou-se o refinamento

⁶⁰ MOULIN (2009).

⁶¹ Idem.

do olhar tornando-o capaz de identificar as protuberâncias, as deformidades e outros sinais de gordura nos corpos. Pelas imagens, fotografias de moda, ilustrações e charges, a revista representava o corpo feminino e auxiliava na avaliação individual das formas. Pela linguagem, a adjetivação negativa dos corpos gordos promoveu a rejeição social e a culpabilização daqueles que não conseguiam se submeter aos controles mais rigorosos. Acompanhando a estigmatização dos gordos, a adjetivação positiva de silhuetas delgadas promoveu os corpos magros tornando-os modelos a serem alcançados.

Na segunda, a via sintética, predominou o formato publicitário de combate às formas consideradas exageradas, aos descontroles orgânicos e à falta de regulação fisiológica. Os anúncios de “medicamentos” para tratar a saúde e a beleza da mulher se propunham ora a potencializar funções adormecidas ou preguiçosas, ora a acalmar outras em ritmo desregrado. O apelo de imagens de alegria e satisfação pela eliminação de problemas orgânicos e, conseqüentemente, emocionais foi a principal estratégia dos anúncios para a venda dos produtos de tratamento da saúde e da beleza.

Seja pela via *in natura* ou pela via sintética, perpetuou-se o discurso de que a gordura era um problema associado a doenças do corpo e do espírito. Era preciso combater a corpulência excessiva e a gordura incômoda e supérflua para ser feliz, viver sem culpa e merecer o respeito dos pares. Percebemos que, por um viés biológico, a medicalização da sociedade estimulou a crescente sistematização e complexificação dos procedimentos de cuidados com o corpo. Com o surgimento de outras especialidades profissionais da área da saúde, como a psicologia e a psiquiatria, a culpabilização crescente e mais qualificada dos sujeitos induziu a padrões de auto-regulação e de vigilância mais rigorosos.

A pedagogia atlética investiu em estratégias de manipulação das formas corporais pela via de exercitação física, combinada com períodos de compensação, seja pelo descanso, pelo sono reparador ou pelo contato com a natureza. A retidão das formas e o adelgaçamento dos corpos foram promovidos pela moda (via passiva) e pela cultura da exercitação física (via ativa). Mais do que simples escolhas do que vestir em cada ocasião, as seções de moda promoveram um estilo de vida esportivo que, não necessariamente, estava condicionado à prática dos esportes. Ele incluía o contato aproximado com a natureza, a exposição controlada ao sol, as atividades moderadas para não haver esgotamento das energias, mas recuperação das mesmas.

Pela via ativa, da exercitação física, o caminho divulgado para alcançar a beleza e

harmonia das formas foi a ginástica metódica e racional. Com notas e artigos ilustrados e didáticos essas publicações se preocuparam em fornecer informações às mulheres para que elas pudessem ser treinadas por elas mesmas, no espaço reservado do lar. Perpetuou-se a ideia de que todo esforço deveria ser compensado com práticas de lazer e de descanso ao ar livre, que permitiriam o reequilíbrio das energias vitais evitando, assim, a instalação de quaisquer estados patológicos. A saúde, a higiene e a beleza estão no centro dos argumentos que relacionavam o trabalho com a forma do corpo à identidade, à construção da personalidade e à moral feminina.

Pelas duas vias, a pedagogia atlética investiu na formatação dos corpos e no trabalho na e da aparência física. No sentido de dentro para fora do corpo, a ginástica caseira e os esportes disciplinavam os tempos, os gestos e o gasto energético. De fora para dentro, a moda agia destacando potencialidades e escondendo deformidades, a partir dos padrões estéticos vigentes. Reunidas em uma infinidade de imagens, de fotorreportagens e de artigos detalhados sobre o vestir-se e o exercitar-se, as prescrições atléticas revelaram um discurso ambíguo que, ao mesmo tempo em que “libertava” a forma e os movimentos da mulher com práticas esportivas e ao ar livre, “reprimia” com modelos de roupas rígidos e limitadores dos volumes corporais e da expansão dos gestos.

Os esportes para as mulheres apareceram de forma peculiar na revista: como eventos noticiados, mas não como práticas prescritas. Diferente da ginástica, para a qual as leitoras eram convidadas a praticar, no esporte elas eram apenas espectadoras. Uma hipótese pode estar no fato de que ainda existia “dúvidas” sobre a pertinência do envolvimento da mulher no esporte, ainda nas décadas de 1940 e 1950. Afinal, esse esporte forjava um corpo mais atlético, mais forte, mais exposto, que poderia comprometer a leveza dos gestos, a delicadeza do andar, enfim, a feminilidade. As imagens das mulheres em situação de vivência esportiva: correndo, saltando, nadando, etc., escapavam ao modelo “estático” estampado na moda esportiva, por exemplo. Mulheres fazendo exercícios não posavam para as fotos e, por isso, suas imagens “escapavam” de um ideal.

A pedagogia cosmética investiu nos cuidados com a aparência do corpo, realçando traços considerados típicos da figura feminina sedutora – boca, olhos, sorriso – e disfarçando imperfeições estéticas. Os rituais de embelezamento prescritos ocupavam a mulher com cuidados específicos para cada parte do corpo, ditando, mais uma vez, a necessidade da vigilância constante sobre uma aparência que tinha a “obrigação” de agradar o olhar do outro. Assim, maquiagens, cremes, óleos, loções, entre outros produtos, eram anunciados com a

intensão de convencerem as leitoras da necessidade do consumo. Ao mesmo tempo em que se dizia que as marcas individuais do rosto, da pele, do corpo, deveriam ser destacadas (saber pintar seu próprio lábio ou maquiar seu rosto de acordo com o formato que possui) propunha-se a limpeza e o disfarce de marcas que individualizavam a mulher (sardas, manchas, cicatrizes). Um viés importante da pedagogia cosmética foi a neutralização de odores, convencendo a mulher da necessidade de assepsia corporal feita por banhos específicos, escovações, uso de produtos para o banho e corpo, além de perfumes.

De certa maneira, a pedagogia cosmética apresentava-se como um último recurso de embelezamento e cuidados com o corpo, caso os outros recursos (da atlética e da dietética) não tivessem tido sucesso. Assim, produtos foram anunciados como “mágicos” ou “milagrosos”, como se vendessem a “salvação” estética para os problemas da aparência feminina. A cosmética representou, nesse sentido, o disfarce, a dissimulação, o parecer-se com alguma mulher modelo, mas não, necessariamente, ser uma modelo. Por isso mesmo, talvez, se configurou como uma das pedagogias mais potentes, mais detalhadas, que requeria mais investimento.

Concluimos, com esse trabalho, que a pedagogização do corpo da mulher pela revista ALTEROSA, o submeteu a diferentes provações, análises, verificações e julgamentos. A tríade. Regular-se, *exercitar-se e embelezar-se*, destacada no título dessa tese, foi uma permanência, um discurso perene, uma orientação sub-reptícia que com e por tudo isso, amalgamou um modo de ser e viver a feminilidade. Ao mesmo tempo, essa pedagogização do cuidado de si, se renovava sem cessar, afinal, as satisfações prometidas e alcançadas eram sempre temporárias. Os padrões, os produtos, os modelos de beleza e saúde, assim como as modas, se reinventavam a cada ciclo, se atualizavam constantemente a cada novo período. Parece importante sublinhar que esse movimento não era ingênuo ou desinteressado, mas uma estratégia intencional para ativar o estado de vigilância constante sobre o próprio corpo. Importava estar sempre desejoso de “melhorar” e atualizar-se, movimento intimamente relacionado ao consumo de novos produtos.

Finalmente, caberia destacar outras potencialidades abertas com a investigação aqui empreendida. A revista ALTEROSA e a pedagogia por ela levada a cabo, merece ser investigada com outros olhares e objetos. A partir do estudo de Robert Darnton (1990), sobre o circuito de comunicação dos livros, esse estudo se apoiou em alguns dos elementos por ele destacados e nas relações entre deles (editores, autores, representantes). Entretanto, estou ciente de que outros elementos merecem e precisam ser mais investigados (gráficos, fornecedores,

leitores), assim também as diferentes apropriações por parte das leitoras do impresso. Da presente pesquisa, podemos inferir que, pelo tempo e espaço de circulação da revista, pela sua tiragem, pelas características de sua comercialização, essas pedagogias foram de alguma forma disseminadas. Mas, ouvir os leitores e leitoras de ALTEROSA pode dar a essa inferência novos contornos e elementos que contribuiriam para interrogarmos nosso próprio estudo.

Nessa mesma perspectiva, seria importante investir em outras pesquisas que focassem outras revistas, que circularam em outros lugares, e mesmo a partir de outras “categorias” do feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – livros, artigos, teses e dissertações

A Revista no Brasil. São Paulo : Editora Abril, 2000.

ABRANTES, Elizabeth Sousa. Conselhos para as moças - a educação feminina nos periódicos do século XIX. São Luís : Universidade Federal do Maranhão, UEMA, 2013. Anais II Simpósio de História do Maranhão Oitocentista: Impressos no Brasil do século XIX. pp. 1-10. ISSN 2236-9228. P.1-10.

ALBINO, B.S.; VAZ, A.F. “Mulher como deve ser”: um estudo sobre a educação do corpo feminino no Jornal Dia e Noite (1940-1941). Temas e Matizes, Cascavel, Unioeste, v.4, n.7, p.63-74, 2005.

ALMEIDA, Milton José.Introdução. In.: SOARES, Carmen Lucia. Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. 3.ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

ALVES, Hariane e TAVARES, Frederico de M.B. Revista Alterosa e suas mudanças editoriais (1962-1964). Uberlândia : Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Intercom - XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. pp. 1-14.

ALVES, Hariane Santos e TAVARES, Frederico de M. B. Representação da Mulher nos Editoriais da revista ALTEROSA nos anos de 1960 a 1963. Salto - SP : s.n., 2016. Anais do Intercom - XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. pp. 01-14.

ARAS, Lina Maria Brandão de; MARINHO, Simone Ramos. A imprensa feminina: normatização da conduta feminina nos jornais para mulheres (Bahia, 1860-1917). *Historiae*, Rio Grande, 3(2): 96-115, 2012.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. A História das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/>

BARBOSA, Marialva. História Cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BASSANEZI, Carla. Virando páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e as relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996.

BOAVENTURA, Gustavo Freire. A narrativa de beleza em anúncios da belle époque tropical. Contemporânea. Ed.18, vol.9, n.2, 2011, p.114-126.

BUITONI, Dulcília Helena Schroder. Mulher de papel: representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo : Summus, 2009. 2ºed.

BUITONI, Dulcília Schoeder. Imprensa Feminina. São Paulo : Editora Ática S.A., 1986.

CAMPOS, Raquel Discini. A educação do corpo feminino no Correio da Manhã (1901-1974): magreza, bom gosto e envelhecimento. Cadernos Pagu (45), julho-dezembro de 2015: 457-478. ISSN: 1809-4449.

CARVALHO, Kátia de. A imprensa feminina no Rio de Janeiro, nos anos 20: um sistema de informação cultural. Brasília: Ciência da Informação. v.24,nº1, 1995, s/p.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: Roger CHARTIER (org.). Práticas de leitura. São Paulo : Estação Liberdade, 2001.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História do corpo. Vol.3 – As mutações do olhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CUNHA, Luciana Bicalho da. As roupas esportivas em revista na cidade de Belo Horizonte (1929-1950): moldes, recortes e costuras. 2011, 172 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2011.

DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DES, Christine Schmidt M. Second Skin: Annette Kellerman, the modern swimsuit, and an Australian contribution to the global fashion. Tese de doutorado em Filosofia. Austrália: Queensland University of Technology, 2008.

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, Obeso Maligno. In: Denise Bernuzzi de Sant'Anna. Políticas do Corpo. São Paulo : Estação Liberdade, 1995, p. 69-80.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. Movimento, ano VII, nº13, 2000/2.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. Motrivivência.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista

Educação Physica. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GOIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Descontinuidades e continuidades no movimento higienista no Brasil do século XX. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.25, n.1, p.41-54, set.2003.

LINHARES, Joaquim Nabuco e CASTRO, Maria Ceres Pimenta S. Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte 1895-1954. Belo Horizonte : UFMG, 1995.

LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher – permanência e revolução do feminino. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In: Carla Bassanezi PINSKY e Joana Maria PEDRO. Nova História das mulheres. São Paulo : Contexto , 2012, pp. 447-468.

LUCAS, Tais Campelo. Cinearte, o cinema brasileiro em revista (1926-1942). Revista História e Cinema. 25 de julho de 2008. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/25-historia-no-cinema-historia-do-cinema/122-cinearte-o-cinema-brasileiro-em-revista-1926-1942>. (último acesso em 14/17/2016).

MAIA, Cláudia J. Representações de si e do outro nos contos de autoria feminina na revista Alterosa. Labrys, études féministes/ Estudos feministas. julho-dezembro de 2010, pp. 01-22.

MARINHO, Simone Ramos. A imprensa e a norma para o Bello Sexo: o periodismo feminino na Bahia (1860-1917). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2010

MARTINS, Ana Luisa. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. História. 2003, Vol. 22 (1), pp. 59-79.

MELO, Daniela Oliveria de; RIBEIRO, Eliane; STORPIRTIS, Sílvia. A importância e a história dos estudos de utilização de medicamentos. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas. V.42, n.4, out/dez/2006. p.475-485.

MEYRER, Marlise Regina. Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957). In.: III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina/PR. 03 a 06 de maio de 2011. p.2161-2177.

MIGUEL, Raquel de Barros P. Os cuidados de si e os cuidados do outro: lugares de gênero na

publicidade da revista Capricho (décadas de 1950-1960). Projeto História, São Paulo, n.45, p.219-242, dezembro de 2012.

MORIN, Edgar, A Cultura de Massas do século XX: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. (O espírito do tempo: 1).

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História do corpo. Vol.3 – As mutações do olhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NAHES, Semiramis. Revista FON-FON: A imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945). São Paulo: Arte & Ciência, 2007. p.168.

ORY, Pascal. O corpo ordinário. CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História do corpo. Vol.3 – As mutações do olhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PASSERINI, Luisa. Mulheres, consumo e cultura de massas. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das Mulheres: o século XX. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

REIS, Janine e TAVARES, Frederico de Mello B. Revista Alterosa e as marcas da editoração em Minas Gerais. Brasília : Universidade de Brasília, 2013. Anais da SPBJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo e III Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo. pp. 01-15.

RODRIGUES, Carla Conradi. Fotorreportagens e política nas páginas da revista Alterosa (Brasil, 1962-1964). Jataí : UFG, 2012. Anais do II Congresso Internacional de História da UFG - História e mídia. p. 01-08. ISSN 2178-1281.

ROVERI, Fernanda Theodoro. Criança, O Botão Da Inocência: As Roupas E A Educação Do Corpo Infantil Nos “ANOS Dourados”. 2014. 192p. Tese (doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). Apresentação. In: Políticas do corpo. – São Paulo: Estação Liberdade, 1995a. p.11-18.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). Políticas do corpo. – São Paulo: Estação Liberdade, 1995b. p.121-139.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Gênero. A força e a alegria na construção histórica das representações sociais. Niterói, v.10, n.2, p.63-77, 1.sem.2010.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. História da beleza no Brasil. – São Paulo: Contexto, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Entre a serpente e a toupeira: transitando pelas ideias de Foucault e Deleuze. In: BRUHNS, Heloisa Turini (org.). Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002. Coleção Lazer, esporte & sociedade.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil. São Paulo : Estação Liberdade, 2016.

SCHETINO, André Maia. Cultura esportiva em Belo Horizonte (1939-1964): nas páginas da revista Alterosa. Belo Horizonte: 2013. Anais da Anpuh. p. s/n.

SCHNEIDER, Omar. Educação Physica: a arqueologia de um impresso. Vitória: Edufes, 2010.

SILVA, Cecília Nunes; ALMEIDA, Felipe Quintão; GOMES, Ivan Marcelo. Imagens da mulher na revista Vida Capichaba (1940-1949). In: Movimento, Porto Alegre, v.19, n.02, p.227-249, abr/jun de 2013.

SIQUEIRA, Juliana Maria de. Além das palavras, além das formas. In: Maria Céres Pimenta Spinola [et al.]. Folhas do Tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926. Belo Horizonte : UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997, p. 240.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. A revista feminina e suas imagens: narrativas visuais e discursos de gênero. Revista Mosaico, v.5, n.1, p.23-31, jan./jun.2012.

SOARES, Carmen Lúcia. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). Campinas: Pro-Posições, v.22. n.3 (66) – set/dez 2011, p.81-96.

SOARES, Carmen Lucia. Pedagogias do corpo – higiene, ginásticas, esporte. In.:RAGO, Margareth (org.) Figuras de Foucault. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia. Quando a roupa educa o corpo. Jornal da Unicamp. Campinas, 8 a 14 de novembro de 2010, p.9.

SOARES, Carmen Lúcia; BRANDÃO, Leonardo. Voga esportiva e artimanhas do corpo.

Movimento, Porto Alegre, v.18, n.03, p.11-26, jul/set de 2012.

SOARES, Carmen Lúcia; FRAGA, Alex Branco. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. Campinas: Pro-Posições, v.14, n.2(41) – maio/ago., 2013, p.77-90.

SOARES, Carmen Lúcia; ROVERI, Fernanda Teodoro. Entre laços, rendas e fitas, onde estão os botões? As roupas de crianças e a educação do corpo (década de 1950). *ArtCultura*, Uberlândia, v.15, n.26, p.153-168, jan.-jun.2013.

SOBREIRA, Carolina Bragança; GUIMARÃES, Aurea Domingues; EWALD, Ariane. Propaganda de medicamentos: a medicalização da sociedade através do consumo. Texto apresentado do evento ComSaúde - Recife, 2004. Publicado na Enciclopédia do Pensamento Comunicacional Latino Americano (ENCIPECOM). Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/media/medicalizacao> (último acesso em 11/02/2013).

SOHN, Anne Marie. O corpo sexuado. In.:CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História do corpo. Vol.3 – As mutações do olhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VIANA, J. A.. Do remo à pesca: o prescrito e o imprevisto na constituição da lagoa da pampulha como um espaço de lazer moderno em belo horizonte (1942 a 1968). *Licere* (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online), v. 16, p. 1-34, 2013.

VIGARELLO, Georges. As metamorfoses do gordo: História da obesidade. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

VIGARELLO, Georges. História da Beleza. O corpo e a arte de embelezar. Da Renascença aos nossos dias. Lisboa: Editora Teorema. 2005.

WERNECK., Humberto. O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – arquivos consultados

Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) – Acervo digital da revista ALTEROSA (disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/> - último acesso em: 10/02/2017).

Arquivo Público Mineiro (APM) – Fundo Policial – Arquivo da Polícia Política.

Coleção Linhares na Biblioteca Central da UFMG – acervo da revista ALTEROSA (13 exemplares disponíveis para consulta).

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> - último acesso em: 10/02/2017).

Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – fontes

Arquivos da Polícia Política, Pasta 4191, rolo 056, novembro de 1934 a maio de 1943 (Arquivo Público Mineiro)

O Jornal das Moças (exemplares de 1940 a 1945)

Revista ALTEROSA (conforme tabela completa no APÊNDICE) (exemplares de 1939 a 1964)

Revista Cinearte (exemplares de 1937 a 1940)

Revista Eu Sei Tudo (exemplares de 1939 a 1942)

APÊNDICE - Tabelas das revistas utilizadas

Revistas Alterosa década de 1930				
<i>n. °</i>	<i>Data de publicação</i>	<i>Periodicidade</i>	<i>Arquivos consultados</i>	<i>Suporte (exemplar consultado)</i>
1	Agosto de 1939	Mensal	APCBH	Digital
3	Novembro de 1939	Irregular	Coleção Linhares	Papel
4	Dezembro de 1939	Mensal	Coleção Linhares	Papel
Revistas Alterosa década de 1940				
<i>n. °</i>	<i>Data</i>	<i>Periodicidade</i>	<i>Arquivos consultados</i>	<i>Suporte (exemplar consultado)</i>
8	1940	Irregular	Coleção Linhares	Papel
12	1941	Mensal	Coleção Linhares	Papel
20	Novembro de 1941	Mensal	Coleção Linhares	Papel
21	Dezembro de 1941	Mensal	APCBH	Digital
22	Janeiro-fev. De 1942	Bimestral	APCBH	Digital
31	Novembro de 1942	Mensal	Coleção Linhares	Papel
34	Março de 1943	Mensal	Coleção Linhares	Papel
36	Abril de 1943	Mensal	Coleção Linhares	Papel
38	Junho de 1943	Mensal	Coleção Linhares	Papel
39	Julho de 1943	Mensal	APCBH	Digital
40	Agosto de 1943	Mensal	APCBH	Digital
49	Maio de 1944	Mensal	APCBH	Digital
60	Abril de 1945	Mensal	Coleção Linhares	Papel
65	Setembro de 1945	Mensal	APCBH	Digital
66	Outubro de 1945	Mensal	APCBH	Digital
67	Novembro de 1945	Mensal	APCBH	Digital
68	Dezembro de 1945	Mensal	APCBH	Digital
69	Janeiro de 1946	Mensal	APCBH	Digital
70	Fevereiro de 1946	Mensal	APCBH	Digital

Revistas Alterosa década de 1940				
<i>n. °</i>	<i>Data de publicação</i>	<i>Periodicidade</i>	<i>Arquivos consultados</i>	<i>Suporte (exemplar consultado)</i>
71	Março de 1946	Mensal	APCBH	Digital
72	Abril de 1946	Mensal	APCBH	Digital
73	Maio de 1946	Mensal	APCBH	Digital
74	Junho de 1946	Mensal	APCBH	Digital
76	Agosto de 1946	Mensal	APCBH	Digital
77	Setembro de 1946	Mensal	APCBH	Digital
79	Novembro de 1946	Mensal	APCBH	Digital
80	Dezembro de 1946	Mensal	APCBH	Digital
81	Janeiro de 1947	Mensal	APCBH	Digital
82	Fevereiro de 1947	Mensal	APCBH	Digital
84	Abril de 1947	Mensal	APCBH	Digital
85	Maio de 1947	Mensal	APCBH	Digital
99	Julho de 1948	Mensal	Coleção Linhares	Papel
111	Julho de 1949	Mensal	Acervo pessoal	Papel

Revistas Alterosa década de 1950				
<i>n. °</i>	<i>Data</i>	<i>Periodicidade</i>	<i>Arquivos consultados</i>	<i>Suporte (exemplar consultado)</i>
141	Janeiro de 1952	Mensal	Coleção Linhares	Papel
142	Junho de 1952	Mensal	Coleção Linhares	Papel
144	Abril de 1952	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
145	Mai de 1952	Quinzenal	APCBH	Papel
146	Junho de 1952	Quinzenal	APCBH	Papel
147	Julho de 1952	Quinzenal	APCBH	Papel
149	Setembro de 1952	Quinzenal	APCBH	Papel
152	Dezembro de 1952	Quinzenal	APCBH	Papel
153	Janeiro de 1953 -1	Quinzenal	APCBH	Papel
154	Janeiro de 1953 -2	Quinzenal	APCBH	Papel
155	Fevereiro de 1953 -1	Quinzenal	APCBH	Papel
156	Fevereiro de 1953-2	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
157	Março de 1953-1	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
158	Março de 1953-2	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
159	Abril de 1953	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
161	Mai de 1953 – 1	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
162	Mai de 1953 – 2	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
163	Junho de 1953 – 1	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
164	Junho de 1953 – 2	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
171	Outubro de 1953 – 1	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
173	Novembro de 1953 – 1	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
175	Dezembro de 1953	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
177	Janeiro de 1954-1	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
180	Fevereiro de 1954-2	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
181	Março de 1954	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel

Revistas Alterosa década de 1950				
<i>n. °</i>	<i>Data</i>	<i>Periodicidade</i>	<i>Arquivos consultados</i>	<i>Suporte (exemplar consultado)</i>
190	Julho de 1954-2	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
194	Setembro de 1954-2	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
215	Agosto de 1955	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
224	Dezembro de 1955	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
226	Janeiro de 1956	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
228	Fevereiro de 1956 – 2	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
229	Março de 1956	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
236	Junho de 1956 – 2	Quinzenal	APCBH	Digital
238	Julho de 1956 – 2	Quinzenal	APCBH	Digital
239	Agosto de 1956 – 1	Quinzenal	APCBH	Digital
246	Dezembro de 1956 – 1	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
253	Março de 1957-1	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
254	Março de 1957 – 2	Quinzenal	Coleção Linhares	Papel
262	Julho de 1957-2	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
263	Agosto de 1957-1	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
276	Fevereiro de 1958 – 2	Quinzenal	Acervo pessoal-f	Papel
277	Março de 1958-1	Quinzenal	APCBH	Digital
283	Junho de 1958-1	Quinzenal	APCBH	Digital
284	Junho de 1958-2	Quinzenal	APCBH	Digital
286	Julho de 1958-2	Quinzenal	Acervo pessoal-f	Papel
288	Agosto de 1958-2	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
290	Setembro de 1958-2	Quinzenal	APCBH	Digital
293	Novembro de 1958-1	Quinzenal	APCBH	Digital
294	Novembro de 1958-2	Quinzenal	APCBH	Digital
296	Dezembro de 1958-2	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel

Revistas Alterosa década de 1950				
<i>n. °</i>	<i>Data</i>	<i>Periodicidade</i>	<i>Arquivos consultados</i>	<i>Suporte (exemplar consultado)</i>
299	Fevereiro de 1959-1	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
300	Fevereiro de 1959-2	Quinzenal	APCBH	Digital
301	Março de 1959-1	Quinzenal	APCBH	Digital
304	Abril de 1959 -2	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
305	Maio de 1959-1	Quinzenal	APCBH	Digital
306	Maio de 1959-2	Quinzenal	APCBH	Digital
309	Julho de 1959-1	Quinzenal	APCBH	Digital
311	Agosto de 1959-1	Quinzenal	APCBH	Digital
312	Agosto de 1959-2	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
313	Setembro de 1959-1	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
314	Setembro de 1959-2	Quinzenal	APCBH	Digital
315	Outubro de 1959-1	Quinzenal	APCBH	Digital
316	Outubro de 1959-2	Quinzenal	APCBH	Digital
317	Novembro de 1959-1	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
318	Novembro de 1959-2	Quinzenal	APCBH	Digital
319	Dezembro de 1959 -1	Quinzenal	APCBH	Digital
320	Dezembro de 1959 -2	Quinzenal	APCBH	Digital

Revistas Alterosa década de 1960				
<i>n. °</i>	<i>Data</i>	<i>Periodicidade</i>	<i>Arquivos consultados</i>	<i>Suporte (exemplar consultado)</i>
321	Janeiro de 1960	Quinzenal	APCBH	Digital
322	Janeiro de 1960	Quinzenal	APCBH	Digital
323	Fevereiro de 1960-1	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
324	Fevereiro de 1960-2	Quinzenal	APCBH	Digital
325	Março de 1960-1	Quinzenal	APCBH	Digital
326	Março de 1960-2	Quinzenal	Acervo pessoal	Papel
328	Março de 1960-1	Quinzenal	APCBH	Digital
329	Maio de 1960	Mensal	APCBH	Digital
330	Junho de 1960	Mensal	APCBH	Digital
331	Julho de 1960	Mensal	Acervo pessoal	Papel
332	Agosto de 1960	Mensal	Acervo pessoal	Papel
333	Setembro de 1960	Mensal	Acervo pessoal	Papel
336	Dezembro de 1960	Mensal	APCBH	Digital
337	Janeiro de 1961	Mensal	APCBH	Digital
339	Março de 1961	Mensal	APCBH	Digital
342	Junho de 1961	Mensal	Acervo pessoal	Papel
345	Setembro de 1961	Mensal	APCBH	Digital
346	Outubro de 1961	Mensal	APCBH	Digital
347	Novembro de 1961	Mensal	APCBH	Digital
348	Dezembro de 1961	Mensal	APCBH	Digital
350	Fevereiro de 1962	Mensal	APCBH	Digital
352	Abril de 1962	Mensal	Acervo pessoal	Papel
358	Outubro de 1962	Mensal	APCBH	Digital
359	Novembro de 1962	Mensal	APCBH	Digital
360	Dezembro de 1962	Mensal	APCBH	Digital

Revistas ALTEROSA da década de 1960				
<i>n. °</i>	<i>Data</i>	<i>Periodicidade</i>	<i>Arquivos consultados</i>	<i>Suporte (exemplar consultado)</i>
361	Janeiro de 1963	Mensal	APCBH	Digital
362	Fevereiro de 1963	Mensal	Acervo pessoal	Papel
363	Março de 1963	Mensal	APCBH	Digital
364	Abril de 1963	Mensal	Acervo pessoal	Papel
365	Maio de 1963	Mensal	APCBH	Digital
367[?]	Julho/agosto de 1963	Bimestral	Acervo pessoal	Papel
369[?]	Setembro/ outubro de 1963	Bimestral	APCBH	Digital
[?]	1964	-	APCBH	Digital